

**UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**CAMPUS DE ARARAQUARA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

**Um estudo de regência verbal na primeira  
metade do século XX – a tensão entre  
prescrição normativa e uso real.**

**VICTORIA CELESTE MARQUES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**2006**

**VICTORIA CELESTE MARQUES**

**Um estudo de regência verbal na primeira  
metade do século XX - a tensão entre  
prescrição normativa e uso real.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Linguística e Língua Portuguesa).

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena de Moura Neves

Araraquara

2006

VICTORIA CELESTE MARQUES

**Um estudo de regência verbal na primeira metade  
do século XX – a tensão entre prescrição normativa  
e uso real.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Lingüística e Língua Portuguesa).

Araraquara, 31 de março de 2006

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Helena de Moura Neves  
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosane de Andrade Berlinck  
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara

---

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá, Maringá

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, por me dar a sabedoria necessária para saber onde procurar, e o que fazer nos momentos de desespero.

Aos meus pais, Luiz Marques e Terezinha Ferreira Carlos, à minha irmã, Virgínia Ap. C. Marques, e ao meu noivo, Ruan Casale dos Santos, pela compreensão e incentivo nos momentos difíceis.

Aos meus diretores e demais colegas e amigos, pelo total apoio dispensado para a realização desta dissertação.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha querida orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Maria Helena de Moura Neves, pelo tempo dispensado e a sempre pronta disposição para me orientar.

À CAPES e ao Governo do Estado de São Paulo, pelas bolsas concedidas para a realização deste trabalho.

"No princípio era o Verbo. Depois, veio o sujeito e os outros predicados: os objetos, os adjuntos, os complementos, os agentes, essas coisas. E Deus ficou contente. Era a primeira oração." (Eno Teodoro Wanke)

**Verbo: mais do que uma categoria gramatical:  
palavra por excelência**

"Numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação" (Celso Cunha e Lindley Cintra)

"O indivíduo não sabe apenas falar, mas sabe também como os outros falam." (J. G. Herculano de Carvalho)

"Em matéria de língua não há propriedade privada, tudo está socializado." (Roman Jakobson)

"É a fala que faz evoluir a língua." (Ferdinand de Saussure)

"A língua é o que é, não o que poderia ou 'deveria' ser: ela é como a fizeram e fazem os que a falam e falam." (Celso Pedro Luft)

## Resumo

O objetivo geral do estudo é a observação, no uso efetivo da língua, de construções vigentes examinando-as em confronto com cânones prescritos em obras normativas da atualidade.

O objetivo específico é o exame da tensão entre o que propõem essas obras e o que ocorre na língua escrita de 1900 a 1950 quanto à regência de alguns dos verbos mais tratados pelos manuais normativos: **esquecer(-se)**, **lembrar(-se)**, **pagar**, **perdoar**, **assistir**, **obedecer**, **ir** e **chegar**. Paralelamente se buscará um confronto com os resultados obtidos em pesquisa anterior, na qual se estudou a regência verbal na segunda metade do século passado.

A análise se serviu de uma amostra do *corpus* do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP), que contém cerca de duzentos milhões de ocorrências. A investigação, de base funcionalista, concentra-se nos processos ligados à manifestação da transitividade verbal.

**Palavras-chave:** regência verbal, transitividade, uso, norma, prescrição.

## **Abstract**

The general goal of this research is the observation of real constructions in the effective use of the language, examining them in confrontation with prescribed models in normative manuals.

The specific goal of the research is the examination of the tension between what these manuals propose and what occurs in the written language, in the period between 1900 and 1950, according to the regency of some of the most treated verbs in the normative Portuguese manuals: **esquecer(-se)** (*to forget*), **lembrar(-se)** (*to remember*), **pagar** (*to pay*), **perdoar** (*to forgive*), **assistir** (*to watch*), **obedecer** (*to obey*), **ir** (*to go*) and **chegar** (*to arrive*). Besides, it will be made a confrontation with the results of a previous research, in which it was studied the verbal regency in the second half of the last century.

The analysis has a sample of the *corpus* of the Laboratory of Lexicographical Studies of the College of Sciences and Letters of Araraquara (UNESP), which has almost two hundred million occurrences. The investigation, that has a functionalist basis, is concentrated in the processes linked to the manifestation of the verbal transitivity.

**Keywords:** verbal regency, transitivity, use, rules, prescription.



## SUMÁRIO

Resumo

*Abstract*

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	p. 11
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	p. 16
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	p. 19
<b>4 METODOLOGIA E APARATO TEÓRICO</b> .....	p. 20
<b>5 COMPOSIÇÃO DO TRABALHO</b> .....	p. 24
<b>5.1 Etapas</b> .....	p. 24
<b>5.2 Estrutura da dissertação</b> .....	p. 25
<b>6 FUNCIONALISMO, BASE TEÓRICA</b> .....	p. 27
<b>7 NORMA E USO, VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E O PAPEL DOS LINGÜISTAS – DISCUSSÃO TEÓRICA</b> .....	p. 34
<b>7.1 Prescrição normativa X Uso real</b> .....	p. 34
<b>7.2 O papel dos lingüistas e a tensão sociocultural</b> .....	p. 39
<b>7.3 O ensino da norma-padrão na escola de hoje e os estudos lingüísticos</b> .....	p. 43
<b>7.4 A questão da variação</b> .....	p. 47
<b>7.5 A variação preposicional</b> .....	p. 50
<b>7.6 Considerações finais</b> .....	p. 54
<b>8 ESTUDO DA MANIFESTAÇÃO DA TRANSITIVIDADE VERBAL</b> .....	p. 56
<b>8.1 A valência verbal</b> .....	p. 56
<b>8.2 O conceito de regência</b> .....	p. 59
<b>8.3 Os tipos de verbos e seus complementos</b> .....	p. 61
<b>8.4 As construções locativas: meros adjuntos?</b> .....	p. 69
<b>8.5 O estudo da transitividade verbal visto por outros ângulos</b> .....	p. 73
<b>8.6 A regência de alguns verbos</b> .....	p. 76
8.6.1 ASSISTIR .....	p. 77
8.6.2 OBEDECER .....	p. 80
8.6.3 PERDOAR .....	p. 80
8.6.4 PAGAR .....	p. 83
8.6.5 ESQUECER(-SE).....	p. 85
8.6.6 LEMBRAR(-SE).....	p. 86
8.6.7 IR.....	p. 87
8.6.8 CHEGAR.....	p. 89
<b>8.7 Considerações finais</b> .....	p. 90
<b>9 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	p. 94
<b>9.1 A regência, segundo a norma</b> .....	p. 94
9.1.1 PERDOAR .....	p. 94
9.1.2 PAGAR .....	p. 96
9.1.3 IR.....	p. 97
9.1.4 CHEGAR.....	p. 98
9.1.5 ASSISTIR .....	p. 98
9.1.6 OBEDECER .....	p. 99
9.1.7 ESQUECER(-SE).....	p. 100
9.1.8 LEMBRAR(-SE).....	p. 100

<b>9.2 Os tipos de complementos e o universo de análise</b> .....	p. 101
9.2.1 PERDOAR .....	p. 101
9.2.2 PAGAR .....	p. 104
9.2.3 IR .....	p. 107
9.2.4 CHEGAR .....	p. 110
9.2.5 ASSISTIR .....	p. 113
9.2.6 OBEDECER .....	p. 116
9.2.7 ESQUECER(-SE) .....	p. 117
9.2.8 LEMBRAR(-SE) .....	p. 120
<b>9.3 Resultados das análises</b> .....	p. 123
9.3.1 PERDOAR .....	p. 123
9.3.2 PAGAR .....	p. 124
9.3.3 IR .....	p. 125
9.3.4 CHEGAR .....	p. 126
9.3.5 ASSISTIR .....	p. 127
9.3.6 OBEDECER .....	p. 128
9.3.7 ESQUECER(-SE) .....	p. 129
9.3.8 LEMBRAR(-SE) .....	p. 131
<b>9.4 Comparação entre verbos com regência semelhante</b> .....	p. 133
9.4.1 PERDOAR E PAGAR .....	p. 133
9.4.2 IR E CHEGAR .....	p. 134
9.4.3 ASSISTIR E OBEDECER .....	p. 134
9.4.4 ESQUECER(-SE) E LEMBRAR(-SE) .....	p. 135
<b>9.5 Comparação entre duas pesquisas</b> .....	p. 136
9.5.1 PERDOAR .....	p. 137
9.5.2 PAGAR .....	p. 137
9.5.3 IR .....	p. 138
9.5.4 CHEGAR .....	p. 138
9.5.5 ASSISTIR .....	p. 139
9.5.6 OBEDECER .....	p. 139
9.5.7 ESQUECER(-SE) .....	p. 139
9.5.8 LEMBRAR(-SE) .....	p. 140
<b>9.6 Considerações finais</b> .....	p. 140
<b>10 CONCLUSÃO</b> .....	p. 143
<b>11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	p. 148
<b>12 TEXTOS EXAMINADOS</b> .....	p. 159
ANEXO 1 – Figuras .....	p. 174
ANEXO 2 – Tabelas .....	p. 180
ANEXO 3 – <i>Corpus</i> .....	p. 192

## 1 INTRODUÇÃO

A preocupação com o “uso correto” da linguagem existe desde a Antigüidade, e sempre teve lugar importante nos estudos de gramáticos, retóricos, lógicos e pedagogos, sendo, ainda hoje, tema para inúmeras pesquisas. Há muito tempo faz-se distinção entre o que é utilizado pelos usuários e o que é regulado pela norma e considerado “melhor vernáculo” (Góis, 1938). A base para comparação eram, especialmente, os antigos escritores, como Padre Antônio Vieira, Camilo Castelo Branco e Garrett, entre outros. Durante muito tempo, valorizou-se a linguagem dos autores literários de épocas clássicas (especialmente dos séculos XVI e XVII) como a única “correta” – valorização que, algumas vezes, ainda acontece –, mas, como bem lembra Bechara (2001), “nem tudo o que os clássicos dessa época usaram tem ou pode ter vigência hoje” (p. 5). Neves (1994a) também argumenta nesse sentido: “não existe mais uma determinada literatura, de um determinado período, que constitua modelo a ser perseguido (...)” (p. 15).

Apesar disso, há, ainda hoje, uma grande valorização da modalidade de língua considerada padrão (algumas vezes, inclusive, associada ao conceito de língua “cultu”<sup>1</sup>). Muitas pessoas (especialmente os professores de português) acreditam que o estudo dos manuais de gramática tradicional é a chave para um bom desempenho lingüístico, devendo ser a escola a responsável por prover esse bom desempenho, mas algumas pesquisas (como Neves, 2001) mostram que, em diversos casos, é o usuário comum da língua que “se fascina” com o mundo da “boa linguagem” e a ele quer ter acesso, especialmente por uma questão de prestígio social. Assim, propagam-se amplamente os manuais tradicionais e

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizou-se, quando em referência ao que recomenda a tradição normativa, o termo “norma-padrão”, já que este não carrega um juízo de valor. Considera-se, usualmente, como “norma culta”, aquela usada pelo segmento social de maior prestígio e, portanto, este termo está intrinsecamente relacionado a uma questão de valor e prestígio social, e não propriamente lingüístico, não sendo pertinente a sua utilização em um estudo que busque focalizar a língua **em uso**.

cada vez mais se acredita que conhecer verdadeiramente uma língua é ter plena consciência de suas prescrições e saber como explicar seus “desvios” e “acertos”.

Um outro erro em que normalmente se incorre é na utilização dos termos “certo” e “errado”. Bechara (2001), ao discutir os conceitos de *exemplaridade* e *correção* de Coseriu, diz que é muito comum o emprego do segundo conceito quando, na realidade, deveria usar-se o primeiro, por ele não implicar nenhum juízo de valor. O autor ainda critica o fato de, normalmente, adotar-se como “língua exemplar” o modo de falar das pessoas “cultas”, o qual é freqüentemente considerado como o único correto; para ele (e para a maioria dos lingüistas), a pauta do “correto”, “certo” ou exemplar deve concretizar-se, efetivamente, no **uso** da língua.

Os lingüistas, especialistas no estudo da língua, há alguns anos não se preocupavam com a questão da correção lingüística, justificando-se pelo fato de que o único objetivo de estudo e atuação da lingüística é a “língua espontânea e usual, por ser a natural e livre manifestação do falar” (Bechara, 2001, p. 1). Atualmente, no entanto, tornou-se necessária uma intervenção desses estudiosos na discussão, passando a haver, inclusive, um certo conflito entre alguns gramáticos, que ainda costumam dizer o que se deve e o que não se deve usar e querem “impor” uma língua única, e os lingüistas, que procuram estudar a língua como uma entidade variável e heterogênea. Essas características da língua (variedade e heterogeneidade) obviamente não podem ser deixadas de lado e simplesmente ser consideradas “desvios” do que tradicionalmente se considera padrão, já que “a heterogeneidade é constitutiva da linguagem, não é adventícia, é fator de adequação e eficiência, e afinal, é qualidade, e não defeito, é solução, e não problema” (Neves, 2001a, p. 35). Uma grande contribuição para a transformação da visão de língua como algo estático foi o surgimento dos estudos sociolingüísticos e o desenvolvimento dos estudos sobre oralidade. A Sociolingüística contribuiu para que a variação, a diferença, passasse a

ser vista não como possível deficiência, mas como “garantia de eficiência da comunicação” (Neves, 2001a, p. 34), enquanto os estudos sobre oralidade permitiram relativizar o padrão e vincular escolha de padrão a modalidade de língua, com o intuito de obter adequação a cada situação particular de comunicação.

Partindo-se, portanto, do princípio de que a língua é, indubitavelmente, heterogênea e variável, torna-se necessário ser extremamente cauteloso ao, simplistamente, classificar uma forma como “certa” ou “errada”, e condenar, autoritariamente, determinadas construções; afinal, como afirmou Câmara Jr. (1980, p. 5), “a norma não pode ser uniforme e rígida. Ela é elástica e contingente, de acordo com cada situação social específica”. Em outras palavras: são raras as pessoas que empregam os mesmos enunciados em uma situação formal e em uma situação não-formal (um exemplo é a maioria dos professores em uma conferência e em casa). Desse modo, confirma-se a hipótese de que, em alguns casos, o usuário pode (e muitas vezes o fará) abandonar construções contempladas nas obras normativas para adotar construções estigmatizadas por elas, desde que estas representem melhor o que quer expressar.

É essa tensão sociocultural – a dificuldade na escolha entre aquilo que o usuário da língua considera expressivo e feliz (mas que ouviu dizer que não é correto) e o que não diz bem o que queria dizer (mas que não corre o risco de ser socialmente criticado) – que gera o interesse do estudo, já que perturba o desempenho dos usuários que têm acesso às prescrições normativas (hoje muito difundidas, inclusive pela mídia).

Fica claro, portanto, que as prescrições normativas não são de base propriamente lingüística, mas primordialmente de base sociocultural. Logo, surgem alguns questionamentos, bastante pertinentes: se a língua é, sem discussão, variável e heterogênea, por que se continua a valorizar tão fortemente as lições normativas? Por que, cada vez mais, os filólogos, lingüistas e gramáticos que se preocupam com o estudo da língua

realmente (e não apenas com a divulgação de regras tradicionalistas), verdadeiros especialistas, vão cedendo lugar aos “repetidores e empacotadores de lições que (...), entregando ‘pratos feitos’ de boa linguagem, vêm saciar a fome do povo, que acredita que com esses pacotes vai conseguir falar ‘sem ninguém botar defeito’” (Neves, 2001a, p. 44)? Por outro lado, até que ponto o lingüista, que também é usuário da língua, pode descartar as prescrições, considerando-as não-genuínas e não levando em conta a sua variedade e natureza (Neves, 1997)? Como propor uma restrição de uso, ao se considerar legítima determinada prescrição? E qual o real alcance de uma prescrição assim legitimada, se não é da própria língua que provêm as restrições?

Refletindo sobre essas questões, chega-se à conclusão de que o lingüista deve, sim, inserir-se na discussão a respeito das prescrições normativas, mas não simplesmente para confirmar o que se prega tradicionalmente. O importante é que ele examine a língua em uso e avalie os casos em que há distanciamento da norma, sempre tendo em mente seu conhecimento do funcionamento lingüístico. Isso possibilitará a elaboração de projetos que explicitem uma gramática do português observada diretamente nos usos reais da língua, e que verifiquem como os enunciados produzidos em determinadas situações esbarram em pressões (geralmente de natureza não-lingüística), o que gera uma certa tensão entre o “adequado” e “prestigiado pela sociedade” (Neves, 2001a).

Algumas correntes lingüísticas e gramaticais auxiliam nessa área de estudo e, mais particularmente, permitem uma visão amplificada da questão na regência verbal (foco de análise deste trabalho) analisada sob a tensão entre norma e uso. Uma delas (inserida na área que interessa particularmente a este trabalho), desenvolvida a partir dos anos 50, é a teoria das valências, que coloca o verbo como categoria central na análise das frases. De acordo com a gramática de valências, o verbo é o centro de onde provêm os controles a

cada um de seus argumentos, cujo número varia de acordo com a valência de cada verbo (a qual pode oscilar entre 0 e 4)<sup>2</sup>.

Tendo como base todas as discussões acima expostas, o que se procura com esta dissertação, como se vê mais bem especificado na **Justificativa**, é trabalhar a questão da regência verbal procurando incorporar à análise, na medida do possível, os componentes envolvidos na produção dos enunciados reais da língua, inclusive as pressões socioculturais que interferem nas escolhas, e registrando os usos, as prescrições e as tensões que resultam do conflito entre eles.

---

<sup>2</sup> A questão da valência, mais especificamente a verbal, encontra-se um pouco mais desenvolvida na subseção **8.1**.

## 2 JUSTIFICATIVA

O presente estudo parte de um outro projeto, realizado anteriormente em nível de Iniciação Científica, no qual se procurou fazer a comparação entre a prescrição normativa e os usos reais na língua escrita contemporânea no campo de regência verbal, e que utilizou, para tal, textos recentes (dos últimos 50 anos) provenientes da imprensa, textos técnicos, oratórios, etc., constantes de um *corpus* de aproximadamente 200 milhões de ocorrências disponíveis no Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP. Essa pesquisa esteve ligada à investigação mais ampla que está consolidada, principalmente, na obra **Guia de uso do português** (Neves, 2003a). Durante o desenvolvimento desse projeto estudou-se, dentre outras coisas, a regência de alguns dos verbos mais tratados pelos manuais tradicionais, e verificou-se que, quanto à língua escrita moderna, a obediência às prescrições da norma foi, no geral, muito elevada. Além disso, os resultados permitiram relacionar o uso da norma-padrão mais diretamente com as formas de linguagem mais tensa, o que confirmou a hipótese de que “essa obediência constitui um ajustamento a exigências sociais, e não uma parametrização de base propriamente lingüística” (Neves, 2004, p. 75). Após tal constatação, surgiu o interesse pela comparação entre uso e norma também na língua escrita mais antiga, especificamente a da primeira metade do século XX, com o intuito de, examinando-se a tensão entre prescrição normativa e uso real também nessa época, proceder a uma comparação entre os períodos e confirmar (ou não) as hipóteses e os resultados obtidos no estudo anterior.

Registrando não apenas os usos, mas também as prescrições e tensões resultantes, o que se procura preparar com esta dissertação é um material de referência para todas as pessoas, falantes ou estudiosos da língua, que estejam interessadas em uma



organização da gramática que reúna, sempre que possível, os componentes envolvidos na produção dos enunciados reais da língua, inclusive as pressões socioculturais que acabam interferindo nas escolhas.

A base teórica do projeto é funcionalista, nos moldes de Halliday (1985), Dik (1989; 1997), Givón (1984; 1993; 1995) e Neves (1997), tendo-se em vista, basicamente, a teoria da competência comunicativa exposta nesta última. De acordo com a autora (Neves, 1997), os componentes funcionais são os componentes fundamentais do significado na língua, sendo cada elemento da língua explicado por referência à sua função na comunicação lingüística. Assim, a forma dos enunciados não é independente da sua função, e uma descrição completa considera todo o complexo interacional, ou seja, o que importa não é o que cada elemento significa isoladamente, mas como se codificam no texto a escolha do item, a ordem em que ele se coloca, a sua combinação com outros elementos, etc.

A variação lingüística – pressuposto básico na análise que aqui se propõe –, como aponta Neves (2001), encontra aparato propício para avaliação na teoria funcionalista da linguagem, que é dirigida especialmente para a competência comunicativa dos falantes, leva consideração a “intenção” do falante e a “interpretação” do ouvinte, e assenta-se no ponto de vista de que o usuário da língua sabe não apenas *o que* dizer em determinada situação, mas também *como* fazê-lo.

Conclui-se, portanto, que não é na submissão a regras rígidas estabelecidas em empregos registrados de épocas antigas, próprios de outros gêneros de discurso e pertencentes a outros registros lingüísticos que um falante, numa situação única e individual de comunicação adquire condições de exercer plenamente suas “capacidades” de usuário da língua, e chegar a uma comunicação eficiente, fechando com sucesso circuito tão complexo como o da interação verbal (Neves, 1997).

Para o desenvolvimento da pesquisa aqui efetuada utilizou-se, como base, o *corpus* de língua escrita do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP), especificamente os produzidos e/ou publicados no período de 1900 a 1950. Depois de selecionadas as ocorrências, procedeu-se à sua descrição, estudando a relação entre os usos vigentes e as prescrições correntes quanto à **regência verbal, em português**.

### 3 OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho se insere na proposta de um projeto maior que busca observar, no uso da língua, as construções vigentes que se contrapõem aos cânones prescritos em obras normativas.

O objetivo específico é examinar a tensão entre o que propõem os manuais normativos e o que realmente ocorre na língua escrita do português do Brasil, na primeira metade do século XX, quanto à **regência** de alguns dos verbos mais tratados por esses manuais, a saber: **pagar, perdoar, assistir, obedecer, chegar, ir, esquecer(-se) e lembrar(-se)**.

Objetivo paralelo é buscar um confronto com os resultados obtidos em pesquisa anterior, na qual se estudou a regência verbal na segunda metade do século passado, verificando-se as possíveis discrepâncias com relação à obediência à prescrição normativa entre as duas épocas e procurando explicá-las, quando possível.

#### 4 METODOLOGIA E APARATO TEÓRICO

A pesquisa aqui realizada coloca sob análise a tensão que se estabelece entre as motivações de uso, nascidas das necessidades de eficiência na atuação lingüística, e as prescrições, oriundas da tendência conservadora da disciplina gramatical, tal como constituída no Ocidente (Neves, 2002). Concentra-se a investigação nos processos ligados à predicação (e, conseqüentemente, à complementação), que é o processo básico de constituição dos enunciados, buscando-se avaliar, especialmente, a aparente tensão entre o uso e a norma nos casos que a tradição chama de **regência verbal**. A diretriz que governa a investigação – e que diz respeito à ligação entre variabilidade lingüística e eficiência comunicativa – leva a que se coloquem no centro da investigação as questões cujo equacionamento implica conjunção dos aspectos sintático, semântico e pragmático, ou seja, aqueles “desvios” que ensejam a avaliação das razões e motivações que levaram os falantes, a serviço da acomodação gramatical da língua (Hopper, 1987), a abandonar construções erigidas em cânones para adotar – e persistir em – construções estigmatizadas pelas obras normativas.

O *corpus* utilizado para a realização deste trabalho foi elaborado a partir da modalidade de língua escrita do Brasil do início do século XX, estando disponíveis para exame cerca de 200 milhões de ocorrências<sup>3</sup>, armazenadas em disco rígido de computador, no programa de busca *Folio Views*, na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP), em textos de todos os tipos em prosa (textos romanescos, jornalísticos, dramáticos, oratórios, técnicos) e poesia. Desses dados constam: a) o *corpus* principal, constituído por mais de 100 milhões de ocorrências, obtido por digitação e por leitura ótica; b) um segundo *corpus* de controle, constituído pelo material da revista *Veja*, de cinco anos;

---

<sup>3</sup> Ao *corpus* inicial, contendo textos dos últimos 50 anos (cerca de 100 milhões de ocorrências), incorporaram-se textos da primeira metade do século XX, e também do século XIX.

c) um terceiro *corpus* para conferência, constituído pelo material contido em CD ROM do jornal Folha de São Paulo, de um período de cinco anos, todos armazenados no programa de busca.

Os textos utilizados nesta pesquisa (constantes do *corpus* principal) foram escritos e/ou publicados no período compreendido entre os anos de 1900 e 1950<sup>4</sup>, o que permitiu a observação do comportamento lingüístico no início do século passado.

O *corpus* aqui analisado foi elaborado utilizando-se aproximadamente 200 ocorrências de cada verbo estudado<sup>5</sup> (a saber, **pagar**, **perdoar**, **assistir**, **obedecer**, **chegar**, **ir**, **esquecer(-se)**, **lembrar(-se)**). Foram usados todos os tipos de textos em prosa encontrados no *corpus*, publicados no período de interesse para análise (1900 a 1950), ou seja, textos romanescos, jornalísticos, dramáticos, oratórios, técnicos<sup>6</sup>.

A intenção deste trabalho era, além de englobar todos os tipos de textos em prosa, utilizar também todas as formas (pessoas e tempos) em que o verbo estivesse conjugado, já que essa análise poderia fornecer algum dado interessante para a pesquisa. Assim, tencionando-se chegar ao número estimado para a amostragem de cada verbo em análise, selecionou-se um certo percentual de ocorrências, determinado pelo número total de exemplos encontrados para cada verbo. Abaixo estão os procedimentos adotados, como exemplo, para o verbo **chegar**:

- ✓ o verbo apresentou 8342 ocorrências no total;
- ✓ como o número de ocorrências almejado era de aproximadamente 200, dividiu-se esse número pelo total de ocorrências, a fim de obter a porcentagem de amostra que seria utilizada, alcançando-se, aproximadamente, 2,5%;

---

<sup>4</sup> Em alguns casos, as primeiras publicações dos textos é que datam desse período.

<sup>5</sup> A única exceção é o verbo **ir** que, por ocorrer, na imensa maioria dos exemplos, como verbo auxiliar, tornou necessária a utilização, para esse verbo, do dobro de ocorrências, ou seja, aproximadamente 400, para que a amostra pudesse ser analisada em comparação com os demais verbos em estudo.

<sup>6</sup> Observa-se que, apesar de se utilizarem todos os tipos de textos em prosa presentes no *corpus* e não se desconhecem as diferenças existentes entre os diversos gêneros, o objetivo deste trabalho não é analisar tais diferenças, mas sim avaliar a tensão entre uso e norma em épocas distintas, mais especificamente entre a primeira e a segunda metade do século XX.

- ✓ para saber qual a escala a ser utilizada, ou seja, de quantas em quantas ocorrências seria retirada uma amostra, dividiu-se 8342 (total de ocorrências) por 208 (2,5% do total), obtendo-se o número 40;
- ✓ assim, a cada grupo de 40 exemplos, 1 foi selecionado, a fim de se chegar a uma amostragem aproximada (e almejada) de 200 ocorrências do verbo **chegar**, em todas as formas verbais encontradas;
- ✓ caso alguma das formas apresentasse apenas uma ocorrência, ou um número muito pequeno delas, selecionou-se pelo menos um exemplo em que se encontrasse essa forma, mesmo que ela não estivesse dentro da escala de um exemplo para cada 40, pelo motivo explicado acima, ou seja, englobar todas as formas verbais possíveis.

Desse modo, reuniu-se uma amostragem do verbo em estudo que abrigasse, como era almejado, todos os tipos de texto e todas as formas do verbo.

Realizou-se o mesmo procedimento com todos os outros verbos, sempre tencionando a seleção de, como já dito, aproximadamente 200 exemplos para cada verbo. Desse modo, foi possível observar o comportamento dos diferentes mecanismos de regência presentes nas literaturas disponíveis para o *corpus* de análise em todos os tipos de texto em prosa (romanesco, jornalístico, dramático, oratório e técnicos).

Depois de organizado o *corpus*, efetuaram-se os seguintes passos:

1. Verificação, nas gramáticas tradicionais e nos manuais de bom-uso, das lições prescritivistas relativas à manifestação da **transitividade verbal em português**, para caracterização e subtipologização.
2. Estudo das formas verbais presentes no *corpus*, com atenção para os tipos de complementos utilizados.
3. Verificação dos modos de realização da valência sintática (as formas dos complementos).

4. Colocação sob exame dessa tensão entre uso e norma, para avaliação das tendências que orientam a normatização prescritivista.

Para a análise, projetou-se a investigação teórica dos seguintes temas, especialmente:

1. Bases de análise lingüística (Givón, 1984; 1990; 1995; Lyons, 1977; 1979; Câmara Jr., 1980; Neves, 2001b).
2. Bom-uso, variação e prescrição lingüística (Biber, 1988; Camacho, 1994; Leite, 1999a; Neves, 2001a e 2003b; Preti, 1982; Schlieben-Lange, 1994)
3. Valência (Gross & Vivès, 1986; Neves, 2002; Vilela, 1992; Borba, 1996).
4. Expressão da transitividade verbal (Longo, 1995; Savioli, 1981; Martins, 1997; Cegalla, 1999; Luft, 1985a e 1995; Neves, 2000).

Os procedimentos de análise dos verbos e a metodologia de trabalho adotados nesta pesquisa seguem os moldes de Neves (2004), trabalho inserido em um projeto maior que busca observar, no uso da língua, as construções vigentes que se contrapõem aos cânones prescritos em obras normativas, e do qual a autora desta dissertação participou como bolsista de Iniciação Científica. Após a análise do *corpus*, os resultados obtidos foram confrontados com os resultados dessa pesquisa realizada anteriormente, em que foram estudados textos mais recentes, mais especificamente da segunda metade do século XX.

## 5 COMPOSIÇÃO DO TRABALHO

O estudo realizado foi dividido, nesta dissertação, de acordo com as seções expostas no **Sumário**, ficando as principais especificadas e resumidas abaixo:

- ❖ Seção 6 – **Funcionalismo, base teórica**: Discute-se a corrente funcionalista de estudos lingüísticos, adotada como base teórica para este estudo, utilizando-se, principalmente, o trabalho de Neves (1997), além, dos clássicos Halliday, Dik e Givón.
- ❖ Seção 7 – **Norma e uso, variação lingüística e o papel dos lingüistas – discussão teórica**: O confronto entre norma e uso, questão central deste trabalho, é discutido nesta seção sob vários ângulos, assumindo-se como pressupostos teóricos os estudos de diversos lingüistas, o confronto entre esses e os gramáticos normativos, e os trabalhos referentes ao ensino da gramática tradicional na escola. Fala-se também sobre variação lingüística e, particularmente, sobre a variação preposicional encontrada nos complementos de determinados verbos.
- ❖ Seção 8 – **Estudo da manifestação da transitividade verbal**: Nessa seção, disserta-se sobre a importância de, ao analisar-se um fenômeno tão complexo e com tantas modificações sofridas no decorrer do tempo como a regência verbal, não ficar atado ao âmbito da sintaxe, mas também considerar a pragmática e a semântica. Além disso, discorre-se sobre a dificuldade no tratamento dos complementos verbais – já que muitos estudos sobre esse assunto não convergem para uma conclusão comum – e expõe-se a Teoria das valências, que, associada à Gramática de casos, engloba as discussões referentes ao verbo de forma muito positiva, especialmente pelo fato de colocá-lo como centro de análise nos enunciados.
- ❖ Seção 9 – **Análise dos dados**: Essa etapa mostra, após a análise dos exemplos contidos no *corpus*, como ficou a questão da regência verbal, confrontando-se uso e norma,



nos textos do início do século passado. A forma como se procedeu à análise desses resultados encontra-se mais bem especificada na seção **4. (Metodologia e Aparato Teórico)**. Obtidos os resultados, estes foram comparados com aqueles obtidos na análise de textos mais recentes (de 1951 a 2000).

## 6 FUNCIONALISMO – BASE TEÓRICA

Como já exposto na **Justificativa**, a base teórica deste trabalho é funcionalista, nos moldes de Halliday (1985; 1994), Dik (1989; 1997), Givón (1984; 1993; 1995) e Neves (1997). Tal teoria aqui se aplica pelo fato de se estudar a língua em uso e se procurar verificar as funções dos meios lingüísticos de expressão, isto é, objetiva-se determinar os fins a que as unidades lingüísticas servem. Assim sendo, faz-se importante apresentar os princípios fundamentais da abordagem funcional da análise lingüística, de modo a fornecer uma visão geral sobre ela e mostrar qual é a aplicação desses princípios para este trabalho.

De acordo com Neves (1997), os componentes funcionais são os componentes fundamentais do significado na língua, sendo cada elemento explicado por referência à sua função na comunicação lingüística. Logo, a forma e a função dos enunciados não podem ser consideradas independentemente, e uma descrição completa deve considerar todo o complexo interacional. Como diz Givón (1995, p. xv), “a língua (e a gramática) nunca pode ser descrita ou explicada adequadamente como um sistema autônomo”, sendo necessário, para o seu estudo, considerar alguns parâmetros naturais que formam a língua e a gramática, tais como: cognição e comunicação, cérebro e processamento lingüístico, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

A teoria funcionalista abarca também a variação lingüística, pois considera a competência comunicativa dos falantes (Neves, 2001), inserindo-se em um modelo de interação verbal que considera a intenção do falante e a intenção do ouvinte, e assentando-se no ponto de vista de que o usuário de uma língua opera não apenas com a capacidade lingüística (a qual abrange a prescrição normativa), mas também com outras capacidades,

especialmente a social, por meio da qual ele vai optar pela melhor maneira de formular um enunciado em diferentes situações comunicativas.

Dentro da estrutura geral do funcionalismo, existem abordagens distintas. Dos clássicos, selecionaram-se os três principais (ou pelo menos mais divulgados), que serviram como apoio para o estudo aqui efetuado: Dik, Halliday e Givón.

A Gramática Funcional (no original, *Functional Grammar*, FG), inicialmente representada por Simon Dik, da Universidade de Amsterdam, foi, talvez, a primeira tentativa de escrever uma gramática completa que se opusesse à teoria “standard” de Chomsky no tratamento das estruturas textuais. Segundo Dik (1987), a gramática funcional é uma teoria da organização das línguas naturais que é “funcional” em pelo menos três sentidos diferentes, embora interligados: 1) tem uma visão funcional da natureza da linguagem; 2) dá importância às relações funcionais nos diversos níveis da gramática; 3) pretende ser aplicável à análise de diversos aspectos da linguagem e seu uso.

A FG dá início à descrição de uma expressão lingüística com as construções de uma “predicação” subjacente constituída de “termos”, os quais podem ser usados para se referir às unidades do mundo real, inseridas em “modelos de predicados”. Esses modelos são esquemas que especificam um predicado e um esboço das estruturas (incluindo os casos semânticos) em que podem ocorrer.

Dik combinou fatores pragmáticos, semânticos e sintáticos na análise da predicação. De acordo com ele (Dik, 1980, p. 46), a gramática funcional vê a língua natural, em primeiro lugar, como um instrumento de que as pessoas se utilizam para estabelecer relações comunicativas umas com as outras. É sob esse ponto de vista que a língua é, primordialmente, uma entidade pragmática, ou seja, um instrumento simbólico usado com fins comunicativos. Sob a perspectiva funcional, a língua não pode ser adequadamente entendida se esses propósitos pragmáticos não forem levados em

consideração. Logo, a sintaxe não pode ser vista como algo autônomo, já que ela existe para que as pessoas sejam aptas a construir expressões complexas de significados, e esses significados favorecem a comunicação de diversos modos. Assim, é possível, segundo Dik, estabelecer uma hierarquia, colocando-se a pragmática no topo, a semântica no nível intermediário e a sintaxe na base.

Ainda de acordo com Dik, a linguagem natural não é somente um fenômeno social, mas também um fenômeno psicológico. A importância psicológica está no conceito de *competência comunicativa* (habilidade que possibilita às pessoas comunicarem-se por meios verbais), termo cunhado por Hymes (1970, *apud* Dik, 1980) para reagir aos conceitos chomskyanos de competência e desempenho/performance. Ou seja, é importante lembrar que o usuário não somente sabe aplicar as regras de uma língua para formar enunciados corretos, mas também sabe quando usar esses enunciados apropriadamente. Portanto, a competência comunicativa compreende a competência gramatical – capacidade de desenvolver e interpretar expressões lingüísticas – e a competência pragmática – capacidade de empregar essas expressões nas diferentes situações para obter o efeito comunicativo almejado (Dik, 1980).

Halliday – discípulo de Firth e principal representante de outra corrente fortemente representativa da abordagem funcionalista – e os funcionalistas da Escola de Praga (Davidse, 1987<sup>7</sup>) também fazem parte do grupo que se opõe à dicotomia chomskyana de competência e performance (sendo a primeira o conjunto de conhecimentos de um falante ideal nativo em uma comunidade lingüística homogênea, e a segunda a aplicação do código ideal em condições socioculturais específicas). De acordo com Halliday (*apud* Davidse, 1987), quem se baseia nessa dicotomia considera que o

---

<sup>7</sup> Alerta-se que esse artigo é uma entrevista do próprio Halliday.

trabalho do lingüista deve associar-se à competência, e não aos desvios da performance, e é justamente a isso que se opõem os funcionalistas.

Além disso, a linguagem, para ele, é parte integrante de uma semiótica social, e a teoria de linguagem inclui-se em uma teoria global de interação social. Ao usar o termo “semiótica social”, Halliday (1978, *apud* Thibault, 1987) pretende apontar que é preciso proceder a uma interpretação da linguagem que não a trate como algo autônomo, mas sim como parte de um conjunto mais amplo de fenômenos, o qual pode ser chamado de sistema social (ou simplesmente cultura). Logo, o que ele procura preparar com essa teoria, primordialmente, é uma efetiva interpretação da linguagem, muito mais do que a sua utilização para interpretar outras coisas, perspectiva da maioria dos semioticistas. Mas Halliday reforça que, para que isso faça sentido, a gramática deve estar inteiramente relacionada à sociedade. De acordo com ele (Halliday, 1973, *apud* Davidse, 1987, p. 47), lingüística e sociologia estão intrinsecamente ligadas, já que a linguagem é mais *fazer* do que *saber*. Assim, contexto e cultura restringem o que uma pessoa “pode fazer” em uma determinada situação: há apenas um procedimento em potencial a ser realizado, podendo-se escolher realizar ou não esse procedimento lingüisticamente. Se se optar pela primeira opção, será necessário entrar no sistema lingüístico via semântica, a qual Halliday faz equivaler à sócio-semântica. Esta faculta ao falante o potencial significativo em um contexto particular. Em seguida, o significado específico escolhido é recodificado em palavras, o que ocorre no nível da léxico-gramática, a qual oferece ao falante diferentes alternativas para o que ele “pode dizer”.

Como resultado de se ter em consideração a interação social, e sob a influência dos estudos de Bühler, Halliday propõe três funções da língua, as quais ele afirma encontrarem-se em todo texto:

- 1) função de conteúdo ideacional: a língua é um instrumento de reflexão ou descrição das coisas, ou seja, serve para expressar determinado conteúdo; utilizando essa função, o falante, assim como o ouvinte, organiza a língua e incorpora a ela suas experiências, reações, cognições, percepções, os atos lingüísticos e o entender;
- 2) função interpessoal: a língua é usada como meio de interação entre falantes e ouvintes; o falante a utiliza como um recurso para interagir em um evento de fala; ela é pessoal e interacional ao mesmo tempo, podendo organizar e expressar tanto o mundo interno quanto o mundo externo do indivíduo<sup>8</sup>.
- 3) função textual: possibilita a realização das duas funções anteriores, assegurando que o uso da língua seja relevante; por meio dela, a linguagem contextualiza as unidades lingüísticas, fazendo-as operar no contexto e na situação de uso efetivo.

A relação entre a gramática e a semântica, partindo dessas funções, gera a hipótese de que há, também, uma relação entre a forma da gramática e a construção semiótica da cultura, de acordo com o modo como essa relação é instanciada em situações particulares.

A gramática habilita as três funções a agir em todos os pontos do texto. Assim como Dik, Halliday considera a frase como unidade gramatical básica, na qual as “três estruturas distintas, cada uma expressando um tipo de organização semântica, são mapeadas para produzir uma maneira individual de expressar algo em palavras<sup>9</sup>” (Halliday, 1994, p. 38). Desse modo, a função ideacional é uma representação dos “processos”: ações, eventos e processos de consciência; a função interpessoal da frase envolve a troca de papéis na interação retórica: declarações, questões e comandos; e a função textual é a construção de uma mensagem.

---

<sup>8</sup> Estas duas primeiras são chamadas de “metafunções”, pois refletem as funções da língua usadas por seus próprios falantes.

<sup>9</sup> No original: *wording*.

Os componentes funcionais que integram o processo de utilização da língua, denominados de “registros”, são: o “campo do discurso”, o “conteúdo do discurso” (os papéis interagentes de um texto) e o “modo do discurso” (o papel atribuído à língua, incluindo o canal e o modo retórico) (Halliday, 1973, *apud* Davidse, 1987).

Uma outra abordagem funcional, elaborada por Talmy Givón, é, como ele mesmo nota, “heterogênea”. Utilizando-se do esboço de algumas idéias básicas das raízes do funcionalismo, Givón traça um paralelo entre a lingüística e a biologia: o organismo humano, ao lado de sua organização sociocultural e suas ferramentas cognitivas comunicativas e intelectuais, é examinado sob uma perspectiva funcional e evolutiva (Givón, 1984, p. 1). Givón não apresenta uma *teoria funcional* por si, pois rejeita esse termo por considerá-lo “metodologicamente irreal e não-científico” (Givón, 1984, p. 25), já que, para ele, ficar atado ao âmbito da gramática e sua formalização significa atrapalhar a percepção de novos fatos e congelar a intuição explicativa. Portanto, ele acredita que a descrição da linguagem é muito mais importante que sua teorização e doutrinação (os “-ismos”). Uma outra característica marcante da abordagem givoniana está na ênfase dada aos aspectos cognitivos das atividades de linguagem humana, pois, de certa maneira, a “competência lingüística” de Chomsky agora é estudada de um modo mais científico, por meio da colaboração de neurolingüistas e psicolingüistas (Wong, 2005).

Apesar da existência de diferentes “versões” da teoria funcional, há um tema subjacente que as une, a saber, a convicção de que a comunicação é o objetivo primário e primordial da linguagem humana. Essa comunicação acontece em um contexto socioculturalmente definido, e cujos participantes também apresentam papéis socialmente definidos. Dado esse objetivo, afloram dos estudos funcionalistas duas implicações importantes para o estudo da língua. Em primeiro lugar, investiga-se como os elementos lingüísticos contribuem para alcançar o objetivo comunicativo. Assim, todas as unidades

de uma língua – suas frases, locuções, etc. –, como configurações orgânicas, são explicadas por referência às suas funções no sistema lingüístico total. Em segundo lugar, de acordo com Wong (2005), o modo como a língua é organizada é funcional no que concerne às necessidades comunicativas do homem, ou seja, de acordo com cada situação social específica. Assim, desde que teorias funcionais abarcam uma noção mais ampla de linguagem que as teorias formais, a oportunidade de investigação lingüística é equivalentemente mais ampla. As áreas centrais da análise lingüística – fonologia, morfologia, sintaxe e semântica – estão incluídas, mas sempre com o foco voltado para a visão da comunicação humana como um *ato social*. A análise de atos de fala e das situações socioculturais que os produzem é imprescindível para o estudo completo de uma língua. Uma grande importância do funcionalismo, portanto, é que ele fornece os subsídios teóricos necessários para a compreensão da grande importância de se partir do *uso* para estudar a língua, afirmação que vem sendo feita desde o início deste trabalho.

Por fim, a propósito dos ensinamentos funcionalistas, são de fundamental importância os estudos de Hopper e Thompson (1980), que apontam o mecanismo da transitividade como a propriedade central do uso lingüístico, apresentando-a como “uma propriedade escalar condicionada por fatores sintáticos e semânticos, e também pelo texto, já que sua gradualidade é ligada às necessidades de expressão dos usuários, dirigida pelos propósitos da comunicação, isto é, sensível a fatores discursivos” (Neves, 2004, p. 54).



## 7 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA, NORMA E USO E O PAPEL DOS LINGÜISTAS – DISCUSSÃO TEÓRICA

Nesta seção, em primeiro lugar, discute-se brevemente a tensão entre prescrição normativa e uso real, sob a luz de textos teóricos que dissertaram sobre o assunto. Discorre-se também sobre o papel dos lingüistas nessa discussão e sobre a conseqüente tensão sociocultural gerada por ela, ou seja, procura-se avaliar até que ponto uma discussão lingüística está ligada com a realidade social de uma comunidade. A seguir, disserta-se sobre o papel da escola diante dessas tensões e como fica a sua relação com a norma-padrão. Por fim, discute-se a questão da variação lingüística e sua importância para os estudos atuais (em particular o que aqui se desenvolve), e, mais especificamente, a questão da variação das preposições nos complementos locativos<sup>10</sup>.

### 7.1. Prescrição normativa X Uso real

Como já dito na **Introdução** deste trabalho, a preocupação com o “uso correto” da linguagem existe desde a Antigüidade, e essa preocupação vem sendo, desde aquela época, tema de diversos estudos. O que se discute hoje, no entanto, é de onde se deve tirar o paradigma a ser seguido e ensinado como “padrão”, “culto”. Durante muito tempo, valorizou-se a linguagem dos autores literários de épocas clássicas como a única “correta”, mas, como lembra Neves (1994, p. 15), “não existe mais uma determinada literatura, de um determinado período, que constitua modelo a ser perseguido (...)”.

---

<sup>10</sup> O estudo da variação preposicional especificamente nos complementos locativos justifica-se pelo fato de estes serem os únicos tipos de complementos dos verbos aqui estudados que apresentam essa variação.

Assim sendo, pergunta-se: há, então, algum tipo de texto, alguma variedade lingüística, que pode ser considerada como a única correta e modelo a ser seguido? O que os manuais tradicionais pregam deve ser tomado como lei e seguido rigorosamente? Devem, os usuários da língua que não obedecem ao que preconizam esses manuais prescritivos, ser recriminados e corrigidos indiscriminadamente?

Em pesquisa realizada no estado de São Paulo, Neves (1990) verificou que a maioria dos professores de Língua Portuguesa (especialmente) acredita que o estudo dos manuais de gramática tradicional é a chave para um bom desempenho lingüístico, e que a escola deve ser a responsável por prover esse bom desempenho. Em outro estudo (Neves, 2001), no entanto, vê-se que, apesar de usualmente se responsabilizarem os gramáticos (especialmente os considerados normativos) por essa grande valorização da língua-padrão, muitas vezes é o usuário comum da língua que se fascina com o mundo da “boa linguagem” e a ele quer ter acesso, por acreditar que este lhe dará um maior prestígio social. Essa questão de prestígio, aliás, vem sendo muito discutida, em especial pelo fato de o acesso à cultura ter sido (e ainda ser) relacionado diretamente às condições socioeconômicas, o que acaba gerando a idéia de que há uma vinculação entre “valor social” e “valor intelectual”, ou seja, acredita-se que apenas as pessoas de classes sociais elevadas têm acesso ao padrão lingüístico privilegiado. Desse modo, valorizam-se os “professores” e os manuais que indicam qual é a forma correta de dizer-se determinada coisa, e cria-se a falsa idéia de que saber realmente uma língua é conhecer suas prescrições e ser capaz de explicar os “desvios” e “acertos”, o “certo” e o “errado”.

Bechara (2001), ao analisar os conceitos de *exemplaridade* e *correção*, com base nas idéias de Coseriu, lembra-nos, primeiramente, que é comum o emprego do segundo termo na grande maioria das vezes, quando, na realidade, deveria usar-se o primeiro. Isso porque *exemplaridade* não é um juízo de valor, diferentemente de *correção*;

assim, uma língua *exemplar* constitui uma modalidade da língua *comum* utilizada em circunstâncias formais, sendo considerada “exemplar” simplesmente porque foi “eleita” como tal. O critério normalmente adotado é a elegibilidade, como língua exemplar, do modo de falar das pessoas “cultas”, sendo esse, muitas vezes, considerado como o único modo correto. No entanto, de acordo com o próprio Bechara, a pauta do correto se concretiza, na realidade, no *uso* da língua.

Terra (1997) também discute a questão, dizendo que “a gramática normativa, procurando estabelecer, entre vários, um determinado uso, que se convencionou denominar de *padrão* ou *culto*, não nos mostra a língua como ela *é*, mas sim como *deveria ser*” (p. 38 – grifos do autor). Ele afirma que essa gramática, ao contrário do que deveria fazer, mostra-nos como funciona a língua por meio de suas regras intrínsecas, apresentando características semelhantes aos códigos de natureza ética ou moral, ou seja, impondo aos usuários o que devem ou não fazer. Para Terra, as normas deveriam, ao contrário, refletir um fato social da maneira como ele ocorre no momento em que elas são formuladas, ou seja, é imprescindível sempre rever as normas para garantir sua constante atualidade. É por isso que, segundo o autor, as regras lingüísticas instituídas pela gramática normativa são pouco eficazes, sendo cumpridas, usualmente, apenas na escola, já que elas “não refletem de modo adequado o fato social que normatizam” (Terra, 1997, p. 39), e a transgressão a elas, fora do contexto escolar, não implica sanção alguma.

Por outro lado, à parte essas considerações, não se pode negar que é fundamental existir uma certa uniformidade na língua, a fim de se garantir uma comunicação eficiente entre todos os seus usuários. Logo, dentro da diversidade lingüística, ou seja, dentre os vários usos que cada falante faz de sua própria língua, escolheu-se um que se convencionou chamar de norma. Ainda de acordo com Terra (1997, p. 40) – diga-se de passagem, opinião que corresponde à da maioria dos lingüistas:

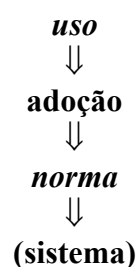
A escolha desse uso para transformá-lo em norma, ou, em outros termos, linguagem padrão, é arbitrária. Escolheu-se um determinado uso, que foi elevado à categoria de norma, por acreditar-se que ele representaria a forma culta de utilização da língua, o chamado *bom uso*, razão pela qual esta acaba recebendo o *status* de *norma culta*. Em outras palavras, a norma nada mais é que o uso que ganhou prestígio social.

Leite (1999b), seguindo a perspectiva sócio-antropológica de Aléong (1983), expõe dois tipos de norma: a *norma explícita*, que é a codificada e divulgada pela escola, gramática e dicionários, e as *normas implícitas*, que são próprias de cada grupo social e, na medida do possível, tão mutáveis quanto estes. A primeira está ligada ao “bom *uso*”, à *norma* posta na gramática tradicional, enquanto os outros tipos de *normas* se referem à *norma implícita* a um grupo social (o dos falantes cultos, p. ex.). Assim, a autora define *norma* como o resultado do *uso lingüístico* de um dado segmento social. Esse uso, por ser tradicional, é preservado e varia de acordo com as possibilidades de realização que o usuário faz da língua.

A diferença conceitual entre *uso* e *norma* não é unânime, e muitos estudiosos tratam esses conceitos como se fossem a mesma coisa, o que gera muitos problemas nas definições. Há alguns, no entanto, que estabelecem abertamente essa distinção, como, por exemplo, Hjelmslev (1991a), que diz que a língua-esquema, língua-*norma* e língua-*uso* não se comportam do mesmo modo frente ao ato individual que é a fala. De acordo com ele (p. 84), a língua *esquema* seria uma “forma pura”, definida independentemente de sua realização social e manifestação material; a língua *norma* é a “forma material”, definida por dada realização social, mas independente do detalhe da manifestação; por fim, a língua *uso* seria o simples “conjunto dos hábitos” adotados em determinada sociedade e definidos pelas manifestações observadas. Portanto, assim como a *norma* mantém relação de determinação com o *uso*, o esquema (sistema) mantém relação com a *norma*, que por sua vez já está influenciada pelo *uso*. Certos *usos*, se constantes, tendem a se *normalizar* e, depois, podem alcançar o sistema.

De acordo com Coseriu (1979), na passagem do *uso* para a *norma* há o estágio intermediário da *adoção*, isto é, toda inovação tem de ser aceita e imitada pelos falantes para depois se transformar em *uso*. Pela divulgação, esse uso pode ser adotado e se transformar em *norma*.

Juntando as contribuições desses dois autores (Hjelmslev e Coseriu), Leite (1999b) representa esses estágios da seguinte maneira, como se se constituíssem em uma hierarquia:



Segundo a autora, a mudança é um fato normal, mas pode incomodar os falantes, dando a impressão de que a língua está em decadência. No entanto, citando Aitchison, Leite (1999b, p. 184) diz que “a mudança não afeta a linguagem em termos de progresso ou decadência”, o que ocorre é apenas um jogo de forças opostas, um fluxo conservador que se opõe a um fluxo inovador. A respeito disso, também fala o professor Sílvio Elia (1979, p. 80): “infringir a **norma** é o **normal** (sem ou com trocadilho), infringir o sistema é que significaria mudança de língua”.

Uma última consideração a ser tecida nesta subseção é que não se pode deixar de lado a influência da oralidade na língua escrita, e esse tema tem recebido um grande espaço nos estudos lingüísticos<sup>11</sup>. Os estudos sobre oralidade possibilitam a relativização do padrão e a vinculação da escolha de padrão à modalidade de língua, com o intuito de obter adequação a cada situação particular de comunicação. A influência da modalidade de língua falada sobre a escrita é de fundamental importância para este estudo, já que, de

<sup>11</sup> Citem-se, a esse respeito, Faraco (1991), Biber (1988), Marcuschi e Koch (2002), Roncarati e Mollica (2000), Silva (2000), dentre outros.

acordo com várias pesquisas (citem-se, principalmente, Leite, 1999b e Faraco, 1991), o maior índice de desobediência à norma-padrão está na língua falada, e a influência desta na língua escrita é o fator que provavelmente mais desencadeia “erros” também nessa modalidade. Tal influência é inevitável, especialmente no início do processo de letramento, mas também é comum entre usuários com grau universitário e, muitas vezes, entre os alunos e graduados do curso de Letras, sendo, possivelmente, a principal responsável por se usarem certos enunciados não recomendados pela prescrição normativa até mesmo na língua escrita.

## 7.2 O papel dos lingüistas e a tensão sociocultural

Diante das inúmeras prescrições de cunho normativista (observadas em diversos âmbitos) que se centram no que é “certo” e “errado” na língua, da conseqüente avaliação social que atribui prestígio ou estigma às diferentes falas, e também das discussões travadas em torno da linguagem “politicamente correta”, é facilmente constatável o caráter polêmico da questão do preconceito lingüístico, questão essa que envolve a discussão entre o uso em oposição à norma (já tratada na subseção anterior). Ao mesmo tempo, a atualidade do assunto é visível na recorrência com que ele tem sido estudado sob diferentes ângulos<sup>12</sup>.

A intervenção dos lingüistas na discussão sobre o que deve ou não ser aceito em uma língua desencadeou uma espécie de “conflito”, como já exposto na **Introdução**, com os gramáticos normativos, já que estes postulam o que se deve e o que não se deve usar e

---

<sup>12</sup> Alguns exemplos são os trabalhos de Bagno (1999); o documento sobre *Definição da Política Lingüística no Brasil* resultante de ampla discussão entre os lingüistas e publicado no *Boletim da ABRALIN*, 23; o *Boletim da ALAB 4-4* (2000) sobre o *Projeto de Lei contra os Estrangeirismos*; matérias em jornais a exemplo de Faraco (2001) na *Folha de S.Paulo*; etc.

normalmente querem “impor” uma língua única<sup>13</sup>, enquanto aqueles procuram estudar a língua como uma entidade indiscutivelmente variável e heterogênea.

Assim, levando-se em consideração essas duas características intrínsecas à língua, não se deve simplesmente classificar algo como “certo” ou “errado”, condenando autoritariamente determinadas construções que estão, simplesmente, bem inseridas em determinada situação social, já que, obviamente, pouquíssimas pessoas empregam a mesma linguagem em situações com diferentes níveis de formalidade. Assim, o falante tem a opção de deixar de usar uma variante recomendada pela prescrição normativa tradicional para empregar outra, estigmatizada por ela, mas que efetivamente expresse o que ele quer dizer naquele momento.

Em Silva e Moura (2000), encontra-se uma coletânea de artigos, em que fica clara uma crítica à idéia de unidade nacional alicerçada numa língua idealizada pura e única, a qual nunca existiu e nunca existirá, mas que alguns gramáticos normativos continuam difundindo e defendendo. Nessa obra faz-se, por exemplo, uma oposição de Lima Barreto a Machado de Assis e Cruz e Sousa (Cruz, 2000), em razão do uso peculiar que aquele faz da língua portuguesa, considerado à época como incorreto, e só mais tarde visto como inserido, com estilo, no contexto cultural, por buscar falar a língua do povo e não retratar a linguagem dominante do período<sup>14</sup>. Um outro exemplo, do mesmo livro, é a visão da língua como resultado de um processo histórico (Fiorin, 2000), que serve de pano de fundo para a caracterização do preconceito lingüístico como fruto da “intolerância em relação à variação e à mudança” (p. 27), preconceito que a própria escola e os gramáticos, como já dito, tratam de difundir. Fiorin focaliza fatos da mídia em que a diversidade

---

<sup>13</sup> Usa-se o termo “normalmente” porque, apesar de essa ser uma realidade entre os manuais normativos, há algumas exceções. É o caso, por exemplo, de Luft (2002), que, ao apresentar a prescrição normativa para determinados verbos (como **pagar** e **perdoar**), tece considerações importantes sobre o *uso real* desses verbos, mostrando que certas lições normativas tradicionais estão sendo substituídas por outras, mais adequadas à realidade lingüística atual.

<sup>14</sup> Esse fato particulariza a obra do romancista, caracterizando-a como de “militância literária” lingüística, daí sua importância no que se refere à questão do preconceito lingüístico.

lingüística é ridicularizada e, com bastante pertinência, examina trechos de uma entrevista de Pasquale Cipro Neto dada à revista VEJA (setembro de 1997), nos quais ele confirma muitos preconceitos lingüísticos partindo da concepção equivocada de que a língua é homogênea e estática. Aproveitando “deixas” de Pasquale na matéria, o autor discorre sobre diferenças entre a fala e a escrita e entre o português brasileiro e o europeu, e discute comentários equivocados como os seguintes: do ponto de vista da **norma** “cultura”, a melhor fala é a do Rio de Janeiro e a pior é a de São Paulo; é idiota quem usa palavras em inglês no lugar de palavras equivalentes em português; em termos lingüísticos “estamos nivelados por baixo” (p. 34); e a “pérola” final, o comentário do referido professor, por ocasião de um conhecido comercial da cadeia McDonalds, de que não teria feito publicidade dos lanches, mas sim divulgado a língua portuguesa. Por fim, considerando amplamente a diversidade lingüística, Fiorin desqualifica com veemência a opinião dos “guardiões da língua”, de que “os lingüistas estão destruindo o idioma, porque para eles vale tudo” (p. 35).

Bagno (1999), ao discutir o que ele chama de “mitologia do preconceito lingüístico” – um conjunto de crenças equivocadas, responsável pela má qualidade e ineficiência do ensino do português nas escolas e pela dificuldade que muitos brasileiros têm no trato com a língua materna –, considera que o “erro de português”, que amedronta, intimida e humilha tanta gente, simplesmente não existe. Haveria, na realidade, diferentes variedades do português, cada uma perfeitamente válida em seu contexto e todas merecedoras de respeito.

Teixeira (2003) é outro lingüista trabalha com a questão do “desvio (=erro)”, questionando se este é um problema realmente lingüístico, ou se é social. Mencionando o mote de Vergílio Ferreira “a verdade é um erro à espera de vez” (p. 125), o autor afirma que, na generalidade da vida, a verdade pode ser um erro à espera de vez, mas “na língua



um erro é sempre uma verdade à espera de vez” (p. 125), ou seja, um “erro” de hoje pode vir a tornar-se uma forma adotada na língua, e passar a ser uma “verdade”. Para ele, se se partir da perspectiva de que alguém altera a língua, está-se dizendo que a língua sofre ataques, distorções e pode até ser levada ao “assassinato”, como afirmam alguns. Além disso, o autor diz que colocar essa questão como o faz a tradição normativa clássica, em termos de “norma/desvio”, é claramente tender para a questão comportamental: a “norma coincide com o bom: ‘anormal’ implica ‘defeituoso, mau’. Um desvio é um comportamento e, como tal, passível de valoração social” (Teixeira, 2003, p. 127).

As opiniões acima expostas reforçam a afirmação de que as prescrições normativas não são de base propriamente lingüística, mas primordialmente de base sociocultural. Desse modo, retomando os questionamentos propostos na **Introdução** deste trabalho a respeito da propagação da prescrição normativa e do papel do lingüista nessa questão, conclui-se, seguindo Neves (2001a e 1997, entre outros), que a avaliação das prescrições da norma não é, definitivamente, questão menor para o lingüista. Por outro lado, diz a autora, este não se dedicaria a tal avaliação para, simplesmente, legitimar a postura gramatical prescritivista. O trabalho do estudioso é, pois, examinar os casos em que há, no uso real, distanciamento da norma e avaliá-los de acordo com o seu conhecimento do funcionamento lingüístico.

Além disso, no estágio em que se encontram as investigações lingüísticas no meio acadêmico, são de fundamental importância projetos que explicitem uma gramática do português observada diretamente nos usos reais da língua (Neves, 2001a), procurando verificar como os enunciados utilizados pelos usuários no seu cotidiano esbarram em pressões (como já visto, geralmente de natureza não-lingüística) que acabam gerando dificuldade na escolha entre o apropriado para determinada situação e o prestigiado pela sociedade.

### 7.3 O ensino da norma na escola de hoje e os estudos lingüísticos

Ainda com relação à tensão entre uso e norma, o que é socialmente prestigiado e o que pode ser usado em situações informais, e qual o papel dos lingüistas na discussão, surge uma nova interrogação: Como fica o ensino da língua portuguesa nas escolas?

Infelizmente, em vários locais há ainda a crença de que ensinar bem uma língua é propagar os ensinamentos contidos nos manuais tradicionais, já que se vincula o acesso ao padrão lingüístico privilegiado à possibilidade de ascensão social. Assim, acredita-se que o papel da escola é fazer com que o aluno assimile a variante padrão da língua, por meio das prescrições normativas. Além disso, tem-se a falsa idéia de que ser um bom conhecedor do idioma é saber explicar o que é “certo” ou “errado” de acordo com o padrão.

Para Castilho (1988), no entanto, a escola é o local em que se deve “sensibilizar o aluno para a variedade lingüística, mostrada na correlação com as situações a que corresponde” (p. 46), sem se ficar preso à questão de “certo” e “errado”. Isso porque, segundo ele, tal distinção é equivocada, havendo apenas “modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas” (p. 46). Desse modo, Castilho aponta que o necessário não é substituir a modalidade do aluno, mas sim lhe fornecer outra adicional, a de maior prestígio, para que, com isso, ao mesmo tempo que ele tenha a oportunidade de ascensão social por meio da língua, continue participando de seu grupo de origem, não passando por um processo de despersonalização.

Quanto ao ensino da norma, Castilho (1988) reafirma a necessidade de não impor bruscamente o padrão, sob pena de se continuar promovendo nas classes baixas o

complexo de “incompetência lingüística”. Seria necessário ao professor, usuário da norma-padrão, familiarizar-se com a nova realidade escolar, em que normalmente se configura, com a chegada de camadas populares, um verdadeiro caso de diglossia.

Soares (1980) também já havia afirmado que a transformação social por meio da educação seria conseguida com uma escola que levasse a um bidialetalismo funcional, ou seja, o objetivo primeiro não deve ser substituir a variedade lingüística do aluno por aquela socialmente privilegiada, mas sim fazer com que este compreenda as relações de força que se estabelecem socialmente e qual a posição de sua variedade na economia dessas relações. Propõe-se ao aluno, assim, “um bidialetalismo não para sua adaptação, mas para a transformação de suas condições de marginalidade” (*idem*, p. 78).

A proposta pedagógica para uma escola transformadora baseada no bidialetalismo pede que se observem *diferenças* entre o dialeto de prestígio e os dialetos populares, rejeitando a qualificação destes como “deficientes”. A apropriação do dialeto de prestígio pelas camadas populares se realizaria não com o objetivo de substituição de seu dialeto de classe, mas para que se acrescentasse a ele, como mais um “instrumento de comunicação”.

Assim, de acordo com Soares (1980), com essa mudança de perspectiva, não mais se consideraria uma única variedade lingüística como *boa, correta*, com base na qual se julgam como *erradas, pobres*, as demais variedades. Seriam levados em consideração os diversos fatores que contribuem para a diversidade lingüística — econômicos, sociais, culturais, políticos, ideológicos — de que a escola e as variedades lingüísticas são produto. O ensino de língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais teria como objetivo levar os alunos pertencentes às camadas populares a dominar o dialeto de prestígio. Isso implica a construção de uma metodologia de ensino que, “a partir dos contrastes entre o dialeto não-padrão e o dialeto-padrão, possa conduzir eficazmente ao

domínio deste” (*idem*, p. 79). Fica mais uma vez confirmada, aqui, como exposto na subseção anterior, a tese de que o uso da língua e, portanto, também o seu ensino na escola, não são apenas processos técnicos, mas também, e sobretudo, políticos.

Um outro estudioso que fala sobre a questão do ensino é Luft (1985b), o qual, assumindo como teoria de base o gerativismo, considera que o aluno já sabe sua língua, tendo-a desenvolvido desde criança, e que possui uma gramática própria. A proposta é que ele “libere mais suas capacidades nesse campo”, ou seja, que aprenda a ler e escrever por meio da prática de linguagem, a partir da exposição a bons modelos de uso de linguagem. O objetivo de Luft é também o de evitar que se silencie o aluno pela imposição de uma língua que não é a sua, mas da escola, língua que vem representada na figura castradora da Gramática Tradicional.

Para obter esse ensino libertário, é preciso, segundo o autor, julgar a linguagem dos alunos, suas composições, como atos de comunicação. Uma vez que estes já possuem uma gramática com todas as regras necessárias para se comunicar, as regras da Gramática Tradicional a serem ensinadas seriam apenas as necessárias para caracterizar a norma-padrão. O autor afirma que a língua é determinada pelo uso, pelo costume, “não por outros critérios como origem, lógica, autoridade, etc.” (Luft, 1985b, p. 17). Como se vê, a ênfase é colocada na comunicação, e, para isso, o importante é “dominar o mais automaticamente possível, o sistema de regras do meio de comunicação” (p. 20).

A língua-padrão, “espécie de língua segunda”, de acordo com o autor, também seria adquirida por intuição, através da exposição constante e prolongada a modelos de uso dessa língua. Esses modelos não seriam necessariamente os clássicos da literatura, mas os escritos da literatura moderna, que melhor representariam o uso “modelar” atual. Segundo Luft, para conseguir-se esse “ajustamento” da gramática do aluno, é primeiramente necessário fazer com que ele tenha confiança em si como falante nativo de uma língua.

Isso não é comumente realizado na escola tradicional, a qual, possuindo o objetivo de apresentar as normas de uma única variedade lingüística, a linguagem escrita formal, não dá a “necessária atenção à plenitude ou totalidade da língua, que inclui variedades de tempo, região, classe social, sexo ou estilo (ou registro, como hoje se diz)” (Luft, 1985b, p. 32). As variedades, segundo Luft, seriam *variantes de gramática*, e, mesmo aquelas que apresentam nível mais “baixo”<sup>15</sup>, seriam completas. Logo, se o aluno já possui uma gramática completa, cabe à escola incentivá-lo a desenvolver essa gramática<sup>16</sup>, oferecendo estímulos para que se liberem “capacidades internas inatas”. Para tanto, o aluno deve ser visto como alguém capaz, e o ensino deve iniciar-se a partir da variedade que ele traz para a escola. Luft afirma, então, que é preciso sempre partir do respeito pela linguagem do aluno, posicionando-se contrariamente ao preconceito vigente na escola, voltada tradicionalmente para as classes sociais que já possuem a variedade lingüística valorizada.

O estudo do confronto entre uso e norma contribui, e consideravelmente, para a obtenção desse objetivo, transformando-se a visão tradicional do ensino da língua em algo mais condizente com a realidade sociolingüística atual.

#### 7.4 A questão da variação

“As línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo” (Faraco, 1991, p. 9). Essa citação retrata bem o que se afirma desde a **Introdução** deste trabalho sobre a língua: que

---

<sup>15</sup> A respeito dessa “qualificação” feita por Luft: se toda gramática é completa, não se pode considerar que existe um nível “baixo” e um nível “alto”. O que se tem são variações, e, embora se respeite a opinião do autor sobre esse assunto, nesta dissertação acredita-se que a idéia de “desenvolver a gramática do aluno” parece bastante estranha, já que o objetivo é aceitar e estudar, sempre que possível, os usos que se fazem da língua.

<sup>16</sup> Ver nota anterior.

ela é, naturalmente, heterogênea e passível de variação e mudança. Nenhum estudo lingüístico que parta de um pressuposto que se oponha a isso terá uma boa fundamentação.

A dinamicidade da língua é observada por meio das mudanças lingüísticas. Estas não se dão rapidamente, mas sim de forma lenta e quase imperceptível, já que atingem partes, e não o todo, da língua, e, de acordo com Faraco, isso significa que “a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência” (Faraco, 1991, p. 9), o que reforça a imagem estática que a maioria dos falantes têm da língua. Além disso, segundo o autor, a mudança se dá de forma muito mais clara na língua falada, já que a escrita é uma modalidade mais estável, e modera, de certa forma, as mudanças (o que reforça o que se disse sobre a certa uniformidade mantida na língua, que é o que garante uma comunicação eficiente entre todos os seus usuários). Mais do que isso, continua Faraco, somos remetidos ao pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua, que é o de que a heterogeneidade lingüística não é aleatória, mas governada por regras.

De qualquer maneira, é preciso considerar que, mesmo havendo fatores de unificação (conforme discutido em Meillet, 1911), há variação, e esta pode estar presente em vários campos. Essas variações podem implicar uma mudança no próprio sistema, como é o caso, por exemplo, da transformação ocorrida na passagem de *Vossa Mercê* para o atual *você*, vocábulo unanimemente aceito e dicionarizado. No entanto, como alerta Faraco (1991, p. 13), nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação, ou seja, há casos de variação que acabam sendo assimilados pelo sistema (como o caso do **você**), mas há outros que não chegam a esse ponto.

Assim, de acordo com o autor, estudar uma língua por completo significa considerar seus diversos dialetos e variedades, levando em conta as especificidades de cada grupo de falantes, em cada região, de cada faixa etária, sexo, grau de escolaridade, nível

social, etc. É aí que entra o fundamental papel da Sociolingüística. Essa área interdisciplinar é a responsável pelos estudos particulares de cada fator que influencia as possíveis diferenças fonológicas, morfológicas, gramaticais, etc. dentro de uma dada língua, e considera a variação como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente; ou seja: as opções de uso disponíveis para o falante são influenciadas por fatores estruturais e sociais, e é possível identificar as tendências que regulam essas alternâncias de uma forma sistemática. A Sociolingüística contribui, portanto, para que a variação, a diferença, seja vista não como possível deficiência, mas como “garantia de eficiência da comunicação” (Neves, 2001a, p. 34).

De acordo com Faraco (1991, p. 17), todo estudo sociolingüístico deve basear-se em dados comprobatórios, para se evitar

(...) transferir juízos de valor do senso comum para o trabalho de descrição e de interpretação dos fenômenos lingüísticos (em especial quando se trata de realidades de sua própria língua), porque esses juízos não têm, na maioria das vezes, base empírica e não passam de enunciados preconceituosos.

É preciso, portanto, como também afirmam Savioli e Fiorin no Prefácio ao *Guia de uso do português* (Neves, 2003a), “proceder a um levantamento criterioso, baseado em pesquisa de *corpus* e não no palpite de uma suposta autoridade” (p. 8), para garantir se um uso está ou não de acordo com a norma-padrão escrita.

William Labov, considerado o maior representante da corrente sociolingüística denominada de *Teoria da variação lingüística* ou *Variacionismo*, também declara, dentro dos pressupostos dessa teoria, a importância de se ressaltarem dois aspectos: o primeiro é o caráter eminentemente social dos fatos lingüísticos, e o segundo é a percepção da variabilidade a que esses fatos estão continuamente submetidos. Resumindo os ensinamentos desse lingüista em uma única frase, a língua e a sociedade estão tão

intimamente relacionadas que se torna impossível conceber a existência (e o estudo) de uma sem a outra.

De acordo com os ensinamentos de Labov, o Variacionismo (e pode-se dizer que, mais amplamente, a Sociolinguística), visa responder à questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (Labov, 1972 e 1994).

Por fim, a análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (isto é, *sincronicamente*) e os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (isto é, *diacronicamente*).

Para encerrar esta subseção, recorre-se novamente à teoria funcionalista, vista na seção 6, lembrando que ela também oferece alguns aparatos para a avaliação da variação linguística e suas manifestações no uso, já que, segundo Neves (1997, p. 77), ela:

- a) é dirigida para a questão da comunicação eficiente, a chamada “competência comunicativa” dos falantes (...).
- b) é inserida em um “modelo de interação verbal” (Dik, 1997) que se assenta na relação entre “intenção” do falante (baseada na “antecipação da interpretação” do ouvinte) e “interpretação” do ouvinte (baseada na “reconstrução da intenção” do falante), tudo governado pela noção de que a interação bem sucedida traz modificação na “informação pragmática” dos interlocutores (...).
- c) afinal, e em conseqüência, é assentada no ponto de vista de que o “usuário da língua natural” (Dik, 1997) opera não apenas com “capacidade linguística”, mas também com “capacidade epistêmica”, “capacidade lógica”, “capacidade perceptual”, e, afinal, “capacidade social”, pela qual



não apenas ele sabe o que dizer “mas também como dizê-lo a um parceiro comunicativo particular, numa situação comunicativa particular, para atingir objetivos comunicativos particulares”.

### 7.5 A variação preposicional

Como o objetivo principal deste estudo é verificar o que ocorre na regência verbal quanto à tensão entre o que recomendam os manuais normativos e o que ocorre realmente na língua em uso, também cabe atenção às preposições, já que elas são o ponto central da questão, especialmente no cotejo de formas variantes de realização da regência. Na maioria dos casos de regência verbal, verifica-se se o uso da preposição é ou não obrigatório, e se o usuário obedece ao que recomenda a prescrição normativa quanto a esse uso. No entanto, em outros casos, mais especificamente para os verbos **ir** e **chegar**, aqui analisados, podem ocorrer diferentes preposições, o que gera o interesse, também, pelo estudo dos fatores que levaram à utilização desta ou daquela preposição, questão ainda não muito abarcada pelos estudos lingüísticos. O que se pretende nesta subseção é demonstrar que a variação preposicional não pode ser deixada de lado num estudo que pretenda confrontar norma e uso na regência verbal.

Vários trabalhos, relativamente recentes, têm demonstrado que o emprego das preposições nos complementos verbais vem sofrendo algumas modificações há alguns séculos. Podem-se citar, a esse respeito, dentre outros, os trabalhos de Berlinck (2000c, 2001, 2003, 2004), Gonçalves (2004), Tarallo (1983), Ramos, (1989) e Mollica (1996). Um grande consenso sobre o uso das preposições é que elas ganharam um espaço muito grande no sistema das línguas românicas, e esse é o traço apontado como um dos diferenciadores dessas línguas em relação ao latim (como se encontra, p. ex., em Berlinck,

2000c e 2003). Como consequência dessa ampliação no uso das preposições, houve uma grande expansão e variação dos significados originais de algumas delas, o que provocou, algumas vezes, situações de superposição (uma preposição invadindo parcial ou totalmente o espaço de significação de outra) (Câmara Jr., 1985). Essas situações tensas deram origem à variação, que, em alguns casos, se resolveu ao longo do tempo, com o predomínio de uma variante preposicional sobre a outra, mas, em outros casos, ainda hoje se verifica uma “aparente”<sup>17</sup> competição entre as variantes.

Em estudo bastante recente sobre as construções locativas<sup>18</sup> do português do século XIX, Berlinck (2004) verificou que a preposição **a** predominava na expressão de espaço, embora sofrendo forte concorrência das preposições **para** e **em**. Pontes (1992) mostra que, por outro lado, no final do século XX, a preposição **a** já não constituía a opção mais usada, cedendo lugar para suas variantes, o que confirma a tendência de um uso cada vez menor dessa preposição. De acordo com a autora, nos contextos em que ela significa “localização”, a concorrente preferida seria **em**, enquanto nos casos de “direção”, a preferência recairia sobre **para**. Reunindo os resultados das análises de língua falada realizados por Berlinck (1996) e Malvar (1996), Berlinck (2000c) mostra quais as preposições utilizadas na expressão de complementos com valor “meta”, nesse tipo de variedade, ilustrando a tendência da não-utilização da preposição **a**:

	A	PARA	EM	total
PBM	4%	74%	22%	566

Quadro 1. Variação de preposições em SPs ‘META’ no PB moderno, *apud* Berlinck (2000c)

Aliás, essa tendência, também apontada por Pontes (1992), é largamente atestada em vários estudos sobre o português brasileiro atual, como em Mollica (1996), Berlinck (1997) e Gomes (2003).

<sup>17</sup> Usa-se o termo “aparente” porque, como se explica, na realidade cada preposição utilizada tem um valor semântico intrínseco, não sendo, desse modo, verdadeiras “competidoras”.

<sup>18</sup> Entendidas no sentido proposto por Dias da Silva e Dezzotti (1987).

De acordo com Mollica (1996), a gramática tradicional recomenda o emprego do verbo **ir** de movimento com as preposições **a** e **para**, sugerindo a primeira a idéia de [-permanência] e a segunda de [+permanência], não se admitindo, em hipótese alguma, a forma **em**. No entanto, a autora aponta que tal variante repudiada pelo padrão podia já ser encontrada em textos do início do século XIX (como demonstra Lessa, 1966, *apud* Mollica, 1996) e, mais abundantemente, na língua falada moderna.

Os estudos de variação preposicional encontrada nos complementos verbais, portanto, confirmam que a gramática normativa tradicional – que recomenda o uso da preposição **a** para os complementos dos verbos de direção – continua prescrevendo normas que nem sempre condizem com o uso. Aliás, tal afirmação também faz Berlinck (2003), ao dizer que o uso limitado da preposição **a** “se opõe frontalmente àquilo que se aponta como regra para o português em obras de cunho normativista e à variação observada com esses mesmos complementos em estágios anteriores do português brasileiro” (p. 42). Além disso, a autora afirma que a preposição **a** tende a ficar restrita a registros formais ou à língua escrita, soando pouco usuais no português falado coloquial<sup>19</sup>, e completa dizendo que a resistência dessa preposição à mudança lingüística está associada, primeiramente, à sua ligação com uma configuração de sentido mais abstrato, mas, em segundo lugar e não menos importante, às “instâncias defensoras e mantenedoras da norma gramatical: escola, instituições que cultivam um uso lingüístico formulaico, gramáticos” (p. 44), já que essas instituições insistem em recomendar o uso dessa preposição como o “mais correto”.

Vale ressaltar que essa variação preposicional é, primordialmente, de base semântica, já que é muito importante observar a diferença de sentido que as construções obtêm com o uso das diferentes preposições (Neves, 2004). Como os complementos regidos pelas preposições aqui em estudo são os de direção dos verbos de movimento, mais

---

<sup>19</sup> Afirmação que ela ilustra com os trabalhos de Mollica, 1996 e Malvar, 1996.

especificamente **ir** e **chegar**, é desnecessário dizer que todas elas expressam esse movimento. No entanto, observa-se que as preposições **a** e **até** diferem de **para** pelo fato de as primeiras, normalmente, não carregarem a idéia de permanência no local de destino, expressa por **para**, como se observa nos seguintes exemplos:

- (1) *Vai até a janela, com a cabeça erguida, a água a borbulhar-lhe na bôca, e assim fica por alguns segundos.* (CCR-R) [-permanência]
- (2) (...) *devo informar à câmara que quando **cheguei a** Montevidéu no ultimo dia do mês de Outubro de 1851 já estava feito o acordo entre o general Urquiza, Oribe e suas tropas (...).* (EIN-T) [-permanência]
- (3) *Quando o dr. Antônio Pôrto teve que vender suas roças para **ir para** o Sul, ante o escândalo pavoroso que dera sua mulher, saindo de casa atrás do amante (...).* (SJ-R) [+permanência]

Já a preposição **em** não indica propriamente “movimento em direção a um lugar”, mas sim “inserção *em* um lugar” (Neves, 2004), sendo preferida, usualmente, nos casos em que se tem um complemento de destino com o traço [fechado]<sup>20</sup>, como se observa em:

- (4) *Enquanto estava nesse vexame, ela nadou, nadou, **chegou em** casa, contou aos parentes o que acontecera, mas sem falar em Zambi-a-pongo.* (MAB-T)
- (5) *Amanhã **vou no** dentista.* (= consultório dentário) (TC-R)

Tal fato ocorre porque a preposição **em** pode ter, além do valor de “movimento”, também o valor de “situação”, conotando “posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (Cunha e Cintra, 1985, p. 557). Alguns gramáticos apontam como principal acepção dessa preposição “lugar onde”, casos de Bechara (1968, p. 357) e Rocha Lima (1983, p. 343), os quais afirmam ainda que **a** e **para**

<sup>20</sup> Lembrando que esse traço se refere ao “recinto cujo espaço seja mais demarcado” (Mollica, 1996, p. 156), podendo este recinto ser um cinema, um consultório, ou então uma cidade, um endereço especificado.

têm o valor de movimento, além de a última poder apresentar, também, o valor de finalidade.

## **7.6 Considerações Finais**

Nesta seção realizou-se uma breve discussão a respeito de temas centrais para o desenvolvimento desta pesquisa: variação, norma X uso e a tensão entre lingüistas e gramáticos normativos, além do papel da escola nessa questão. O que se procurou demonstrar, primeiramente, foi a necessidade de se estudar a língua partindo do seu **uso**, e não de suposições teóricas a respeito de algo idealizado e irreal. Para isso, não se deve deixar de considerar que há vários fatores que influem para tornar a língua heterogênea – apesar dos fatores que, de certa maneira, controlam a variação –, lembrando sempre que não existe e nunca existirá uma língua única e homogênea.

Conclui-se, portanto, que o ensino de Português nas escolas não pode se limitar à transmissão de ensinamentos normativos tradicionais que excluem, como se não existisse, o dialeto trazido pelo aluno à sala de aula. Desse modo, fica mais uma vez confirmada a importância da participação dos lingüistas na questão da tensão entre uso e norma, já que estes são os legítimos estudiosos e conhecedores da língua em seus diversos aspectos. Além disso, e principalmente, jamais se pode deixar de considerar, em nenhum estudo ou mesmo na transmissão de conhecimentos, a variabilidade como uma característica inerente da língua.

## **8 ESTUDO DA MANIFESTAÇÃO DA TRANSITIVIDADE VERBAL**

Nesta seção apresentam-se e comparam-se conceitos como transitividade, complemento verbal e regência. Primeiramente faz-se um breve panorama a respeito da valência verbal (intimamente ligada à regência) e do conceito de regência, conforme encontrado em gramáticas antigas e contemporâneas, procurando-se traçar um paralelo entre os dois períodos quanto às definições e especificidades encontradas para a regência verbal. A seguir, comparam-se, historicamente, os conceitos de verbos transitivo e intransitivo, e complementos verbais (distinguindo-se os diversos tipos existentes e mencionados antes e atualmente).

Logo depois, são discutidos alguns aspectos da classificação das construções locativas em complementos verbais ou adjuntos, ou seja, partindo-se de trabalhos já existentes sobre o assunto, mostra-se se os locativos constituem termos obrigatórios ou acessórios das frases. A transitividade verbal é tratada, ainda, sob outros pontos de vista, discorrendo-se sobre quais os fatores mais importantes em seu estudo. Por fim, procede-se a uma análise comparativa da regência para cada verbo aqui estudado, de acordo com o tratamento dado a eles nos manuais anteriores e posteriores a 1950.

### **8.1 A valência verbal**

Por ser questão central neste trabalho o estudo da regência verbal inserida na tensão entre norma e uso, é imprescindível entender melhor a relação entre o verbo e seus complementos. Para tanto, recorre-se à teoria das valências, a qual, desenvolvida a partir dos anos 50, coloca o verbo como categoria central na análise das frases. Em Neves (2002)

pode-se encontrar uma visão geral do desenvolvimento dessa teoria, passando pelos estudos, principalmente, de Tesnière, Helbig e Engel. De acordo com a gramática de valências, o verbo não é apenas a razão de ser da oração, mas o centro de onde emanam os controles a cada um de seus argumentos, cujo número varia de acordo com a valência de cada verbo. Segundo Borba (1996), essa valência pode variar de 0 a 4, tendo valência 0 os verbos que não aceitam nem sujeito nem complemento (como o verbo **chover**), e valência 4 aqueles verbos que, além do sujeito, podem aceitar até três complementos (exemplo: “Ele **traduziu** o romance do italiano para o inglês”). Nesse modelo, para encontrar os limites da oração, tanto à esquerda quanto à direita, basta identificar a valência do verbo e, a partir daí, localizar os argumentos que a ele estão ligados.

Como apontam Vilela e Koch (2001, p. 76), valência e regência estão intimamente unidas, sendo, a segunda, a parte linearizada e exterior da primeira, isto é, a regência é “a componente sintática e morfossintática da valência”.

De acordo com Borba (1996 e 1987), na teoria das valências o ponto de partida para a análise é a oração, e a sintaxe e a semântica estão intrinsecamente ligadas nessa análise. No entanto, há uma diferença entre elas: enquanto a sintaxe parte da referência para a análise, a semântica analisa a própria referência.

Uma outra proposta teórica extremamente importante e ligada à gramática de valências é a gramática de casos (“case grammar”). Vilela (1992) explica que essa gramática considera que a “estrutura profunda clássica de Chomsky não pode fornecer todos os dados necessários para a interpretação semântica da frase” (p. 131). Assim, o que ela propõe é que haja relações casuais entre o verbo e os sintagmas nominais, e que essas relações se dêem não no sentido tradicional (morfológico), e sim no sentido semântico. A gramática de casos considera, como ponto de partida, a existência de uma estrutura subjacente, na qual o verbo é o predicado, havendo, entre ele e os outros elementos da

frase, uma relação semântica. Em vista disso, unindo a teoria das valências e a gramática de casos, se estaria incorporando “na própria hierarquização de elementos as relações semânticas existentes entre regidos e regentes, de que resulta a estrutura semântica da frase” (Neves, 2002, pp. 113-114).

A gramática de valências, portanto, dá conta da rede de dependências contraídas pelos argumentos com relação ao predicado, e liga-se a uma gramática de casos. Há três tipos de valência (Borba, 1996). A valência quantitativa indica o número de argumentos que um verbo pode apresentar. Por exemplo, os verbos **ir** e **chegar** têm valência 2, já que exigem dois argumentos, um “agente” e um “meta”, como em “A garota foi ao shopping”. À valência quantitativa associa-se a valência sintática, que permite a identificação das classes que preenchem os argumentos (na sua grande maioria nomes, e, eventualmente, advérbios (modais) e orações (conjuncionais/infinitivas)). Os argumentos expressos por nome ou oração podem ser ou não introduzidos por preposição, e “o mecanismo que atua no esquema superficial controlando o uso, a distribuição e o estatuto das preposições com relação aos verbos da língua” (Borba, 1996, p. 48) é chamado de **regência**, a qual constitui o processo-foco desta pesquisa. Por fim, tem-se a valência semântica, que diz respeito às propriedades semânticas dos verbos, a sua subcategorização em traços, o que está diretamente implicado nas restrições seletivas. Segundo Borba (1996), a semântica lexical costuma subagrupar o léxico em conjuntos por afinidades de traços (por exemplo, há um traço comum de “movimento” entre verbos como **ir** e **chegar**, dentre outros), mas, ainda segundo o autor, isso é incompleto e superficial, pois não revela a dinâmica léxica, nem em relação ao jogo estrutural de traços, nem em relação à combinatória que compõe a comunicação lingüística. É preciso cruzar vários valores e itens para que o léxico apareça como uma rede de inter-relações sintático-semânticas ou um “tecido gramatical pronto para a comunicação lingüística” (Borba, 1996, p. 51). Ou



seja, segundo Borba, os traços de substância léxica só se tornam “transparentes” quando se especificam pela combinação com outros, possibilitando assim a ampliação das áreas lexicais, aproximando itens com novos traços. Pelos exemplos seguintes, pode perceber-se isso claramente:

(6) O garoto **subiu** na árvore.

(7) A maré **subiu**.

(8) A temperatura **subiu**.

Observando-se os valores semânticos do verbo **subir**, obtém-se a sua estrutura sintática: no exemplo (6), o verbo tem complemento, ou seja, é um verbo de dois lugares e significa “trepar”, “galgar”, enquanto nas orações (7) e (8) os significados são diferentes do anterior, e a valência quantitativa e sintática também.

Conclui-se, então, que existe um entrelaçamento de propriedades sintáticas e semânticas entre os itens léxicos. Posto isso, é possível concluir que: (i) o ponto de partida ou de referência de um item são seus traços semânticos; (ii) os traços de um item se combinam com outros, resultando num conjunto de valores para esse item; (iii) esses valores semânticos se associam a outros itens e as equivalências progridem em várias direções e escalas.

## 8.2 O conceito de regência

Ribeiro (1915) define regência como a dependência das várias partes da proposição, cujo sentido é determinado por uma delas, e distingue, na sintaxe de regência, as partes **regentes** (preposições, adjetivos que pedem complementos, verbos, e, algumas vezes, advérbios e as próprias proposições) e as partes **regidas** (palavras, orações ou

proposições que ficam sob a dependência das regentes). A sintaxe regular de regência existe quando as partes regentes têm expressos, na proposição ou frase, seus respectivos complementos, e estes, os seus respectivos antecedentes. Do contrário, ocorre a sintaxe irregular de regência (p. 732). Soares Barbosa (*apud* Fávero, 1996, p. 251) diz que a sintaxe irregular é reduzida à regular pela elipse, sendo esta “uma figura pela qual se calla alguma palavra ou palavras necessarias para a integridade grammatical da frase, mas não para sua intelligencia”.

Souza Lima (1945) diz também que a relação de regência é indicada na frase pelas *preposições, conjunções* ou pela *ordem, posição, colocação* de certos termos<sup>21</sup>.

As gramáticas atuais, por serem feitas, em sua maioria, para utilização nas escolas, normalmente trazem uma linguagem que tenta ser mais clara e simples. Um exemplo está em Faraco e Moura (1999, p. 511): “**Regência** é a relação de dependência que se estabelece entre dois termos”. Além disso, os autores explicam que os termos que exigem a presença de outros se denominam **regentes** ou **subordinantes**, e aqueles que completam o sentido de outros se chamam **regidos** ou **subordinados**. Para completar, diz-se que, quando o termo regente é um verbo, dá-se à regência o nome de **regência verbal**.

Ligando a regência à valência, Vilela e Koch (2001, p. 76) definem a primeira como sendo a parte linearizada e exterior da segunda (como já dito na subseção anterior), ou seja, aquela é a componente sintática e morfossintática desta. De acordo com os autores, a mudança da oposição única entre verbos transitivos e intransitivos (das gramáticas tradicionais) para a oposição entre verbos transitivos diretos e indiretos (das gramáticas atuais) é uma questão de “perspectivação morfossintática” daquilo a que se chamava valência e que agora passou a ser chamado regência. Ou seja, a análise anterior previa

---

<sup>21</sup> A mesma indicação, mais modernamente, pode ser encontrada em Almeida, 2003, capítulo LIV.

apenas a identificação dos argumentos verbais, enquanto a atual prevê, também, a análise particularizada desses argumentos.

De modo geral, tanto nas obras mais antigas quanto nas atuais, as definições encontradas para regência são as mesmas, variando apenas a linguagem utilizada para sua explicação. Talvez uma diferença sutil que também possa ser observada é o fato de os gramáticos mais antigos mostrarem-se, de certa forma, defensores da “beleza” da língua, de sua “elegância”. A maioria deles não nega a existência da variação lingüística, mas posiciona-se claramente a favor da valorização da variante utilizada pelos “bons” escritores e prescrita pela gramática tradicional, deixando de lado, portanto, os usos dos falantes comuns, e indicando que é melhor evitá-los<sup>22</sup>.

### 8.3 Os tipos de verbos e seus complementos

Em Ribeiro (1915), obra clássica do início do século passado, define-se **complemento** como toda palavra que se liga a outra para lhe completar o sentido. Mais especificamente – diz o autor –, existem o **objeto direto** (ou imediato), que é pedido direta e imediatamente pela significação do **verbo transitivo direto**, completando-o, em geral, sem interposição de preposição, e o **objeto indireto** (ou mediato), que completa, por intermédio de uma preposição, o sentido do **verbo transitivo indireto** ou de qualquer outra palavra que peça complemento. Quando o objeto indireto exprime uma circunstância de lugar, tempo, meio, causa, modo, matéria, instrumento, quantidade, companhia, exclusão, preço ou estimação, fim, excesso, oposição, substituição é geralmente chamado de **circunstancial** (p. 576).

---

<sup>22</sup> Como é o caso, por exemplo – já citado na **Introdução** –, de Góis (1938), que faz distinção entre o que é utilizado pelos usuários e o que é regulado pela norma, considerando o segundo caso como “melhor vernáculo”.

Ainda de acordo com Ribeiro, os *verbos transitivos diretos* têm complemento (objeto) direto, o qual é empregado sem preposição, conforme já dito; mas há casos em que a preposição é empregada para evitar algum equívoco, ou, ainda, quando lhe é dado um outro valor – esses casos são os chamados *objetos diretos preposicionados*. Por fim, Ribeiro diz que o complemento indireto compreende o determinativo, o restritivo, o terminativo e o circunstancial<sup>23</sup>, e é precedido, geralmente, de preposição, ou então é expresso pelas variações pronominais que a implicam (p. 732-733).

Pereira (1909) também afirma que o verbo transitivo direto (ou simplesmente *transitivo*) reclama um **objeto direto**, substantivo ou pronominal, e por isso é considerado um verbo de *predicação incompleta*. De acordo com o autor, esse objeto paciente da ação verbal, no latim, revelava-se pelo *acusativo sem preposição*, e, em português, revela-se pela sua posição imediata ao verbo, ao qual se prende sem preposição. No entanto, ele mostra que desde o latim já havia alguns casos em que a representação do objeto direto se fazia pelo acusativo reforçado pela preposição *ad* (hoje: **a**) – especialmente quando o termo em acusativo é nome de pessoa –, casos que geraram o que hoje se conhece como *objetos diretos preposicionados* (p. 468).

Segundo Pereira, o verbo transitivo indireto também tem *predicação incompleta*, mas dirige-se a um termo que se prende ao verbo indiretamente, ou seja, por meio de preposição. A esse termo dá-se o nome de **objeto indireto** ou **complemento terminativo**, e o verbo também pode ser chamado de **relativo**. Para ele, o objeto indireto assume quatro aspectos fundamentais: atribuição, direção, origem, relação. Além disso, o autor diz que muitos verbos têm predicação duplamente incompleta (são **bitransitivos**), e são quase sempre acompanhados do *acusativo* de coisa e *dativo* de pessoa, podendo ser,

---

<sup>23</sup> O autor não cita exemplos desses tipos de complementos.

ambos os casos, de coisas ou de pessoas. Por fim, ele menciona que alguns verbos intransitivos são empregados transitivamente e vice-versa<sup>24</sup>.

Souza Lima (1945) acrescenta algumas definições às fornecidas pelos autores anteriores: segundo ele, o **complemento objetivo direto** ou, mais simplesmente, *complemento direto* ou *objeto direto*, é o que representa o paciente ou o resultado da ação do verbo ativo. Substituindo-se a construção ativa pela passiva, o complemento daquela passa a sujeito; por sua vez, o **complemento objetivo indireto** ou, mais simplesmente, *complemento indireto* ou *objeto indireto*, é o que representa uma pessoa ou coisa em cujo proveito ou desproveito se realiza a ação do verbo transitivo ou intransitivo. Esse complemento, quando substantivo ou palavra equivalente, vem sempre precedido da preposição **a**, e facilmente se reconhece fazendo-o corresponder, na 3ª pessoa, às variações pronominais *lhe*, *lhes*. O verbo construído com esse complemento pode chamar-se *verbo transitivo relativo* ou *intransitivo relativo*.

Como **complemento circunstancial**, o autor define aquele que acrescenta ao sentido de outra palavra uma particularidade acessória, com ou sem preposição, citando como exemplos “veio **do Rio**” e “chegou **domingo**”, dentre outros. Ele fala, ainda, do **complemento terminativo**, que é aquele que, se ligado a um verbo intransitivo<sup>25</sup> ou intransitivado, por meio das preposições **a**, **com**, **de**, **em**, **por**, **sobre**, serve para indicar uma circunstância necessária. Exemplos: “*assistimos ao espetáculo*”, “*assistira ao banquete*”.

Interessante notar que os manuais atuais, embora apresentem as mesmas definições e explicações para objeto direto e indireto abarcados pelas obras antigas, não fazem nenhuma alusão aos demais complementos mencionados por elas, como a designação do objeto indireto como complemento terminativo. Uma boa explicação do que

---

<sup>24</sup> Todas as definições e explicações encontradas em Pereira, são também encontradas em Góis (1938) e, mais modernamente, em Almeida (1999).

<sup>25</sup> Lembrando que esse termo é usado no sentido do atual verbo transitivo indireto.

são todos esses complementos em comparação com os casos do latim, o que é bastante esclarecedor, pode ser encontrada em Fávero (1996), que faz uma cuidada análise da obra de Soares Barbosa. O que a autora explica, com base no gramático, é que há quatro tipos de relações e, conseqüentemente, complementos: o objetivo, que corresponde ao acusativo latino, o terminativo, que corresponde, em parte, ao dativo latino, o restritivo, que seria equivalente ao genitivo, e o circunstancial, correspondente ao ablativo.

Quanto ao complemento circunstancial, com exceção de Rocha Lima (1983), as gramáticas atuais não o citam, e hoje ele é tido como **adjunto adverbial**, correspondendo aos termos utilizados para expressar noções como tempo, lugar, modo, etc. Além disso, as gramáticas atuais fazem uma clara distinção entre os “elementos integrantes” da oração, que incluem o objeto direto e o objeto indireto, e os “elementos acessórios”, que incluem o adjunto adverbial. Isso é altamente discutível, conforme se observará na subseção seguinte, pois alguns complementos locativos não são opcionais e, portanto, não podem ser classificados como meros adjuntos. É o que também afirmam Vilela e Koch (2001, p. 77), ao dizer que a maior parte das gramáticas não segue critérios coerentes na distinção entre verbos transitivos e intransitivos, ficando geralmente no segundo grupo todos os verbos que não se enquadram no primeiro. No entanto, para eles, há também os verbos que pedem um complemento diferente do objeto direto e do objeto indireto, os quais devem ser designados “transitivos adverbiais” (*idem*, p. 78) e incluem os verbos direcionais (*chegar a, ir a/para*), os situativos (*morar em*) e os modais (*viver bem*).

Um dado extremamente ligado a um dos objetivos deste trabalho, o de verificar até que ponto as prescrições normativas tradicionais estão de acordo com o uso da língua, é a crítica à classificação tradicional de transitividade feita por Perini (1996), conforme se observa na subseção seguinte. Resumidamente, o que ele propõe é, de maneira oposta ao que se faz tradicionalmente, que a classificação da transitividade parta de critérios

sintáticos, não deixando de lado a semântica. O que normalmente se afirma é que a classificação de um verbo depende de seu contexto, como é o caso de Bechara (1992, p. 49), que diz que “a classificação do verbo – como de qualquer palavra – depende da situação em que se acha empregado na frase”<sup>26</sup>. Mateus *et alii* (1983, p.227), por outro lado, explicam que, quando um verbo transitivo direto, por exemplo, é usado como intransitivo, o seu objeto é simplesmente considerado nulo, o que não implica uma mudança de classificação do verbo<sup>27</sup>. Halliday (1994, p. 163) mostra ainda que os termos intransitivo e transitivo não são apropriados em alguns casos, como em (respectivamente) “*the tourist ran*” e “*the Lion chased the tourist*”. Para ele, trata-se, antes, de uma oposição entre uma forma não-ergativa e uma forma ergativa.

Mateus *et alii* (1983) apresentam classificação um pouco diferente das demais para os complementos verbais, partindo da gramática de valências. Segundo os autores, “se, de um ponto de vista semântico, a operação **predicar** consiste em atribuir uma determinada propriedade a um certo termo ou em estabelecer uma relação entre termos, *do ponto de vista comunicativo, o acto de predicar (e, portanto, a construção de predicacões) visa, fundamentalmente, descrever estados de coisas relativos a um dado universo de referência*” (*idem*, p. 46 – grifos da autora). Dos predicados expostos por ela, destacam-se os seguintes, por corresponderem aos verbos aqui em estudo:

I. P<sub>proc</sub> **experienciais** (um ou dois lugares), que exprimem propriedades ou relações dinâmicas “vivas” por uma entidade *experienciador*. A este grupo pertencem os verbos aqui estudados, **assistir** e **obedecer**.

II. P<sub>ev</sub> **causativos transferenciais** (tipicamente predicados de três lugares), que exprimem “a transferência da entidade designada pelo argumento *objeto*, da entidade

<sup>26</sup> Esta é, também, a lição dada por certos lingüistas estrangeiros, como Jespersen (*apud* Lehrer, 1970).

<sup>27</sup> A esse respeito há, também, um trabalho de Lehrer (1970), a qual acrescenta que, para uma completa descrição dos verbos, além das informações sintáticas e semânticas, devem ser considerados outros traços, como certas restrições seletivas entre os verbos e seus objetos.

designada pelo argumento *origem* para a entidade designada pelo argumento *recipiente*” (Mira-Mateus, 1983, p. 64). Fazem parte deste grupo os verbos **pagar** e **perdoar**.

III. P<sub>ev</sub> **não causativos de atividade mental** (dois lugares), que exprimem atos de percepção ou cognição envolvendo uma entidade controladora. É o grupo dos verbos **esquecer(-se)** e **lembrar(-se)**.

IV. P<sub>ev</sub> **não causativos de movimento**, que exprimem o deslocamento de uma entidade *origem* ou *objeto* para um dado lugar *locativo*. Pertencem a este grupo os verbos **chegar** e **ir**.

Quanto ao **objeto direto**, Mateus *et alii* o definem como a “função sintática do argumento interno de predicados verbais de dois ou três lugares que é, tipicamente, paciente (com P<sub>e</sub>) ou objecto (com P<sub>proc</sub> ou P<sub>ev</sub>)” (p. 226). Segundo os autores, ele ocorre sem regência preposicional. O **objeto indireto**, por sua vez, é definido como a “função sintática do argumento interno de verbos de dois ou três lugares que tem, tipicamente, a função semântica de recipiente ou de origem” (p. 229), e vem sempre regido de preposição ou na forma dativa do pronome correspondente.

Um outro ponto interessante a notar é que Mateus *et alii* (1983), assim como Perini (1996), criticam a classificação tradicional dos verbos transitivos e intransitivos, especialmente como exposto em Cunha (1980). Isso porque, segundo os autores, as definições propostas por este são nocionais, e não permitem o recurso a um critério formal para identificação dos verbos transitivos e intransitivos (Mateus *et alii*, 1983, p. 240). Além disso, de acordo com eles, o único critério tradicional de diferenciação entre o objeto indireto e o direto é a presença ou não da preposição, o que nem sempre é válido. O que propõem, então, é a classificação de “oblíquo” para qualquer argumento de um predicado a que não seja atribuída nenhuma das funções sintáticas centrais. Assim, entrariam nesse grupo, *a aula* em “O aluno não assistiu à aula” e *a Maria* em “O João gosta da Maria”



(lembrando que eles também afirmam que esse tipo de complemento não é obrigatório). Por esse motivo, os autores classificam como **verbo transitivo** qualquer predicado verbal de dois ou três lugares que admita um argumento nuclear objeto direto, e como **verbo intransitivo**<sup>28</sup> qualquer predicado verbal de um ou dois lugares que não admite objeto direto.

Num estudo comparativo entre diversas obras gramaticais, nota-se, portanto, que elas não apresentam um tratamento uniforme quanto às definições de transitividade e, em especial, quanto ao estatuto dos complementos verbais e ao modo como eles se configuram. Analisando a transitividade verbal, Gurpilhares (1984) conclui, observando os conceitos dados por diversos lingüistas e gramáticos (dentre eles Mattoso Câmara Jr., Charles Fillmore, Lucien Tesnière, Celso Pedro Luft, Rocha Lima), que a transitividade decorre da actância, ou seja, da relação entre a ação verbal e os termos que dela participam (actantes). Quanto aos tipos de relações que se estabelecem entre os actantes, a autora verificou três posições entre os estudiosos:

- a) a daqueles que, como Mattoso Câmara Jr., consideram a transitividade em sentido restrito, ou seja, verbo transitivo é só aquele cuja ação recai sobre um elemento exterior ao processo; nesse caso só seria complemento verbal o objeto direto;
- b) a daqueles que, como Tesnière, consideram a transitividade em sentido lato, e para os quais, complementos verbais são todos os elementos que participam do processo, até mesmo o sujeito;
- c) a daqueles que, como Luft, consideram como complementos verbais: o alvo do processo, o beneficiário, bem como a origem, a meta e o itinerário do movimento. (p. 44)

Com relação aos complementos verbais, especialmente aos preposicionados, a falta de uniformidade existente nas denominações também é notável: além de objeto indireto, o complemento regido por preposição ora é chamado de função objetiva, ora de complemento terminativo, ora simplesmente de dativo. Em estudo realizado por Koch (1977), também se observa divergência na nomenclatura; segundo a autora, alguns

---

<sup>28</sup> Como já se observou, tal classificação era adotada antigamente.

gramáticos (como Rocha Lima, por exemplo) fazem distinção entre o objeto indireto (correspondente ao dativo latino, sendo, portanto, expressão do beneficiário, do destinatário da ação verbal ou do ente nela interessado), sempre introduzido pelas preposições **a** ou **para**, e o “complemento relativo”, que vem ligado ao verbo por uma preposição determinada (**a, de, com, por, em**) e integra, com o valor de objeto direto, a predicação desse. Além disso, enquanto o primeiro pode ser representado pelos pronomes oblíquos **lhe** ou **lhes**, o segundo não admite tal substituição. O objeto direto, que costuma ser definido como o complemento que vem ligado ao verbo sem preposição, indica comumente o ser sobre o qual recai a ação verbal ou o resultado do conteúdo dessa ação. Por outro lado, também se admite a existência de um “objeto direto preposicionado”.

Rocha Lima também afirma haver um “complemento circunstancial”, que pode ou não ser introduzido por preposição e corresponde, na maioria dos casos, aos acusativos de direção, tempo e espaço do latim. Koch (1977) oferece exemplos:

- 1) Morar em Paquetá.
- 2) Ir a Roma. (acus. de direção)
- 3) Viver muitos anos. (acus. de tempo)
- 4) Pesar dois quilos.
- 5) Custar mil cruzeiros. (p. 91)

Luft (2002), por sua vez, considera os complementos dos exemplos (3), (4) e (5) como objetos diretos, e o complemento do exemplo (2) como objeto indireto, já que, segundo ele, o locativo “a Roma” não pode ser considerado adjunto.

Um outro caso, portanto, que gera muita polêmica e dificuldade na classificação, principalmente quanto à conveniência de ser tratado como termo obrigatório ou não, é o dos complementos locativos, caso particularmente estudado na subseção a seguir.

#### 8.4 As construções locativas: meros adjuntos?

Um ponto central de discussão sobre os complementos verbais, e que gera muita polêmica com relação a eles, diz respeito àqueles complementos representados por construções locativas, em especial com o valor de ‘meta’. Muitos estudos têm sido realizados sobre essa questão, a qual merece destaque neste trabalho, já que dois dos verbos aqui analisados pedem esse tipo de complemento, a saber, **ir** e **chegar**<sup>29</sup>. O que se observa sobre esses estudos, primeiramente, é que todos recaem na teoria de valências para justificar a importância de se considerar alguns complementos locativos como termos obrigatórios.

Como observam Vilela e Koch (2001), a maior parte das gramáticas não segue critérios totalmente válidos na distinção entre verbos transitivos e intransitivos (cf. subseção anterior). Além disso, os autores destacam que uma classificação coerente deve levar em conta os verbos que podem ser classificados como “transitivos adverbiais” (p. 78), entre os quais se incluem os direcionais, como **chegar a** e **ir a/para**, os situativos (**morar em**) e os modais (**viver bem**) – ou seja, seriam aqueles que possuem um complemento com a função, de acordo com a gramática tradicional, de adjunto adverbial.

Dias da Silva e Dezotti (1987) mostram que, normalmente, os complementos locativos não recebem um tratamento adequado nas gramáticas, e são tratados, na maioria das vezes, como meros acessórios. Não se podem assim classificar, no entanto, elementos como os destacados em “Paulo entrou **na classe**” e “João foi **ao cinema**”, já que eles são, obviamente, elementos nucleares, obrigatórios.

---

<sup>29</sup> Uma observação que precisa ser feita diz respeito à utilização do verbo **assistir** com o sentido de “morar”, que exige também a presença de um locativo. No entanto, essa acepção está, conforme indica a maioria dos manuais, quase absolutamente em desuso, sendo muito pouco encontrada no *corpus* em exame, e por esse motivo, tal complemento não será considerado neste estudo sobre locativos.

Nas gramáticas tradicionais, faz-se uma distinção classificatória entre “termos integrantes” e “termos acessórios”, estando incluídos, no primeiro grupo, o objeto direto e o indireto, e, no segundo, os adjuntos adverbiais. As construções locativas entram, na maioria dessas gramáticas<sup>30</sup>, como *adjuntos adverbiais*, sendo, portanto, considerados termos acessórios, opcionais.

Bechara (1999), por outro lado, é um dos autores que consideram importante a classificação de certos locativos como complementos verbais, e não como adjuntos (ele denomina os verbos que pedem esses complementos de “verbos transitivos adverbiados” (p. 207)).

Perini (1996), trabalhando com a descrição da transitividade em termos de *exigência, recusa e aceitação livre* das funções relevantes, afirma que uma das funções que são necessariamente obrigatórias é o **adjunto circunstancial**, mostrando-se, portanto, como mais um dos defensores do reconhecimento de determinados locativos como termos obrigatórios, e não acessórios.

Também Somers (1984, p. 509) diz que a divisão tradicional dos argumentos em complementos obrigatórios e opcionais, de um lado, e adjuntos, que são sempre opcionais, de outro, encobre as duas áreas que mais geram controvérsias: a distinção prática entre complementos e adjuntos, e a questão das diferentes interpretações da noção de obrigatoriedade. Esta última gera dificuldade, especialmente, se se utilizam unicamente o “teste de eliminação” e o “método de extração” para distinguir entre um e outro elemento. O primeiro recurso consiste em observar se, depois de removida a construção locativa, a sentença continua sendo gramatical (e, assim, se o locativo é um complemento obrigatório ou opcional); o segundo tem como objetivo estabelecer quais elementos estão mais propriamente associados ao verbo. Para Somers, os dois testes têm problemas que

---

<sup>30</sup> Ver, dentre outras, Rocha Lima (1983), Cunha (1975), Faraco e Moura (1999), Mateus *et alii* (1983).

podem ser facilmente verificáveis por meio da distinção entre a obrigatoriedade sintática e semântica, o que não é feito, segundo ele, pela maioria dos estudiosos.

Como é possível, então, distinguir entre um complemento locativo e um adjunto? Monteiro (1985, p. 242) afirma ser possível a utilização de quatro critérios para fazer essa distinção: i) critério da aplicação de fórmula inclusiva: se a inclusão abranger o locativo, este será complemento; ii) critério da posição mais fixa do complemento; iii) critério da negação do adjunto sem que se afete o resto da frase; iv) critério da verificação do comportamento do complemento em relação a pergunta do tipo sim/não. Para os objetivos deste trabalho, escolheu-se usar apenas os dois primeiros, considerados suficientes. Como exemplos deles, Monteiro apresenta:

- (9) a. Moro **em Araraquara** e Joana **também** (= mora **em Araraquara**).  
 b. Pus a chave **na gaveta** e Joana **também** (= pôs a chave **na gaveta**).  
 c. Troquei de roupa **na sala** e Joana **também** (= trocou de roupa **na sala** / trocou de roupa).
- (10) a. Moro **em Araraquara**.  
 \*a'. **Em Araraquara** moro.  
 b. Fui **a São Paulo**.  
 \*b'. **A São Paulo** fui.  
 c. Ocorreu um acidente ontem **na rua Dois**.  
 c'. **Na rua Dois** ocorreu um acidente ontem.

Nos exemplos do primeiro critério, nota-se que, em (9) **a** e **b**, **também** inclui o predicado inteiro da frase anterior, inclusive a construção locativa. Já em (9) **c**, o conteúdo gera ambigüidade, já que **também** pode incidir sobre, simplesmente, “trocar de roupa” ou sobre “trocar de roupa **na sala**”. Nos exemplos de (10), observa-se que, em **a** e **b**, há complementos, e não adjuntos (como em **c**), já que eles não podem deslocar-se na frase, a

não ser que fossem submetidos a um mecanismo de topicalização (Dias da Silva e Dezotti, 1987, p. 76), como em:

(11) a. **Em Araraquara** é que eu moro.

b. **A São Paulo** é que eu fui ontem.

A exemplo do que se faz em Dias da Silva e Dezotti (1987), é possível ainda utilizar outros dois critérios: o de supressão da construção locativa e o de desdobramento da frase em outras duas (critério proposto por Booms, *apud* Dias da Silva e Dezotti, 1987), para se determinar se um locativo é termo obrigatório ou opcional na frase, isto é, se se trata de complemento ou adjunto.

Como já dito, nesta pesquisa os verbos que utilizam construções locativas são os *verbos de ação* (mais especificamente **ir** e **chegar**), aos quais o estudo procura fixar-se a partir de agora. Tais verbos apresentam o esquema casual + [-A, L]<sup>31</sup> (Dias da Silva e Dezotti, 1987, p. 78), em que L explicita **deslocamento direcionado**, o qual pode especificar-se em origem, extensão e direção. Para este estudo, interessam mais diretamente as construções que indicam origem e direção. Como a primeira pode ser suprimida sem prejuízo de sentido do verbo, esta pode ser considerada um adjunto. Já as construções que indicam direção, ao se realizarem os testes previstos acima, são claramente classificadas como complementos, ou seja, não podem ser consideradas acessórios. Exemplos:

a. **De São Paulo** João vai ao Rio.

\*b. Ao Rio João vai **de São Paulo**.

c. **De São Paulo** João vai ao Rio e Pedro também. (Dias da Silva e Dezotti, 1987, p. 80)

---

<sup>31</sup> A significando “agente” ou “agentivo” e L, “locativo”.

Em **a**, como **São Paulo** é um adjunto, pode deslocar-se normalmente para o início da frase. Em **b** isso não é possível, pois o seu deslocamento do complemento direcional torna a frase agramatical. Em **c** a frase se torna ambígua.

Conclui-se, portanto, que o caso Locativo, pertencendo à estrutura profunda da frase, pode especificar-se de várias maneiras na estrutura superficial, sendo uma delas (a que aqui interessa), a especificação em locativo direcional, o qual, com a aplicação dos testes de verificação acima mencionados, funciona, sem dúvida alguma, como um termo integrante, isto é, como um complemento do verbo, e não simplesmente como adjunto. Assim, fica justificado o motivo de aqui se dar aos complementos dos verbos **ir** e **chegar** o mesmo tratamento dado aos demais verbos em estudo (os quais, de acordo com a gramática tradicional, apresentam, como complementos, objetos diretos e/ou indiretos<sup>32</sup>).

### 8.5 O estudo da transitividade verbal visto por outros ângulos

Como já dito na **Introdução** deste trabalho, os estudiosos da teoria das valências procuram mostrar que é importante considerar, no estudo da transitividade verbal, outros fatores além dos sintáticos. Um desses estudiosos é Vilela (1992), o qual afirma que, para classificar os verbos e seus complementos, é preciso considerar vários aspectos: 1) se são analisados todos os verbos ou apenas alguns grupos; 2) qual é a base de classificação – morfologia, sintaxe, semântica ou pragmática; 3) se as classificações de verbo são apenas propostas, ou efetivamente produziram listagens; 4) “se a finalidade da classificação é o levantamento de classes, ou o estabelecimento de critérios para a

---

<sup>32</sup> Um dado relativo a isso é encontrado em Mateus (1983). Segundo a autora, o verbo **assistir** (um dos verbos aqui estudados) não apresenta complemento obrigatório. Por exemplo, em “João não assistiu à aula”, *à aula*, segundo a autora, é opcional, e não termo integrante da frase. No entanto, neste trabalho, assume-se a idéia de que se trata, nesse caso, de um termo obrigatório para o entendimento da frase e, portanto, tal termo é classificado, aqui, como complemento verbal.

formação de classes, ou a procura de subclasses no interior das classes tradicionais” (p. 4). Mais adiante, na mesma obra, o autor observa que, no tratamento dos problemas relativos aos complementos verbais, é preciso delinear alguns pontos que passam “pelo texto, pela sintaxe e pela semântica” (p. 117).

Também tratando da regência verbal, Neves (2004), mostra que, observando-se “a característica integrativa que sustenta as propostas do funcionalismo” (de redes sistêmicas – hallidayiana –, de integração de componentes – dikiana – e de estruturação de domínios em um organismo – givoniana), “no fundo, o que se assume, na média das concepções, é a integração da semântica na gramática, e, necessariamente, implicada na semântica, a pragmática, a base experiencial da criação do significado” (p. 56).

Assim, neste trabalho, utilizando os ensinamentos do funcionalismo, procura-se analisar as ocorrências encontradas partindo do pressuposto de que a análise dos complementos verbais não pode restringir-se ao seu estudo sintático.

Não se quer negar, aqui, a importância da sintaxe nos estudos gramaticais, principalmente no que diz respeito à transitividade verbal, pois, como diz Neves (2004), “obviamente a sintaxe está em tudo, governando a utilização do **léxico** na organização semântica” (p. 48). Além disso, conforme mostrou Perini (1996), partindo-se da sintaxe, pode-se obter uma nova proposta de classificação para a transitividade. Em crítica feita à classificação tradicional, o autor (especificamente no item 6.2.1 de sua obra) mostra que a noção tradicional de verbo transitivo, em oposição a intransitivo, não é totalmente válida, pois, em alguns casos, pode acontecer de essa classificação não corresponder totalmente ao uso do verbo em determinados contextos. Ele cita, como exemplo, o verbo **comer**, que é classificado tradicionalmente como transitivo direto, podendo ser usado como tal em “*Meu gato já comeu todo o mingau*”. No entanto, nas frases “Meu gato já comeu” e “Meu gato quase não come”, o verbo **comer** é intransitivo. Como seu objetivo nessa obra é fazer uma



análise descritiva da língua, Perini afirma que é necessário, então, distinguir dois tipos de informação sobre os itens léxicos: 1<sup>a</sup>: em que contexto o item ocorre em uma frase dada (relação sintagmática); 2<sup>a</sup>: em que contextos o item **pode** ocorrer (relação paradigmática). Os dois tipos de relação são importantes porque, segundo o autor, se não se definirem as informações sintagmáticas, a descrição não será baseada nos fatos, e se não se observarem as relações paradigmáticas, não será possível expressar em termos gerais o comportamento gramatical das unidades lingüísticas. O que ele propõe, portanto, é que a descrição da transitividade seja feita em termos de *exigência*, *recusa* e *aceitação livre* de cada função relevante. Assim, as quatro funções relevantes seriam o **objeto direto**, o **complemento do predicado**, o **predicativo** e o **adjunto circunstancial**, sendo todas as outras irrelevantes, já que são aceitas livremente por qualquer verbo. Por fim, uma outra crítica feita pelo autor (p. 168), é o fato de que a idéia tradicional de transitividade é predominantemente semântica, ou seja, o que se procura justificar são exigências e recusas em termos do significado de cada verbo. Ele acredita, no entanto, que é preciso considerar os valores semânticos também, mas deve-se trabalhar mais particularmente com o campo sintático, já que é ele que fornece os subsídios necessários para uma correta interpretação da transitividade.

Por fim, Neves (2000) destaca que a interpretação das formas lingüísticas deve ser feita integrando-se todos os componentes: o sintático, o semântico e o pragmático, para que a gramática seja vista como uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal. Assim, seguindo-se Dik (1978, 1979 e 1980), o que se espera da gramática é que ela seja “pragmaticamente adequada”.

## 8.6 A REGÊNCIA DE ALGUNS VERBOS

A tradição normativa sempre teve grande valor para os usuários da língua portuguesa; amostra disso são os manuais prescritivos encontrados com data bastante antiga. Nas seções gramaticais dedicadas à regência verbal em algumas obras, verifica-se um tratamento especial para determinados verbos, considerados como os mais “problemáticos” com relação a essa questão. Como este trabalho utiliza como base um *corpus* composto por textos de 1900 a 1950, procurou-se fazer um levantamento de obras normativas também desse período, a fim de comparar (quando possível) o tratamento da regência dos verbos em estudo nesta dissertação nos manuais anteriores e nos posteriores a 1950, buscando-se mostrar as semelhanças e diferenças encontradas quanto à prescrição dos manuais tradicionais do início do século passado e dos manuais contemporâneos (incluindo gramáticas normativas e escolares, dicionários e obras de cunho lingüístico).

As obras escolhidas<sup>33</sup> para esta comparação foram as seguintes (em ordem decrescente de data de publicação da edição utilizada):

- 1) **Dicionário Prático de Regência Verbal** – Celso Pedro Luft – 8ª ed. – 2002
- 2) **Dicionário de usos do português do Brasil** – Francisco S. Borba – 2002
- 3) **Moderna gramática portuguesa** – Evanildo Bechara<sup>34</sup> – 37ª e 11ª ed. – 1999 e 1977
- 4) **Gramática** – Faraco e Moura – 12ª ed. – 1999
- 5) **Gramática em 44 lições** – Francisco Platão Savioli – 14ª ed. – 1998
- 6) **Gramática normativa da língua portuguesa** – Rocha Lima – 23ª ed. – 1983 [1ª ed.: 1957]

---

<sup>33</sup> Escolheram-se aquelas obras que tratavam cada verbo (ou alguns deles) aqui estudado em particular, quanto à regência. Paralelamente, em alguns casos, também se consultaram outras gramáticas atuais.

<sup>34</sup> Este autor traz apenas uma lista com a preposição que acompanha cada verbo, a qual é acompanhada por uma nota (Bechara, 1999, p. 572) que deixa claro que tal lista não dispensa a consulta ao dicionário de regência para uma lição mais completa e adequada.

- 7) **Gramática do português contemporâneo** – Celso Cunha – 1970
- 8) **Syntaxe Historica Portuguesa** – Augusto Epiphany da Silva Dias – 3<sup>a</sup> ed. – 1954 [1<sup>a</sup>: 1918]<sup>35</sup>
- 9) **Gramática portuguesa** – Mário Pereira de Souza Lima – 1945
- 10) **Syntaxe de regência** – Carlos Góis – 4<sup>a</sup> ed. – 1938
- 11) **Lições de português** – Sousa da Silveira – 2<sup>a</sup> ed. – 1934
- 12) **Regência verbal** – Arthur de Almeida Tôrres – 2<sup>a</sup> ed. – 1934
- 13) **Novíssimos estudos da língua portuguesa** – Mário Barreto – 2<sup>a</sup> ed. – 1924
- 14) **De gramática e de linguagem** – Mário Barreto – 1922
- 15) **Serões Grammaticaes** – Ernesto Carneiro Ribeiro – 2<sup>a</sup> ed. – 1915
- 16) **Grammatica Expositiva** – Eduardo Carlos Pereira – 2<sup>a</sup> ed. – 1909 [1<sup>a</sup> ed.: 1907]

Nas sub-seções seguintes expõem-se as regências encontradas para cada verbo, com as respectivas observações a respeito das semelhanças e/ou diferenças entre os diversos autores, obras e períodos analisados.

#### 8.6.1 ASSISTIR<sup>36</sup>

O verbo **assistir** é comumente indicado nos manuais normativos como possuindo três acepções: “ver”, “presenciar”, “estar presente”; “ajudar”, “prestar assistência”, “socorrer”; “caber”, “pertencer”. Algumas obras fazem menção também ao sentido de “morar”, “residir”, “habitar”, mas todos eles informam que tal acepção está em desuso no português atual.

De modo geral, a recomendação normativa para esse verbo fixa-se nos dois primeiros casos (os que mais trazem problemas ao usuário quanto à regência). No sentido

---

<sup>35</sup> A 1<sup>a</sup> edição, como se viu, é datada de 1918. Também se teve contato com esta, a qual não se diferencia em nada, na parte estudada, da 3<sup>a</sup> edição, apenas os números das páginas é que variam.

<sup>36</sup> Prescrição explanada em Luft, 2002; Borba, 2002; Bechara, 1999; 1977; Faraco e Moura, 1999; Savioli, 1998; Rocha Lima, 1983, 1957; Cunha, 1970; Souza Lima, 1945; Góis, 1938; Ribeiro, 1915.

de “ver”, “presenciar”, “estar presente”, recomenda-se que esse verbo seja usado como transitivo indireto, e o seu complemento deve vir sempre introduzido pela preposição **a**, recomendando-se que, caso esse complemento seja substituído por pronome, utilizem-se as formas **a ele(s)** e **a ela(s)**, e não **lhe(s)**. Essa recomendação é encontrada tanto em obras atuais (como Luft, 2002; Faraco e Moura, 1999; Rocha Lima, 1983) quanto em obras mais antigas (Souza Lima, 1945; Rocha Lima, 1957). Luft (2002), no entanto, admite também que o verbo seja usado como transitivo direto e até intransitivo, nessa acepção. De acordo com ele, “assistir a algo, a ele(s), a ela(s)”, regência de origem, apresenta redundância, já que se constrói com o prefixo *a-* do verbo mais a preposição **a**. Para o autor, por pressão semântica de “ver, presenciar, observar”, é natural a inovação regencial “assistir algo, assisti-lo”<sup>37</sup>.

O uso como verbo transitivo já havia sido previsto por Lessa (1976, *apud* Luft, 2002, p. 79): “... ocorre uma certa tendência a acolher [na língua literária] a construção consagrada pelo povo, que diz e escreve, comumente, *assisti o jogo*”. Cunha (1970, p. 356) também argumenta a esse respeito: “Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção [‘estar presente, presenciar’], de preferência com OBJETO DIRETO (cf.: “assistir o jogo, um filme”), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada”. A construção passiva (“o jogo foi assistido, espetáculo assistido”), conforme afirma Luft (2002, dentre outros), comprova a transitivação direta desse verbo. Assim, o autor afirma (p. 79) que:

Não faz sentido que a isso continue se opondo ‘o ensinamento dos gramáticos’ (Lessa: 156), quando se sabe que os gramáticos devem registrar os usos da língua. Isso não impede que, para a linguagem culta formal, se aconselhe a regência originária (*assistir a um espetáculo, a ele*), até porque mesmo ‘os modernistas continuam preferindo o complemento preposicionado’ (Lessa: 157).

---

<sup>37</sup> A segunda afirmação do autor é bastante relevante, mas a questão do prefixo não, já que o usuário da língua não tem conhecimento dessa redundância, tornada, hoje, totalmente irreconhecível, não observável.

Na acepção de “caber a alguém”, o verbo também é transitivo indireto mas, neste caso, segundo Luft (2002), admite o pronome **lhe(s)** (p. ex.: “*Assiste ao diretor administrar bem a escola*”, ou “*Assiste-lhe administrar bem a escola*”). Quando significa “ajudar”, “prestar assistência”, “socorrer” (ocorrências representadas graficamente na Figura 6 / Anexo 1), alguns manuais (como Faraco e Moura, 1999) indicam que **assistir** deve ser usado como transitivo direto, e outros (como Luft, 2002, Cunha, 1970 e Rocha Lima 1983, 1957), ensinam que, com essa acepção, o verbo também pode ser usado como transitivo indireto, sendo a utilização de um ou de outro modo opcional. Segundo observa Luft (2002, p. 79), também nessa acepção a regência primitiva (*assistir a alguém, assistir-lhe*), ou seja, a regência indireta, apresenta uma redundância, por causa do emprego do prefixo *a-* do verbo juntamente com a preposição *a*<sup>38</sup>. Ele chama o uso direto, como em *assistir alguém, assisti-lo*, de “evolução regencial”, justificando-o pela pressão semântica dos sinônimos “ajudar, auxiliar, proteger, acompanhar, confortar, etc.”. “O brasileiro atual [...] transitivou o verbo no sentido de socorrer”, explica o autor, citando Nascentes (1960, *apud* Luft, 2002). Para ele, tal explicação é comprovada com nove abonações. Luft (2002) ainda cita Lessa (1976), o qual confirma essa regência, apoiado em pesquisa por ele realizada: “... na literatura contemporânea, a tendência, ao que parece, é para o complemento direto” (p. 79).

Por fim, **assistir** é indicado como intransitivo<sup>39</sup> quando seguido de adjunto adverbial de lugar, significando “morar”, “residir”, “habitar”, sendo o locativo introduzido pela preposição **em**. Atualmente, no entanto, essa última regência está em desuso no português brasileiro, conforme registram Faraco e Moura (1999), Cunha (1970) e Rocha Lima (1957). Este último afirma que tal construção só se emprega hoje por preciosismo, não sendo nem ao menos abonada em Luft (2002).

<sup>38</sup> Afirmação não relevante atualmente. Ver nota anterior.

<sup>39</sup> Lembrando que essa questão da intransitividade do verbo quando usado com complemento locativo, como já dito na subseção 8.4, é discutível.

### 8.6.2 OBEDECER<sup>40</sup>

Tradicionalmente, a recomendação para este verbo é que ele seja usado como transitivo indireto, com um complemento regido pela preposição **a**, mas é comum a indicação de que pode também ser usado como transitivo direto, sendo essa construção bastante comum, especialmente nos clássicos (como indicam Luft, 2002; Faraco e Moura, 1999; Ribeiro, 1915; Góis, 1938). Outros autores ainda afirmam que, embora esse verbo seja transitivo indireto, admite a construção passiva, como em “*O diretor foi obedecido pelos alunos*” (é o caso de Barreto, 1922 e 1924; Silveira, 1934; Góis, 1938; Souza Lima, 1945 e Silva Dias, 1954). De acordo com Barreto (1924), tal fato justifica-se pelo seu uso já em épocas anteriores com acusativo.

No entanto, alguns autores, como Góis (1938), afirmam que, mesmo havendo usos consagrados, como em Vieira, e admitindo-se a forma passiva, “a regência com dativo é melhor vernáculo” (p. 81). Outros, como Savioli (1998), afirmam que o uso do complemento direto é “popular”, enquanto o “correto” e “culto” é o complemento indireto.

De qualquer modo, a maioria dos autores, embora recomendando o uso da regência indireta, admite que a direta também é usual, e Luft (2002) chega a citar vários exemplos dessa utilização em escritores consagrados: Vieira, Euclides da Cunha, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, José J. Veiga, Nélida Piñon, dentre outros (p. 380).

### 8.6.3 PERDOAR<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Prescrição encontrada em Luft, 2002; Borba, 2002; Bechara, 1999; 1977; Faraco e Moura, 1999; Savioli, 1998; Rocha Lima, 1983, 1957; Cunha, 1970; Silva Dias, 1954; Souza Lima, 1945; Góis, 1938; Torres, 1934; Silveira, 1934; Barreto, 1924; Ribeiro, 1915.

A recomendação normativa para esse verbo é que se use um complemento direto para dívida (culpa, ofensa, erro, etc.) e um complemento indireto para a pessoa (instituição, etc.) a quem se dá o perdão. De acordo com alguns manuais (como Luft, 2002, Faraco e Moura, 1999 e Góis, 1938), hoje se admite objeto direto para pessoa, sendo essa construção já encontrada nos clássicos antigos e modernos (como Camões e Machado de Assis) (Luft, 2002, p. 399), e bastante usual no português contemporâneo do Brasil. Outros autores (Ribeiro, 1915; Barreto, 1924; Torres, 1934), no entanto, mencionam o fato de que antigamente era comum o uso do verbo **perdoar** com acusativo de pessoa, mas essa construção não é “correta” e não deve ser usada. Nesse ponto, observa-se que não há muita concordância entre os manuais, já que uns dizem que a construção transitiva direta já foi bastante comum, mas não deve mais ser usada<sup>42</sup>, e outros dizem haver uma tendência na língua para tornar transitivos diretos verbos que antes só se usavam como transitivos indiretos<sup>43</sup>.

Segundo Luft (2002), essa alteração de regência – de transitivo indireto para transitivo direto, a mais comum segundo os manuais contemporâneos – tem explicação semântica, por influência dos verbos *escusar* ou *desculpar*, e *poupar*, e também explicação sintática, já que, na ausência, por indeterminação, do objeto direto (de coisa), o objeto indireto pode ocupar o seu lugar<sup>44</sup>. De acordo com o autor, portanto, não há motivo para que as gramáticas e dicionários continuem reprovando essa sintaxe, já que “o que é usual, corrente, é *regular* (obedece à *regra*, ainda que desconhecida)” (p. 399), devendo-se aconselhar a sintaxe tradicional unicamente para a língua formal.

---

<sup>41</sup> Recomendações encontradas em Luft, 2002; Borba, 2002; Bechara, 1999; 1977; Faraco e Moura, 1999; Savioli, 1998; Rocha Lima, 1983, 1957; Cunha, 1970; Souza Lima, 1945; Góis, 1938; Torres, 1934; Silveira, 1934; Barreto, 1924; Ribeiro, 1915.

<sup>42</sup> Como, por exemplo, Ribeiro (1915), Barreto (1924) e Torres (1934).

<sup>43</sup> Como, por exemplo, Ribeiro (1915), Barreto (1924) e Torres (1934).

<sup>44</sup> Essa segunda explicação também pode ser encontrada em Barros, 1985, p. 251.

Também Ribeiro (1915) já mencionava que os escritores de épocas anteriores à sua davam complementos diretos a certos verbos (como **perdoar**, por exemplo, com regime referente a pessoa) que, segundo o uso daquele momento da língua (início do século XX), costumavam ser acompanhados de complementos indiretos.

A forma passiva para esse verbo também é admitida na maioria dos manuais contemporâneos e antigos (Cegalla, 1999, Martins, 1997, Rocha Lima, 1983, Barreto, 1922; 1924, Silveira, 1934, Souza Lima, 1945, Góis, 1938). Barreto (1924) ainda completa que, como o verbo **perdoar** não se emprega ativamente com um complemento de pessoa ou seres animados, o particípio **perdoado** e o adjetivo **perdoável** também não deveriam aplicar-se senão às coisas. No entanto, é comum o seu emprego com relação a pessoas, explicando o fato pelo uso, por alguns escritores antigos, do verbo **perdoar** com acusativo de pessoa.

De acordo com Torres (1934), no português antigo **perdoar** regia acusativo de pessoa, mas, na época em que ele escreve, só deve-se usar acusativo de coisa e dativo de pessoa, ou seja, usa-se “perdoar alguma coisa a alguém”. O que ele acrescenta com relação aos demais autores, é que esse verbo pode ser usado como **transitivo direto** no sentido de “remitir”, “desculpar”; “poupar” (p. ex.: “*Pecados só Deus os poderá perdoar*”); como **transitivo indireto** quando significa “conceder perdão a”, “desculpar” (p. ex.: “*Não podemos ainda agora perdoar-lhe*”); como **bitransitivo**, significando “desculpar”, “absolver de (culpa, dívida, pena, etc.)” (p. ex.: “*Prima Justina não perdoou à minha amiga a intervenção*”) e com dativo personificado (p. ex.: “*Perdoai ao meu coração êste desafôgo*”); como **intransitivo**<sup>45</sup>; como **pronominal**, nas acepções de “poupar”, “conceder perdão a”, “desculpar” (p. ex.: “*Perdoa-se menos fácilmente a sua abstrusidade*”) (*idem*, p. 171).

---

<sup>45</sup> O autor não traz exemplos para esse tipo de uso do verbo. Apesar disso, acredita-se que se trate, por exemplo, de respostas, ou, pelo menos, do seu uso em contextos em que seja possível localizar o complemento, mesmo que ele esteja elíptico.



Para concluir, Luft acrescenta que a sintaxe transitiva direta, como visto, cada vez mais comum no português brasileiro, pode levar a nova construção transitiva direta e indireta: “perdoá-lo de, por...”, nos moldes de seu sinônimo **escusar** (Luft, 2002, p. 399).

#### 8.6.4 PAGAR<sup>46</sup>

As prescrições encontradas para esse verbo são muito semelhantes às encontradas para o verbo **perdoar**, ou seja, recomenda-se que se use um complemento direto para dívida (encargo, etc.) e um complemento indireto para a pessoa (instituição, etc.) a quem se deve. Além disso, afirma-se que esse verbo pode também ser usado intransitivamente. Alguns manuais, no entanto, aceitam o uso de objeto direto para referência a pessoa (é o caso, por exemplo, de Luft, 2002 e Faraco e Moura, 1999). Luft chega mesmo a afirmar que a regência indireta para pessoa é purista, sendo a direta uma “sintaxe evoluída (...) e, até literariamente, bem documentada” (p. 388), devendo-se recomendar, apenas, que a primeira é *preferível* na linguagem formal. Ele ainda completa dizendo que há, para essa alteração de regência, uma explicação semântica – pela influência de “(re)compensar”, “(re)embolsar” e “indenizar” – e sintática – “vagando a segunda posição, pode ela ser preenchida pelo ocupante da terceira, que assim perde a preposição; ou seja, na vaga do objeto direto pode o indireto passar a direto” (p. 388).

Barreto (1922 e 1924) ainda justifica a usual regência direta de pessoa para o verbo **pagar** pela influência do francês, já que, nessa língua, *payer* se constrói com objeto direto de pessoa, ou seja, rege acusativo. No entanto, o autor cita (p. 331) Cândido de Figueiredo, para com este concordar em que, no Brasil e em Portugal, algumas vezes, usa-

---

<sup>46</sup> Prescrição encontrada em Luft, 2002; Borba, 2002; Bechara, 1999; 1977; Faraco e Moura, 1999; Savioli, 1998; Rocha Lima, 1983, 1957; Barreto, 1922 e 1924; Torres, 1934; Souza Lima, 1945.

se complemento direto ou objetivo para a pessoa ou entidade a quem se faz o pagamento, sendo essa sintaxe ilegítima. Assim, para Figueiredo (*apud* Barreto, 1924), “pagar **as dívidas**” é aceitável, mas “pagar **os criados**”, não.

Torres (1934), após expor a prescrição tradicional de que o verbo **pagar** rege acusativo de coisa e dativo de pessoa (“pagar alguma coisa a alguém”), mostra que, apesar disso, alguns autores usam-no com acusativo de pessoa, mas cita Mário Barreto e Cândido de Figueiredo para mostrar que tal regência não é aceitável. Segundo o autor, esse verbo pode ser usado como **transitivo direto**, no sentido de “compensar”; “satisfazer”; “expiar”; como **transitivo indireto**, no sentido de “remunerar”; “restituir na mesma espécie”, “retribuir”; “embolsar alguém do que lhe é devido”; como **bitransitivo**, significando “satisfazer”; “embolsar alguém do que lhe é devido”; “retribuir”, e como **intransitivo**<sup>47</sup>; **pronominal**, nas acepções de “adquirir com sacrifício” (p. ex.: “*Estas felicidades pagam-se caras*” – p. 163); “receber a paga ou recompensa”, “indenizar” (p. ex.: “*Luiz Garcia pagava-se do sacrifício*” – p. 163); “remunerar” (com dativo *lhe*) (p. ex.: “*Era necessário que se chamasse o arquiteto a cada nova edificação que se empreendesse, e que de novo se lhe pagasse o desenho*” – p. 163). Além disso, o autor mostra várias frases e locuções com o uso do verbo **pagar** (*idem*, pp. 163-164), as quais não são totalmente pertinentes para este estudo e, portanto, não serão aqui transcritas.

Para concluir, diferentemente do que ocorre com o verbo **perdoar**, não se encontrou, em nenhum dos manuais analisados, alguma menção ao fato de que é admissível, para esse verbo, o uso da voz passiva. No entanto, essa construção também é possível. Por exemplo, na frase “*O padeiro foi pago*” tem-se uma construção passiva com sujeito pessoa.

---

<sup>47</sup> Ver nota 44.

### 8.6.5 ESQUECER(-SE)<sup>48</sup>

Esse verbo apresenta duas regências distintas, dependendo da forma como é empregado. Quando usado de forma não-pronominal (**esquecer**), os manuais normativos recomendam que seja transitivo direto. No entanto, quando pronominal (**esquecer-se**), recomenda-se que ele seja usado como transitivo indireto.

De acordo com Luft (2002), “esquecer de” é brasileirismo que pode derivar de “esquecer-se de”, por despronominação ou cruzamento sintático. Citando Cunha, o autor mostra que “tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito freqüente no colóquio diário dos brasileiros, já se vem insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo” (Cunha, *apud* Luft, 2002, p. 277).

Outros autores mostram que, além das duas construções usuais – uma em que o verbo é pronominal e o objeto vem precedido da preposição **de**, e outra em que o verbo fica em terceira pessoa e o objeto em nominativo: *esqueci-me do negócio* ou *esqueceu-me o negócio* (Barreto, 1924) – pode ainda ocorrer uma fusão dessas duas sintaxes, que resulta em uma terceira: *esqueceu-me de ter visto*. Exemplos assim são encontrados em Camilo Castelo Branco, Machado de Assis, Garrett, Frei Luís de Sousa (*apud* Barreto, 1924). De acordo com Barreto, houve quem dissesse que essa fusão de sintaxe provinha de erros tipográficos, mas, como os exemplos são muitos, tal hipótese é inviável.

Uma outra indicação, encontrada em Torres (1934), Góis (1938) e Rocha Lima (1957), é a de que, no caso do verbo **esquecer**, o sujeito pode passar para objeto, e vice-versa: *Esqueceu-me o dinheiro* (esquecimento voluntário, desprezo) e *esqueci-me do dinheiro* (esquecimento involuntário, distração). Torres (1934) ainda complementa dizendo

---

<sup>48</sup> Recomendações encontradas em Luft, 2002; Borba, 2002; Bechara, 1999; 1977; Faraco e Moura, 1999; Savioli, 1998; Rocha Lima, 1983, 1957; Barreto, 1924; Torres, 1934; Góis, 1938; Souza Lima, 1945.

que tal distinção nem sempre é observada pelos escritores, e lembra também a terceira construção possível mostrada por Barreto. Aliás, citando Mário Barreto, Torres (1934) explica que o verbo **esquecer** é usado como **transitivo direto** no sentido de “perder da lembrança”, “olvidar”; “não fazer caso”, “desprezar”; “perder o amor, a estima a”; “largar”, “distrair-se de”; como **transitivo indireto**, no sentido de “escapar”, “passar despercebido”; com o dativo **lhe**; como **intransitivo**, no sentido de “escapar da memória”, “ficar em esquecimento” e “perder a sensibilidade”, “ficar dormente”; como **pronominal**, no sentido de “deixar sair da memória conhecimentos adquiridos”; “descuidar-se”, “deixar de atender”; “olvidar”, “perder da lembrança”; “distrair-se”.

#### 8.6.6 LEMBRAR(-SE)<sup>49</sup>

O verbo **lembrar-se** (pronominal) possui apenas uma acepção básica, a de “recordar-se”, e a recomendação normativa para seu emprego, nesse casos, é que se use complemento iniciado pela preposição **de**, seja ele oracional ou não. Quando não-pronominal, o verbo **lembrar** é indicado, normalmente, como possuindo três acepções: “recordar”, “relembrar”; “fazer recordar”; “trazer à lembrança”, “sugerir”. As recomendações normativas, então, fixam-se basicamente no primeiro caso, indicando-se como desobediência à norma-padrão o uso de **lembrar**, nessa acepção, com complemento preposicionado. A acepção “fazer recordar” é de uso bastante raro, e nenhum dos manuais aqui estudados indica qual deve ser a sua utilização.

De modo geral, as observações encontradas para esse verbo são as mesmas já feitas na subseção anterior, para o verbo **esquecer(-se)**. Aliás, como afirma Rocha Lima

---

<sup>49</sup> Cf. nota anterior.

(1957, p. 450), entre esses verbos há “estreita afinidade ideológica e sintática”, o que faz com que ambos sejam tratados, inclusive, em conjunto, nos manuais em estudo.

De acordo com Torres (1934), **lembrar(-se)** ainda pode ser usado pode ser usado: como **transitivo direto** no sentido de “recordar”, “sugerir”; **bitransitivo**, também com o dativo *lhe*; com acusativo expresso por uma proposição conjuncional; com acusativo expresso por uma proposição indicativa; com acusativo de pessoa e a preposição **de**; com acusativo de pessoa e a locução **de que**; como **pronominal**; com a preposição **de**, com a locução **de que**, com a omissão da preposição, com o dativo **lhe**.

#### 8.6.7 IR<sup>50</sup>

A recomendação normativa tradicional para este verbo é que, quando usado como verbo de movimento, ele tenha um complemento de direção regido pela preposição **a**. Em alguns casos, aceita-se o uso das preposições **para** e **até**, mas, de modo algum, tradicionalmente, admite-se o uso (cada vez mais comum) da preposição **em**. De acordo com Savioli (1998, p. 150) o uso de **em** é considerado “popular” e “errado”, podendo ser essa preposição usada apenas quando indica o lugar dentro do qual ocorre a ação, como em: *O menino ia no bonde* (= ia dentro do bonde) (p. 151). Luft (2002) afirma que, no português do Brasil, especialmente na fala, essa construção é bastante recorrente, talvez por influência do latim *in urbem ire* (vou em casa) (p. 342). Ele cita, como exemplos de documentação literária, Nascentes (1953), Lessa (1981) e Barbadinho (1960). Mesmo assim, o autor afirma que, “na linguagem culta formal, sobretudo escrita, recomenda-se *ir a* ou *para*” (Luft, 2002, p. 342).

---

<sup>50</sup> Regência encontrada em Luft, 2002; Borba, 2002; Savioli, 1998.

Nos manuais mais antigos, não se encontrou nenhuma referência a esse verbo. Isso porque, talvez, a regência considerada “incorreta”, com a preposição **em**, seja recente, e não prevista pelos manuais anteriores. Aliás, dos verbos estudados, este é um dos que mostram maior obediência à recomendação prescritiva, como se vê na seção 9.

Um outro ponto interessante com relação à regência desse verbo é a diferença semântica existente entre o emprego de uma ou de outra preposição. Ou seja, embora todas marquem destino, há uma diferença sutil de significado entre elas, que normalmente o usuário utiliza, mesmo sem saber, ao optar por uma ou outra preposição. De acordo com Aulete (1958, *apud* Luft, 2002), a diferença básica entre **a** e **para** é que a primeira traduz “a idéia de lá não se demorar, de não assentar lá sua residência, ou de voltar breve” (Luft, 2002, p. 342), enquanto a última expressa “intuito de lá estabelecer residência ou de lá permanecer mais ou menos tempo” (p. 342). Cunha (1970) ainda afirma que **para** comporta também um traço significativo que implica maior destaque no ponto de partida (p. 526). De acordo com Luft (2002), na fala brasileira, em qualquer dos dois sentidos, prevalece o **para**, pois o **a** é de “pouco uso por falta de corpo fonético”<sup>51</sup> (p. 342). A preposição **até** tem o mesmo valor semântico de **a**, já que o seu uso normalmente indica que não se pretende permanecer no local de destino; ela também é a opção mais utilizada para indicar uma posição dentro de um mesmo interior: *foi até a janela, vá até a porta*. Por fim, a preposição **em** é preferida nas construções em que o complemento de destino indica, mais do que “movimento em direção a”, “inserção em algum lugar” (Neves, 2004), ou seja, essa preposição é utilizada principalmente quando se tem a idéia de entrar em algum lugar e, por isso, é principalmente utilizada nos casos em que o complemento apresenta o traço [fechado]<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> Tal afirmação é bastante pertinente, já que a tendência é que o usuário sempre utilize a língua da maneira mais prática. Sendo assim, o uso da preposição **para**, especialmente na fala, torna a comunicação mais eficiente e clara, justamente por causa dessa falta de corpo fonético da preposição **a**, a que se refere Luft.

<sup>52</sup> Nos termos de Mollica (1996, p. 156), “recinto cujo espaço seja mais demarcado”.

Além de **transitivo indireto** ou **intransitivo**, significando “movimentar-se”, “deslocar-se (de um lugar para outro) por impulso próprio ou dirigido, ou com ajuda de mecanismo, veículo, etc.”, Luft (2002, p. 342) ainda indica que esse verbo pode ser usado em outras construções e acepções, mas, como não interessam para este estudo, que se fixa no confronto entre uso e prescrição normativa, elas não serão aqui tratadas.

#### 8.6.8 CHEGAR<sup>53</sup>

Também com relação a esse verbo não se encontrou nenhuma referência nos manuais mais antigos. As recomendações prescritivas encontradas para **chegar**, quando usado como verbo de movimento, são basicamente as mesmas encontradas para o verbo **ir**: recomenda-se que seu complemento de destino seja regido pela preposição **a**. No entanto, como nota Luft (2002), no Brasil, é bastante utilizada, com esse verbo, a preposição **em**, a qual, segundo o autor, é exclusiva diante de ‘casa’, ‘lar’. De acordo com Luft, “pode colaborar para isso a tendência de se considerar o estado e o repouso (‘lugar onde’), em vez do movimento (‘lugar para onde’)” (p. 116). Citando Nascentes, Luft mostra que essa regência ocorre em Euclides da Cunha, Taunay, Vicente de Carvalho, Simões Lopes Neto, Humberto de Campos, Amando Fontes, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, dentre outros, e mostra que tal regência também é confirmada em Lessa e Barbadinho. Apesar disso, ele diz que “em texto escrito culto formal melhor se ajusta o *chegar a*” (p. 116).

Dos autores estudados, apenas Borba (2002) traz um exemplo do complemento desse verbo regido pela preposição **até**, a qual também ocorreu no *corpus* analisado neste

---

<sup>53</sup> Regência encontrada em Luft, 2002; Borba, 2002; Savioli, 1998.

trabalho, conforme se verifica neste exemplo: *A névoa dos altos **chegava até** os cajueiros.* (ME-R). No entanto, nenhum manual, dos aqui analisados, faz menção a essa preposição.

Assim como para o verbo **ir**, com **chegar**, de acordo com Savioli (1998), o uso de **em** é considerado “popular” e “errado” (p. 150), dizendo-se que essa preposição pode ser usada apenas quando indica o lugar dentro do qual ocorre a ação, como em: ***Chegou no** avião da Vasp.* (= chegou dentro do avião) (p. 150).

Como verbo de movimento, também no caso de **chegar** ocorre uma diferença de base semântica no uso de uma ou outra preposição que rege seu complemento de destino, já explicada na subseção anterior. Em resumo, as preposições **a** e **até** indicam “movimento em direção a um lugar”, enquanto a preposição **em** dá a idéia de “inserção em um lugar” (Neves, 2004), sendo esta última utilizada, principalmente, nos casos em que o complemento apresenta o traço [fechado]<sup>54</sup>.

Também esse verbo, de acordo com Luft (2002, p. 116), além de ser **transitivo indireto** ou **intransitivo**, significando “atingir o termo do movimento de ida ou vida”, “atingir (o lugar visado)”, pode ser utilizado de outras formas, mas, assim como **ir**, elas não interessam para este estudo, que se fixa no confronto entre uso e norma, e não serão aqui abordadas.

## 8.7 Considerações finais

Nesta seção foram expostas informações encontradas em diversas obras tradicionais, datadas a partir do início do século passado, sobre questões relativas à

---

<sup>54</sup> Ver nota 51. Apesar de Mollica não estudar o verbo **chegar**, a semelhança deste, com relação aos argumentos, com o verbo **ir** é muito grande e, portanto, neste trabalho adotam-se os mesmos procedimentos para ambos os verbos.



regência, transitividade e complementos verbais. O que se nota, de modo geral, é que, quanto à regência, em todas as obras estudadas as definições são muito semelhantes, apesar de o estudo mais completo ter sido o encontrado em Luft (2002)<sup>55</sup>.

Resumidamente, pode-se explicar a regência como sendo a dependência que se estabelece entre um termo e outro. Uma particularidade a esse respeito é que, nas obras mais antigas, observa-se uma certa preocupação em zelar pela beleza da língua, por sua elegância. Os autores dessas obras, apesar de reconhecerem a existência da variação, recomendam a utilização da variante utilizada pelos “bons escritores” e prescrita pelos manuais tradicionais.

Quanto às definições de transitividade e, principalmente, dos complementos verbais e de sua configuração, nota-se que as diversas obras estudadas não oferecem um tratamento uniforme. De maneira geral, o que se observa é que há uma certa unanimidade ao afirmar-se que a transitividade decorre da actância. No entanto, com base nos estudos de Gurpilhares (1984), observaram-se especialmente três posições entre os estudiosos: i) os que consideram a transitividade em sentido restrito, sendo complemento verbal, unicamente, o objeto direto; ii) os que consideram a transitividade em sentido lato, sendo todos os participantes do processo complementos verbais, inclusive o sujeito; iii) os que consideram como complementos o alvo do processo, o beneficiário, a origem, a meta e o itinerário do movimento.

Os complementos apresentam-se denominados de maneira muito diversa nas obras, principalmente os preposicionados, que ora são chamados de objetos indiretos, ora de função objetiva, ora de complementos terminativos, ora simplesmente de dativos. Ainda

---

<sup>55</sup> Isso é totalmente explicável pelo fato de essa ser uma obra feita especificamente para explicar a regência verbal. Assim, além de expor as prescrições normativas tradicionais, o autor faz questão de também abonar os usos populares, os quais, embora cada vez mais recorrentes, continuam sendo não-recomendados pela regência normativa. Desse modo, Luft, confirmando a visão da maioria dos lingüistas atuais, mostra que em alguns casos devem ser consideradas aceitáveis certas construções que os manuais normativos tradicionais estigmatizam.

se encontra a alusão a um “complemento circunstancial”, que pode ou não ser introduzido por preposição e corresponde, na maioria dos casos, aos acusativos de direção, tempo e espaço do latim. No entanto, nos casos desse tipo de complemento, há uma grande divergência sobre quais deles devem ser considerados realmente complementos, isto é, obrigatórios à complementação da predicação verbal, e quais se configuram simplesmente como adjuntos, ou seja, termos acessórios, não-obrigatórios.

Quanto à tensão gerada entre considerar-se um complemento locativo como obrigatório ou não para a complementação do verbo, concluiu-se que, quando esse complemento, pertencente à estrutura profunda da frase, se especificar na estrutura superficial como locativo direcional, ele tem a função de complemento do verbo e, portanto, é termo integrante da oração. Isso se verifica aplicando-se alguns testes que examinam a importância desse complemento para a predicação verbal.

Além disso, discutiu-se que uma análise profunda de qualquer aspecto lingüístico, particularmente a questão da regência verbal, aqui estudada, necessita da integração de todos os componentes: o sintático, o semântico e o pragmático.

Após a análise das diversas obras que tratam da questão da transitividade e das várias discussões expostas nesta seção, fazem-se algumas considerações finais (a exemplo de Neves, 2004): i) primeiramente, verifica-se que essa questão é tratada, geralmente, na parte relativa à Sintaxe, mas nem sempre os autores ficam presos a esse campo; ii) distingue-se objeto direto e objeto indireto, em geral, pelo uso da preposição (ou seja, um critério sintático), mas geralmente essa distinção é feita, na realidade, levando-se em consideração basicamente critérios semânticos; iii) nos estudos feitos por doutrinadores sobre a regência verbal não se encontra menção às mudanças de regência, diferentemente dos estudos de lingüistas; iv) há algumas diferenças de nomenclatura para referência aos

termos ligados à regência verbal nas diversas obras, mas, de modo geral, o tratamento dado à regência é bastante semelhante em todas elas.

## 9 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção são discutidos os resultados referentes a cada verbo analisado, com base nas pesquisas teóricas e nos dados do *corpus*. Primeiramente, verificam-se as recomendações de regência<sup>56</sup> encontradas para cada verbo e analisam-se os diferentes tipos de complementos (quando há) e o universo de análise para cada verbo, mostrando exemplos e discutindo-os de maneira crítica, seguindo as lições teóricas tidas como base para este trabalho<sup>57</sup>. Por fim, faz-se uma comparação entre os resultados obtidos para as duplas de verbos com regência semelhante e realiza-se uma comparação dos resultados aqui obtidos com os resultados de pesquisa realizada com *corpus* mais recente<sup>58</sup>.

### 9.1 A regência, segundo a norma

#### 9.1.1 PERDOAR

De acordo com a gramática de valências, o verbo **perdoar** apresenta valência 3, já que pode apresentar três argumentos completando sua predicação. De acordo com as lições de Mateus *et alii* (1983), o verbo **perdoar**, pela sua predicação, pertence ao grupo dos predicados de evento causativos transferenciais (tipicamente predicados de três lugares), que exprimem “a transferência da entidade designada pelo argumento *objeto*, da entidade designada pelo argumento *origem* para a entidade designada pelo argumento

---

<sup>56</sup> Os dados relativos à regência dos verbos, inclusive historicamente, também podem ser encontradas na subseção 8.6.

<sup>57</sup> As obras analisadas foram: Savioli (1981), Terra (2002), Martins (1997), Cegalla (1999), Luft (2002), Nicola e Terra (2000), Barros (1985), Sacconi (1984), Borba (2002), Bechara (1999; 1977), Faraco e Moura (1999), Rocha Lima (1983), Cunha (1970), Souza Lima (1945), Góis (1938), Torres (1934), Silveira (1934), Barreto (1922;1924) e Ribeiro (1915).

<sup>58</sup> Essa pesquisa é de Neves (2004), a qual realizou os procedimentos de análise tomados como modelo neste trabalho, como já exposto na **Metodologia**.

*recipiente*” (p. 64). Assim, além do argumento *origem*, que é representado pelo sujeito da frase, esse verbo apresenta dois argumentos representados pelos complementos verbais (objetos). Esses, de acordo com a prescrição normativa, devem ser: um sem preposição (objeto direto), e o outro iniciado pela preposição **a**, o primeiro referindo-se àquilo que é perdoado, e o segundo (que pode ser expresso pelo pronome **lhe**) referindo-se à pessoa (instituição, etc.) a quem se dá o perdão. Qualquer um dos complementos pode não estar expresso.

É a lição, por exemplo, de Savioli (1981), Terra (1997), Martins (1997), Cegalla (1999), Luft (2002), Nicola e Terra (2000), Barros (1985), Borba, 2002, Bechara, 1999, 1977, Faraco e Moura, 1999, Rocha Lima, 1983, Cunha, 1970, Souza Lima, 1945, Góis, 1938, Torres, 1934, Silveira, 1934, Barreto, 1924 e Ribeiro, 1915. Alguns desses autores (Cegalla, Luft, Barros, Faraco e Moura e Góis), no entanto, relativizam essa norma, referindo-se ao fato de que, na linguagem informal, costuma-se usar objeto direto também para complemento de pessoa. Cegalla (1999, p. 316) aponta que “no português moderno, é corrente a construção *perdoar alguém*, ainda que contrarie o ensino dos gramáticos”. Celso Pedro Luft (1987, p. 399) chega a dizer que a forma usada em linguagem informal é “construção derivada, nos clássicos antigos e modernos (...), e é sintaxe usual no português contemporâneo do Brasil”. Diz, também: “não há pois motivo para gramáticas e dicionários (...) continuarem reprovando essa sintaxe. O que é usual, corrente, é *regular* (obedece a *regra*, ainda que desconhecida). O mais que se pode é aconselhar a sintaxe primária, lógica, para a linguagem culta formal” (p. 399).

Barros (1985, p. 251), por sua vez, afirma que “na linguagem coloquial e na literatura moderna, se omitida a *coisa*, a pessoa é traduzida em objeto direto, o que, aliás, já ocorria entre os próprios clássicos”. Alguns autores indicam ainda que é admissível a

forma passiva para o verbo **perdoar** (Cegalla, 1999; Martins, 1997; Rocha Lima, 1983; Barreto, 1922/1924; Silveira, 1934; Souza Lima, 1945; Góis, 1938).

### 9.1.2 PAGAR

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo **perdoar**, **pagar** é um verbo que apresenta valência 3, já que pode apresentar três argumentos para completar sua predicação. De acordo com Mateus *et alii* (1983), assim como o verbo **perdoar**, o verbo **pagar** pertence ao grupo dos predicados de evento causativos transferenciais (tipicamente predicados de três lugares). Assim, esse verbo também apresenta, além do argumento *origem*, representado pelo sujeito, dois argumentos representados pelos complementos verbais (*objetos*), os quais, de acordo com a prescrição normativa, devem vir representados da seguinte forma: um sem preposição (objeto direto), e o outro iniciado pela preposição **a**, ou **para**. O primeiro se refere àquilo que é pago e o segundo (que pode ser expresso pelo pronome **lhe**) refere-se à pessoa (instituição, etc.) a quem se faz o pagamento. Qualquer um dos complementos pode não estar expresso.

Dos autores que recomendam essa norma, citem-se: Savioli, 1981; Terra, 1997; Martins, 1997; Cegalla, 1999; Luft, 1987; Nicola e Terra, 2000; Sacconi, 1984; Borba, 2002; Bechara, 1999; 1977; Faraco e Moura, 1999; Rocha Lima, 1983; Barreto, 1922 e 1924; Torres, 1934; Souza Lima, 1945. Alguns deles (Cegalla, Luft e Faraco e Moura), no entanto, fazem menção ao fato de que, na linguagem informal, costuma-se usar objeto direto também para complemento de pessoa. Luft (1987, p. 389) chega a dizer que a forma usada em linguagem informal “é de uso freqüente e, até literariamente, bem documentada”.

E continua: “Sintaxe legítima, portanto. Quando muito, pode-se dizer que, na língua escrita formal, a sintaxe *pagar a alguém, pagar-lhe* é preferível a *pagar alguém, pagá-lo*”.

### 9.1.3 IR

De acordo com a gramática de valências, o verbo **ir** apresenta valência 2, pois pede dois argumentos, pertencendo ao grupo dos predicados de evento não-causativos de movimento que exprimem o deslocamento de uma entidade *origem* ou *objeto* para um dado lugar *locativo* (Mateus *et alii*, 1983). Como já visto na subseção **8.5**, o argumento “locativo”, indicando meta, destino, não é tratado de modo uniforme nas gramáticas. Alguns autores consideram-no como complemento verbal e, portanto, obrigatório para completar a predicação do verbo, enquanto outros consideram-no como adjunto, ou seja, termo acessório, não obrigatório. Neste trabalho, lembra-se, as construções locativas que indicam meta são consideradas complementos, já que se considera que são essenciais para a complementação do verbo.

Além das recomendações normativas para o verbo **ir** expostas na subseção **8.7.7** deste trabalho, esse verbo também é tratado em Mollica (1996), que, citando Nascentes e Lessa, mostra que esses autores apontam a regência da preposição **em** como característica do português falado no Brasil pelas camadas populares, embora já tenha existido em Portugal. A autora diz ainda que, de acordo com a gramática normativa, tal regência é um “solecismo de regência, devendo ser evitada, salvo nos empregos estilísticos” (p. 150).

Conforme já dito na subseção **8.7.7**, há uma diferença semântica entre as preposições usadas com o verbo **ir**. Com relação à preposição **até**, nenhum dos manuais

analisados traz referência quanto ao seu uso com complemento de direção. Quanto às preposições **a** e **para**, elas basicamente se distinguem pelo fato de a primeira indicar [-permanência] e a segunda, [+permanência] (Mollica, 1996). Para a preposição **em**, o que se nota é que ela é usada preferencialmente para indicar “inserção em algum lugar” (Neves, 2004), e, por isso, rege preferencialmente os complementos com o traço [fechado].

#### 9.1.4 CHEGAR

Assim como o verbo **ir**, **chegar** apresenta valência 2, pedindo dois argumentos e pertencendo ao grupo dos predicados de evento não-causativos de movimento que exprimem o deslocamento de uma entidade *origem* ou *objeto* para um dado lugar *locativo*.

As recomendações prescritivas para esse verbo, quando verbo de movimento – excetuando-se as ocorrências em que o verbo tem o sentido de “ir/vir para perto de”, “encostar”<sup>59</sup>, que são casos especiais e não entram na zona de conflito entre uso e norma –, indicam que seu complemento de destino deve iniciar-se pela preposição **a** ou **até** (e não pela preposição **em**)<sup>60</sup>.

#### 9.1.5 ASSISTIR

---

<sup>59</sup> São exemplos: *Chegaram-se para o caminhão, mesmo antes deste parar.* (LOC-R) e *Chegava-me para perto do Zé Ludovina, como se estivesse com medo de não chegar até lá.* (DOI-R).

<sup>60</sup> As observações feitas por Savioli (1998), Luft (2002) e Mollica (1996) quanto aos verbos de movimento, mostradas no item relativo ao verbo **ir**, também são válidas para **chegar**.



O verbo **assistir** pertence ao grupo dos predicados de processo experienciais (de dois lugares), que exprimem propriedades ou relações dinâmicas “vivas” por uma entidade “experienciador” (Mateus, 1983).

As prescrições normativas para esse verbo, de modo geral, fixam-se nos casos em que ele tem a acepção de “presenciar”, “ver”, recomendando-se que, nesse caso, o verbo seja usado como transitivo indireto, vindo o seu complemento sempre introduzido pela preposição **a**. Além disso, recomenda-se que, caso esse complemento seja substituído por pronome, utilizem-se as formas **a ele(s)** e **a ela(s)**, e não **lhe(s)**. Em alguns manuais também se encontram recomendações para o verbo **assistir** quando usado na acepção de “ajudar”, “prestar socorro”, mas na maioria das vezes o que se nota é que, nesse caso, são aceitos os complementos com ou sem a preposição **a**<sup>61</sup>.

#### 9.1.6 OBEDECER

Assim como o verbo **assistir**, **obedecer** pertence ao grupo dos predicados de processo experienciais (de dois lugares), que exprimem propriedades ou relações dinâmicas “vivas” por uma entidade do tipo “experienciador” (Mateus, 1983).

Os manuais normativos recomendam, a exemplo da norma encontrada para o verbo **assistir**, que **obedecer** seja usado como verbo transitivo indireto, apresentando um complemento sempre introduzido pela preposição **a**<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> Ver número de ocorrências encontradas para cada tipo de complemento do verbo com essa acepção na Figura 6, Anexo 1.

<sup>62</sup> No caso deste verbo, no entanto, como já dito na subseção **8.6.2**, alguns autores (como Luft, 2002; Faraco e Moura, 1999; Ribeiro, 1915; Góis, 1938) afirmam que ele também pode ser usado como transitivo direto, sendo essa construção bastante comum, especialmente nos clássicos. Alguns autores (como Barreto, 1922 e 1924; Silveira, 1934; Góis, 1938; Souza Lima, 1945 e Silva Dias, 1954) ainda afirmam que, embora esse verbo seja transitivo indireto, admite a construção passiva, fato que justificam pelo seu uso já em épocas anteriores com acusativo (Barreto, 1924).

### 9.1.7 ESQUECER(-SE)

**Esquecer(-se)** pertence ao grupo dos predicados de evento não-causativos de atividade mental (dois lugares), que exprimem atos de percepção ou cognição envolvendo uma entidade controladora (Mateus, 1983).

As recomendações prescritivas para o verbo **esquecer** (não-pronominal), indicam como desobediência à norma-padrão o uso do verbo com complemento preposicionado. Quanto à forma pronominal **esquecer-se**, a recomendação normativa é que se use complemento iniciado pela preposição **de**, seja ele oracional ou não (representação gráfica dos dois tipos de complementos na Figura 7 / Anexo 1).

Desse modo, consideram-se pertinentes para o confronto entre uso e norma apenas as ocorrências do verbo (seja ele pronominal ou não) em que há um complemento explícito, o que corresponde a 164 ocorrências, ou seja, **79%** do *corpus* total.

### 9.1.8 LEMBRAR(-SE)

Assim como ocorre com o verbo **esquecer(-se)**, de acordo com a gramática de valências, **lembrar(-se)** pertence ao grupo dos predicados de evento não-causativos de atividade mental (dois lugares), que exprimem atos de percepção ou cognição envolvendo uma entidade controladora (Mateus, 1983).

De acordo com os manuais estudados, a prescrição normativa para o verbo **lembrar** (não-pronominal) é a seguinte:

- significando “recordar”, “relembrar”, usa-se com complemento sem preposição (objeto direto) – mesma recomendação encontrada para **esquecer** (não-pronominal);
- significando “trazer à lembrança”, “sugerir”, usa-se com complemento sem preposição (objeto direto), podendo ocorrer outro complemento (referente a pessoa) iniciado pela preposição **a**;
- significando “fazer recordar”, usa-se com um objeto direto e um complemento preposicionado:
  - a) com um complemento sem preposição (objeto direto referente a pessoa) e outro complemento (oracional ou não) iniciado pela preposição **de**;
  - b) com um complemento sem preposição (objeto direto, oracional ou não) e outro complemento (referente a pessoa) iniciado pela preposição **a**.

Com relação à forma pronominal **lembrar-se**, o que se recomenda, assim como ocorre com o verbo **esquecer-se**, é que o verbo seja usado com complemento iniciado pela preposição **de**, seja este oracional ou não.

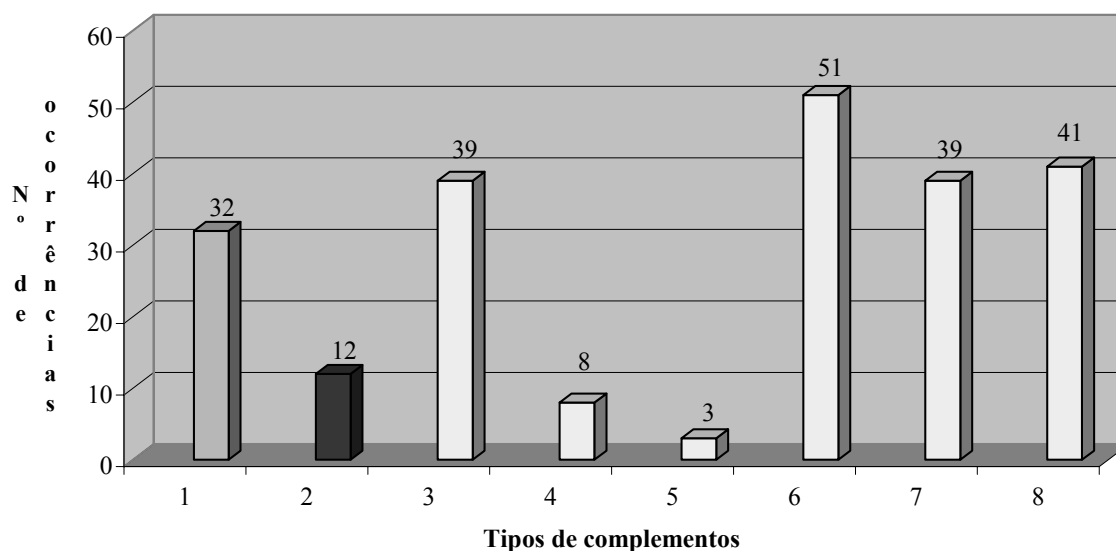
## 9.2 Os tipos de complementos e o universo de análise

### 9.2.1 PERDOAR

Foram analisadas, para o verbo **perdoar**, 225 ocorrências, 184 (**82%**) com complemento e 41 (**18%**) sem complemento explícito. Na figura abaixo, estão demonstrados graficamente todos os tipos de complementos encontrados para o verbo **perdoar**.

GRÁFICO 1

## Verbo perdoar - total de ocorrências

**Legenda:**

1. Complemento preposicionado (OI) pessoa
2. Complemento não-preposicionado (OD) pessoa
3. Complemento não-preposicionado (OD) coisa não-oracional
4. Complemento não-preposicionado (OD) coisa oracional
5. Complemento não-preposicionado (OD) pessoa + por/de alguma coisa
6. OD coisa + OI pessoa
7. Uso de pronome oblíquo (indefinição entre OD e OI)
8. Exemplos sem complemento explícito

Para se proceder a uma análise realmente fiel ao objetivo deste trabalho, o de comparar os usos reais da regência verbal na primeira metade do século XX com aquilo que prega (e pregava naquela época) a prescrição normativa, serão considerados, especificamente para o verbo **perdoar**, como exemplos de obediência ou não-obediência à prescrição normativa, apenas as ocorrências (a exemplo de Neves, 2004) em que se usa unicamente o complemento de pessoa (e/ou instituição, etc.), ou seja, aquele que representa “a quem se dá o perdão”. Isso porque, embora tenha ocorrido um exemplo de coisa, ou seja, “aquilo que se perdoa”, “a falta”, com preposição (uso não recomendado pela norma-padrão), não se pode considerar, por essa única ocorrência, que é uso comum a regência

não-recomendada pela prescrição normativa de utilizar-se o verbo **perdoar** com esse tipo de complemento. Como indica Neves (2004), quando ocorrem os dois complementos, também não é possível confrontar uso e norma, já que o usuário jamais incorre em erro, nesses casos, devido à internalização da norma de uso de preposição para o complemento de pessoa e não-uso para o complemento de coisa.

Assim, do total de ocorrências da amostragem do verbo **perdoar**, encontraram-se 182 casos (**80%** do total, ou seja, a grande maioria) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e prescrição normativa, pois se referem:

a) às 39 ocorrências que apresentam apenas complemento não-preposicionado (OD) referente a coisa não-oracional, casos como

(12) *Fernanda sacode a cabeça com um sorriso do mais velho que **perdoa** a travessura da criança. (CCR-R)*

b) às 8 ocorrências que apresentam apenas complemento não-preposicionado (OD) referente a coisa oracional, como

(13) *Tobias então não podia **perdoar** que a amada do poeta rival fôsse tão aplaudida quanto a sua deusa. (ABC-R)*

c) às 3 ocorrências com a construção *perdoar alguém por/de alguma coisa*, casos que, embora apresentem complemento de pessoa/instituição sem preposição, não são, em geral, condenados pelos manuais normativos, como

(14) *Que a perdoasse pelas más palavras: mas era atroz. (RF-T)*

d) às 51 ocorrências de **perdoar** em que ocorre um objeto indireto de pessoa e um objeto direto de coisa, casos como<sup>63</sup>

(15) *Mas uma vez que era mal sem remédio, que Deus lhes perdoasse aquela impiedade... (NT-R)*

---

<sup>63</sup> Algumas dessas ocorrências apresentam um pronome oblíquo de primeira ou segunda pessoa para se referir “a quem se dá o perdão”, mas, nesses casos, eles são, obviamente, objetos indiretos, já que, como se sabe, o falante tem internalizado que, no uso de dois complementos, o de pessoa é sempre preposicionado.

e) às 39 ocorrências com complemento constituído pelos pronomes oblíquos de primeira e de segunda pessoa (**me**, **te**, **nos**, etc.), formas que impedem que se distinga entre as funções sintáticas objeto direto e objeto indireto, casos como

(16) *-Perdoe-me o nobre Senador.* (DPA-O)

f) às 41 ocorrências sem complemento explícito, casos como

(17) *Até essa cidade tristoriba, então. Porque a tripulação não perdoa.* (LOC-R)

Os casos em que o usuário seguiu a prescrição da norma, isto é, usou o complemento de pessoa preposicionado, foram 32. Um exemplo é:

(18) *Papai é o melhor dos homens, mas não perdoa a adversário.* (MA-R)

Por fim, foram 12 os casos encontrados em que o usuário não seguiu a prescrição normativa, ou seja, usou objeto direto de pessoa, casos como

(19) *Pedira-lhe que perdoasse Ângela e ele prometera pensar sobre o assunto, visivelmente inclinado a ceder e, talvez mesmo, a ir bem mais longe...* (ANP-R)

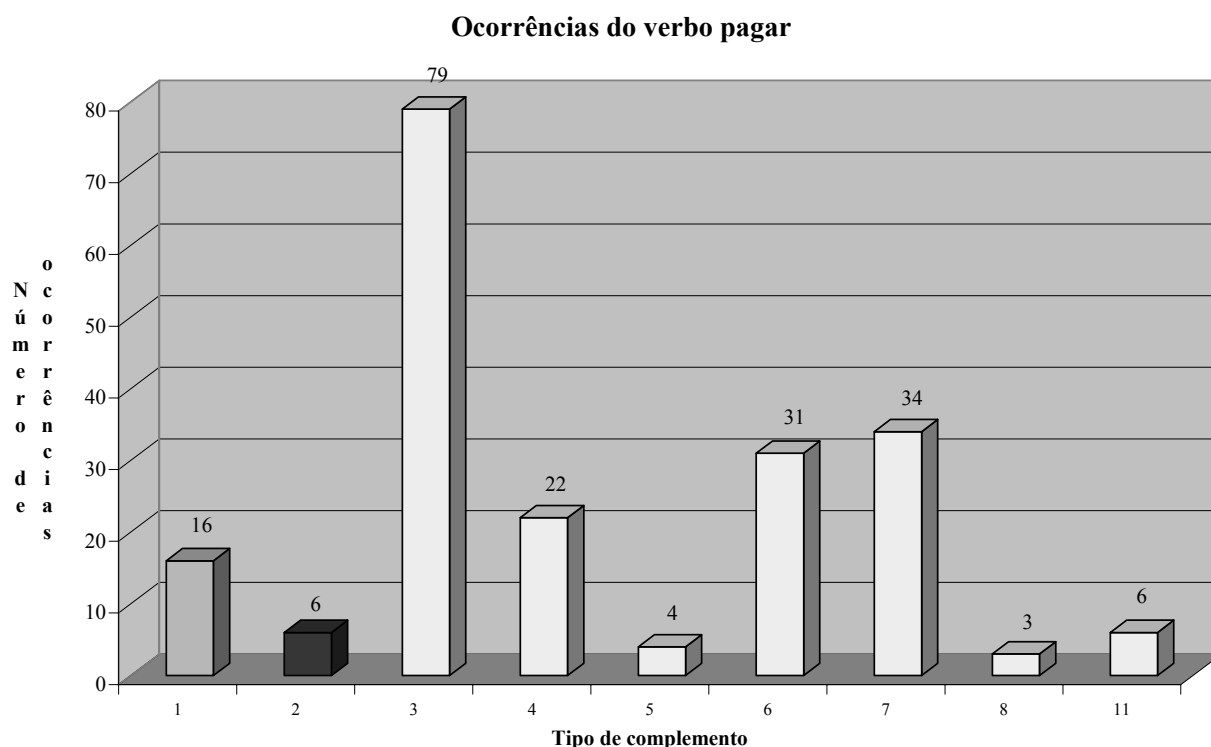
A representação gráfica da obediência ou não, e das ocorrências que não entram nesse confronto, está na Figura 1 (Anexo 1).

### 9.2.2 PAGAR

Como amostra das ocorrências do verbo **pagar**, foram analisados 201 casos<sup>64</sup>, 167 com e 34 sem complemento explícito. Na figura abaixo se demonstram, graficamente, todos os tipos de complementos encontrados para esse verbo:

<sup>64</sup> Algumas ocorrências também apresentam a forma apassivada e/ou um complemento iniciado com “pagar por/para alguma coisa”. Esses casos não foram considerados para análise, pois estão sendo contados junto com os outros aqui analisados. Por exemplo, em *O Senhor Azevedo tinha-lhe pago pelo cento a quantia com que se compra uma dúzia.* (TF-R), observa-se que ocorre o complemento de pessoa preposicionado (**lhe**), mas há também a construção “pagar por”. Neste caso, a contagem concentrou-se apenas no complemento de pessoa preposicionado, obediente à prescrição normativa.

GRÁFICO 2

**Legenda:**

1. Complemento preposicionado (OI) pessoa
2. Complemento não-preposicionado (OD) pessoa
3. Complemento não-preposicionado (OD) coisa
4. OD coisa + OI pessoa
5. Uso de pronome oblíquo (indefinição entre OD e OI)
6. Exemplos sem complemento explícito
7. Só valor expresso
8. Apenas modo como se paga
9. Voz passiva
10. Apenas pagar por/para fazerem algo
11. Adjetivo

Também com o verbo **pagar**, para se proceder ao confronto entre os usos reais da regência verbal e aquilo que prega a norma-padrão, serão considerados como exemplos de obediência e não-obediência à prescrição normativa, apenas os casos em que se usa unicamente o complemento de pessoa (e/ou instituição, etc.), ou seja, aquele que representa “a quem se paga”. Os motivos são os mesmos já explicados para o verbo **perdoar**: quando ocorrem os dois complementos, ou seja, um preposicionado representando “a quem se

paga” e outro não-preposicionado representado “o que é pago”, “dívida”, o usuário não incorre em erro, nesses casos, pois tem internalizado o uso de um complemento com preposição (para pessoa) e o outro sem (para coisa). Desse modo, do total das 201 ocorrências do verbo **pagar** acima explicitadas, consideraram-se pertinentes para este estudo, que se centra na avaliação do confronto entre o uso e a norma, apenas aquelas (**11%**) em que o verbo se construiu com complemento de pessoa sem preposição (6) ou com preposição (16) (número baixo, mas suficientemente representativo para confrontar uso e norma).

Os 179 casos (**89%** do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e prescrição normativa (seguindo Neves, 2004) referem-se:

a) às 79 ocorrências do verbo **pagar** com complemento de coisa (dívida), casos em que não há variação de uso, quanto à manifestação da regência, como

(20) *Aí, **paga** uma cervã ai!-finalizou Cabeleira. (CDE-R)*

b) às 22 ocorrências de **pagar** em que ocorre objeto indireto de pessoa (credor) e objeto direto de coisa (dívida)<sup>65</sup>, casos como

(21) *Quem sabe se é porque ainda não lhe **paguei** o vale atrasado? (RA-R)*

c) às 4 ocorrências com complemento constituído pelos pronomes oblíquos de primeira e de segunda pessoa (**me**, **te**, **nos**, etc.), cujas formas impedem que se distinga entre as funções sintáticas objeto direto e objeto indireto, casos como

(22) *Faz-me este favor, que te **pagarei** com juros capitalizados, sim? (PAU-CR)*

d) às 31 ocorrências em que o verbo se usa sem complemento, casos como

(23) *Vai **pagar**, **pagar** e sair. (PAP-R)*

e) às 34 ocorrências apenas com complemento de valor, casos em que também não há variação de uso, quanto à manifestação da regência, como

---

<sup>65</sup> Nesses casos, alguns complementos de pessoa são marcados por pronomes oblíquos de primeira e segunda pessoa, mas estes, aqui, não podem ser considerados como objetos diretos, já que está presente o complemento referente à coisa (dívida).



(24) *A Contadoria da Guerra **pagou** grandes somas pela verba-etapa. (ACD-O)*

f) às 2 ocorrências em que é expresso apenas o modo como se paga, como

(25) *E teria que **pagar** mais caro. (US-R)*

g) às 6 ocorrências em que algumas das formas do verbo ocorreram com função adjetiva, como

(26) *Os velhos lembravam-se do “Mal das Vinhas”, do “Príncipe Ubá” e outros dementados, constantes fregueses da secção paga do velho Jornal do Comércio.*

(REI-R)

As 16 ocorrências que correspondem aos casos em que se verifica que o falante seguiu a prescrição da norma referem-se aos casos em que há apenas objeto indireto de pessoa (como já explicado acima), casos como

(27) ***Pagou** a Seu Francisco, Filoca? (TC-R)*

Os casos em que o falante não seguiu a prescrição da norma são 6, sendo referentes às ocorrências em que há objeto direto de pessoa (credor), casos como

(28) *O Dr. Seixas **pagou** o chofer. (OL-R)*

Como já dito, os casos em que é possível analisar a divergência entre uso e norma são muito restritos, mas, mesmo assim, como veremos na análise, mostram resultados compatíveis com o esperado: uma maior porcentagem de obediência à prescrição, na língua escrita (representação gráfica na Figura 2 / Anexo 1).

### 9.2.3 IR

As ocorrências do verbo **ir** examinadas no *corpus* foram 428<sup>66</sup>, encontrando-se **49%** dos usos do verbo como auxiliar, **40%** como verbo de movimento e **11%** com outros

---

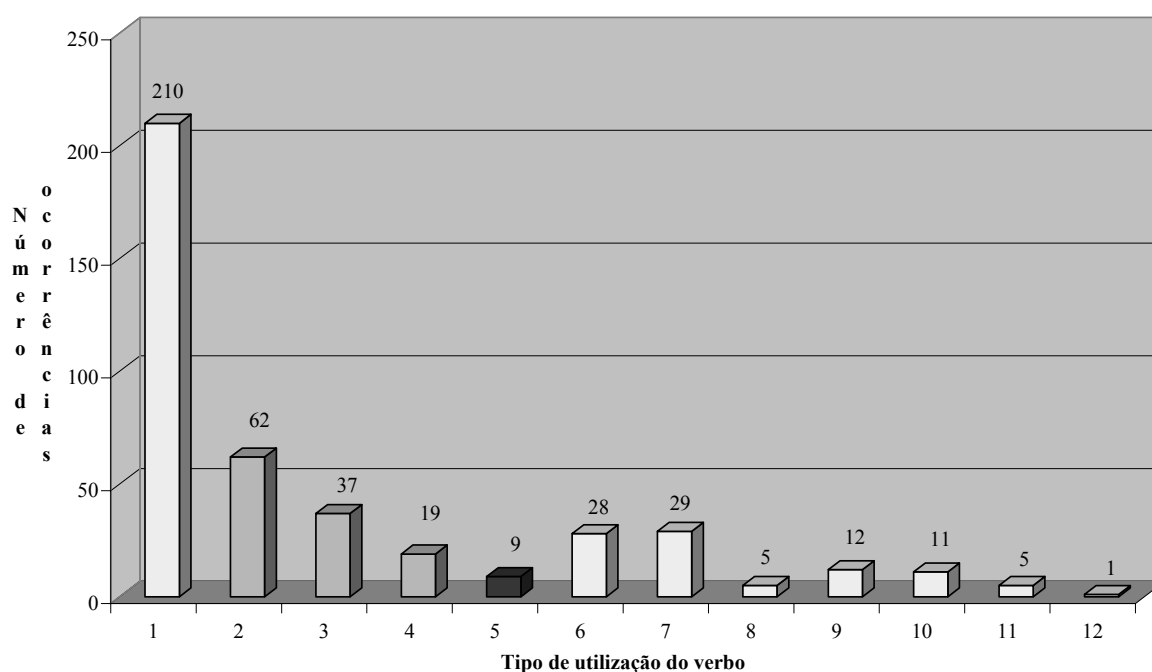
<sup>66</sup> Utilizou-se, para o verbo **ir**, o dobro de ocorrências utilizadas para formar a amostragem dos demais verbos aqui estudados pelo fato de ele apresentar um número de exemplos muito reduzido como verbo de

tipos de construção (com expressões, em indicação de origem, como verbo de ligação e como modalizador)<sup>67</sup>.

A zona ligada ao conflito entre uso e norma para esse verbo compreende apenas seu emprego com complemento de direção explícito, o que corresponde a 111 ocorrências, ou seja, apenas **26%** do *corpus* total. A representação gráfica de todas as ocorrências do verbo **ir** está na figura abaixo:

**GRÁFICO 3**

**Verbo ir**



**Legenda:**

1. Auxiliar
2. Com a preposição **a**
3. Com a preposição **para**
4. Com a preposição **até**
5. Com a preposição **em**
6. Em expressões
7. Sem complemento destino
8. Com **onde** (sem preposição)
9. Com advérbios de lugar

movimento, o que dificulta a análise e a comparação entre uso e norma, já que esta se restringe aos casos em que o verbo é assim empregado (como verbo de movimento).

<sup>67</sup> Ver Figura 3 (Anexo 1).

- 10. Como verbo de ligação
- 11. Expressando medida
- 12. Como marcador

Os 318 os casos (74% do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e norma referem-se (seguindo Neves, 2004):

a) às 210 ocorrências em que o verbo ocorre como auxiliar, casos como

(29) *Vou escrever amanhã pro velho.* (LSO-R)

b) às 28 ocorrências em que o verbo é empregado numa expressão, como

(30) *Vamos embora.* (UMO-R)

c) às 29 ocorrências em que o verbo é de movimento, mas ocorre sem complemento explícito, casos como

(31) *Muitas vezes não iam, muitas vezes - ternas e benfazejas noites!* (OES-R)

d) às 6 ocorrências de *ir* em que o seu complemento é onde, sem preposição, casos como

(32) *Onde ia, assim tão depressa?* (CAV-R)

e) às 12 ocorrências com complemento representado por advérbio de lugar, como

(33) *A recepção que lhe fizeram, foi mais cerimoniosa que as outras: era a primeira vez que ali ia.* (RCV-R)

f) às 11 ocorrências como verbo de ligação, casos como

(34) *A bondade vai longe, menino.* (PB-R)

g) às 5 ocorrências que indicam expressão de medida, seja de extensão ou tempo, casos como

(35) *Da serra do Mar desprende-se a da Mantiqueira, que mais pelo interior vai desde o Estado do Paraná até Minas Gerais.* (CH-T)

h) à única ocorrência em que o verbo ocorreu como modalizador:

(36) *Vamos, menina, ligeiro com esse café-grita ela.* (CLA-R)

i) às 15 ocorrências em que o verbo foi usado com as preposições **a**, **para**, **até** ou **em**, mas não como verbo de movimento, ou seja, o complemento regido por essas preposições não indicava destino. São casos como,

(37) *Tens vida longa, meu velho, digo-te eu. Quem escapou daquela **vai** ao centenário.* (IF-R)

(38) *Tais cálculos **vão** até 1801.* (FHB-T)

Os casos em que o usuário seguiu a prescrição da norma, isto é, usou o verbo **ir** com complemento de direção regido das preposições **a**, **para** e **até** foram 103. São exemplos:

(39) *De um ou de outro modo, a consequência foi termos ajustado que uma noite destas eu **irei** à sua casa.* (ABD-R)

(40) *Todos os dias oficiais do exército **vão** para o Amazonas.* (ACD-O)

(41) *É diferente, é precisamente o seguinte: hoje à noite, em determinado momento, Reni **irá** até a porta do meu quarto, experimentará para ver se eu a deixei aberta...* (ANP-R)

Por fim, foram 9 os casos em que o usuário não seguiu a prescrição da norma, ou seja, utilizou a preposição **em** com o complemento de direção. Tem-se, como exemplo:

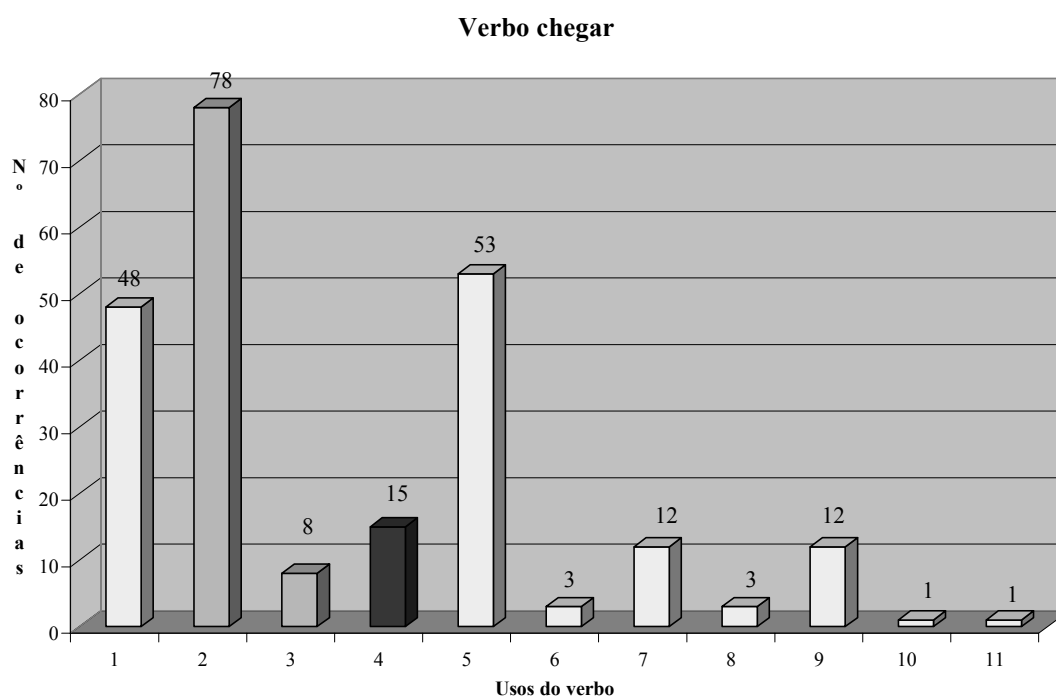
(42) *Quando Suzi se vestia pra **ir** na feira, assobiava o fox-trote da moda pro namorado **ir** também.* (MCU-R)

A representação gráfica da obediência ou não, e das ocorrências que não entram nesse confronto, está na Figura 3 (Anexo 1).

#### 9.2.4 CHEGAR

As ocorrências do verbo **chegar** examinadas no *corpus* foram 234, sendo **21%** dos usos do verbo como auxiliar, **54%** como verbo de movimento e **25%** com outros tipos de construção (expressões, verbo usado como marcador textual, verbo de movimento especial – com o sentido de “ir/vir para perto de”, “encostar” –, com o sentido de “bater” e significando “basta”)<sup>68</sup>. A representação gráfica de todas as ocorrências do verbo **chegar** encontra-se na figura abaixo:

GRÁFICO 4

**Legenda:**

1. Auxiliar
2. Com a preposição **a**
3. Com a preposição **até**
4. Com a preposição **em**
5. Sem complemento de destino
6. Expressões
7. Com advérbio de lugar
8. Basta

<sup>68</sup> Ver Figura 4.

9. Outro sentido: verbo de movimento especial – sentido de “ir/vir para perto de”, “encostar” – e também “bater”
10. Marcador
11. Com **onde** (sem preposição)

A zona ligada ao conflito entre uso e norma, a exemplo do que ocorre com o verbo **ir**, corresponde apenas ao emprego do verbo com complemento de direção explícito, o que abrange 54 ocorrências, ou seja, apenas **23%** do *corpus* total.

Os 180 casos (**77%** do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e norma referem-se (seguindo Neves, 2004):

a) às 48 ocorrências do verbo usado como auxiliar, casos como

(43) ***Ceguei** a ouvir o rumor do corpo caindo n'água.* (P-R)

b) às 3 ocorrências em que o verbo é empregado em uma expressão, como

(44) *Quem nasceu para dez réis não **chega** a tostão.* (TP-T)

c) às 53 ocorrências em que o verbo é de movimento, mas ocorre sem complemento explícito, casos como

(45) ***Chegou** às sete horas e meia, entrou, subiu ao terraço e olhou para o mar.*

(EJ-R)

d) à única ocorrência em que o complemento é onde, sem preposição:

(46) *Onde **cheguem** os germes e tentem alojar se, o organismo reage por inflamação aguda.* (TPM-T)

e) às 12 ocorrências com complemento representado por advérbio de lugar, como

(47) *Quando ele aqui **chegou**, tal como ainda hoje está, éramos nós crianças que brincávamos vigiadas poraios.* (IM-R)

f) às 3 ocorrências em que o verbo é empregado com o sentido de “basta”, “ser suficiente”, casos como

(48) ***Chega** de chá. Mande virar um cafezinho.* (OES-R)

g) às 12 ocorrências em que o verbo é usado como o sentido de movimento especial, indicando “ir/vir para perto de”, “encostar” ou então significando “bater”, casos como

(49) *Vitorino saltou da égua, amarrou o cabresto na cerca e **chegou-se** para perto da tenda.* (FM-R)

h) à única ocorrência em que o verbo é usado como marcador:

(50) ***Chegou** e telefonou.* (OES-R)

i) às 40 ocorrências em que o verbo foi usado com as preposições **a**, **até** ou **em**, mas não como verbo de movimento, ou seja, o complemento regido por essas preposições não indicava destino. São casos como,

(51) *E quando **chegaram** ao que eu sabia, as ave-marias do fim, tive vergonha de juntar minha voz à das outras, embora Maria José me desse com o cotovelo e me fizesse sinais de cabeça.* (THU-R)

Os casos em que se seguiu a prescrição da norma, isto é, utilizou-se o complemento de destino regido das preposições **a** ou **até** com o complemento de direção, foram 54. São exemplos:

(52) *Pouco depois **chegávamos** ao colégio de minha irmã Felícia.* (RCV-R)

(53) *A névoa dos altos **chegava** até os cajueiros.* (ME-R)

Por fim, foram 7 os casos em que o usuário utilizou complemento verbal regido pela preposição **em**, ou seja, não obedeceu à recomendação normativa, como em:

(54) *Nas noites de reza **chegava** em casa que era uma lástima.* (US-R)

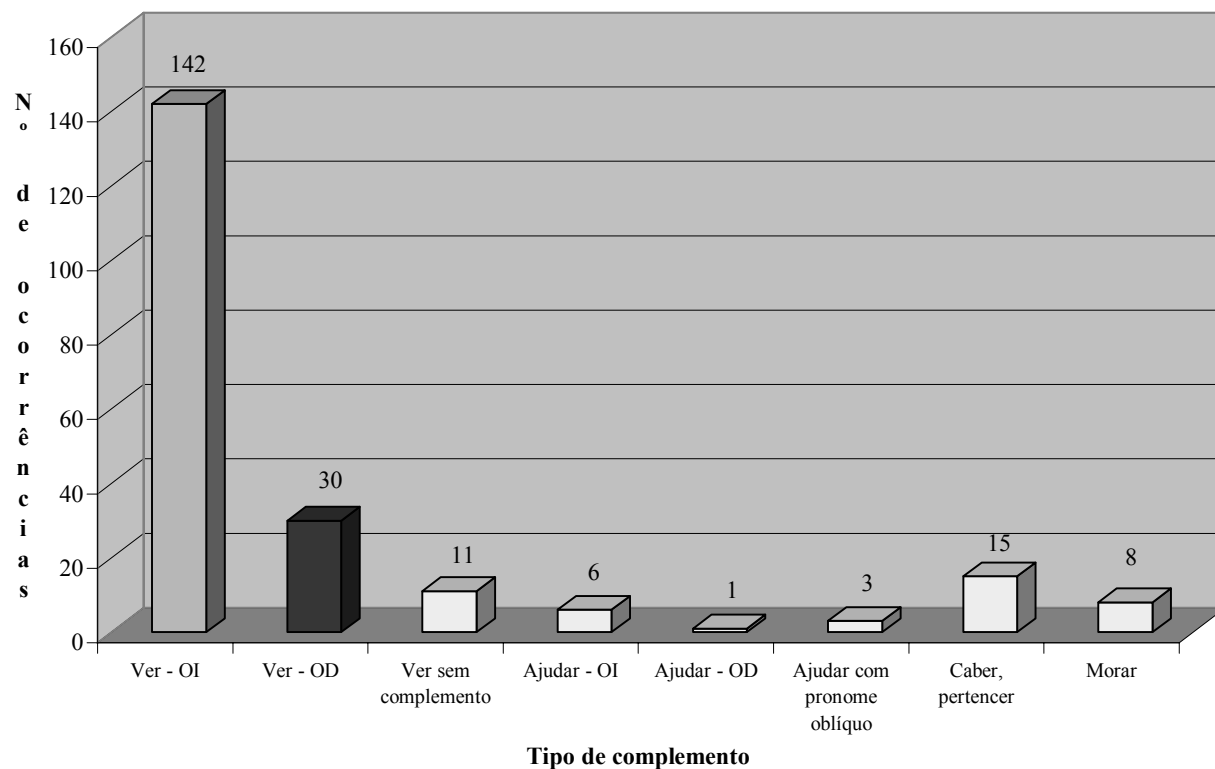
As ocorrências do verbo **chegar** encontram-se representadas graficamente na Figura 4 (Anexo 1).

#### 9.2.5 ASSISTIR

Foram examinadas 216 ocorrências para o verbo **assistir**, encontrando-se quatro acepções: “presenciar”, “ver”, “estar presente” (**85%** das ocorrências); “ajudar”, “socorrer”, “prestar assistência” (**5%**); “morar”, “residir” (**4%**); e “pertencer”, “cabere” (**7%**) (representação gráfica na Figura 5, Anexo 1). A figura abaixo ilustra todos os tipos de complementos encontrados para o verbo **assistir**:

GRÁFICO 5

## Ocorrências do verbo assistir



A zona ligada ao conflito entre uso e norma corresponde apenas ao emprego do verbo com a acepção de “ver”, “presenciar”, “estar presente”, em que há um complemento explícito, o que corresponde a 172 ocorrências, ou seja, **80%** do *corpus* total.



De todas as ocorrências do verbo **assistir**, portanto, são 44 os casos (20% do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e norma, por se referirem (seguindo Neves, 2004):

a) às 11 ocorrências em que o verbo tem a acepção de “ver”, mas não apresenta um complemento explícito, casos como

(55) *Não **assisti**. Adoeci e vim para o Brasil nas vésperas.* (TF-R)

b) às 10 ocorrências em que o verbo tem a acepção de “ajudar”, como

(56) *(...) **assista-lhe** o Apóstolo São Paulo, a quem o Senhor tornou um vaso de eleição (...).* (ANP-R)

c) às 8 ocorrências do verbo com a acepção de “morar”, casos como

(57) *(...) que a mesma correspondência continuou pelo decurso de dois anos, escrevendo a justificante da cidade do Porto em que **assístia**.* (EHB-T)

d) às 15 ocorrências em que o verbo apresenta a acepção de “cabem”, “pertencem”, como

(58) *(...) e a cada um de nós que preza a boa fama de sua Pátria, **assiste** o direito de censurar o escritor que tão mal corresponde ao apreço de seus compatriotas (...).* (TN-R)

Foram 142 os casos em que se seguiu a prescrição da norma, isto é, em que se utilizou o complemento do verbo, na acepção de “ver”, com complemento regido da preposição **a**, como em

(59) ***Assisto a** uma discussão do barbeiro André Laerte com o negociante Filipe Benigno.* (AN-R)

Os casos em que o usuário não seguiu a recomendação normativa, ou seja, utilizou complemento verbal sem preposição, foram 30. Exemplos:

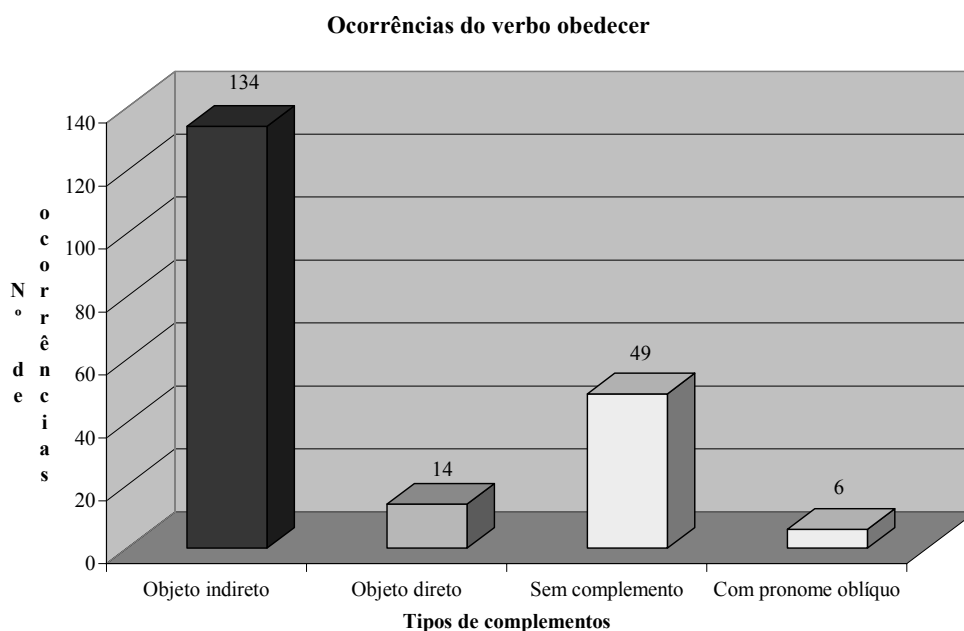
(60) *Recordo-me que uma vez, por acaso, entrei numa pretoria e **assisti um casamento** de duas pessoas pobres...* (VM-R)

### 9.2.6 OBEDECER

Diferentemente do que ocorre com o verbo **assistir**, **obedecer** só apresenta uma acepção básica. Foram analisadas 203 ocorrências desse verbo, sendo, dessas: 133 com complemento preposicionado; 15 com complemento sem preposição; 49 sem complemento explícito; e 6 com complemento representado por pronome oblíquo de primeira ou segunda pessoa (**me**, **te**, etc., formas que impedem que se distinga entre as funções sintáticas objeto direto e objeto indireto).

Na figura abaixo estão representadas as ocorrências do verbo **obedecer**:

**GRÁFICO 6**



A zona ligada ao conflito entre uso e norma corresponde às 148 ocorrências (73%) do verbo em que há um complemento explícito, desde que esse não seja

representado por um pronome oblíquo de primeira ou de segunda pessoa (**me, te, nos**, etc., cujas formas impedem que se distinga entre as funções sintáticas de objeto direto e objeto indireto).

De todas as ocorrências do verbo **obedecer**, portanto, são 55 os casos (**27%** do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e norma, pois se referem (seguindo Neves, 2004):

a) às 49 ocorrências do verbo sem complemento explícito, casos como

(61) *Todos de olhos fechados! - Mandava Madalena no alto da caramboleira. - Bem fechados! **Obedecemos** - eu, Pinga-Fogo e Emanuel.* (OES-R)

b) às 6 ocorrências em que o verbo apresenta um complemento representado por pronome oblíquo de primeira ou segunda pessoa (**me, te, nos**, etc.), cujas formas impedem que se distinga entre as funções sintáticas objeto direto e objeto indireto, casos como

(62) *Isso é autoridade. Eu mando, ele me **obedece**.* (OL-R)

Os casos em que o usuário seguiu a prescrição normativa, isto é, utilizou o complemento do verbo com complemento regido da preposição **a**, foram 134, como em

(63) *É sabido que a taxa cambial **obedece** à lei geral da oferta e da procura.*  
(ACD-O)

Não se seguiu a recomendação normativa, ou seja, utilizou-se complemento verbal sem preposição, em 14 casos, como em:

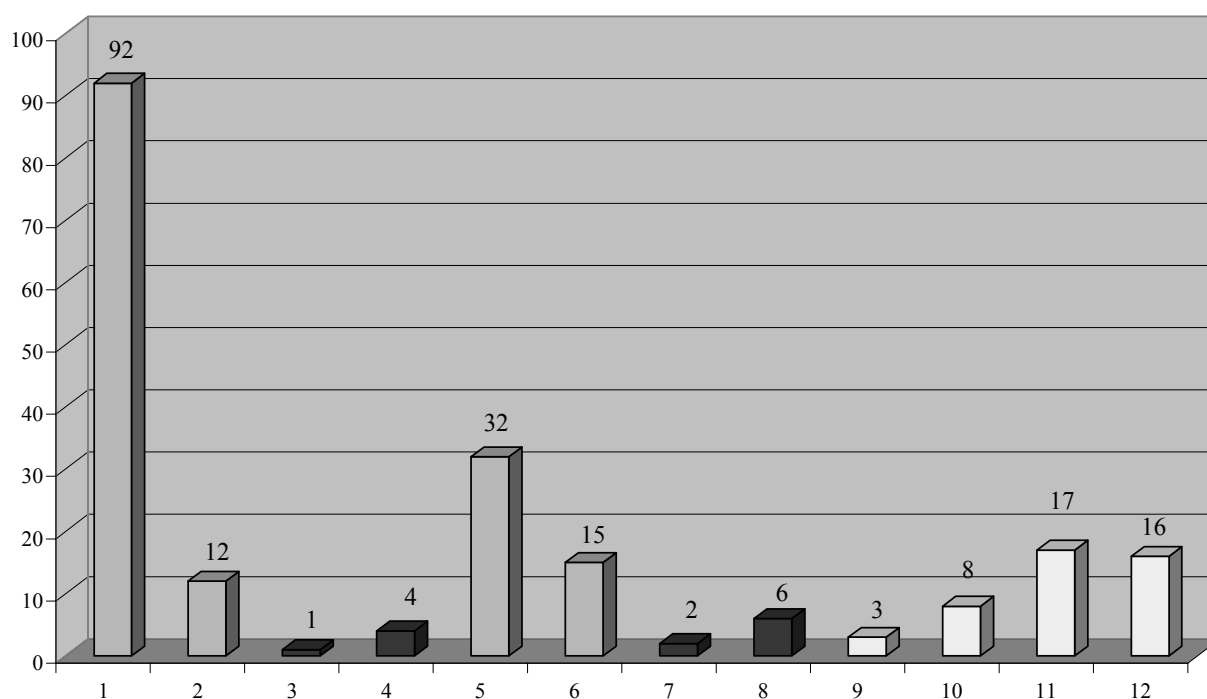
(64) *Qualquer coisa nos impele um para o outro e nunca **obedecemos** o impulso.*  
(PAU-CR)

### 9.2.7 ESQUECER(-SE)

Foram examinadas, para o verbo **esquecer(-se)**, 196 ocorrências<sup>69</sup>: 126 encontram-se na forma não-pronominal, 58 na forma pronominal e 8 acompanhadas por um pronome oblíquo, com a acepção de “fugir à lembrança” (ficando o verbo sempre em terceira pessoa e o objeto em nominativo). A figura abaixo ilustra todos os tipos de ocorrências do verbo:

### GRÁFICO 7

#### Tipos de complementos - verbo esquecer(-se)



#### Legenda:

1. não-pronominal não-oracional sem preposição
2. não-pronominal oracional sem preposição
3. não-pronominal não-oracional com preposição
4. não-pronominal oracional com preposição
5. pronominal não-oracional com preposição
6. pronominal oracional com preposição
7. pronominal não-oracional sem preposição
8. pronominal oracional sem preposição
9. pronominal sem complemento
10. “fugir à lembrança”
11. não-pronominal sem complemento
12. adjetivo

<sup>69</sup> O *corpus* foi montado utilizando-se 208 ocorrências de **esquecer(-se)**, mas, destas, 16 correspondiam, na realidade, a adjetivos.

Consideram-se pertinentes para o confronto entre uso e norma apenas as ocorrências do verbo (seja ele pronominal ou não) em que há um complemento explícito, o que corresponde a 164 ocorrências, ou seja, **79%** do *corpus* total. Sendo assim, são 44 os casos (**21%** do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e norma, por se referirem (seguindo Neves, 2004):

a) às 3 ocorrências do verbo **esquecer-se** (pronominal) sem complemento explícito, casos como

(65) *Quaresma ficou um instante pensativo, deixando de remover os galhos cortados; em breve, porém, **esqueceu-se** e a preocupação dissipou-se.* (TF-R)

b) às 17 ocorrências do verbo **esquecer** (não-pronominal) sem complemento explícito, como

(66) *Zé Luís capitulara, **esquecera**, deixando a execução do compromisso assumido para o dia seguinte e para o dia seguinte do dia seguinte.* (CAV-R)

c) às 8 ocorrências do verbo **esquecer(-se)** com o sentido de “fugir à lembrança”, com o verbo em terceira pessoa e complemento em nominativo, como

(67) *Com o comentário feito, ontem, à margem das extravagâncias de minha inventiva, **esqueceu-me** relatar o fim de Violante, que acaso interessará a alguma romântica leitora.* (ABD-R)

d) às 16 ocorrências em que a forma **esquecido** é, na realidade, adjetivo, casos como

(68) *Tudo fica **esquecido**, o jardim, o jardineiro, a rapariga feia que foi levar migalhas aos coelhos, os telhados da Floresta, o rio, as montanhas, o céu, tudo, até mesmo Katie.* (CCR-R)

As ocorrências em que se seguiu a prescrição normativa foram 151, as quais incluem:

a) verbo na forma pronominal, usado com complemento regido pela preposição **de**, casos como

(69) *Tu **te esqueces** decerto de que eu também sou uma criatura de carne e nervos.* (OL-R)

b) verbo na forma não-pronominal, com complemento sem preposição, como

(70) *Distraio-me, **esqueço** Marina, que algumas ruas apenas separam de mim.*  
(AN-R)

Os casos de não-obediência à prescrição foram apenas 13, os quais se referem:

a) verbo na forma pronominal, com complemento sem preposição, como

(71) *Se **vos esquecerdes** que sois gregos e latinos, tereis conseguido abalar a própria estrutura do vosso ser.* (DIE-R)

b) verbo na forma não-pronominal, com complemento preposicionado, casos como

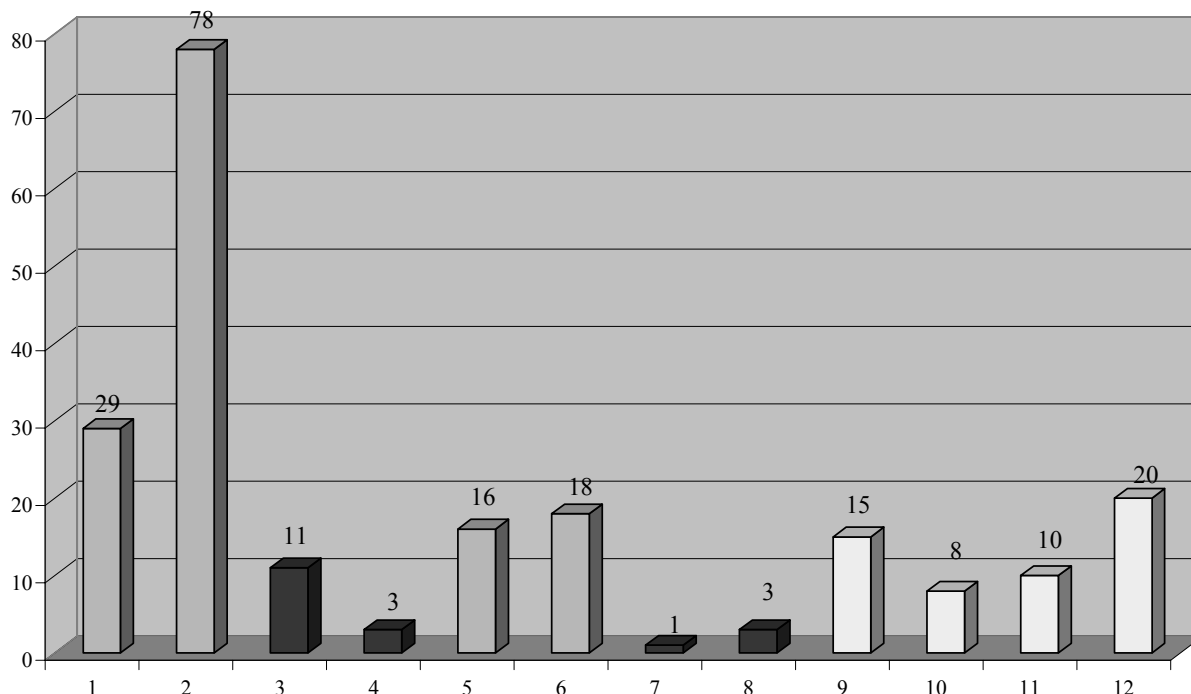
(72) *Contudo, esperava firmar-se e não havia **esquecido** de sua promessa a Bogóloff.* (NN-R)

#### 9.2.8 LEMBRAR(-SE)

Como amostra do *corpus* do verbo **lembrar(-se)** foram examinadas 212 ocorrências. Diferentemente do que ocorre com o verbo **esquecer(-se)**, no entanto, **lembrar(-se)** não apresenta uma única acepção básica, e sim três: “recordar”, “relembrar”; “trazer à lembrança”, “sugerir”; e “fazer recordar”. Tais acepções apresentam, respectivamente, 182 (86%), 20 (9%) e 10 (5%) ocorrências (a representação gráfica das diferentes acepções pode ser vista na Figura 9, Anexo 1). Todos os tipos de ocorrências encontradas para o verbo **lembrar(-se)** estão representados graficamente na figura abaixo:

GRÁFICO 8

## Tipos de ocorrências do verbo lembrar(-se)



## Legenda:

1. pronominal com OI oracional
2. pronominal com OI não-oracional
3. pronominal com OD oracional
4. pronominal com OD não-oracional
5. “recordar” - não-pronominal com OD oracional
6. “recordar” - não-pronominal com OD não-oracional
7. “recordar” - não-pronominal com OI oracional
8. “recordar” - não-pronominal com OI não-oracional
9. pronominal sem complemento explícito
10. “recordar” - não-pronominal sem complemento explícito
11. “fazer recordar”
12. “trazer à lembrança”

Consideram-se pertinentes para este estudo (que confronta uso e norma) as 159 ocorrências (75% do *corpus* total) do verbo **lembrar(-se)** em que há um complemento explícito. As 53 ocorrências (25% do total) em que não há o que examinar quanto à relação entre uso e norma referem-se (seguindo Neves, 2004):

a) às 15 ocorrências do verbo **lembrar-se** (pronominal) sem complemento explícito, casos como

(73) ***Lembro-me**, já te disse, - afirmou enfezado.* (IF-R)

b) às 8 ocorrências do verbo **lembrar** (não-pronominal) com a acepção de “recordar”, “relembrar”, sem complemento explícito, como

(74) *Precisamos mudar isto, **lembrou** o moço, de volta dum passeio a S. Paulo.*

(NEG-R)

c) às 20 ocorrências do verbo **lembrar(-se)** com a acepção de “trazer à lembrança”, casos como

(75) *Esta cidade, em dias de festa, **lembra-me** a casa do Vicira em noites de víspera, com a lâmpada belga, a caixa de musica o aqueles infamérrimos biscoitos do padaria que tresandam à barata.* (FF-R)

d) às 10 ocorrências com a acepção de “fazer recordar”, como

(76) ***Lembro** ao nobre Deputado que a hora está dada.* (ACD-O)

Do total, foram 141 os exemplos em que se seguiu a prescrição normativa, incluindo:

a) as ocorrências em que o verbo se encontra na forma pronominal e é usado com complemento regido pela preposição **de**, casos como

(77) ***Lembro-me** de que, certa vez, corrigiu um dos nossos empregados.* (AMB-R)

b) as ocorrências em que o verbo foi usado na forma não-pronominal, na acepção de “recordar”, com complemento sem preposição, como

(78) *Diz muitas coisas longas, **lembra** os tempos de infância e de estudo, e no fim insinua-lhe que venha contar-lhe as viagens.* (MA-R)

Em 18 casos não se seguiu o que recomenda a prescrição normativa, incluindo:



a) verbo usado na forma pronominal, com complemento sem preposição, como

(79) **Lembro-me que o portão era de ferro (...).** (OES-R)

b) verbo usado na forma não-pronominal, com complemento preposicionado, casos como

(80) **Lembraste das anquinhas?** (NEG-R)

### 9.3 Resultados das análises

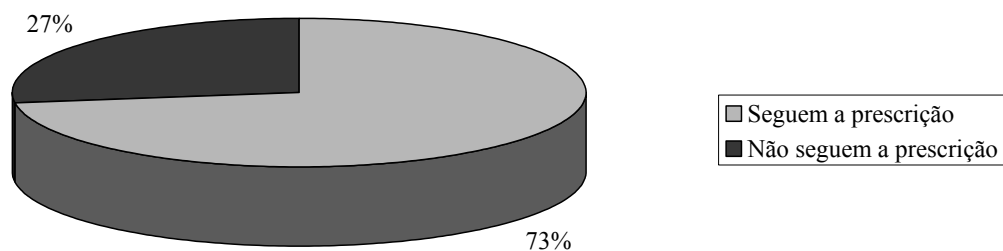
Nesta subseção comentam-se os resultados encontrados para cada verbo analisado, quanto ao confronto entre obediência e não-obediência à prescrição normativa, utilizando-se apenas as ocorrências em que é possível fazer essa comparação. Cada análise é seguida de um gráfico, que permite a visualização desse confronto entre uso e norma nos textos analisados.

#### 9.3.1 PERDOAR

As 44 ocorrências do verbo **perdoar** em que é possível confrontar a obediência com a não-obediência à prescrição normativa (seguindo Neves, 2004) mostram que, em quase **73%** dos casos, é seguida a prescrição de preposicionar o complemento que representa a pessoa/instituição, prevalecendo, pois, a conformidade ao que prescreve a norma. A representação gráfica está na figura abaixo:

GRÁFICO 9

## Ocorrências do verbo perdoar

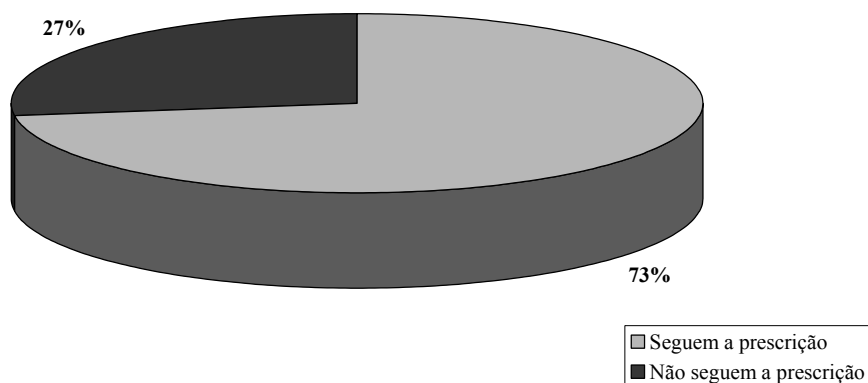


## 9.3.2 PAGAR

A comparação entre as 22 ocorrências do verbo **pagar** em que é possível confrontar a obediência com a não-obediência à prescrição normativa mostra que, em **73%** dos casos, se segue a prescrição de fazer preceder da preposição **a** o complemento que representa a pessoa/instituição a quem se paga, prevalecendo, pois, uma grande conformidade da língua escrita ao que prescreve a norma. Observe-se figura abaixo:

GRÁFICO 10

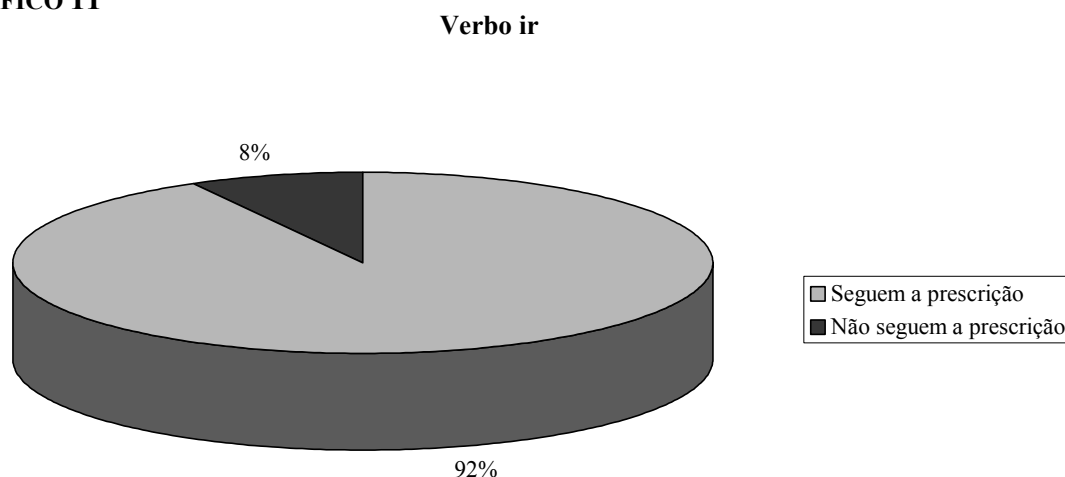
## Obediência à norma - verbo pagar



### 9.3.3 IR

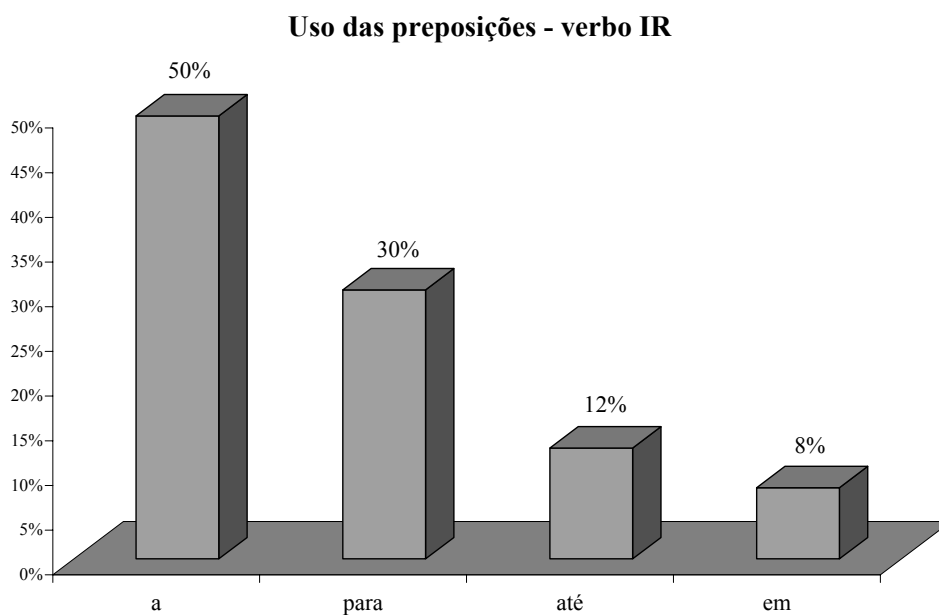
A comparação das 112 ocorrências do verbo **ir** em que é possível confrontar obediência ou não à prescrição normativa mostra que há uma grande obediência ao que recomenda essa prescrição, já que ela é seguida em **92%** dos casos. A representação gráfica está na figura abaixo:

**GRÁFICO 11**



Quanto ao uso das preposições que regem o complemento de direção do verbo **ir**, conforme mostra a figura abaixo, nota-se que há uma grande preferência pela preposição **a (50%)**. A preposição **para** apresentou **30%** da preferência, **até, 12%** e **em**, cujo uso deve ser evitado, de acordo com a recomendação normativa, apresentou apenas **8%** das preferências de uso.

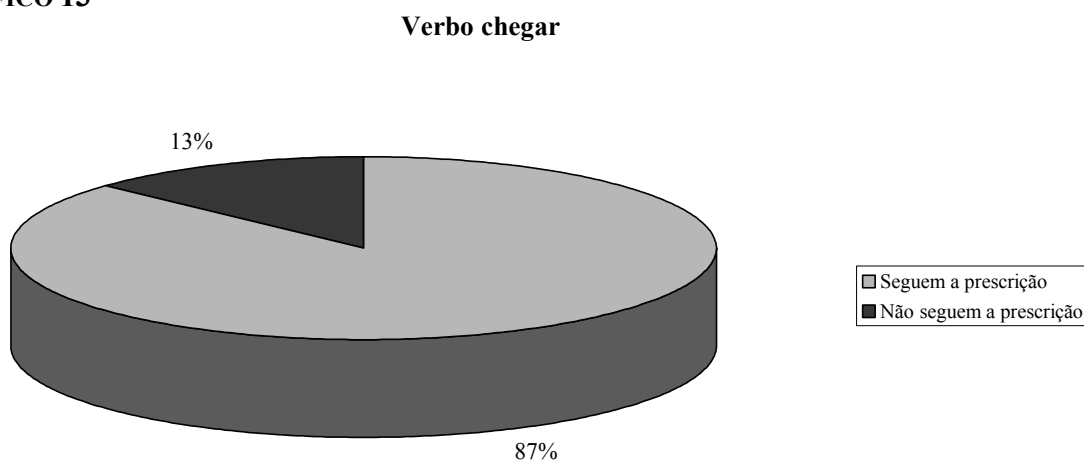
GRÁFICO 12



### 9.3.4 CHEGAR

Analisando as 54 ocorrências do verbo **chegar** em que é possível confrontar a obediência com a não-obediência à prescrição normativa, observa-se que, na grande maioria dos casos (**87%**), seguiu-se o que recomenda a prescrição. A representação gráfica dessa comparação encontra-se na figura abaixo:

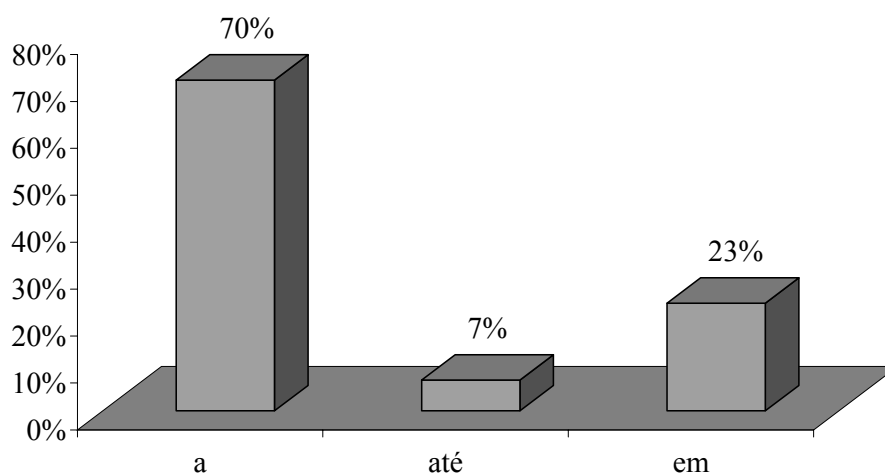
GRÁFICO 13



As observações feitas para o verbo **ir** com relação à baixa utilização, nos textos escritos examinados, da preposição **em** também são válidas aqui (como ilustra a figura abaixo):

**GRÁFICO 14**

**Preposições verbo CHEGAR**

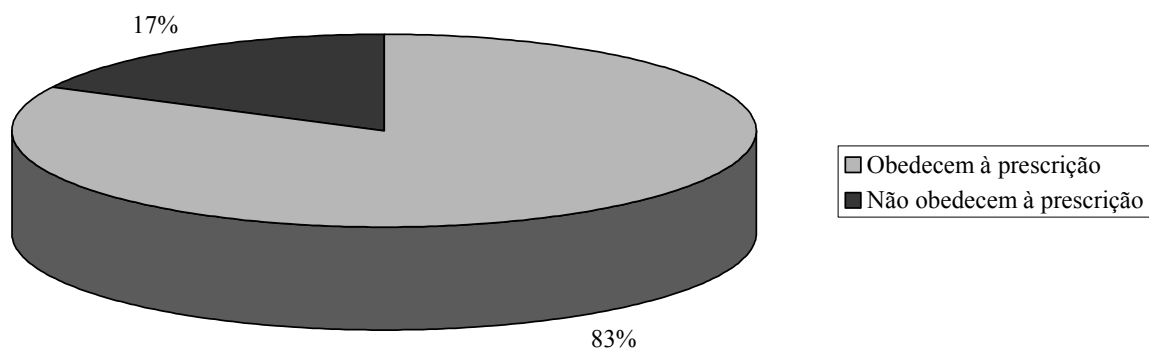


**9.3.5 ASSISTIR**

Confrontando os casos de obediência com os de não-obediência à prescrição normativa do verbo **assistir**, observa-se que o usuário segue preferencialmente a norma: **83%** dos casos. A representação gráfica dessa comparação encontra-se na figura abaixo:

GRÁFICO 15

Verbo assistir ("ver", "presenciar") - obediência à prescrição normativa

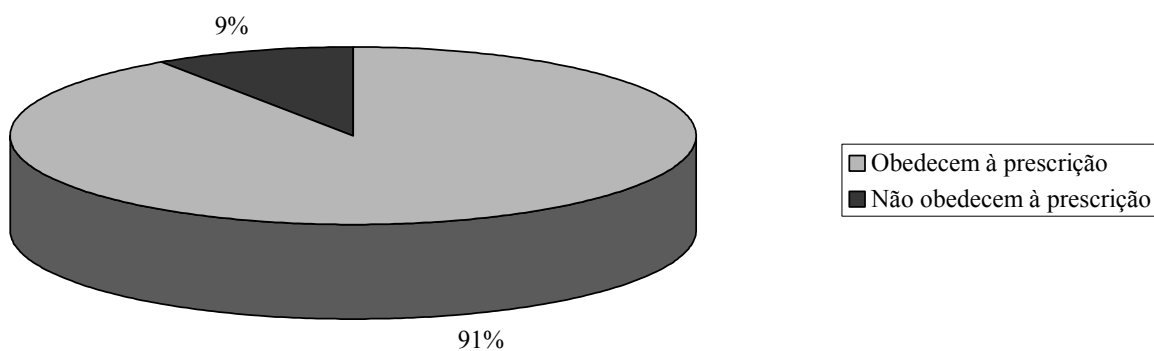


## 9.3.6 OBEDECER

Comparando-se os casos de obediência com os de não-obediência à prescrição normativa do verbo **obedecer**, nota-se que a grande maioria das ocorrências (91%) segue a norma. A figura abaixo representa essa comparação:

GRÁFICO 16

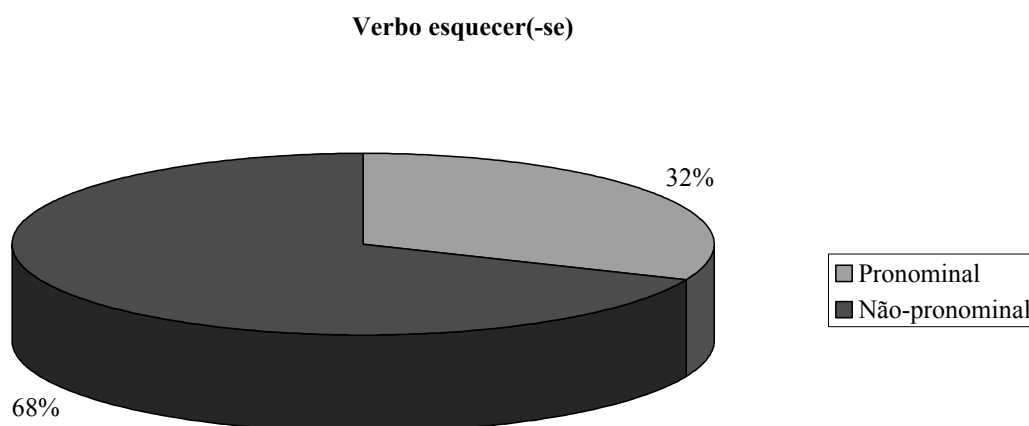
Verbo obedecer - obediência à prescrição



### 9.3.7 ESQUECER(-SE)

Comparando-se as ocorrências do verbo **esquecer(-se)** quanto ao uso como pronominal e não-pronominal, verifica-se que o uso da segunda forma é bem mais freqüente (o que ocorre em **68%** das ocorrências). Isso pode ser observado graficamente na figura abaixo:

**GRÁFICO 17**



A comparação entre o número de ocorrências que obedecem à norma e as que não obedecem mostra que, na grande maioria dos casos, o usuário segue o que é prescrito pelos manuais, como se observa nas figuras abaixo:

GRÁFICO 18

## Verbo esquecer-se (pronominal)

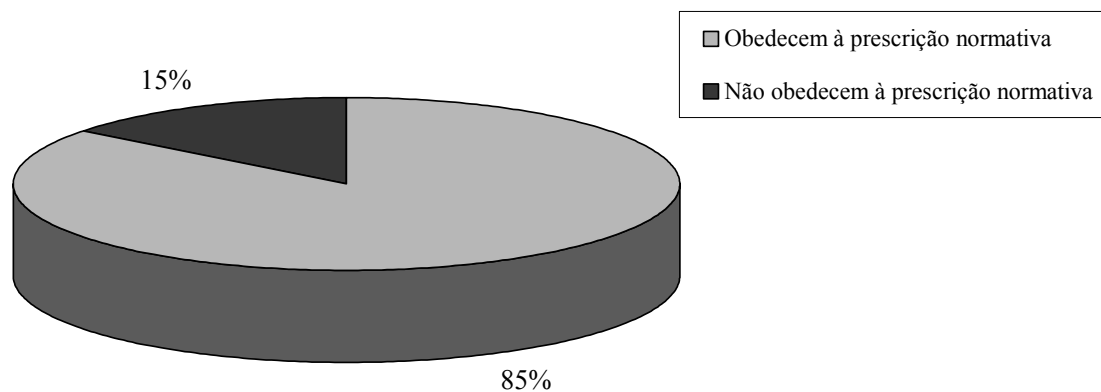
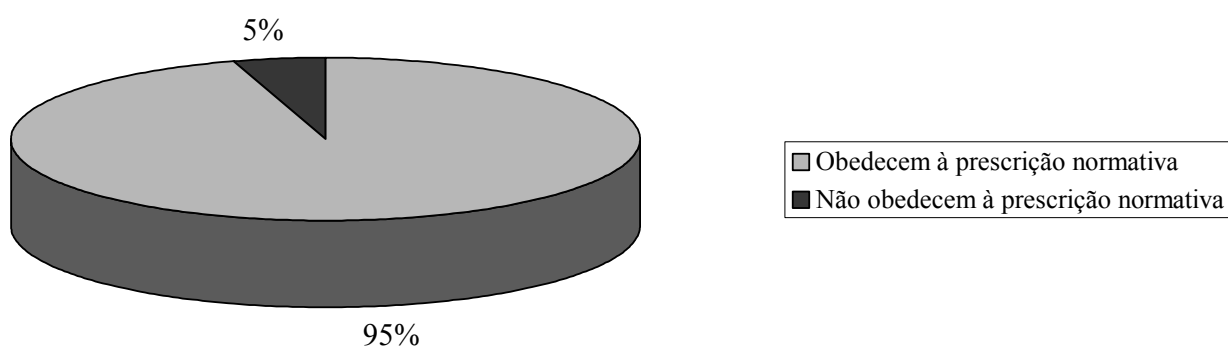


GRÁFICO 19

## Verbo esquecer (não-pronominal)

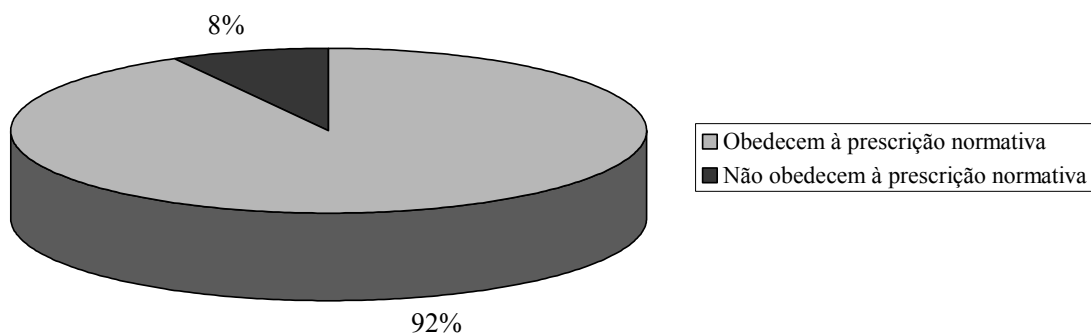


Como se vê nas duas últimas figuras, com a forma pronominal há obediência à norma em **85%** dos casos, e quanto à forma não-pronominal há obediência em **95%** dos casos. Unindo-se as duas formas, a porcentagem de obediência fica em **92%**, como se observa abaixo:



GRÁFICO 20

## Verbo esquecer(-se)

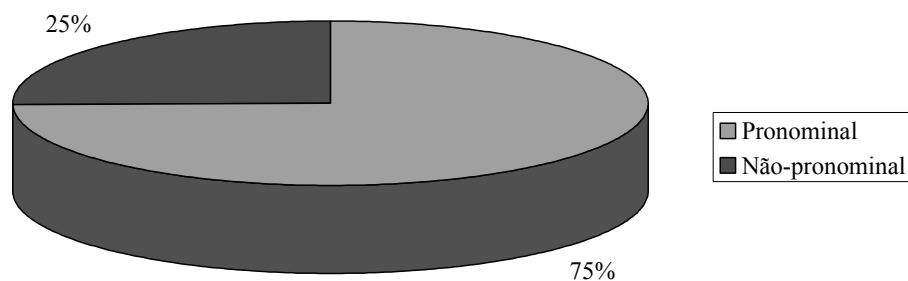


## 9.3.8 LEMBRAR(-SE)

Quanto à comparação entre o uso do verbo na forma pronominal e na forma não-pronominal, observa-se que, diferentemente do que ocorre com o verbo **esquecer(-se)**, a segunda forma é bem menos utilizada (tem-se **25%** e **75%**, respectivamente). A figura abaixo representa esses números:

GRÁFICO 21

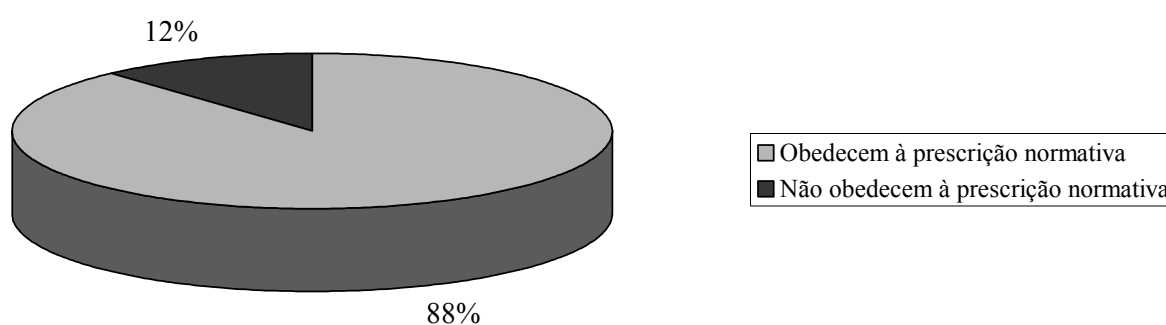
## Verbo lembrar(-se) no sentido de "recordar"



Observando-se as figuras abaixo, verifica-se que, de modo geral, tanto com relação ao uso do verbo em sua forma pronominal, quanto ao uso em sua forma não-pronominal, há uma grande obediência ao que prescreve a norma:

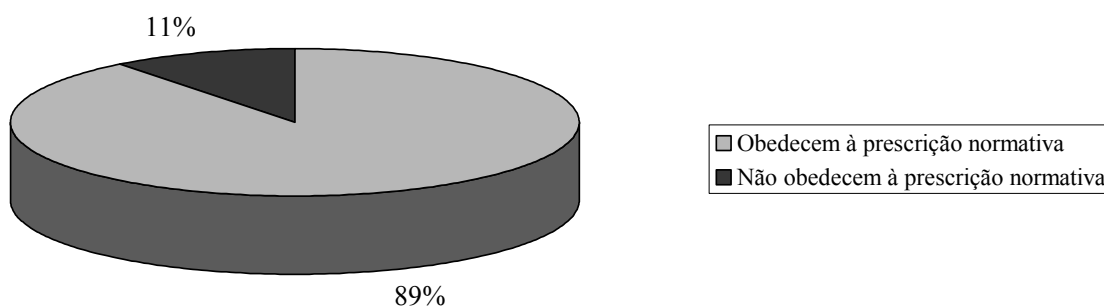
**GRÁFICO 22**

**Verbo lembrar-se (pronominal)**



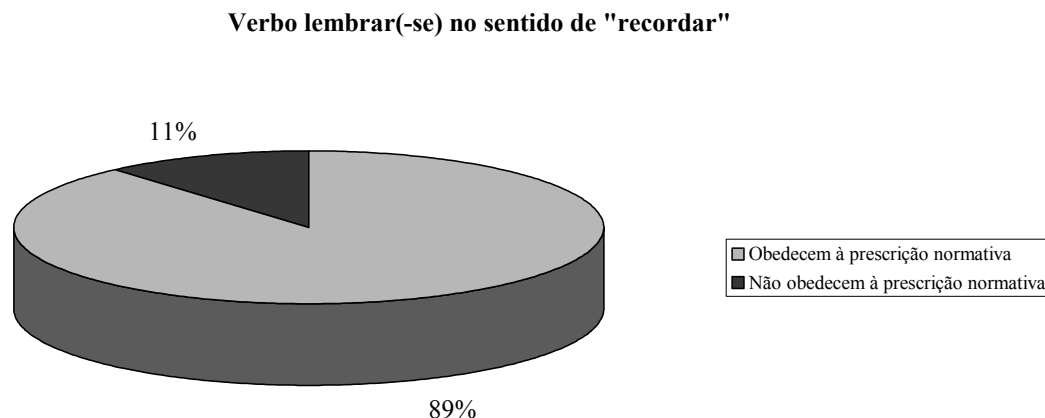
**GRÁFICO 23**

**Verbo lembrar (não-pronominal) no sentido de "recordar"**



Conforme se observa, obedece-se à norma em **88%** dos casos do verbo na forma pronominal e em **89%** dos casos do verbo na forma não-pronominal. Na média geral, a porcentagem de obediência fica em **89%**, como se verifica na figura abaixo:

GRÁFICO 24



#### 9.4 Comparação entre verbos com regência semelhante

Nesta subseção faz-se uma comparação por pares de verbos que apresentam recomendações de regência muito semelhantes, tanto nos manuais mais antigos quanto nos mais recentes.

##### 9.4.1 PERDOAR E PAGAR

Para os verbos **perdoar** e **pagar** observou-se que a porcentagem de obediência à norma foi exatamente a mesma, ou seja, **73%**. Esse número é elevado, mas retrata que há uma porcentagem significativa de desobediência à prescrição normativa mesmo quando se trata de língua escrita, modalidade em que, normalmente, se espera uma maior utilização da norma-padrão. Também comparando-se as diferentes formas dos dois verbos (ver

Tabelas 1 e 2), observou-se, de modo geral, que há uma grande obediência ao que recomenda a norma-padrão, sendo essa obediência mais ligada, ainda, às formas verbais próprias de registro mais tenso, como as de futuro (do presente e do pretérito) ou de construções mais complexas, como as de subjuntivo.

#### 9.4.2 IR E CHEGAR

Esses dois verbos também mostram resultados bem parecidos no confronto entre uso e norma. Como se observou, **92%** das ocorrências do verbo **ir** obedecem à prescrição normativa, enquanto **87%** das ocorrências do verbo **chegar** também obedecem – resultados bastante elevados e, como dito, muito semelhantes. Além disso, em ambos os casos notou-se que a preposição **em** é preferida especialmente quando se tem um complemento com o traço [fechado]. Também com essa dupla de verbos, mais uma vez se observa que, de modo geral, a recomendação à prescrição normativa é especialmente seguida no emprego das formas verbais próprias de registro mais tenso, as quais apresentaram **100%** de obediência à prescrição (Tabelas 3 e 4).

#### 9.4.3 ASSISTIR E OBEDECER

Também essa dupla de verbos apresenta resultados bastante parecidos no confronto entre uso e norma. Os números foram: **83%** de obediência para o verbo **assistir** e **90%** de obediência para o verbo **obedecer** (ambos bastante elevados). Um outro dado bastante semelhante para ambos os verbos é que, de modo geral, as formas verbais (ver Tabelas 5 e 6) próprias de registro mais tenso seguem prevalentemente o que recomenda a

prescrição normativa, observando-se poucos casos de grande porcentagem de não-  
obediência.

#### 9.4.4 ESQUECER(-SE) E LEMBRAR(-SE)

**Esquecer(-se)** e **lembrar(-se)** são tratados de modo bastante semelhante nos manuais normativos. A diferença básica entre eles, porém, diz respeito ao fato de **lembrar** (não-pronominal) ser normalmente indicado como possuindo três acepções básicas. No entanto, considerando-se a acepção que mais gera problemas quanto à regência, “recordar” / “relembrar”, encontram-se as mesmas recomendações para este caso e para o verbo **esquecer**. As formas pronominais apresentam a mesma recomendação de regência em todos os manuais.

Quanto aos resultados obtidos para esses verbos, notam-se alguns fatores de discrepância e alguns fatores de semelhança. Em primeiro lugar, comparando-se o número de ocorrências de cada verbo nas formas pronominal e não-pronominal, encontram-se os seguintes dados: **esquecer(-se)**: **68%** de ocorrências não-pronominais / **32%** de ocorrências pronominais; **lembrar(-se)**: **25%** de ocorrências não-pronominais / **75%** de ocorrências pronominais. Ou seja: há uma inversão nos dados quanto aos dois verbos, pois enquanto no primeiro usa-se preferentemente a forma não-pronominal, no segundo a grande maioria das ocorrências está na forma pronominal.

Observando-se as porcentagens de obediência de cada uma dessas formas, encontram-se resultados bastante semelhantes:

<b>esquecer(-se): obediência</b>	<b>lembrar(-se): obediência</b>
forma pronominal: <b>85%</b>	forma pronominal: <b>88%</b>
forma não-pronominal: <b>95%</b>	forma não-pronominal: <b>89%</b>

Como se observa na tabela acima, todas as porcentagens são semelhantes e bastante elevadas. Altas também são as médias de obediência, considerando-se as formas pronominal e não-pronominal de cada verbo, que chegam a **92%** para **esquecer(-se)** e **89%** para **lembrar(-se)**.

Quanto ao número de construções oracionais, também se observa semelhança entre os dois verbos: **esquecer(-se)** apresenta **77%** de complementos não-oracionais, enquanto **lembrar(-se)** apresenta **64%**. Portanto, nota-se que, para ambos os verbos, os complementos não-oracionais são mais utilizados, tanto para a forma pronominal quanto para a forma não-pronominal de cada um deles.

Por fim, comparando-se as análises das diferentes formas de cada verbo (ver Tabelas 7 e 8), observa-se que há, também, muita semelhança entre os resultados. De modo geral, a grande maioria das formas apresenta **100%** (ou quase isso) de obediência à prescrição normativa, além de essa obediência concentrar-se, principalmente, nas formas verbais consideradas típicas de registro mais tenso ou complexo.

## 9.5 Comparação entre duas pesquisas

Nesta pesquisa, como já dito, estudaram-se textos escritos publicados no início do século passado (entre 1900 a 1950). Considerando-se também os resultados obtidos em pesquisa realizada anteriormente, na qual se estudaram os mesmos verbos, mas em textos escritos entre o período de 1951 e 2000 (Neves, 2004)<sup>70</sup>, é possível proceder a uma comparação entre as análises de textos de épocas distintas. Nesta subseção, são exibidos os resultados encontrados para cada verbo quanto a essa comparação.

---

<sup>70</sup> Dessa pesquisa a autora desta dissertação participou como bolsista de Iniciação Científica.

### 9.5.1 PERDOAR

Para este verbo, os resultados obtidos nas duas pesquisas são diferentes. Aqui (com *corpus* da primeira metade do século XX), como se verificou, quase **73%** das ocorrências do verbo **perdoar** obedecem ao que recomenda a prescrição normativa, enquanto apenas **27%** não obedecem (porcentagem de obediência extremamente elevada). Na pesquisa com *corpus* mais recente (segunda metade do século XX), por outro lado, observa-se grande não-conformidade ao que prescreve a norma: **74,5%**, verificando-se, pois, que os números são praticamente opostos nas duas pesquisas. Como já visto na subseção **8.6.3**, em que se estudaram as prescrições para esse verbo em épocas e manuais distintos, a recomendação nas diversas obras é praticamente a mesma, independentemente de época ou autor, havendo apenas algumas variações no que é ou não aceitável, mesmo que considerado não-padrão<sup>71</sup>. A maior divergência entre os manuais diz respeito ao fato de que alguns deles (nas duas épocas)<sup>72</sup> admitem que a regência direta para pessoa é cada vez mais comum, enquanto outros<sup>73</sup> afirmam que tal regência era comum nos escritores clássicos, mas não se usa (ou não se deve usar) mais.

### 9.5.2 PAGAR

Também no caso deste verbo, comparando-se as duas pesquisas, verifica-se uma diferença, porém não tão acentuada quanto a encontrada para o verbo **perdoar**. Neste

---

<sup>71</sup> Como, por exemplo, a aceitação da voz passiva, admitida por Cegalla, 1999, Martins, 1997, Rocha Lima, 1983, Barreto, 1922; 1924, Silveira, 1934, Souza Lima, 1945 e Góis, 1938.

<sup>72</sup> Como Luft, 2002, Faraco e Moura, 1999 e Góis, 1938, dentre outros.

<sup>73</sup> Ribeiro, 1915; Barreto, 1924; Torres, 1934.

trabalho, como se verificou, **73%** das ocorrências do verbo **pagar** obedecem ao que recomenda a prescrição normativa, enquanto apenas **27%** não obedecem. Na pesquisa anterior, com *corpus* mais recente, a obediência à norma-padrão foi de apenas **52%**, o que mostra que houve uma diminuição na porcentagem de obediência à prescrição.

### 9.5.3 IR

A comparação entre as duas pesquisas mostra que há muita semelhança quanto ao índice de obediência à prescrição. Na pesquisa atual, como se verificou, **92%** das ocorrências do verbo **ir** obedecem ao que recomenda a prescrição normativa (porcentagem de obediência extremamente elevada). Os resultados da pesquisa anterior, realizada com *corpus* mais recente, mostraram **94%** de obediência à norma, ou seja, resultado muito semelhante ao obtido aqui. Como se vê, a norma-padrão que recomenda a não-utilização da preposição **em** com os verbos de movimento é seguida de modo quase uniforme nos textos escritos das duas amostras<sup>74</sup>.

### 9.5.4 CHEGAR

Também para este verbo os resultados com textos do início e textos do final do século XX mostram bastante semelhança. Com *corpus* da primeira metade do século passado, verificou-se que **87%** das ocorrências do verbo **chegar** obedecem ao que

---

<sup>74</sup> Várias outras pesquisas, realizadas com textos de diversas épocas, também confirmam esses resultados, mostrando que a preposição **em** é pouco utilizada, e geralmente nos casos em que se tem um complemento com o traço [+fechado]. Citem-se: Guedes e Berlinck, 2003; Berlinck, 2003; Berlinck, 1996; Malvar, 1996; Berlinck, 2000; Mollica, 1996; dentre outras.



recomenda a prescrição normativa, enquanto em Neves (2004) se observa que **80%** das ocorrências seguem a norma-padrão (ambas taxas altas).

#### 9.5.5 ASSISTIR

Mais uma vez se encontrou bastante semelhança. Nesta pesquisa, como se observou, em **83%** das ocorrências do verbo se obedece ao que recomenda a prescrição normativa, enquanto na pesquisa com *corpus* mais recente **77%** das ocorrências seguem a norma-padrão, ambas constituindo porcentagens altas.

#### 9.5.6 OBEDECER

As porcentagens de obediência foram **90%** com textos de 1900 a 1950 e **85%** com textos de 1951 a 2000, ou seja, nos dois casos se verifica uma grande conformidade à prescrição normativa.

#### 9.5.7 ESQUECER(-SE)

Mais uma vez a comparação entre as duas pesquisas mostra bastante semelhança. No entanto, observa-se uma certa inversão nos resultados quanto ao emprego das formas pronominal e não-pronominal. No caso de **esquecer-se** (pronominal), a porcentagem de obediência observada no presente estudo foi de **85%**, enquanto a pesquisa

com *corpus* do final do século passado (Neves, 2004) mostra obediência em **96%** dos casos. As ocorrências de **esquecer** (não-pronominal) que obedeceram à norma nesta pesquisa representam **95%** dos casos, enquanto na pesquisa com textos mais recentes a porcentagem de obediência chega a **86%** dos casos. Quanto à média geral de obediência do verbo **esquecer(-se)** os resultados encontrados neste estudo são bastante semelhantes aos encontrados na pesquisa realizada com textos de 1951 a 2000: **92%** e **89%**, respectivamente. Como se nota, ambas porcentagens de obediência são elevadas.

#### 9.5.8 LEMBRAR(-SE)

No caso de **lembrar-se** (pronominal), a porcentagem de obediência foi de **88%** com o *corpus* de 1900 a 1950 e **84%** com textos do final do século passado. Quanto às ocorrências de **lembrar** (não-pronominal) observaram-se **89%** de obediência com os textos mais antigos e **85%** de obediência com os textos mais recentes. Em ambos os casos, os resultados mostram uma elevada obediência à prescrição normativa. Isso também ocorre quando se observa a média geral de obediência do verbo **lembrar(-se)**, para a qual os resultados encontrados aqui também são bastante semelhantes com os encontrados na pesquisa realizada com textos mais atuais: **89%** e **85%**, respectivamente.

## 9.6 Considerações finais

Uma primeira observação a ser feita é que, de modo geral, as recomendações normativas para todos os verbos estudados são as mesmas, tanto nos manuais

contemporâneos aos dos textos aqui analisados quanto nos manuais mais recentes. Desse modo, é possível confrontar a porcentagem de obediência nas duas épocas (da primeira e segunda metades do século passado) sem ressalvas às prescrições. As duas únicas exceções são os verbos **ir** e **chegar**, para os quais não se encontram referências em manuais da primeira metade do século passado, o que dificulta a comparação da recomendação dessa época com a atual.

De qualquer modo, como se observou, para todos os verbos estudados, nas ocorrências do *corpus* mais antigo as porcentagens de obediência foram extremamente elevadas e maiores do que as encontradas na pesquisa com textos mais recentes (com exceção do verbo **ir**), todas mais baixas no estudo com textos mais recentes. No caso do verbo **perdoar** (o qual mais chama a atenção), as porcentagens de obediência e desobediência à prescrição, nas duas épocas, praticamente se invertem. Isso mostra que o usuário da língua portuguesa (mesmo com relação à língua escrita) vem deixando de lado recomendações normativas extremamente tradicionais e prescritivas e preferindo utilizar as construções que não são abonadas pela gramática tradicional, mas que, na sua opinião, representam melhor o que quer expressar<sup>75</sup>. O que se confirma também é que a não-utilização da norma-padrão, como mostraram as duas pesquisas, não faz com que o objetivo essencial da linguagem, que é a comunicação, deixe de ser um processo realizado com êxito pelos usuários.

Além disso, considerando-se que a norma recomendada para a língua formal é basicamente a mesma nas diferentes épocas estudadas, não se pode deixar de observar que as variações são possíveis (se não inevitáveis) – e cada vez mais comuns –, o que faz com

---

<sup>75</sup> Merece menção as ocorrências com as formas pronominais dos verbos **esquecer(-se)** e **lembrar(-se)**. Também fogem à norma, pois, embora isso não seja exatamente questão de regência, a *toca*, já que as formas pronominais têm como norma o complemento regido pela preposição **de**, enquanto as formas não-pronominais devem vir seguidas de complemento não-preposicionado.

que o seu não-reconhecimento pelas gramáticas e dicionários não tenha sentido (Luft, 2002, p. 399).

## 10 CONCLUSÃO

Neste trabalho, procurou-se examinar a tensão entre o que propõem os manuais normativos e o que ocorre no uso real da língua escrita do português do Brasil, na primeira metade do século XX (de 1900 a 1950), quanto à regência de alguns dos verbos mais tratados pelos manuais normativos (atuais e mais antigos), a saber: **pagar**, **perdoar**, **chegar**, **ir**, **assistir**, **obedecer**, **esquecer(-se)** e **lembrar(-se)**. Paralelamente a essa comparação, buscou-se um confronto com os resultados obtidos em pesquisa anterior (Neves, 2004), realizada com *corpus* constituído de textos mais recentes (compreendidos entre o período de 1951 a 2000).

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se um *corpus* formado por textos de língua escrita disponíveis no Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP (como já dito, especificamente os produzidos e/ou publicados no período de 1900 a 1950). A amostragem foi selecionada utilizando-se todos os tipos de texto em prosa (romanescos, jornalísticos, dramáticos, oratórios, técnicos), não fazendo distinção entre eles, e todas as formas (pessoas e tempos) em que o verbo foi conjugado.

Após a análise de cada verbo e seus respectivos complementos, fez-se uma comparação entre o que efetivamente se encontrou nos textos e qual era a recomendação normativa para a regência daquele verbo. Em seguida, compararam-se as duplas de verbos com recomendações prescritivas semelhantes (**pagar** e **perdoar**; **chegar** e **ir**; **assistir** e **obedecer**; **esquecer(-se)** e **lembrar(-se)**) e verificou-se se a porcentagem de obediência à prescrição das duplas foi semelhante ou não, e por quê.

Realizado o estudo, um primeiro dado observado foi que, de modo geral, todos eles apresentam uma elevada taxa de obediência (73%, 73%, 87%, 92%, 83%, 90%, 92% e 89%), o que mostra que, nos textos escritos do período de 1900 a 1950, o usuário segue prevalentemente ao que recomenda a tradição normativa.

Apesar disso, a revisão bibliográfica dos trabalhos sobre regência verbal e a análise dos verbos, mostram, primeiramente, que um estudo realmente abrangente sobre verbos não pode deixar de lado a importância da semântica, tratando a questão da transitividade unicamente sob a luz da sintaxe. Como afirma Luft (2002), “a noção de que a semântica dita a regência – os traços semânticos do verbo é que prevêm a presença ou ausência de complementos – é fundamental para compreender mudanças e variações de regência verbal” (p. 13). Aliás, segundo Neves (2004), “essa é a lição geral de lingüistas que se dedicaram à questão da estrutura argumental dos verbos, em todas as teorias” (p. 49). Neste trabalho, perfilhou-se essa idéia de que (não deixando de lado a sintaxe) o conceito de transitividade não pode ser apreendido se não se partir da semântica, estando nela implicada a pragmática, que dirige as escolhas. Assim, notou-se, que, em quase todos os casos, a não-utilização do que recomenda a norma-padrão para regência verbal explica-se pela aproximação semântica com algum outro verbo com regência diferente, o que faz com que aquele acabe incorporando a regência deste. É o caso, por exemplo (como já dito no item 8.6.1), do verbo **assistir** no sentido de “ver”, que acaba assimilando a regência transitiva direta de seu sinônimo. Aliás, de acordo com Luft (2002, p. 79), a construção desse verbo como transitivo direto não pode ser banida pelos gramáticos, já que, segundo o autor, estes devem “registrar os usos da língua”. O mesmo ocorre com o verbo **obedecer**, que sofre pressão semântica de *seguir* (Neves, 2004).

Também a variação preposicional ocorrida nos complementos verbais de **ir** e **chegar** têm explicação semântica (como já visto nos itens 7.5 e 8.6.7): a escolha de uma ou

outra preposição para reger o complemento desses verbos não é feita totalmente ao acaso pelo usuário, ou seja, cada preposição tem um valor semântico que influencia o usuário na sua escolha. O fator observado mais importante é a utilização da preposição **em** (não-recomendada pela norma no caso dos dois verbos) nos casos em que se tem a idéia de “inserção *em* um lugar” (Neves, 2004), ou seja, com complementos que apresentam o traço [fechado].

Quanto a **esquecer(-se)** e **lembrar(-se)**, pode-se concordar com autores (como Barreto, 1924 e Luft, 2002) que consideram que a não-obediência à prescrição, tanto para a forma pronominal dos verbos quanto para a forma não-pronominal, ocorre devido a uma espécie de “cruzamento sintático”, ou seja, utiliza-se ou não a preposição sem distinção quanto ao uso do verbo com ou sem o pronome, daí os desvios da norma observados no *corpus* estudado.

**Pagar** e **perdoar**, além de serem os verbos que mais apresentaram porcentagem de desobediência à prescrição normativa (de **27%**, para ambos), também são casos muito especiais pelo fato de apresentarem as maiores taxas de não-obediência na pesquisa realizada com textos mais recentes (Neves, 2004). Aliás, naquela pesquisa, o verbo **perdoar** foi o único que apresentou uma porcentagem de desobediência maior do que a de obediência (**75%**), enquanto **pagar** apresentou uma porcentagem de desobediência de quase **50%**. Como exposto nos itens **8.6.3** e **8.6.4**, alguns manuais (como o de Luft, 2002 e de Faraco e Moura, 1999) afirmam que, para esses dois verbos, é aceitável o uso do complemento não-preposicionado, chegando Luft (2002) a afirmar, quanto ao verbo **pagar**, que a sintaxe direta é uma “sintaxe evoluída (...) e, até literariamente, bem documentada” (p. 388). Quanto a **perdoar**, o autor explica que a alteração de regência tem explicação semântica, por influência dos verbos *escusar* ou *desculpar*, e *poupar*. Além

disso, mais uma vez, Luft (2002, p. 399) afirma que as gramáticas e dicionários não devem continuar reprovando essa sintaxe, a qual, por ser usual, deve ser considerada “*regular*”.

Também se conclui, nesta pesquisa, que nenhum estudo lingüístico pode deixar de considerar também a mudança lingüística ocorrida no decorrer do tempo, já que a variação e a mudança, “longe de serem processos marginais e paralelos ao funcionamento da linguagem, (...) estão na essência do funcionamento das línguas naturais, que, por definição, são historicamente inseridas” (Neves, 2004, p. 68). Daí a grande contribuição dos estudos sociolingüísticos. Desse modo, já nas obras de gramáticos tradicionais de peso, como Bechara (1999) e Luft (2002), nota-se o reconhecimento da ação da mudança lingüística quando se relaciona a obediência à prescrição normativa especialmente à linguagem mais formal, o que comprova a influência do uso real nos manuais tradicionais (Neves, 2004). Por esse motivo é importante a comparação entre estudos realizados com textos de épocas diferentes. Essa comparação, aqui realizada, mostrou que, no geral, houve uma diminuição na porcentagem de obediência à prescrição normativa, o que comprova a hipótese exposta na **Introdução** deste trabalho de que o usuário vem preferindo, cada vez mais, ao utilizar a regência verbal, abandonar as normas tradicionais e utilizar aquilo que ele considera mais adequado ao contexto. No caso do verbo **perdoar**, o mais marcante de todos, a comparação entre os resultados das duas pesquisas mostrou que, nas duas épocas estudadas (primeira e segunda metades do século XX), os números praticamente se inverteram: a obediência à norma passou de **73%** a **25%**.

Por fim, o estudo dos manuais tradicionais e as análises dos verbos (incluindo a comparação entre os usos em diferentes épocas) – que mostram uma porcentagem elevada de obediência à prescrição, mas cujos resultados permitem relacionar essa grande obediência mais diretamente com as formas de linguagem mais tensa, como já dito na **Justificativa** deste trabalho –, confirmam a hipótese de que a obediência à norma-padrão



“constitui um ajustamento a exigências sociais, e não uma parametrização de base propriamente lingüística” (Neves, 2004, p. 75).

**11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AUWERA, J. van der. The predicative relatives of French perception verbs. In: BOLKESTEIN, A. M., GROOT, C. & MACKENZIE, J. L. (eds.). **Predicates and Terms in Functional Grammar**. Holland/Cinnaminson: Foris Publications, 1985. pp.219-234
- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola. 1999.
- BARRETO, M. **Novíssimos estudos da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.
- BARRETO, M. **De gramática e de linguagem**. Publicação da *Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Emp. Industrial Editora “O Norte”, 1922.
- BARRETO, M. **Novos estudos da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.
- BARROS, E. M. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.
- BECHARA, E. **Gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1968.
- BECHARA, E. A teoria lingüística na descrição e na elaboração de uma gramática escolar. In: DIONISIO, A. & MENDONÇA, M. (orgs.). **Anais do I Encontro Nacional sobre gramáticas do português**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001. pp. 01-27.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 1999.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 11 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

BERLINCK, R. A. **Concreto-abstrato: um parâmetro para a implementação da mudança lingüística?**. Comunicação apresentada na Sessão de Comunicações Coordenadas *Variação lingüística: perspectivas, problemas e análises* (coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Helena Mira-Mateus), **durante o XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística**, na Universidade de Lisboa, Portugal, 2003.

BERLINCK, R. A. Dativo ou Locativo? Sobre sentido e formas do dativo no português. **Revista Letras**, n. 56, 2001. p. 159-175.

BERLINCK, R. A. A expressão do complemento dativo anafórico no português brasileiro do século XIX: o papel de um fator discursivo. In: **Estudos Lingüísticos**, v. 29, 2000a. p. 357-362.

BERLINCK, R. A. O objeto indireto no português brasileiro do século XIX. In: **Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN**. Florianópolis, 2000b. p. 210-220.

BERLINCK, R. A. Complementos preposicionados: variação e mudança no português brasileiro. Conferência proferida no **Congresso Internacional “500 anos da Língua Portuguesa no Brasil”**. Universidade de Évora, Évora, Portugal. 2000c.

BERLINCK, R. A. Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. Comunicação apresentada no II Encontro do CelSul – Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. UFSC, Florianópolis, 1997.

BERLINCK, R. A. A expressão do objeto indireto no português do Brasil. Comunicação apresentada no X Seminário do CELLIP (Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná), Londrina, 1996.

BIBER, D. **Variation across Speech and Writing**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1988.

- BOLKESTEIN, A. M., GROOT, C. & MACKENZIE, J. L. (eds.). **Predicates and Terms in Functional Grammar**. Holland/Cinnaminson: Foris Publications, 1985.
- BUHLER, C. Standards of Adequacy in Functional Grammar. Review Article. **Journal of Linguistics**, v.27 , 1991, pp. 499-515
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo, Ática. 2002.
- BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o Português**. São Paulo, Ática. 1996.
- BORBA, F. S. (coord.). **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- BORBA, F. S. Gramática de casos – Uma apresentação geral. In: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática de casos**. Araraquara: Série Encontros, 1987. pp.1-9.
- CALVET, J.L. **La guerre des langues et les politiques linguistiques**. Paris: Hachette Littératures. 1999.
- CAMACHO, R. O papel do contexto social na teoria lingüística. **Alfa** **38**, 1994. pp. 19-36.
- CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CASTILHO, A. T. Os sons. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria Estadual de Educação. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 2º grau*. São Paulo: SE/CENP/UNICAMP, 1988a.
- CASTILHO, A. T. Variação lingüística, norma culta e ensino de língua materna. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria Estadual de Educação. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 2º grau*. São Paulo: SE/CENP/UNICAMP, 1988b.
- CEGALLA, D. P. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- COLLINS, COBUILD. **English Grammar**. London and Glasgow: Collins The University of Birmingham, 1990.
- COSERIU, E. **Lições de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980. pp. 119-125.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença/EDUSP, 1979.
- CRUZ, C. A prosa de Lima Barreto: o que quer essa língua? In: SILVA, F.L. & MOURA, H.M de M. (orgs.) **O Direito à Fala. A Questão do Preconceito Lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.
- CUNHA, C. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- CUNHA, C & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Clássica, 1954. [1ª ed.: 1918]
- DIAS DA SILVA, B. C. & DEZOTTI, Construções locativas do português. In: Neves, M. H. M (org.). **Gramática de casos**. Araraquara: Série Encontros, 1987.
- DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar**. Ed. by K. HENGEVELD. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, C. S. **Functional Grammar**. Dordrecht –Holland / Cinnaminson- EUA: Foris Publications, 1978.
- DIONISIO, A. & MENDONÇA, M. (orgs.). **Anais do I Encontro Nacional sobre gramáticas do português**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001.
- ELIA, S. **A unidade lingüística do Brasil**. Rio de Janeiro. Padrão, 1979.
- ESBOZO - Real Academia de la Gramática (Comisión de la Gramática) Esbozo de una gramática de la lengua española. 5.a reimpressão. Madrid: Espasa Calpe, 1978.

- FARACO, C. A. **Lingüística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORIN, J. L. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito lingüístico. In: SILVA, F.L. & MOURA, H.M de M. (orgs.) **O Direito à Fala. A Questão do Preconceito Lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.
- GÄRTNER, E. **Grammatik der portugiesischen Sprache**. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- GENOUVRIER, É. Quelle langue parler à l'école? Propos sur la norme du français. In: **Langue Française**, v. 13. 1972. pp. 34-51.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. **English Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GIVÓN, T. **Syntax I. & II**. New York: Academic Press, 1984; 1990.
- GÓIS, C. **Sintaxe de Regência**. 4 ed. Belo Horizonte: Francisco Alves, 1938.
- GONÇALVES, P. S. **Um estudo sobre a variação preposicional na introdução de complementos de verbos de movimento no decorrer do século XX**. In: Congresso de Iniciação Científica da Unesp, 2004, Ilha Solteira. CD do XVI CIC (Iniciação Científica e o Mercado de Trabalho) - Congresso de Iniciação Científica da Unesp, 2004.
- GROSS, G.; VIVÈS, R. Les constructions nominales et l'élaboration d'un lexique-grammaire. **Langue Française**, v. 69, p. 5-27, 1986.
- GROOT, C. Predicates and features. In: BOLKESTEIN, A. M., GROOT, C. & MACKENZIE, J. L. (eds.). **Predicates and Terms in Functional Grammar**. Holland/Cinnaminson: Foris Publications, 1985. pp.71-84
- GUEDES, M. & BERLINCK, R. A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. **Estudos Lingüísticos**, v. 32, 2003. Revista eletrônica.

- GURPILHARES, M. S. S. **Os verbos de movimento e a transitividade** (Dissertação de Mestrado). PUC, SP, 1984.
- HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2. ed. Baltimore: Edward Arnold, 1994. [1a ed.: 1985].
- HJELMSLEV, L. **Ensaio Lingüísticos**. São Paulo: Perspectiva (Série Debates), 1991a.
- HJELMSLEV, L. Língua e fala. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio Lingüísticos**. São Paulo: Perspectiva (Série Debates), 1991b.
- HOPPER, P. J. **Emergent Grammar**. Berkeley Linguistic Society 13, 1987. pp. 139-157.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOCH, I. V. **Os sintagmas preposicionais como modificadores nominais** (Dissertação de Mestrado). PUC, SP, 1977.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell. 1994.
- LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.
- LEHRER, A. Verbs and deletable objects. In: **Lingua**, 25. North-Holland Publishing Company, 1970. pp. 227-253.
- LEITE, M. Q. **Metalinguagem e discurso. A configuração do purismo brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 1999a.
- LEITE, M. Q. Língua falada: *uso e norma*. In: PRETI, D. (org.) **Estudos de língua falada – variações e confrontos**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999b. pp. 179-208.
- LONGO, B. N. O. A expressão da transitividade no português. In: **Anais de Seminários do GEL**, v. XXV – Estudos lingüísticos. Ribeirão Preto: UNAERP, 1995. p. 168-173.

- LUCCHESI, D. & ARAÚJO, S. **A sociolingüística variacionista: fundamentos teóricos e metodológicos**. [http:// www.vertentes.ufba.br/socio.htm](http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm). Acesso em: 02 jun. 2005.
- LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 2002.
- LUFT, C. P. **Moderna Gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1985a.
- LUFT, C. P. **Língua e liberdade**. São Paulo: Ática, 1985b.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- LYONS, J. **Language and Linguistics: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- LYONS, J. **Introdução à lingüística teórica**. Trad. R. V. Mattos e Silva e H. Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional/EDUSP, 1979.
- MALVAR, E. **Preposition usage with two verbs of motion in Brazilian Portuguese**. Dissertação de Mestrado, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. & KOCH, I. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- MEILLET, A. Différenciation et unification dans les langues In: \_\_\_\_\_. **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Librairie Ancienne Honré Champion, Éditeur. 1911/1948. p. 110-129.
- MIRA MATEUS, M.H. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.



MOLLICA, M. C. A regência variável do verbo IR de movimento. In: Oliveira e Silva, G. M. e SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp. 147-168 e pp. 285-293.

MONTEIRO, D. C. **Aspectos da Adverbialização em Português**. Tese de doutoramento. UNESP. Araraquara, 1985.

NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Org.). **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

NEVES, M.H.M. **Guia de uso do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003a.

NEVES, M.H.M. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003b.

NEVES, M.H.M. **Gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

NEVES, M.H.M. As gramáticas: o usuário e a norma. In: DIONISIO, A. & MENDONÇA, M. (orgs.). **Anais do I Encontro Nacional sobre gramáticas do português**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001a. pp. 28-46.

NEVES, M. H. M. Linguagem e gramática. In: RÖSING, T. M. K. & BECKER, P. (orgs.). **Jornadas Literárias de Passo Fundo - 20 anos de História**. Passo Fundo, 2001b, v.3, p.257-264.

NEVES, M.H.M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NEVES, M.H.M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. A gramática e o usuário. In: **Estudos Lingüísticos XXIII**. São Paulo, 1994a, p. 07-17.

NEVES, M.H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA*, V. 38, 1994b, p. 109-127.

NEVES, M. H. M. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.

- NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática de casos**. Araraquara: Série Encontros, 1987.
- NEVES, M. H. M. A regência verbal e seu campo de estudo. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Org.). **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 48-76.
- PAREDES, V. Considerações sobre os complementos verbais regidos de A. In: **Revista Brasileira de Lingüística**, v. 3, n. 1, 1976. pp. 77-91.
- PEREIRA, E.C. **Grammatica Expositiva: Curso superior**. 2. ed. São Paulo: Duprat & Cia, 1909. [1ª ed.: 1907]
- PERES, J.A. & MÓIA, T. **Áreas Críticas da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1995.
- PIETRI, E. **A constituição do discurso da mudança do ensino de língua materna**. Tese de doutoramento. UNICAMP. Campinas. 2003.
- PONTES, E. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 1992.
- POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 2. 1995. pp. 123-140.
- PRETI, D. (org.) **Estudos de língua falada – variações e confrontos**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- PRETI, D. **Sociolingüística – os níveis de fala**. 4ª. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.
- QUIRK, R. *et alii*. **A Grammar of Contemporary English**. London: Longman, 1985.
- RENZI, L. **Grande grammatica italiana de consultazione**. Vol. I. Bologna: Il Mulino, 1988.
- RENZI, L. & SALVI, G. **Grande grammatica italiana de consultazione**. Vol. II. Bologna: Il Mulino, 1991.

- RIBEIRO, E.C. **Serões Grammaticaes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Catilina, 1915. [1. ed. 1890]
- ROCHA LIMA. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974 (23<sup>a</sup> ed: 1983).
- RONCARATI, C. N. & MOLLICA, M. C. M. A oralidade na produção textual. In: **Revista Anpoll**, n. 9, 2000. pp. 11-21.
- RÖSING, T. M. K. & BECKER, P. (orgs.). **Jornadas Literárias de Passo Fundo - 20 anos de História**. Passo Fundo, 2001, v.3.
- SAVIOLI, F. P. **Gramática em 44 lições**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. esp., 1994. pp. 223-246.
- SILVA, D. E. G. A oralidade da linguagem frente à cultura escrita. In: **Revista Anpoll**, n. 9, 2000. pp. 23-29.
- SILVA, F.L. & MOURA, H.M de M. (orgs.) **O Direito à Fala. A Questão do Preconceito Lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.
- SILVEIRA, S. **Lições de Português**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1980.
- SOUZA LIMA, M.P. **Gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- SOMERS, H. L. On the validity of the complement-adjunct distinction in valency grammar. In: **Linguistics**, 22. Mouton Publishers. 1984. pp. 207-530.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 2 ed. São Paulo, Ática. 1986.
- TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Dissertation (Phd). University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization**. Prototypes in Linguistic Theory. New York: Oxford University Press, 1989.

TEIXEIRA, J. Norma lingüística e erro (Uma abordagem cognitiva). **Revista Brasileira de Humanidades**, v. VII, 2003. pp. 125-131.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

THIBAUT, P. J. An Interview with Michael Halliday In: STEELE, R. & THREADGOLD, T. (eds.). **Language Topics**. 1987. pp. 601-627.

URBANO, H. *et alii* (org.). **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia, ensino**. São Paulo: Cortez, 2001.

TÔRRES, A.A. **Regência verbal**. 2 ed. Rio de Janeiro: Dias Vasconcelos, 1934.

VILELA, M. **Gramática de valências: teoria e aplicação**. Coimbra: Almedina, 1992.

VILELA, M. e KOCH, J. V. **Gramática da língua portuguesa**. 2 ed. Coimbra: Almedina, 2001.

WONG, S. S. M. **A Functional Approach to the Study of Language and Its Relevance to Bible Translation**. [http:// www.ubs-translations.org/tictalk/tt36.pdf](http://www.ubs-translations.org/tictalk/tt36.pdf). Acesso em: 05 abr. 2005.

## 12 TEXTOS EXAMINADOS<sup>76</sup>

### Romances:

ABD-R Cyro dos Anjos ABDIAS Circulo do Livro S/A - 1945 - 1963 - Ir-1049

ABC-R Jorge Amado 7ª edição - Livraria Martins Editora: São Paulo, 1958 Ano de Publicação: Páginas: de 29 a 234

ABP-R - A BICO DE PENA PORTO - LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO LTDA - LISBOA – PARIS -1904 COELHO NETTO

ACC-R Coelho Neto Apólogos - Contos para crianças - Quarta Edição Porto - Livraria Chardron, de Lélo & Irmão LTDA - Lisboa - Paris -1924

AGM-R José Lins do Rêgo, Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1941

AMB-R CYRO DOS ANJOS LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA 8ª EDIÇÃO 1975 RIO DE JANEIRO.

AMS-R JORGE AMADO LIVRARIA MARTINS EDITORA - 4 EDIÇÃO - 1961 – SÃO PAULO

AMV-R (idílio) Mário de Andrade. 3 ed: Editora S/A, 1972 [Ano do original: 1922]

ANP-R Octavio de Faria - 1944 Livraria José Olympio Editora - São Paulo/Rio de Janeiro

AN-R – ANGÚSTIA Graciliano Ramos. São Paulo: Martins, 1973. Ano do original: 1930

CAV-R - OS CAMINHOS DA VIDA ( MUNDOS MORTOS II ). OTAVIO DE FARIA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA - RIO DE JANEIRO – 1939 - Volume 1

---

<sup>76</sup> As referências estão exibidas conforme informações encontradas no *corpus*, por ordem alfabética das siglas.

CCR-R - CAMINHOS CRUZADOS - Érico Veríssimo. Porto Alegre: Editora Globo, 1956

[Ano do original: 1920]

CDE-R - CIDADE DE DEUS - Paulo Lins. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. [Ano

do original: 1930]

CFE-R - A CAPITAL FEDERAL - Coelho Netto 5 ed, 1924.

CGU-R - CANCIONEIRO GUASCA - J. Simões Lopes Neto, 1954 [Ano do original:

1920]

CI-R - A CIDADE SITIADA - Clarice Lispector. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.

[Ano do original: 1940]

CLA-R - CLARISSA - ERICO VERÍSSIMO EDITORA GLOBO- SÉRIE

PARADIDÁTICA 47a. EDIÇÃO. 1986 [Ano do original: 1933]

CLS-R - CLARÃO NA SERRA- Francisco Martins Ano do original: ??? ed???, São

Paulo: Círculo de Leitores, 1962.

CMA-R - A CIDADE MARAVILHOSA - NETO, Coelho. A Cidade Maravilhosa.

Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d.contos (1ª edição: 1928)

CN-R - CONTOS NOVOS - Mário de Andrade, 1978 [Ano do original: 1945]

CPT-R- A CASA DO POETA TRÁGICO - Carlos Heitor Cony Companhia das Letras,

1997 [Ano do original: 1928]

C-R - CAETÉS - Graciliano Ramos Ano do original: ??? São Paulo: Martins, 1965

DC-R - DOM CASMURRO. São Paulo: Melhoramentos, 1968 [Ano do original: 1923]

DIE-R - O DISCÍPULO DE EMAÚS - in Poesia Completa e Prosa Murilo Mendes Rio de

Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A, 1994 [Ano do original: 1932]

DOI-R – DOIDINHO - José Lins do Rego, 1977 [Ano do original: 1936]

EJ-R - ESAÚ E JACÓ - Machado de Assis. São Paulo: W.M Jackson Inc. Editores

FEP-R - O FEITIÇO DA ILHA DO PAVÃO - João Ubaldo Ribeiro. Editora Nova Primavera, 1997 [Ano do original: 1920]

FF-R - FOGO FATUO - COELHO NETTO PORTO ALEGRE - LIVRARIA CHARDRON DE LELLO & IRMÃO LTDA - 1929

FMA-R - FRUTA DO MATO - Afrânio Peixoto Rio de Janeiro, Nova Aguilar; Brasília, INL, 1976 [Ano do original: 1920]

FM-R - Fogo Morto - José Lins do Rêgo Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1943

HGS-T - HÁ UMA GOTA DE SANGUE EM CADA POEMA (ver lit) - Mário de Andrade, 1972 [Ano do original: 1934]

HR-R - A Hora do Ruminantes - José Jacinto Viegas 34ª Edição - 2001 Rio de Janeiro - RJ - Brasil Editora Bertrand Brasil Ltda [Ano do original: 1915]

IF-R - INVERNO EM FLOR (in: Obra Seleta) - Coelho Netto. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1958 [2ª ed.: 1902]

IM-R - IMORTALIDADE (in: Obra Seleta) - Coelho Netto. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1958 [Ano do original: 1926]

INF-R – INFÂNCIA - Graciliano Ramos Ano do original: São Paulo: Martins, 1970. [Ano do original: 1940]

IN-R – INSÔNIA - Graciliano Ramos Livraria Martins Editôra: São Paulo, 1961 [Ano do original: 1912]

JMI-R - João Miguel - Rachel de Queiroz. Editora Siciliano - 1932.

LOC-R - O LOUCO DO CATI - Dyonélio Machado Edição utilizada: 1979 [Ano do original: 1942]

LRU-R - O Lodo das Ruas - Volume I - 1942 Octávio de Faria Livraria José Olympio Editora – Rio de Janeiro

LSO-R - UM LUGAR AO SOL - Érico Veríssimo Edição de 1978 [Ano do original: 1940]

LUS-R - O LUSTRE - Clarice Lispector Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982. [Ano do original: 1914]

MA-R - MEMORIAL DE AIRES - Machado de Assis volume 7 - Biblioteca Básica Verbo - s/edição, s/ ano e local de publicação páginas: de 15 a 123

MB-R - MARIA BONITA - Afrânio Peixoto . Rio de Janeiro, Nova Aguilar; Brasília, INL, 1976 [Ano do original: 1914]

MCU-R - MACUNAÍMA - O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER - Mário De Andrade, 1998 [Ano do original: 1932]

ME-R - MENINO DE ENGENHO - José Lins do Rego, 1932

NEG-R – NEGRINHA - Monteiro Lobato 9ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1959 [Ano do original: 1918]

NFE-R - Noite feliz - Contos - Fran Martins Edições Clã - 1946

NN-R - NUMA E A NINFA - LIMA BARRETO Edição de 1956

NP-R - NOVELAS PAULISTANAS - Antônio de Alcântara Machado Coleção Sagarana.2 ed., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971 [Ano do original: 1942]

NT-R - A Noiva do Tropeiro - Sociedade Brasileira de difusão cultural Abílio Barreto, Rio de Janeiro, 1942

OL-R - OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO - Érico Veríssimo Páginas: 85 a 273 Editora Globo: Porto Alegre, 1956



OES-R - O espelho partido - O trapicheiro - Marques Rebelo O Trapicheiro - Primeiro Tomo de O Espelho Partido - Anos 1936 -1937 Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro - RJ Edições - 1959, 1984, 2002

OSP-R - O Sargento Pedro - O SARGENTO PEDRO (TRADIÇÃO DA INDEPENDÊNCIA) - 3ª EDIÇÃO – 1976 XAVIER MARQUES EDIÇÃO GRD EM COVENIO COM O INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA 1976

PAP-R - PASSOS PERDIDOS - Dionélio Machado, São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

PB-R - PEDRA BONITA - José Lins do Rego, Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1938

PC-R - PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM - Clarice Lispector 7.ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. [Ano do original: 1929]

POL-R - PONTA DE LANÇA - Oswald de Andrade Ano do original: 1945

P-R – PUREZA - José Lins do Rego Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1937

PRA-R - PRAIEIROS - Xavier Marques Praieiros - 1936 - Porto Alegre Edição GRD - da cidade do Salvador -Bahia

PRI-R - PRIMEIRO ANDAR - Mário de Andrade s/d

PRO-R - PRODÍGIOS - Dyonélio Machado. São Paulo: Editora Moderna, 1980. [Ano do original: 1937]

QUI-R - O Quinze - Raquel de Queiroz, Livraria José Olympio Editora Rio 12ª Edição 1970 [Ano do original: 1930]

RA-R - OS RATOS - Dyonelio Machado . São Paulo: Ática, 1933

RCV-R - RELÍQUIAS DA CASA VELHA - Machado de Assis . São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1955 [Ano do original: 1936]

RD-R - Riacho Doce - José Lins do Rego, Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1939

REI-R - RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA - Lima Barreto Ano de publicação: 1909 São Paulo: Editora Brasiliense, 1909

REN-R - Os Renegados - Octavio de Faria Livraria 1947 José Olympio Editora - Rio de Janeiro

SB-R - SÃO BERNARDO - Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. Martins,1934

SC-R - SOLO DE CLARINETA - Erico Veríssimo 4ªedição. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1973 [Ano do original: 1926]

SER-R - OS SERTÕES - Euclides da Cunha. São Paulo: Abril Cultural, 1979 [Ano do original: 1940]

SF-R - NAS SERRAS E NAS FURNAS - Valdomiro Silveira. Editora Civilização Brasileira, 1931

SIN-R - SINHAZINHA - PEIXOTO, Afrânio. Romances Completos. Volume único. Organização, introdução e notas de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José de Aguiar, 1962. [Ano do original: 1929]

SJ-R - SÃO JORGE DOS ILHÉUS - Jorge Amado 7ª Edição, Livraria Martins Editôra: São Paulo, 1960 [Ano do original: 1944]

SV-R SEARA VERMELHA - Jorge Amado 44ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1984. [Ano do original: 1912]

TA-R - Tapera (Cenários Gaúchos) - Alcides Maya - 2ª edição - 1962 F.Briguiet & CIA.  
Editores – Rio de Janeiro. [Ano do original: 1911]

TC-R - Três caminhos: Vejo a lua no céu, circo de coelhinhos, namorada. Marques Rebelo  
Editora Tecnoprint S.A. 1933

TF-R - TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA - Lima Barreto 7.ª Edição, São  
Paulo: Editora Brasiliense, 1969 [Ano do original: 1915]

THU-R - TERRITÓRIO HUMANO - JOSÉ GERALDO VIEIRA 1936 LIVRARIA  
MARTINS EDITORA S.A - COVENIO COM O INSTITUTO NACIONAL DO  
LIVRO/MEC

TN-R - O TOURO NEGRO - Aluísio de Azevedo São Paulo: Livraria Martins Editora,  
1961 [Ano do original: 1936]

UMO-R - UMA MULHER COMO AS OUTRAS - PEIXOTO, Afrânio. Romances  
Completos. Volume único. Organização, introdução e notas de Afrânio Coutinho. Rio de  
Janeiro: Editora José de Aguiar, 1962. [Ano do original: 1928]

URU-R – URUPÊS - Monteiro Lobato São Paulo: Editora Brasiliense, 1918

US-R – USINA - José Lins do Rego, 1973 [Ano do original: 1949]

VIA-R - VIVENTES DAS ALAGOAS - Graciliano Ramos 6ª edição. Rio de Janeiro/São  
Paulo: Livraria Martins Editora, 1976 [Ano do original: 1947]

VM-R - VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ - Lima Barreto São Paulo:  
Editora Brasiliense, 1919

VS-R - VIDAS SECAS - Graciliano Ramos 61ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora  
Record, 1991. [Ano do original: 1920]

**LITERATURA DRAMÁTICA**

RVE-D - O REI DA VELA - Fonte: ANDRADE, Oswald de. O Rei da Vela. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. [Ano do original: 1949]

OSP-D - O Santo e a Porca - SUASSUNA, Ariano. O Santo e a Porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. [Ano do original: 1939]

**LITERATURA TÉCNICA**

AAR-T - ÁLBUM DE ARARAQUARA - LT-280 -- Nelson Martins de Almeida São Paulo: O Papel, 1948.

AA-T - ABASTECIMENTO DE ÁGUA - MEDIÇÃO E CONSUMO - JOSÉ FRANCO T. HENRIQUES, 1942.

AHC-T -ANAIIS HIDRO-CLIMATOLOGIA - TERMOCLIMATISMO SOCIAL - Dr. Manoel Dias dos Santos Brandão

AR-T - ANTECIPAÇÃO À REFORMA POLÍTICA - Francisco Campos Ano do original: 1940 Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940

ATC-T - ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DA TEORIA DOS CONTRATOS - Darcy Bessone de Oliveira Andrade Ano do original: 1949 São Paulo: Saraiva Livraria Editores, 1949

BCA-T - O BRASIL NA CRISE ATUAL - Azevedo Amaral São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934

BL-T - O BRASIL NA LENDA E NA CARTOGRAFIA ANTIGA - Gustavo Dodt Barroso Ano do original: 1941 São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1941.

BRA-T - O BRASIL - Manuel Bonfim, 1935

BR-T - O BRASIL NA ADMINISTRAÇÃO POMBALINA - Antônio de Souza Pedroso (Visconde de Carnaxide) São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940

CAB-T - CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL - J. CAPISTRANO DE ABREU EDIÇÃO DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU - LIVRARIA BRIGUET - 1930

CC-T - CINEMA CONTRA CINEMA - Joaquim Canuto Mendes de Almeida, 1931

CE-T - Contribuição dos Estudos da Pelagra, s/d

CH-T - CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL (1500-1800) - João Capistrano de Abreu: Sociedade Capistrano de Abreu/Livraria Briguiet, 1954 [Ano do original: 1944]

DB-T - O Direito do Brasil - Joaquim Nabuco - IPÊ - Instituto Progresso Editorial S. A. - São Paulo - 1949

DC-T - Direito Constitucional - Herculano de Freitas Ano do original: 1923

DES-T - DO DESQUITE (TEORIA GERAL DOCUMENTADA PROCESSO JURISPRUDÊNCIA NACIONAL) - Tito Fulgencio Ano do original: 1923 São Paulo: Livraria Saraiva/Saraiva & Companhia Editores, 1923 Páginas: 7 a 233

DPF-T - PUBLICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE FISILOGIA (1944-1946) - Vários autores Ano do original: 1946 Volume XI, São Paulo: Faculdade de Medicina da USP, 1946

DRA-T - DESCOBRIMENTO DO RIO DAS AMAZONAS - Gaspar de Carvajal, Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña Ano do original: 1941 São Paulo/Rio de Janeiro/Recife,/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941

DV-T - DETERMINAÇÃO DA VAZÃO DOS RIOS - P. V. Parigot de Souza, 1948

EHB-T - ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL - Ernesto Ennes 5 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947

EIN-T - UM ESTADISTA DO IMPÉRIO NABUCO DE ARAUJO (sua vida, suas opiniões, sua época ) {TOMO 1 E 2} - Tomo 1 - UM ESTADISTA DO IMPÉRIO NABUCO DE ARAUJO ( sua vida, suas opiniões, sua época ) EDIÇÃO DE 1936 Por seu filho JOAQUIM NABUCO Tomo Primeiro - 1813 - 1866 COMPANHIA EDITORIA NACIONAL - SÃO PAULO CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A EDITORA - RIO DE JANEIRO A OPOSIÇÃO PARLAMENTAR (1853)

ELM-T - O ELOGIO DA MEDIOCRIDADE - Amadeu Amaral Ano do original: 1924 São Paulo: Editora Nova Era, 1924

ENS-T - ENSAIO SOBRE AS CONSTRUÇÕES NAVAIS INDÍGENAS - Antônio Alves Câmara Ano do original: 1937 Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1937

EP-T - O EMPALHADOR DE PASSARINHO - Mário de Andrade Ano do original: ??? ed???, cidade???: editora???, ano??? São Paulo: Livraria Martins, 1943

EPT-T - O ESCÂNDALO DO PETRÓLEO - Monteiro Lobato Ano do original: ??? 4ª edição, São Paulo: Companhia Editor Nacional, 1936

ESM-T - EVOLUÇÃO DA MÚSICA DO BRASIL - Mário de Andrade Ano do original: ??? ed???, cidade???: Editora Guaíra Limitada, 1941

ESP-T - A EDUCAÇÃO PÚBLICA EM S. PAULO - Fernando de Azevedo Ano do original: 1937 São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937

ETP-T - Em torno da Personalidade de um Estadista: traços biográficos do Dr. Francisco Marques de Góes Calmon. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1928

FHB-T - FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL - João Pandiá Calógeras Ano do original: 1938 São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938

FIG-T - FÍGADO, VIAS BILIARES E PÂNCREAS - Marcelo Royer Ano de Publicação: 1948 Páginas: de 15 a 155 Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1948

GAC-T - GASTROENTEROLOGIA CLÍNICA - Geraldo Siffert de Paula e Silva Ano de Publicação: 1943 Páginas: de 15 a 413 Rio de Janeiro: Casa do Livro, 1943

HA-T - HEMATOLOGIA APLICADA - Raul de Paula e Silva Ano de Publicação: 1945 Páginas: de 17 a 379 São Paulo: Edigraf, 1945

HD-T - O HOMEM, ESSE DESCONHECIDO - Alexis Carrel Ano do original: ??? ed???, cidade???: Editora Educação Nacional, 1937

IE-T - INSTALAÇÕES EOLIANAS PARA INSTALAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA - Engº Eletr. Catulo Branco, 1935

LB-T - LIMITES DO BRASIL - FRONTEIRA COM O PARAGUAI - Hildebrando Accioly Ano do original: 1938 Petrópolis: Companhia Editora Nacional, 1938

LM-T - LÍNGUA E MÁ LÍNGUA: GRAÇAS DA FALA E NÓDOAS NA ESCRITA - Agostinho de Campos. Livraria Bertrand, 1944

MAB-T - OS MITOS AFRICANOS NO BRASIL: CIÊNCIA DO FOLCLORE - A. J. de Souza Carneiro Ano do original: 1937 Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1937

MA-T - A MENTIRA NOS NORMAIS, NOS CRIMINOSOS E NOS LOUCOS - Luigi

Battistelli Ano do original: 1945 São Paulo: Saraiva & Cia Editores, 1945

NO-T - NOVAS EPANÁFORAS - José Lúcio de Azevedo Lisboa: Livraria Clássica

Editora, 1932

OPO-T - O MEU PORTUGAL - Guilherme de Almeida São Paulo: Companhia Editora

Nacional, 1933

PM-T - PRINCIPIOS DE MECÂNICA DOS SOLOS - KARL VON TERZAGHI s/d

PPH-T - PONTOS DE PARTIDA PARA A HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL -

José Gabriel de Lemos Brito 2ª ed., São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1939

PRS-T - O PROBLEMA ALIMENTAR NO SERTÃO - Orlando Recife: Imprensa

Industrial, 1940

REL-T - RELIGIÕES NEGRAS - Edson Carneiro vol. 7, Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira S/A, 1936

REP-T - REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO - Rui Barbosa: Ministério da Educação e

Saúde, 1942

RF-T - REI FILOSOFO (VIDA DE D. PEDRO II.) - Pedro Calmon São Paulo/Rio de

Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, s/d

RIM-T - A RIQUEZA MINERAL DO BRASIL - Fróes Abreu Petropolis: Companhia

Editora Nacional, 1937

RSF-T - O RIO SÃO FRANCISCO E A CHAPADA DIAMANTINA - Teodoro Sampaio.

Organização: José Carlos Barreto de Santana- São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

[Ano do original: 1936]



SEM-T - SEMIOLOGIA DO RIM, BAÇO E SANGUE - Tibúrcio Padilla - Traduzido por:  
Dr. Drummond Alves Páginas: de 19 a 193 4ª Edição. Editora Guanabara: Rio de Janeiro,  
1949

SI-T - SECREÇÕES INTERNAS - Henrique B. Del Castillo 4ª edição. Editora Guanabara:  
Rio de Janeiro, 1949

SM-T - SEMIOLOGIA MÉDICA - Vieira Romeiro Ano de Publicação: 1941 8ª edição,  
Rio de Janeiro: Editora Científica, 1948

SPP-T - SÃO PAULO NOS PRIMEIROS ANOS (1554 -1601) - AFONSO DE  
ESCRAGNOLLE TAUNAY ENSAIO DE RECONSTITUIÇÃO SOCIAL EDITORA

PAZ E TERRA - 2003 [Ano do original: 1920]

SPS-T - SÃO PAULO NO SÉCULO XVI - AFONSO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY  
HISTÓRIA DA VILA PIRATININGANA EDITORA PAZ E TERRA - 2003 [Ano do  
original: 1920]

TES-T - TERRA DE SOL (NATUREZA E COSTUMES DO NORTE) - Gustavo Barroso  
Rio de Janeiro: Benjamim de Águila, 1913

THV-T - OS TIPOS HUMANOS NA VIDA E NA ARTE - Waldemar Berardineli Rio de  
Janeiro: Organização Simões, 1954

TPM-T - TRATADO DE PATOLOGIA MÉDICA - Vieira Romeiro 2ª Edição, Rio de  
Janeiro: Editora Guanabara, 1946

TP-T - TRADIÇÕES POPULARES - Amadeu Amaral São Paulo: Instituto Progresso  
Nacional, s/d.

VAL-T - O VALE DO AMAZONAS A.C. - Tavares Bastos Editora Nacional: Rio de  
Janeiro, 1937

VE-T - A VAIDADE: ENSAIO DE PSICOLOGIA E DE CRÍTICA - Luigi Battistelli São Paulo: Saraiva & Cia. Editores, 1943

VOM-T - VOZES DO MUNDO - Genolino Amado São Paulo/Rio de Janeiro/Recife: Companhia Editora Nacional, 1937

### **LITERATURA ORATÓRIA**

ACD-O - ANAIS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS - Congresso Nacional - Vários Autores Ano do original: textos de 1900 a 1902 Volumes I e II, Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1902.

DA-O - Discursos Acadêmicos ( 1907 - 1913) - Volume II Civilização Brasileira S.A. - Rio de Janeiro - 1935

DPA-O - Discursos Parlamentares - Rui Barbosa Ano do original: textos de 1901 in: Obras completas de Rui Barbosa, Editora Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1908

### **CRÔNICAS**

BT-CR - BOITEMPO (A FALTA QUE AMA) - Carlos Drummond de Andrade Editora Sabiá Ltda, 1968 [Ano do original: 1945]

CI-CR - CAMPANHA DA IMPRENSA - 1884 -1887 - JOAQUIM NABUCO INSTITUTO PROGRESSO EDITORIAL S.A - SÃO PAULO - 10/AGOSTO/1949

CRE-CR - CRONICAS EFÊMERAS - PAULO BARRTE - ( JOÃO DO RIO) JOÃO DO RIO NA REVISTA DA SEMANA - 1916 EDITORA GIORDANO - SÃO PAULO - SP

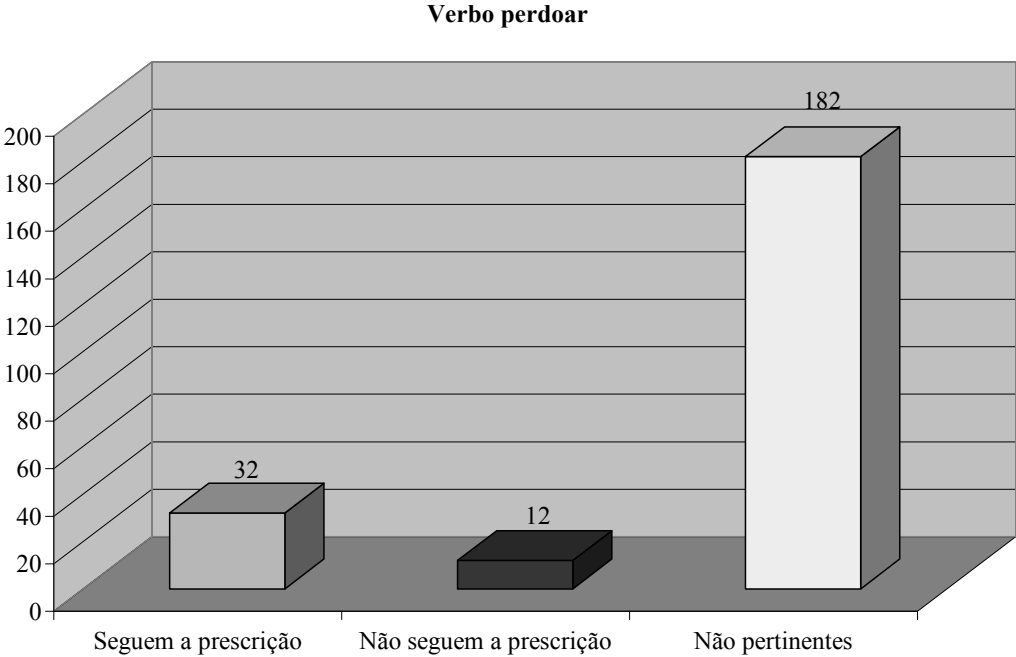
EPA-CR - Um episódio em Porto Alegre ( Uma fada no front) - Rubem Braga Editora Record ( Rio de Janeiro 2002)

FCA-CR - OS FILHOS DA CANDINHA - Mario de Andrade in: Obras completas de Mário de Andrade: Livraria Martins Editôra, 1942

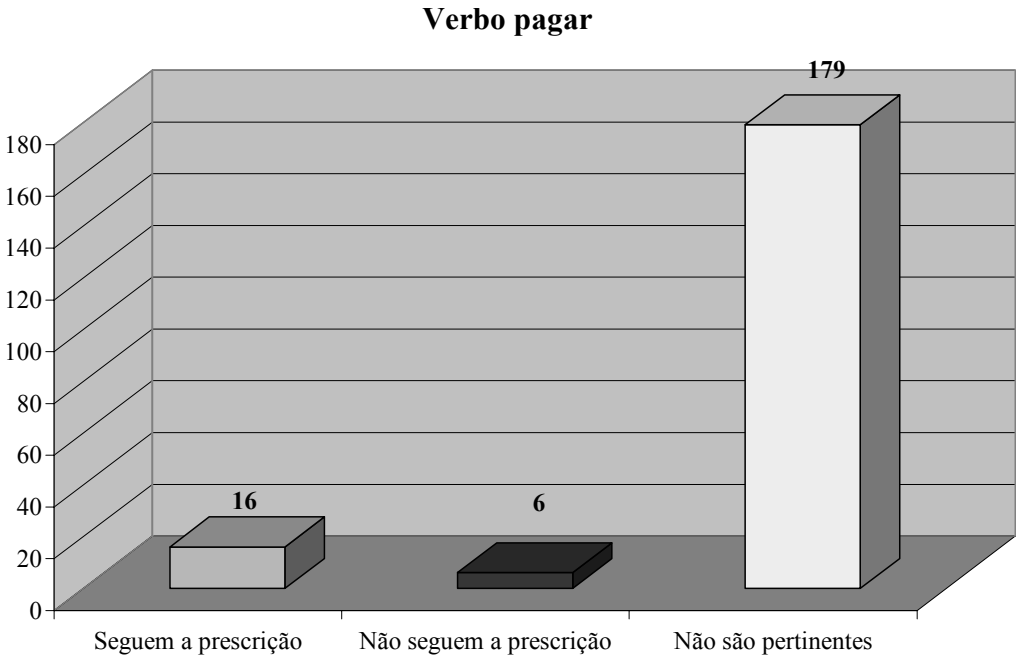
PAU-CR - PAULICÉIA - RONDA DA MEIA NOITE - SYLVIO FLOREAL 1ª EDIÇÃO DEZEMBRO DE 2002 - BOITEMPO EDITORIAL EDIÇÃO ORIGINAL - SÃO PAULO - 1925

**ANEXO 1 – FIGURAS**

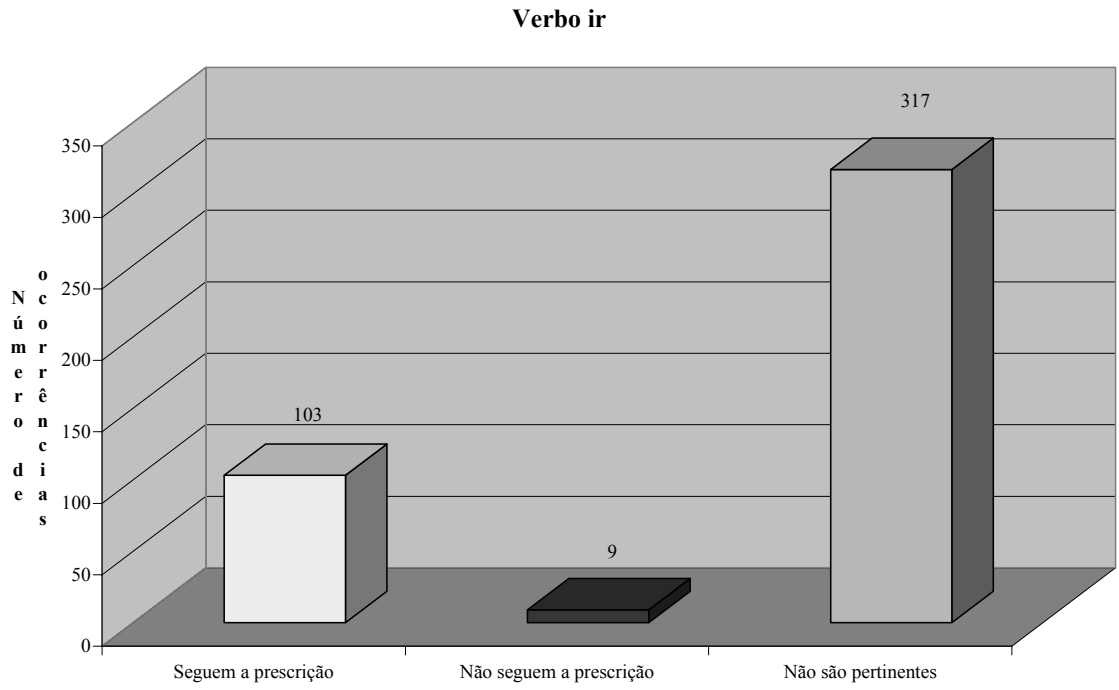
**FIGURA 1**



**FIGURA 2**



**FIGURA 3**



**FIGURA 4**

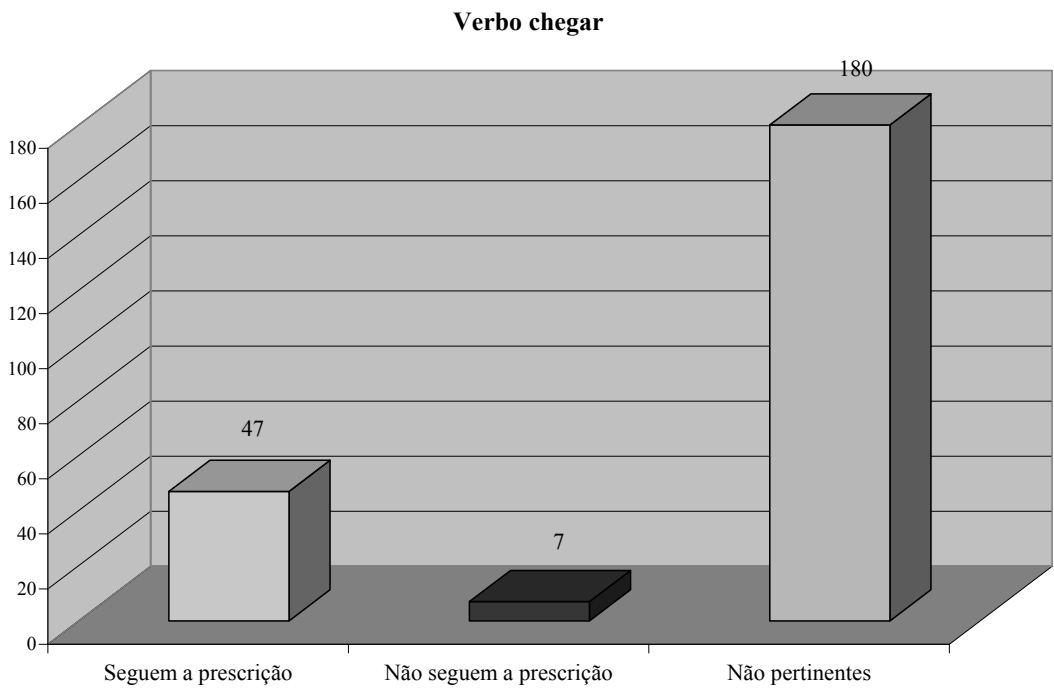


FIGURA 5

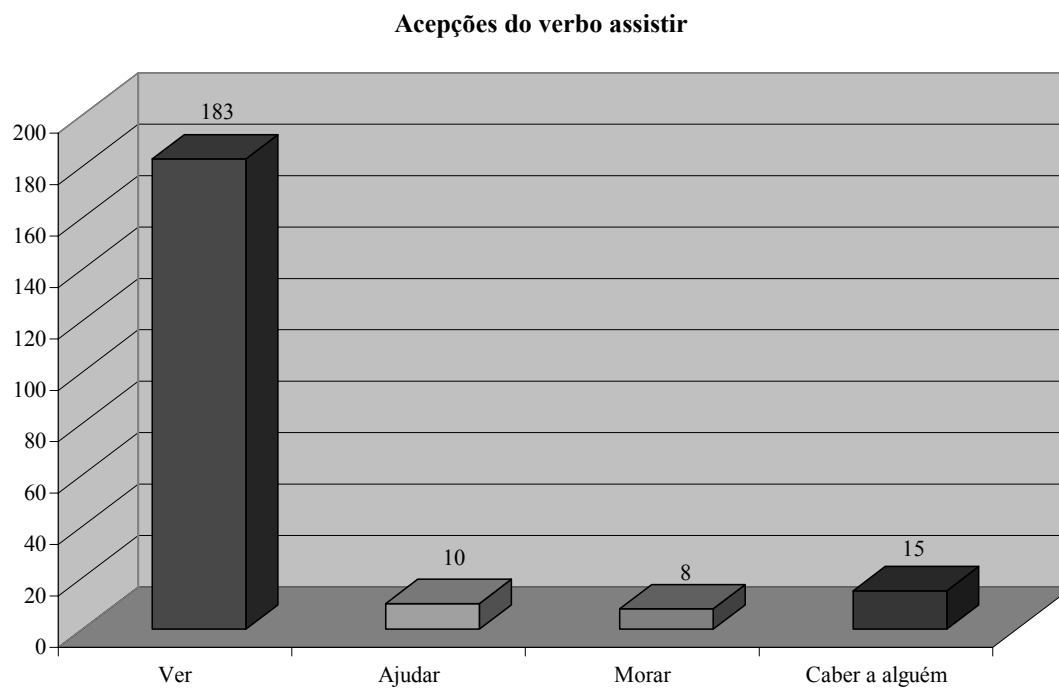


FIGURA 6

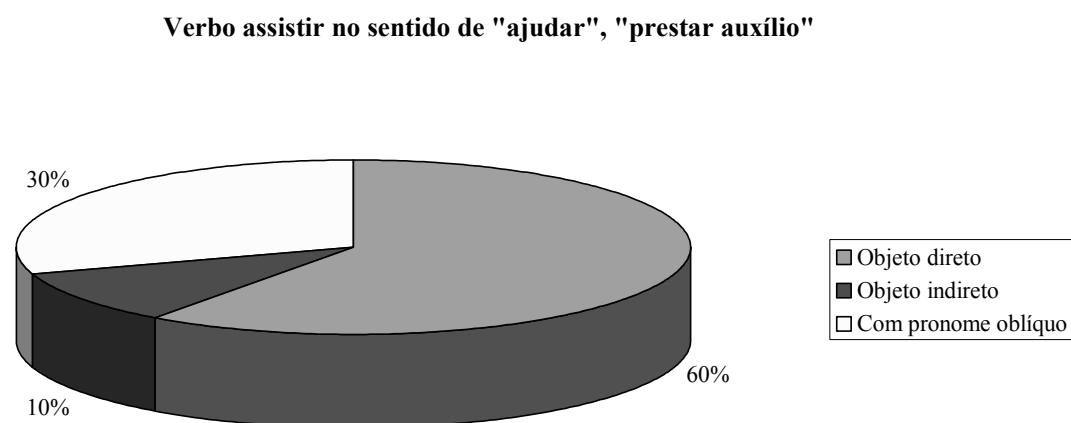


FIGURA 7

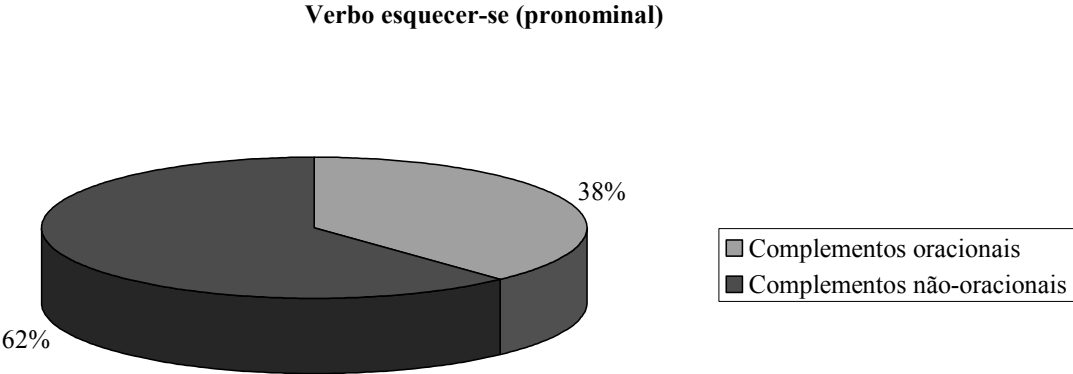


FIGURA 8

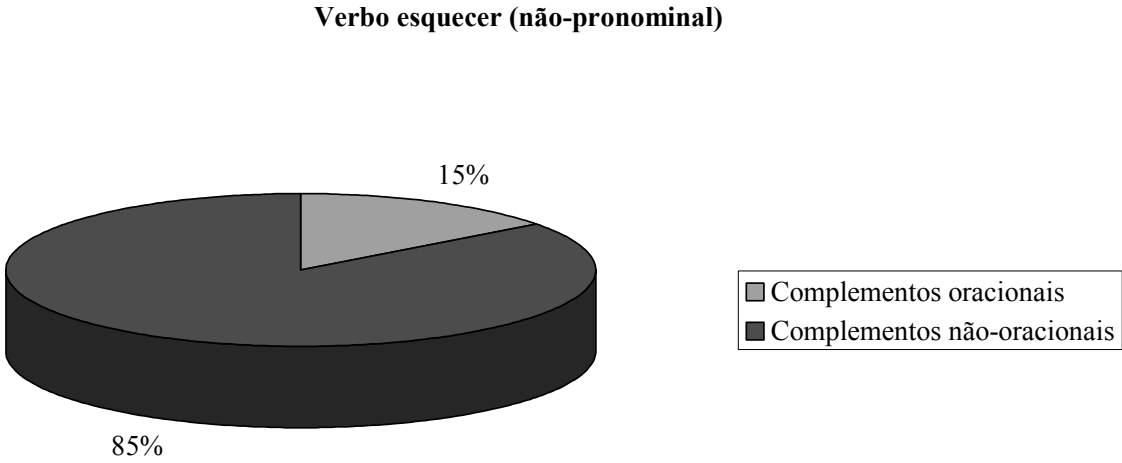


FIGURA 9

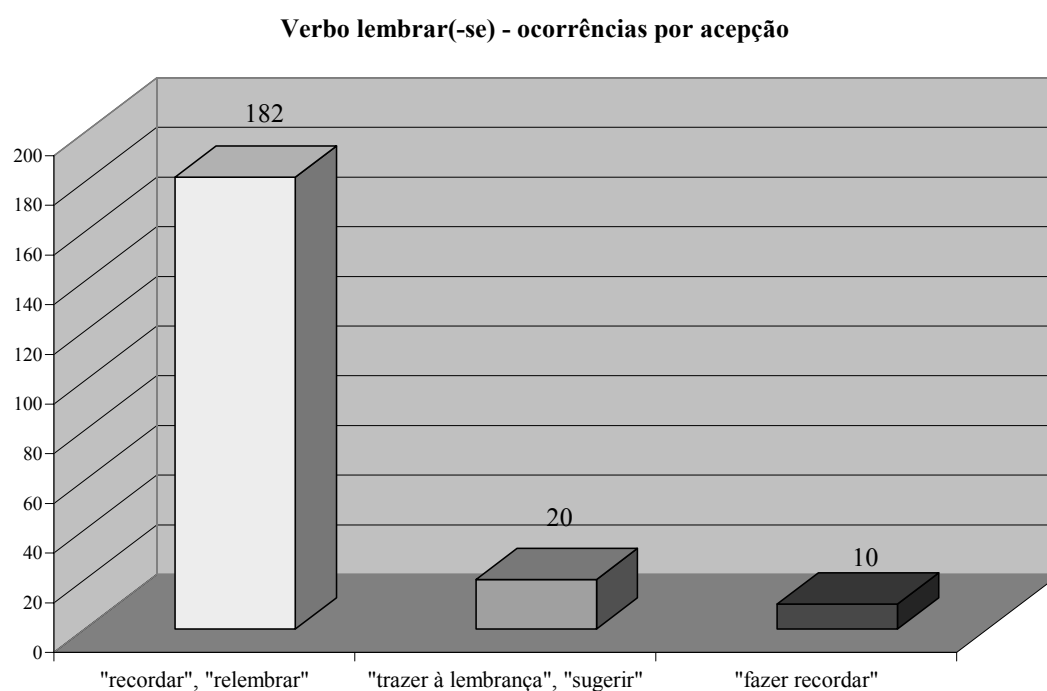
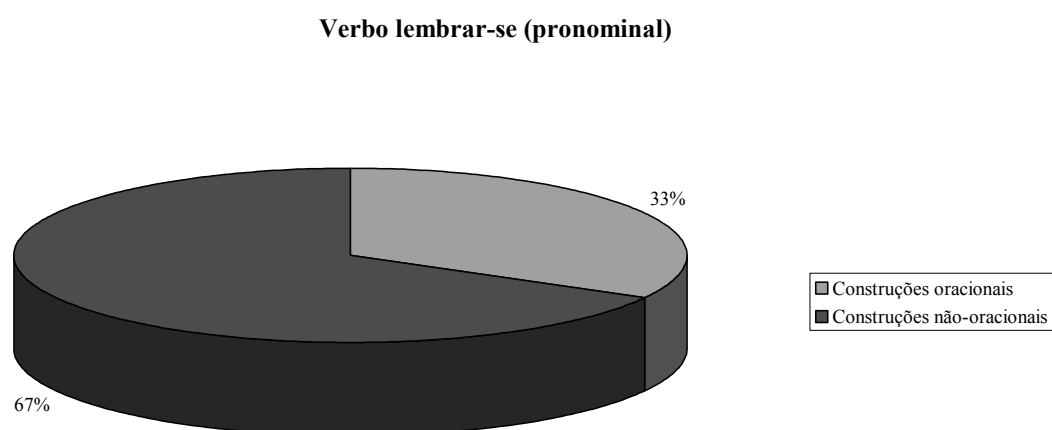


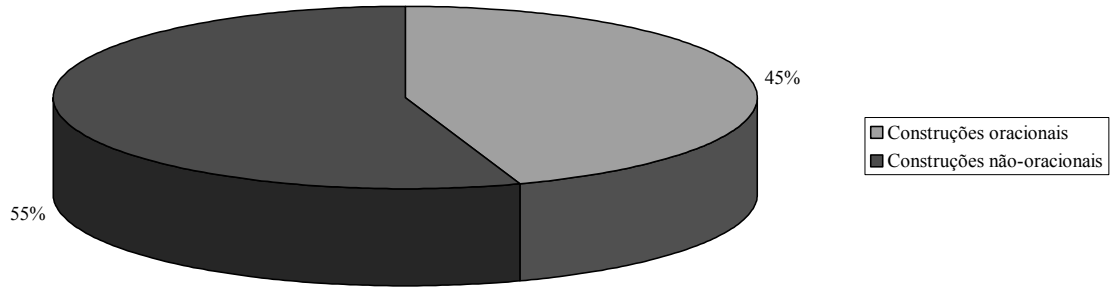
FIGURA 10





**FIGURA 11**

**Verbo lembrar (não-pronominal)**



**ANEXO 2 – TABELAS**

























### ANEXO 3 – CORPUS

#### VERBO PERDOAR

1. Vai mulher, eu também te **perdôo** (ANP-R)
2. -Sou generoso, **perdôo** o resto. (NEG-R)
3. Então julgue e perdoe. - Mas eu **perdôo**, padre! (REN-R)
4. (...) sim, porque a amo acima de tudo, de meus parentes todos, todos os meus filhos, meus e dela... pois bem, a ela mesma eu não esqueço e não **perdôo** ser Moura... (SIN-R)
5. Não a **perdôo** por se haver equivocado Olé! (THU-R)
6. O Conde não tem razão, mas eu **perdôo** a si. (TN-R)
7. Não **perdôo**, porque além de tudo, não é verdade. (TN-R)
8. **Perdôo**-lhe toda a licença dos propósitos, toda a leviandade das aparências, pela certeza ou pela fama de honestidade e pela perícia como doceira. (UMO-R)
9. Ninguém **perdoa** ao quarentão que se apaixonou por uma adolescente. (ABD-R)
10. Só peço a Deus que êle tenha saúde e juízo. O mais a gente **perdoa**. (AGM-R)
11. **Perdoa**, Eugênia, se me exaltei. (AMS-R)
12. Fernanda sacode a cabeça com um sorriso do mais velho que **perdoa** a travessura da criança. (CCR-R)
13. (...) mas para os que podem estabelecer confrontos, **perdoa**-me, arterial da civilização patricia; **perdoa**-me, avenida da elegancia e do espirito fluminense, não passas de viella atarracada e sordida. (CFE-R)
14. Deus, **perdoa** os meus pecados. (CLA-R)
15. **Perdoa! Perdoa!** Não me batas. (CMC-R)
16. (...) não faz moratórias, **perdoa** as dívidas integralmente, uma vez que o devedor queira deveras emendar a vida e cortar nas despesas. (DC-R)
17. **-Perdoa**, amiguinha; estava tão ansioso de saber a verdade... (EJ-R)

18. Talvez te revoltas, como Cesário, mas não quero nem posso guardar, por mais tempo, êsse segrêdo torturante e, se parecer-te estranho, **perdoa-me**. (IF-R)
19. Até essa cidade tristoriba, então. Porque a tripulação não **perdoa**. (LOC-R)
20. Papai é o melhor dos homens, mas não **perdoa** a adversário. (MA-R)
21. O mundo não **perdoa** grande vantagem a ninguém. (MB-R)
22. Nos ataques que dá, não **perdoa** ninguém. (PB-R)
23. **Perdoa-me** tu, realista sincero, há nisto também um pouco de realidade, e foi o que pratiquei de acordo com o estado da minha alma: o que fiz foi cortar-lhe um molho de cabelo. (RCV-R)
24. Você não **perdoa!** Coitado! (REN-R)
25. Adeus! Não! **Perdoa!** Atende! (TN-R)
26. É homem céptico, tolerante, século XVIII, que tudo **perdoa**, porque procura tudo compreender. (UMO-R)
27. No sertão bárbaro, onde se **perdoa** facilmente o assassino, as ofensas à propriedade são punidas com rigor excessivo, pois a fazenda é escassa e a população cresce demais. (VIA-R)
28. Não **perdoa** e tu sofrerás se não lhe prestares culto... (VM-R)
29. Sabei, senhora, que o amor, que riem **perdoa** aos Pastores, me traz à vossa presença, para que me concedais para esposa a bela Hemirena. (EHB-T)
30. E a música, talvez por não se utilizar em sua mensagem, das circunvoluções e labirintos da consciência que tudo **perdoa**, ainda conserva o pudor dos irracionais. (ESM-T)
31. Não **perdoa** quem passe e não lhe de um tabaco para o cachimbo. (MAB-T)
32. (...) por outra, tinha a moral adequada às concepções espontâneas da massa, que facilmente, **perdoa** a ausência de escrúpulos em troca da graça e da esperteza. (TP-T)
33. E o exemplo aí ficou na história política, como um salutar e prudente aviso. **Perdoa** Câmara esta digressão. (DPA-O)
34. Páginas a dentro, desenrola-se o drama de uma criatura que, nesta sombra, se entregou, suando sangue, a um exame de consciência, e aqui se condena, ali se

- perdoa**, além se justifica, e braceja, e luta, e geme, e soluça, em busca da perfeição inatuigível (...). (PAU-CR)
35. Jandira foi quem apurou essas coisas, com sua rede de informações, e nós as **perdoamos** ao rapaz que, apesar de tais tolices, é inteligente, vivo, bom parceiro. (AMB-R)
36. Perdoai as nossas dívidas, assim como nós **perdoamos** aos nossos devedores. (DOI-R)
37. (...) perdoa as nossas dívidas, como nós **perdoamos** aos nossos devedores (RCV-R)
38. Ao jovem deputado nós já **perdoamos**. (DPA-O)
39. Deus clemente, Senhor de misericórdia, que me **perdoais**, a mim, levando-me convosco, apiedai-vos dos que penam por minha culpa por nêles haver eu experimentado o elixir do Inferno (...). (IM-R)
40. Poderia até figurar entre os otimos, no juízo dos homens que se **perdoam** uns aos outros os pequenos arranhões no pacto conjugal, filhos da curiosidade adamica. (NEG-R)
41. **Perdoam**-se e canonizam-se os que ensangüentam. a pátria, atentam, à mão armada contra o trono, e quer-se fazer um crime imperdoável de um escrito. (EIN-T)
42. (...) são maneiras de falar aplicadas a pessoas demasiado pacientes, que não reagem às maldades de outrem, ou as **perdoam** facilmente, ou nem sequer dão por elas. (LM-T)
43. Nem lhe **perdoei** todo o tempo que me fez perder, tornando vão meu esforço para, através dele, saber algo a respeito da moça. (AMB-R)
44. Em verdade, um rói-me os livros, outro o queijo; mas não é muito que eu lhes perdoe, se já **perdoei** a um cachorro que me levou o descanso em piores circunstancias. (DC-R)
45. Eu nobremente lho **perdoei** e fui dormir antes de jantar. (MA-R)
46. Reconciliei-me com ele e quase lhe **perdoei** o sestro, de enroscar e desenroscar no dedo a corrente do relógio. (UMO-R)



47. Tu me perdoarás, Cristo **perdoou** e Madalena era mais pecadora que eu, porque enfim ela era mulher. (CCR-R)
48. Mas **perdoou** logo. (CN-R)
49. **Perdoou** o navio que agora balançava um pouco. (CPT-R)
50. E a senhora vai perdoar, já **perdoou**. (C-R)
51. Gostou da tinta e da côr, reconciliou-se com a forma, e apenas **perdoou** a despesa. (EJ-R)
52. (...) vendo-o disposto a acompanhar o troço, **perdoou-lhe** todas as culpas. (OSP-R)
53. Ela não **perdoou** então que a tivesses violado, embora no aceso da paixão. (PRO-R)
54. Maria Cora, ao contrário do que lhe dissera, **perdoou** essas faltas, que aliás não tiveram a extensão nem o vulto da aventura Dolores. (RCV-R)
55. **Perdoou-me** a loucura de ontem? (UMO-R)
56. O mesmo, quando o esposo **perdoou** fatos de adultério, e descobriu em seguida correspondência relativa a estes fatos. (DES-T)
57. E houve a Bondade do Ricardo - Bondade Inteligente de quem compreendeu o Sentido da Vida e tudo **Perdoou**. (PAU-CR)
58. Os seus elementos inferiores nunca lhe **perdoaram** a radical incompatibilidade com eles. (PAU-CR)
59. Se ela **perdoava**, todos deviam perdoar. (ANP-R)
60. Mas ele **perdoava**, o bom, o misterioso Mateus, trancando-se no banheiro. (CI-R)
61. Sobretudo, não a **perdoava**. (CPT-R)
62. Ele não **perdoava** a Feijó as ironias com que este recebera sua investidura arquiépiscopal, arrastando-o a uma situação vexatoria perante a opinião publica. (DOI-R)
63. Entrava então em bolos, que o senhor não **perdoava**. (FMA-R)
64. [Amâncio] forçava as pessoas a comprarem fiado, **perdoava** dívidas, zangava-se com quem não aceitasse o perdão, tanto agrado até enjoava. (HR-R)
65. Pela vida, não, que eu **perdoava**... (JMI-R)

66. Tinha o rapaz um pé torto e não **perdoava** aos que não sofriam do mesmo defeito. (LSO-R)
67. (...) oh, tudo o que acontece é inocência, ao mesmo tempo era o que ela sentia e **perdoava**. (LUS-R)
68. Altamirano, de quem ele **perdoava** as safadices pela poesia, Julião, de quem ele **perdoava** as lambanças e a prática comunista pela mordaz vivacidade (...). (OES-R)
69. Altamirano, generoso, **perdoava** com um sorriso sutil. (OES-R)
70. Os gritos terríveis, enchendo o Açú. Joca Barbeiro não **perdoava**: -Do que ela precisa eu sei, dizia êle para os outros debaixo da tamarineira. (PB-R)
71. Então, sem tom implorativo, antes como quem lhe **perdoava**, entendeu dizer-lhe que deixasse passar uns seis meses. (RCV-R)
72. A redação não **perdoava** a menor falha da revisão. (REI-R)
73. (...) de dentes de animais, de bentinhos, ou de nômimas encerrando cartas santas, únicos atavios que **perdoava** a ascese exigente do evangelizador. (SER-R)
74. Aquela febre que não **perdoava**, que eles temiam sobre todas as coisas. (SV-R)
75. A cabroeira do Pilar não **perdoava**. (US-R)
76. O Brasil de então, que apenas entrevira liberdade e soberania, não **perdoava** aos que, acolhendo-se nelle, serviam para atormentar-o, afastando-o sempre da sonhada liberdade. (BRA-T)
77. (...) vibrava e irritava-se sem medida sempre que servia de alvo à ironia de seus adversários; a estes nunca **perdoava**. (FHB-T)
78. Aberdeen não lhe **perdoava** a denuncia dos tratados; e Luiz Felipe horrorizava-se com a idéia de uma expedição militar. (RF-T)
79. Mas a imprensa, que não **perdoava** a Caxias o mandriando conservador, dera de criticá-lo. (RF-T)
80. O velho Cadoudal da penna, o irreductivel vendeano não lhe **perdoava** esse crime. (PAU-CR)
81. Ora, Cesário! E tu que não **perdoavas** as Moretti com a tua sátira. (IF-R)
82. E naquela hora lhe **perdoávamos** muito de sua ruindade. (ME-R)

83. E se todos **perdoavam**, era evidente que Ângela não podia ficar por mais tempo afastada do filho, longe do lar, abandonada às incertezas da vida, aos perigos da sua natureza excessiva descontrolada. (ANP-R)
84. Tampouco os cangaceiros **perdoavam**. (SV-R)
85. Demais, qualquer medida proposta contra os jesuítas encontraria os aplausos da colônia, porque os dominadores, portugueses ou mamelucos, não lhes **perdoavam** as sucessivas restrições (...). (PPH-T)
86. E Chinoca **perdoara** o desdém, correria logo alvoroçada à gare, em vicilínea vibração, mimosa e trêfega, impondo-se-lhe à vista, atraindo-lhe o olhar remorado (...). (TA-R)
87. Nem você me fará outra, nem eu lhe **perdoarei** nada mais. (RCV-R)
88. Tu me **perdoarás**, Cristo perdoou e Madalena era mais pecadora que eu, porque enfim ela era mulher. (CCR-R)
89. A senhora acha que Carlos me **perdoará**... um dia? (ANP-R)
90. Uma voz lhe dizia: “é uma loucura o que você está praticando... ninguém lhe **perdoará**, ninguém, ninguém!”. (JUB-R)
91. Trata-se do nosso ilustrado colega o amigo, o sul-rio-grandense Vivaldo Coaraci (que nos **perdoará** esta pequena violação da reserva em que se deve manter a correspondência particular). (TP-T)
92. Se o pai também o **perdoará**, por tê-lo arrastado à situação em que ora se acha, fazendo repousar o veredictum em uma falsidade ouvida dos lábios do próprio filho, eu não o sei. (DPA-O)
93. Que beleza! Ah! querido, quem não te **perdoaria**? (AMS-R)
94. E em breve, ambos distraídos, de novo pareceram pensar na mesma coisa, no amor falhado há poucos minutos - e ela nunca **perdoaria**. (CI-R)
95. Eu é que lhe não **perdoaria** a indiferença. (IF-R)
96. Tudo ela lhe perdoava e lhe **perdoaria** sempre. (JUB-R)
97. Cristiano Ottoni não lhe **perdoaria**, a crítica desfavorável ao seu compendio de aritmética. (RF-T)

98. Sabiam que os bichos-soltos não lhes **perdoariam**, inclusive Ercílio, filho da própria traficante, também bicho-solto. (CDE-R)
99. Invocara cansaço, sono, necessidade de dar um pequeno pulo no clube para abraçar alguns amigos que saberiam pelo Torres da sua chegada e não lhe **perdoariam** a ausência. (LRU-R)
100. Se saísse desastrado como o pai, não lhe **perdoariam**. (RF-T)
101. Pedira-lhe que **perdoasse** Ângela e ele prometera pensar sobre o assunto, visivelmente inclinado a ceder e, talvez mesmo, a ir bem mais longe... (ANP-R)
102. Deus que o **perdoasse** e tivesse peida sua alma, mas, no momento, a vontade que tinha era de ir denunciar a Ana todo o embuste daquela criatura pervertida, destruidora. (ANP-R)
103. Que Deus lhe **perdoasse**, mas aqueles santos sem roupa... credo! (LSO-R)
104. Mas uma vez que era mal :sem remédio, que Deus lhes **perdoasse** aquela impiedade.. . (NT-R)
105. A mãe pediu por ele e alcançou que o marido lhe **perdoasse** ele pediu à mãe o preço da vela e cumpriu a promessa. (RCV-R)
106. No entanto, quaisquer que fossem as atenuantes invocadas, que Deus o **perdoasse** se aquilo era o seu romance (...). (REN-R)
107. Que a **perdoasse**, pelas más palavras: mas era atroz (109). (RF-T)
108. Mas não seria o velho reinol quem havia de **perdoar** tal afronta, dizia Dona Constança, com entusiasmo: deu combate sem trégua à tropa do garimpeiro, unindo-se às forças de Dom Rodrigo de Meneses. (ABD-R)
109. Tobias então não podia **perdoar** que a amada do poeta rival fôsse tão aplaudida quanto a sua deusa. (ABC-R)
110. **Perdoar**, dona Leonor?! (ANP-R)
111. No fundo há uma mesma luta: ontem contra a vontade esvaeceste de um rapaz que atentou contra a vida por desespero, hoje contra a falta de espírito cristão de uma família que não sabe ou não quer **perdoar**. (ANP-R)
112. (...) o irmão a pro curara na véspera para consultá-la sobre, a possibilidade dele **perdoar** a Ângela. (ANP-R)

113. Meu pai - morto! E eu - **perdoar**? (ANP-R)
114. A senhora mesma, antes de sua filha intervir, estava disposta a esquecer, a **perdoar** realmente. (ANP-R)
115. Escuta, Rení: não é você, sou eu que estou pedindo para você me **perdoar**... (ANP-R)
116. Pode tá até com a mãe que eu não vou **perdoar**, não...! (CDE-R)
117. Mas comigo iam cinco ou seis damas elegantes capazes de se debochar mas de não **perdoar** os excessos alheios, e era sem linha correr assim, abandonando-as, atrás de uma freqüentadora dos bailes do Recreio. (CMC-R)
118. Só não conseguiu **perdoar**-se a si mesmo. (CPT-R)
119. Há de **perdoar**, mas é que esta outra gravura custou-me mais caro, redargüiu o velho lojista. (EJ-R)
120. V. Excia. há de me **perdoar** o incomodo que lhe trouxe, vindo contar-lhe isto, mas V. Excia. é sempre tão bom comigo, fala-me com tanta amizade, que eu me atrevi... (EJ-R)
121. O doutor há de **perdoar** o meu silêncio, mas não quis entristecer a sua festa com uma notícia. . . (IF-R)
122. Ela não amava o filho, mas sentia-se disposta a **perdoar**, a esquecer tudo, se soubesse que havia para o seu coração um pouco de ternura e de afeto. (JUB-R)
123. Se por outro lado Deus egziste... deve ser um gentleman, e como gentleman saberá **perdoar**-nos os pecados, tanto os pequenos como os grandes. (LSO-R)
124. Mesmo quando ele a abraçara ela o compreendera pestanejando, pronta a **perdoar** no futuro as desgraças que lhe sucedessem. (LUS-R)
125. Não tinha que ceder, portanto, nem pedir perdão, nem **perdoar**. (OES-R)
126. ... não imitava um de seus amigos que rezava a mesma prece, sem todavia **perdoar** aos devedores, como dizia de língua esse chegava a cobrar além do que eles lhe deviam (...). (RCV-R)
127. -Nesse caso há de **perdoar**. (RCV-R)
128. Um Pinheiro Canguçu não devia esquecer, não podia **perdoar**. (SIN-R)

129. Chegando em Recife era para onde iria logo, na certa, falar com ele que não virava o rosto a ninguém, que sabia **perdoar** as fraquezas, as misérias dos outros. (US-R)
130. O portuguezismo, noz seus diversos Chalaças, não podia **perdoar** o legitimo patriotismo de Tavares, que deixou testemunhos assim: (...). (BRA-T)
131. O necessário é que o fato implique a intenção de **perdoar** a ofensa pelo cônjuge inocente e ciente dela. (DES-T)
132. A coabitação da mulher com o marido, depois dos fatos ocasionadores do divorcio até o momento da ação , não constitui reconciliação se a sua conduta exclui a sinceridade da intenção de **perdoar** e continuar a vida comum. (DES-T)
133. (...) com que procuro infundir nos ânimos daqueles, por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o **perdoar** a inimigos, a compaixão da pobreza (...). (EHB-T)
134. A denúncia feita por um dos conspiradores, interessado em se fazer **perdoar** a dívida que tinha para com a fazenda pública, seguiu-se a devassa. (FHB-T)
135. Mas o senso publico devia superar ressentimentos, **perdoar** ofensas. (RF-T)
136. **Perdoar** ao mau é dizer-lhe que o seja. (TP-T)
137. Tenho a honra de dirigir esta carta a V. Ex.2, para que se digno **perdoar-me** tê-lo incomodado inutilmente a respeito do processo de Luisa L... (VE-T)
138. V. Ex. há de me **perdoar** que diga que o governo de Santa Catarina não compreendeu o modo de intervenção. (ACD-O)
139. Senhores, sou forçado - e os nobres membros desta casa hão de **perdoar-me** - sou forçado a apresentar os meus títulos de capacidade, como qualquer apresenta, que se propõe a um concurso de primeiras letras. (DPA-O)
140. O que tem ela lucrado com a sua adesão cega ao legitimismo escravista, em ser o centro da reação contínua, em nada **perdoar**, nada aprender, nada esquecer (...). (CI-CR)
141. Ele teve a baixeza de não **perdoar-me** as minhas idéias políticas, ele que anistiou o moedeiro falso Cândido Ribeiro: ha maior glória para mim? (PAU-CR)

142. Suponhamos que o artista brasileiro esteja um pouco... delirante, não haverá possibilidade dos portugueses nos **perdoarem** por algum tempo este delírio ? (EP-T)
143. Que me **perdoe** a jovem Gabriela, possível neta do Coronel Ataíde, amigo do meu pai e homem de prol em Várzea dos Burítis. (ABD-R)
144. Deus me **perdoe** o desejo, que me relampeou no coração, de que o velho amigo ficasse mais tempo de cama. (ABD-R)
145. Deus me **perdoe**. (AGM-R)
146. **Perdoe**-me mais uma vez então, senhora. (AMS-R)
147. Que Deus lhe **perdoe**, tanto ódio no coração, tanta maldade! (ANP-R)
148. Deus me **perdoe** se ouvi outra coisa! (CAV-R)
149. **Perdoe**-me e não guarde ressentimentos das minhas doutrinas-são inoffensivas. (CFE-R)
150. Deus me **perdoe** - pensa Clarissa - mas que vestido esquisito. (CLA-R)
151. (...) que Deus me livre e **perdoe**! (CLS-R)
152. Deus me **perdoe** mas estou pensando em Jesus... (CMC-R)
153. Levantamos os dois de um pulo, dando graças a Deus - que ele nos **perdoe** - pela oportunidade de escaparmos daquela câmara de suplício. (CMC-R)
154. -**Perdoe**, minha senhora. Foi uma doidice. (C-R)
155. **Perdoe** a cincada, Bentinho, foi um modo de acentuar a perfeição daquela moça. (DC-R)
156. (...) mas não é muito que eu lhes **perdoe**, se já **perdoei** a um cachorro que me levou o descanso em piores circunstâncias. (DC-R)
157. **Perdoe**-me, minha boa Dona Loló, sem o seu consentimento ter-lhe assim mudado o sexo. (FMA-R)
158. -Meu senhor, **perdoe** ao negro fugido. (FM-R)
159. Êsse, Deus me **perdoe**, estou em dizer que se lhe aparecesse o próprio Espírito Santo varava-o com um virote. (IM-R)
160. Deus me **perdoe**, mas essa mulher andou com coisas para o lado de meu marido (LUS-R)

161. **Perdoe-me**. . . diga ... (MB-R)
162. Mas, doutor, **perdoe-me** a liberdade: o senhor escolhe mal as mulheres! (NEG-R)
163. Não, minha senhora. Não! **Perdoe-me**. . . (NN-R)
164. **Perdoe**, não fiz por mal. (OES-R)
165. É um bicho estranho, Alberto, sem amigos e sem Deus - que me **perdoe!** (PC-R)
166. Disse a voz alta e simpática: - **Perdoe**. (PC-R)
167. Deus me **perdoe!** (QUI-R)
168. Que Deus lhes **perdoe!** (RCV-R)
169. -Decerto. -... e que a tal D. Helena (Deus lhe **perdoe!**) não estava tão inocente como dizia. (RCV-R)
170. Me **perdoe**, “seu” inspetor! (REI-R)
171. **Perdoe** a indiscrição, quanto ganha sua sobrinha ensinando bê-a-bá? (SB-R)
172. Que William Shakespeare nos **perdoe** e que o velho Prof. Lindau Ferreira não me queira ml por tudo isso! (SC-R)
173. É até, vosmincê me **perdoe**, um pouco “causo” da gente, dizer isso... (SIN-R)
174. Vosmincê me **perdoe** o mau ensino... (SIN-R)
175. Quero que me **perdoe** aquele tempo na Rua Alice. (THU-R)
176. Parecem mascarados, Deus me **perdoe!** (TN-R)
177. Aquilo, Deus me **perdoe** é bicho ruim inteirado. (URU-R)
178. Agi mal, confesso, minha falta é grave mas vim exatamente pedir que me **perdoe**. (OSP-D)
179. Deus lhe **perdoe!** (AAR-T)
180. Em todo o caso a falta do compromisso é motivo do delinqüente não comparecer à festa, ou desculpar-se, de maneira que a opinião publica **perdoe**. (ENS-T)
181. (...) haverá quem não **perdoe** nem a imprevidência, nem o tempo perdido, nem as fraquezas, nem as incertezas, nem o mistério, com que foram dirigidos os nossos negócios em Assunção. (VAL-T)
182. É, porém, sabido que há cinco meses a Câmara não se interessa pelos seus trabalhos, e, o Senado que me **perdoe** que o diga, e o Senado isso também não faz. (ACD-O)



183. Eu aprendi em matemática, Sr. Presidente, **perdoe-me** dizê-lo, aprendi nesta tão suspeita matemática, que toda a vez que um raciocínio é logicamente desdobrado em todos os seus corolários e se chega de determinada premissa a uma solução absurda, é que a premissa é absurda. (ACD-O)
184. (...) voltamos à fase cartilaginosa, sem feitiço, desclassificando-nos e, finalmente, Deus me **perdoe!** (ACD-O)
185. Peço ao ilustre Deputado que me **perdoe** o movimento de mau humor (...). (ACD-O)
186. O Sr. Moreira da Silva começa pedindo que a Câmara **perdoe** a insistência com que discute o assunto da reorganização do Banco da República, embora só venha reproduzir os argumentos com que sustentou o debate por ocasião da 2ª discussão. (ACD-O)
187. Sabe-se, perfeitamente, que do nada se tira, **perdoe-me** o lugar comum. (ACD-O)
188. **Perdoe-me** V. Ex. -, dêsse artigo não constam nem podem constar as palavras a que se deve o movimento de hilaridade. (DPA-O)
189. **-Perdoe-me** o nobre Senador. (DPA-O)
190. Tamanha lacuna, **perdoe-me** S. Ex. dizer-lho, o inabilitava, a meu ver, radicalmente, o incompatibilizava, pelo menos, com êsse espírito jurídico, de que eu tenho sido, na República, o pregador incessante. (DPA-O)
191. **Perdoe-me** o honrado Senador, não volto a discutir o assunto. (DPA-O)
192. **Perdoe-me** (DPA-O)
193. **Perdoe-me** o meu ilustre mestre: acha S. Ex. que isso é um argumento sério? (DPA-O)
194. **Perdoe** a Câmara esta digressão. (DPA-O)
195. **Perdoe**, se lhe peço um favor, que é a minha salvação. (CRE-CR)
196. **Perdoe-me** o haver eu tanto demorado esta segunda carta. (PAU-CR)
197. Estou parafusando se serei capaz de o fazer - **perdoe-me** a imodéstia ou o atrevimento. (PAU-CR)
198. **Perdoe-me** (PAU-CR)
199. **Perdoe** se venho dar-te um aborrecimento (...). (PAU-CR)

200. **Perdoe**-me haver digredido tanto o snr. meu compadre, que carrega mulher e filhos, desarranjou-se, por haver falido a casa inglesa a que' pertencia. (PAU-CR)
201. **Perdoem** ao pobre tolo. (ABD-R)
202. Se, acaso, publicar um dia este caderno de confidências íntimas, **perdoem** me os leitores as anotações de caráter muito pessoal que forem encontrando e que certamente não lhes interessarão. (AMB-R)
203. Que me **perdoem** os abalos passados e os futuros. (AMB-R)
204. **Perdoem** se venho incomodar.. . (OSP-R)
205. Achei (**perdoem**-me se há nisto enfatuação), achei ali mais um efeito da lei da evolução (...). (RCV-R)
206. **Perdoem**-me. (UMO-R)
207. **Perdoem**-lhe... (ACD-O)
208. **Perdoem**-me, portanto, aquêles, a cujo amor próprio as necessidades desta situação me constroem a desagradar. (DPA-O)
209. Talvez, amiga, que o ator eminente nunca tenha **perdoado** ao poeta o ter-lhe tomado a primeira atriz que era igualmente mãe de uma filha sua. (ABC-R)
210. (...) na véspera, depois de ter procurado Ângela e de tê-la **perdoado**, (tal como em tempos lhe aconselhara que fizesse) puserdes a refletir sobre a situação da nora (...). (ANP-R)
211. (...) se Carlos tivesse. agido por si só, sem' se deixar influenciar pelo ponto de vista de sua filha, teria... teria **perdoado**? (ANP-R)
212. De dia, ou de noite, dera alguma prova de tê-lo **perdoado** inteiramente? (ANP-R)
213. Tudo lhe seria **perdoado**, um dia? ... (ANP-R)
214. (...) para tentar se desculpar, ver se, pelo menos, consegue ser **perdoado** ... (LRU-R)
215. No momento em que finalmente a beijara sentira-se ele próprio de repente livre, **perdoado** além do que ele sabia de si mesmo, **perdoado** no que estava sob tudo o que ele era... (PC-R)
216. Se o cônjuge inocente lhe houver **perdoado**. (DES-T)
217. Tudo será **perdoado** aos que amaram muito! (EP-T)

218. (...) e acredito terme-eis **perdoado** o aborrecimento que certamente vos causei com um assumpto por demais arido. (...). (PAU-CR)
219. Vinha disposto a harmonizar a situação, **perdoando** e esquecendo tudo que fosse possível, e, eis que Silvio pulava com quatro pedras na mão, querendo luta. (ANP-R)
220. Vá **perdoando** estas palavras mal embrulhadas, e até amanhã, concluiu êle, estendendo-lhe a mão. (EJ-R)
221. A opinião do Campos e do Aguiar é que o fazendeiro, mais tarde ou mais cedo, acabará **perdoando** a filha. (MA-R)
222. E o mais surpreendente de tudo: como se ela tivesse escutado e risse depois, **perdoando** - não como Deus, mas como o diabo - , abrindo-lhe portas largas para a passagem. (PC-R)
223. (...) sem ser necessário que ele saiba que este fato é causa de divorcio, nem considere que impede o divorcio **perdoando** (...). (DES-T)
224. (...) suspendesse a execução em andamento contra o requerente, **perdoando-se**-lhe então a multa em que incorrera, dada a sua pobreza e o fato de já ter “o postigo tapado de taipa”. (SPP-T)
225. Enganado por qualquer homem em negócio ou amizade, tu te deixaste sempre enganar, sabendo, talvez antes dele próprio, que estavas -sendo enganado, e **perdoando** de antemão. (CRE-CR)

## VERBO PAGAR

1. - Sabeis com que dinheiro vos **pago** ? (ACC-R)
2. Mas no dia 10 eu te **pago**. -Quanto? (CDE-R)
3. -Cinco minutos e está livre de mim, mas verá que lhe **pago** o sacrificio. (EJ-R)
4. Moro em terra dele, não lhe **pago** foro, porque aqui morou meu pai, no tempo do seu sogro. (FM-R)

5. louvavam a generosidade de tão bom senhor que não ratinhava salários, oferecendo um têrço mais, e **pago** à vista, do que lhe era pedido pelos jornaleiros. (IM-R)
6. Isaac mora na mesma rua, é companheiro de bonde. Um dia eu **pago**, outro dia ele **paga**. (OES-R)
7. bem à mostra pra o amigo que venha aumentar a despesa, bem oculto pra o garção, que não vendo que o café se acha **pago** não virá levantar a louça. (RA-R)
8. **Pago** o hotel, fiquei reduzido à última extremidade, com um curto prazo para dêle retirar a minha insignificante bagagem. (REI-R)
9. O Senhor Azevedo tinha-lhe **pago** pelo cento a quantia com que se compra uma dúzia. (TF-R)
10. Em dois anos estaria **pago** e a Bom Jesus aparelhada para 20 anos de safra e com capacidade maior que a da São Félix. (US-R)
11. Vinha recomendado de modo especial no Regimento dado a Cabral e **pago** a dez escudos por mês. (BL-T)
12. Tradicionalmente, esse imposto se confunde com o chamado “imposto de patente” **pago** para ser advogado, **pago** para ser comerciante, **pago** para ser médico, uma determinada taxa (DC-T)
13. em largo sistema de compra de simpatias em torno do Imperador e na administração imperial, sistema **pago** pelos diamantes doTijuco. (FHB-T)
14. no propósito de apurarem se ás autoridades haviam ou não **pago** os devidos tributos. (PPH-T)
15. como simples praça do exército, com soldo **pago** pelo Senado da Câmara de Olinda (P. da Costa, “Folclore Pernambucano”). (TP-T)
16. o que quer dizer que o imposto não será **pago** e mais uma vez será iludida a Câmara dos Deputados (ACD-O)
17. Nesses encontros quantas vezes não tem **pago** com a vida o fiel cumpridor do dever de manter o seu posto de vigilância (ACD-O)
18. , deitado num divã turco, enfiado num “pijama” de seda, naturalmente **pago** pelos outros, um velho venerável fumava um charuto. (CRE-CR)

19. Ligada assim às três maiores casas editoras do país, você terá sempre serviço bem **pago** e conveniente. (PAU-CR)
20. Joca, você aqui não **paga**. (AGM-R)
21. Aí, **paga** uma cervã aí!-finalizou Cabeleira. (CDE-R)
22. Demais, a casa era própria: terreno comprado; construção **paga** por ele. (CMA-R)
23. Quer dizer que o senhor **paga** primeiro a despesa. (EJ-R)
24. Esta tu me **paga**. (FM-R)
25. Nem tudo o dinheiro **paga**, Nanhã! (IF-R)
26. Nesta vida se faz, nesta vida se **paga**. (LSO-R)
27. Aquela desgraçada me **paga**. (ME-R)
28. Então o govêrno não tem tanta fôrça que o país **paga** para mantê-lo- como não tinha tomado providências? (NN-R)
29. A tradução, tão aborrecida e mal remunerada duma novela policial, marcha a passo de cágado, nem adianta acelerá-la, porquanto não será **paga** antes do prazo, que é relativamente dilatado. (OES-R)
30. Acabada a caninha, **paga** a despesa, Manivela propõe: - Vamos?... (PAP-R)
31. -Não **paga** ninguém! (RA-R)
32. Os velhos lembravam-se do “Mal das Vinhas”, do “Príncipe Ubá” e outros dementados, constantes fregueses da secção **paga** do velho Jornal do Comércio. (REI-R)
33. Eu faço, e você continua a não crer; não **paga** a pena... (SIN-R)
34. Se não abrir nós arromba e não **paga**... (SV-R)
35. (...) ali só há um homem que não trabalha e que não **paga** o lugar que ocupa (...). (TN-R)
36. Tranca-se e passa dias compondo a resposta, enérgica e longa, que é publicada na matéria **paga**. (VIA-R)
37. Mas como é que se **paga** o jantar? (OSP-D)
38. Pois se o barulho todo é esse, a gente **paga** a porca! (OSP-D)
39. A milícia era representada pela tropa **paga**, e pelas orderanças, espécie de guarda nacional. (CH-T)

40. (...) ou na Alfândega, quando importa a mercadoria, ou na Delegacia ou nas coletorias, quando **paga** o selo de consumo. (DC-T)
41. (...) o que nada tem, nada **paga**. (DC-T)
42. E' assim que em Outubro ele escreve a Dantas, em uma carta na qual **paga** tributo de saudade à morte de Landulfo Medrado : (...). (EIN-T)
43. (...) transformando-se numa arte didática, sempre bem **paga** (...). (MA-T)
44. (...) ela lhes **paga** a singela confiança com o doce e fertiizante contato de seus úmidos lábios. (TES-T)
45. (...) mas o gerente não quer saber de nada, e impõe-lhe este dilema: ou **paga**, ou não sai. (TP-T)
46. Assim, do Pará a Tabatinga, uma barrica de cerveja (custo, 17\$600) **paga** 4\$700, e uma de farinha de trigo (custo, 18\$000) **paga** 5\$000. (VAL-T)
47. (...) ninguém **paga** direitos, todos contrabandeiam, uns pelo gosto de menoscar a fiscalização, outros pelo exemplo. (ACD-O)
48. O argumento seria verdadeiro se o Distrito organizasse os seus tribunais, decretasse as leis do processo e nomeasse e **paga-se** seus juizes, como fazem os Estados. (ACD-O)
49. (...) porque o militar, mesmo depois de morto, tem direito à metade do soldo, **paga** à sua
50. família. (ACD-O)
51. (...) enquanto que o de anatomia requer e não se lhe **paga**, porque o regulamento diz que a regência dessa matéria é uma de suas obrigações e sem direito a remuneração alguma. (ACD-O)
52. Está, portanto, perfeitamente de acordo neste terreno com o nobre Deputado porque como S. Exmo. sabe, na nossa tarifa, a mercadoria que menos **paga**, **paga** 80%, embora oficialmente se diga que **paga** apenas 20. (ACD-O)
53. A taxa de 250 mil réis pode muito bem ser **paga** por um desses cavalheiros de indústria que amam passar por jornalista. (EPA-CR)
54. Um **paga** dívidas outro já anda sob as vistas do grande Barreto.(PAU-CR)
55. O papel **paga** de direitos de entrada o dôbro do custo. (PAU-CR)

56. (...) o meu cuidado principal é o benefício daquelle a quem se presta o serviço, daquelle que o **paga**, o consumidor. (PAU-CR)
57. -De acordo, concluiu o outro. Se ela mandar retirar, que não manda, ofereça quinze por cento em vez dos doze que **pagamos**. (C-R)
58. Nos **pagamos** tal por tal. (HD-T)
59. Ísis não consente que se lhe arranque o véu da face e os que tentam tal profanação **pagam** caro o atrevimento. (CMA-R)
60. Os médicos que já têm fama nos impingem os abacaxis, os clientes que não **pagam** e ainda por cima assumem ares protetores. (OL-R)
61. Ofereço juro que os bancos não **pagam**. (RVE-D)
62. antigos Estados do sul daquele hoje formidável país devem à Europa, de empréstimos externos, quatorze milhões de libras esterlinas, e que desde 1855 não **pagam** juro (ETP-T)
63. As mercadorias nacionais **pagam** 1/2 % mensalmente, sobre os direitos de exportação (VAL-T)
64. Senhores, o imposto que os cidadãos **pagam** é destinado à manutenção dos serviços necessários à vida ordinária da administração (ACD-O)
65. Os artistas que não residem no estado não **pagam** nenhuma taxa de inscrição, entrando só com o frete e a embalagem. (EPA-CR)
66. Pois, durante todo o trajeto, baldeação inclusive, não vi ninguém, **paguei** maquinalmente ao condutor, dei maquinalmente o sinal de parada, na Praça. (AMB-R)
67. **Paguei** patente foi para isto. (FM-R)
68. -Quem sabe se é porque ainda não lhe **paguei** o vale atrasado? (RA-R)
69. -Está ai, filha, o doce da aposta. Perdi, **paguei**. Que aposta? (URU-R)
70. **Paguei** trinta mil réis do Resto que a dita minha filha devia à Ama que deu de mamar a seu filho Henrique (EHB-T)
71. Eles, por mais que eu escondesse o leite, descobriram que o ano passado **paguei** 54 mil cruzeiros de imposto sobre a renda (PAU-CR)
72. -Tu ainda não **pagaste** o doutor, Naziazeno. . . (RA-R)

73. Êste silêncio foi o preço que **pagou** ao desejo de incorporar-se às esferas dominantes”. (ABC-R)
74. Alguns dormiam, outros liam jornais, apenas uma mulher, percebendo o nervosismo dos novos passageiros, **pagou** a passagem e passou à dianteira do ônibus. (CDE-R)
75. Despediu-se de Soero, o bom camarada; **pagou-lhe** bem o serviço. (CMC-R)
76. A verdade é que êle **pagou** o dôbro da viagem, e com razão, porque a cidade não está segura, e a gente corre grande risco levando pessoas de um lado para outro... (EJ-R)
77. Norberto muito cedo, no dia seguinte, **pagou** a despesa de hotel, dele e do companheiro. (LOC-R)
78. Tirou dinheiro do bolso e **pagou** os dois meses atrasados que devia. (LSO-R)
79. E foi Seu Dagoberto mesmo quem **pagou**. (NP-R)
80. O Dr. Seixas **pagou** o chofer. (OL-R)
81. E o alvôrço da meninada que o acolheu, e lhe arrebatou as compras, bem lhe **pagou** as tristes horas do dia, curvado sôbre a pá, em tempo de morrer de calor e cansaço.... (QUI-R)
82. **-Pagou?** perguntei. **-Pagou** sim, apressou-se em responder Plínio de Andrade (REI-R)
83. **Pagou** a Seu Francisco, Filoca? (TC-R)
84. Comprei-o quando Antero ficou com a fazenda de Areias a fim de beneficiar o coitado do tio Tebá e nos **pagou**, a nós os outros herdeiros, as nossas respectivas partes. (THU-R)
85. A metade não **pagou** entrada... (VM-R)
86. O Brasil **pagou** caro esta omissão, e ainda hoje não resolveu o problema de sua siderurgia. (PPH-T)
87. A Contadoria da Guerra **pagou** grandes somas pela verba-etapa. (ACD-O)
88. o gabinete **pagou** imediatamente com a sua existência, a barbaria das cenas determinadas por um momento de irritação de parte de alguns soldados. (DPA-O)



89. Dois comerciantes **pagaram** para tirarem o corpo dali e jogarem na Via Onze. (CDE-R)
90. Os olhos delinqüiram, os olhos **pagaram** ! (RCV-R)
91. (...) que também não pagam, nem nunca **pagaram** foro a Câmara por ser terra, que antes de existir a Vila já tinha dono (...). (EHB-T)
92. em vez de sofrerem os capitalistas e os proprietários, sofrem os devedores, os arrendatários, aqueles que pagam juros ou amortização, por mais capital que receberam depreciado, os que **pagaram** rendas, aluguéis, etc. (ACD-O)
93. Ela ia, porém, de amante em amante sem enxergar sequer os homens que a tinham, sem que êles realmente a possuíssem pois seu coração estava muito longe daqueles amôres que o dinheiro **pagava**. (ABC-R)
94. (...) pedia-lhe dinheiro emprestado e também não **pagava**, com o intento de provocar brigas e poder matá-lo sem ficar mal com a rapaziada do conceito. (CDE-R)
95. (...) já porque ali ninguém **pagava** o que comia, era o govêrno que **pagava** tudo. (EJ-R)
96. Sim, sim - o seu trabalho seria o de destruir esses falsos laços, de rompê-los a todo custo, um a um, ainda que isto custasse um preço maior do que o que ela **pagava** agora. (JUB-R)
97. Recebido o ordenado no começo do mês, **pagava** as contas, as prestações, retinha os miudos do bonde e pronto-ficava até o mês seguinte leve como um beija-flor. (NEG-R)
98. Êle **pagava** e recebia, depositava dinheiro, arbitrava os preços da matéria **paga**. (REI-R)
99. A maioria, porém, não **pagava** nunca. (SC-R)
100. Havia muito dinheiro, o governo **pagava** soldos dobrados, e, às vezes gratificações, além do que havia também a morte sempre presente; e tudo isso estimulava o divertir-se. (TF-R)
101. Mas o Dr. Pontual não lhes **pagava** os prejuízos da cana no campo, esperando pela regularidade das máquinas. (US-R)

102. (...) mas antes lhe fazia dizer missas e fez fazer a sua confraria, a qual os confrades não pagavam e ele a **pagava**. (CAB-T)
103. E, como dizia Azeredo Coutinho, sem contar os impostos, pois se **pagava** tanto por uma arroba de ferro quanto por uma arroba de seda (PPH-T)
104. Daí por diante, além de me dar casa, comida e roupa lavada, me **pagava** o vinho Granja União. (EPA-CR)
105. **Pagavam** bem, davam muito dinheiro a jogador de futebol. (AGM-R)
106. Proteger... Mas se ele estava dormindo numa casa cujo aluguel elas **pagavam**, comendo uma comida que se comprava com o dinheiro delas?! (LSO-R)
107. Mas Jacqueline se dedicou tanto ao amante, que esqueceu os que **pagavam** e o dinheiro começou a faltara (SJ-R)
108. Os juro que só alguns **pagavam** nos bons tempos. (RVE-D)
109. Os arrendatários **pagavam** quatro mil ducados à coroa. (CH-T)
110. por isso se procuravam estes por toda parte, e africanos se **pagavam** por qualquer preço. (FHB-T)
111. (...)apesar de tudo, ainda obrigavam os índios a irem ao sertão buscar drogas para os colonos, que lhes **pagavam** salários irrisórios. (PPH-T)
112. **Pagara** caro a brincadeira. (REN-R)
113. Faz-me êste favor, que te **pagarei** com juro capitalizados, sim? (PAU-CR)
114. Quando ele, é discutido e votado, ninguém sabe quanto **pagará**, como pagará e quando pagará. (DC-T)
115. (...) o Governo terá de nomear professores, estranhos ao estabelecimento, aos quais de **pagará** todas as vantagens inerentes ao cargo - ordenado e gratificação superior aquela. (ACD-O)
116. Os assentistas **pagarão** o tabaco fino que fabricam os moradores a 1:600 réis a arroba, que é o maior preço porque o vendem. (PPH-T)
117. Cinco ou seis dias depois **pagaria**, com juro de cento por cento. (AN-R)
118. De mais a mais, a verdade era que os funcionários da Coroa não queriam realmente incomodar Capitão Cavallo, por dele tomar peita que, se quisesse, não

- pagaria** e também por acharem que não valia a pena enfrentar tão grandes riscos para desafiar homem tão poderoso (...) (FEP-R)
119. Disse-me de maneira um tanto agressiva que ia levar oxarope e que **pagaria** mais tarde. (SC-R)
120. (...)o Brasil **pagaria** a D. João VI “pelos direitos dos donatarios das capitancias, havia seculos incorporados á Nação (...). (BRA-T)
121. Quanto mais precisássemos de proteção, mais caro a **pagaríamos**. (BR-T)
122. No outro dia teria que fazer qualquer coisa para acabar com aquela história. Laurentino e Floripes **pagariam**. Eram eles os criadores daquela miséria. (FM-R)
123. A 14 de junho desse mesmo 1598 convocavam-se os paulistanos para que ouvissem o público pregão de que se **pagariam** quatro reais por taipal da igreja. (SPP-T)
124. Pequeno foi informado sobre o aumento do preço da maconha, disse então a Carlos Roberto que **pagasse** pelo quilo de maconha o que o matuto pediu. (CDE-R)
125. Quintanilha, que era o endossante, entendia não valer a pena pedir o favor por tão escassa quantia (um conto e quinhentos), ele emprestaria o valor da letra, e o outro que lhe **pagasse**, quando pudesse. (RCV-R)
126. Convinha ou não deferir um pedido do cura, quando lhes requererá um certificado para o governador geral do Brasil, atestando que “havia já dois anos servia de graça como pároco de São Paulo, fazendo muitos gastos”, sem que a fazenda real lhe **pagasse** a mínima cômgrua? (SPP-T)
127. Outro seria o dono de tudo o que era deles se não **pagassem** no dia os cobres da usina. (US-R)
128. O povo começa a Ille **pagar** a sua solidariedade, amiga. (ABC-R)
129. Mas, aquela cujo papel naquela casa ninguém ignorava, devia **pagar** bem caro seu pecado de mocidade. (ANP-R)
130. Vou dar ordem no escritório para **pagar** a anualidade. (CAV-R)
131. Estava bem porque iria **pagar** cerveja para a sua rapaziada, levava uma trouxa para fazer uma surpresa, caso ninguém tivesse maconha. (CDE-R)

132. -E essa dívida é tu que vai **pagar**, tá me entendendo? (CDE-R)
133. Eu tenho uma porrada de coisa pra **pagar**, acho que não vai dar, não... (CDE-R)
134. Soam passos na escada. Outra vez a voz de Nestor: Pra **pagar** o que me fez! (CLA-R)
135. E estou certo de que Espiridião será condenado a **pagar** tudo. Entro com a ação por estes dias. (CLS-R)
136. (...) tinha um fraco por manteiga, não se amolava de **pagar** o excedente, gastou dinheiro,
137. queria gastar dinheiro, queria perceber que estava gastando dinheiro, comprou uma maçã bem rubra, oitocentão! (CN-R)
138. Quisera um modo de **pagar** a dívida contraída, outra moeda, que valesse tanto ou mais, e não achava nenhuma. (DC-R)
139. Sabes que o dono da casa riu às bandeiras despregadas, já por quererem **pagar**-lhe com pedras do calçamento, já porque ali ninguém pagava o que comia, era o govêrno que pagava tudo. (EJ-R)
140. (...) diàriamente, o mordomo arrecadava barras das quais uma só daria para **pagar** um trôço
141. de cem lanças que engrossasse o exército dos reis cristãos em marcha sôbre Jerusalém. (IM-R)
142. Até cinco mil réis me deixa satisfeito. Mas eles têm de **pagar** alguma coisa. Claro! (LOC-R)
143. Faltava dinheiro. Havia contas atrasadas a **pagar**. (LSO-R)
144. Tia Maria me disse: -Se êle deve, deve **pagar**. (ME-R)
145. Sabia que ela se sacrificara por ele, trabalhando para o sustentar, para para lhe **pagar** o colégio... (OL-R)
146. Ia à cidade todas as quartas-feiras para um eterno tratamento dentário, compras e pequenas obrigações caseiras, como a de **pagar** a conta do gás. (OES-R)
147. Vai **pagar**, **Pagar** e sair. (PAP-R)
148. No momento em que a tia foi **pagar** a compra, Joana tirou o livro e meteu-o cuidadosamente entre os outros, embaixo do braço. (PC-R)

149. -Mas não queira me obrigar a **pagar** o que você deve! . (RA-R)
150. Demais, uma letra de Gonçalves que se venceu dali a dias e que este não pôde **pagar**, veio trazer ao espírito de Quintanilha uma diversão (RCV-R)
151. Quero **pagar**-lhe os seus benefícios. (RCV-R)
152. Florêncio ataranta-se, prontifica-se a **pagar**, do dinheiro cai e... (REI-R)
153. Parecia que jamais lhe passava pela cabeça a idéia de que, ao cabo de certo prazo, tinha de **pagar** nos bancos as duplicatas emitidas pelas drogarias de Porto Alegre (...). (SC-R)
154. (...) alguns levavam às vezes um ano para **pagar** sem juros medicamentos que havíamos comprado ao prazo de sessenta ou noventa dias. (SC-R)
155. Chegou o tempo, seu Martins, do americano **pagar** o que a gente pedir. (SJ-R)
156. Mas êle não tinha capital para isso, o que possuía mal dava para **pagar** os homens. (SJ-R)
157. Gostaria de poder ter vindo, deitar com êle, e ir-se, curada, leve, achando a tarde bela ao morrer do sol, sem ter de dizer nada, sem ter que **pagar**. (SJ-R)
158. Diz que em São Paulo um homem ganha dinheiro, trabalhador é gente, por aqui trabalhador não vale nada. tá sobrando, eles só quer **pagar** porcaria... (SV-R)
159. Naturalmente para **pagar** o quarto particular, a taxa da mesa operatória, os médicos assistentes, os enfermeiros... (THU-R)
160. Também ia a negócios alheios, **pagar** cisas, extrair guias, coisinhas (URU-R)
161. E teria que **pagar** mais caro. (US-R)
162. Não posso **pagar** tudo, seu Abelardo. Talvez consiga um adiantamento para liquidar... (RVE-D)
163. Deu o primeiro jantar, cobrou o preço. Caroba não pôde **pagar** porque não tinha recebido o ordenado. (OSP-D)
164. (...) a immoralidade do Imperio nascente, a **pagar** polpudas porcentagens aos Barbacenas e Gameiros, que as dividem com o proprio imperante, ou o absolutismo do portuguez Vieira de Carvalho (Marquez de Lages), repetidamente ministro. (BRA-T)

165. (...) patrulhas volantes tomaram todas as saídas e as Câmaras municipais prometera **pagar** cem arráteis de ouro anualmente, da metrópole galardoada. (CAB-T)
166. Estas só podem **pagar** mediante o crédito concedido pelo poder legislativo, ou mediante a verba orçamentária por ele votada. (DC-T)
167. (...) na qual será mencionada a pensão alimentícia que o marido deve **pagar** à mulher e aos filhos. (DES-T)
168. O seu ponto fraco, o escolho em que naufraga sua carreira, às vezes sua vida, é a dívida, de que são escravos até a morte, que nunca acabam de **pagar**, mas eles preferem, e muito, a dívida ao lucro (...). (EIN-T)
169. (...) a taxa dos juros de todos os seus contractos a menos dois por cento ao ano, fazendo-se **pagar** da diferença resultante dessa redução pela soma arrecadada e recolhida durante o exercício, e levando a um “Fundo especial de redução de juros” o saldo restante. (ETP-T)
170. D. Pedro, de fato, dava ordens diretas ao Tesouro para **pagar** tais ou quais despesas, não previstas por lei. (FHB-T)
171. (...) ao passo que de uma impressão latina, deste mesmo ano, se hão de **pagar** 700 Res. (NO-T)
172. Estas cercas deitavam para o quartel das guarnições das frotas, por intermedio das quais o ouro saia do país sem **pagar** os quintos. (PPH-T)
173. O ouro das minas, ainda drenado para Lisboa, daria para **pagar** esse abastecimento e custear as despesas da revolução. (PPH-T)
174. Precisavam os vereadores acordar numa finta, mesmo quando houvesse a **pagar** alguns cruzados. (SPP-T)
175. Depois, acerca da província peruana de Loreto, acontece que atualmente as mercadorias entram o saem dali sem **pagar** direitos de alfândega ou outros quaisquer. (VAL-T)
176. (...) obtiveram sentenças pelas quais o Tesouro teve de **pagar** mais do que por acordo. (ACD-O)

177. Saturno não será. V. Ex. declarou no discurso, em resposta ao nobre Deputado pelo Rio de Janeiro, o Sr. Custodio Coelho, que de fato as quantias a **pagar**, amortizações atrasadas dos empréstimos de 1868 e 1897, não tinham aparecido nos orçamentos e que, se aparecessem, haveria déficit. (ACD-O)
178. (...) logo abafada pela intervenção benéfica do Governo do Estado, que consegue da diretoria a promessa de **pagar** o que deve a jornaleiros e a empregados despedidos, promessa que, devo dizer, se cumpre quase sempre tarde e a más horas (...). (ACD-O)
179. Como, pois, se pode autorizar o Governo a **pagar** a um banco aquilo que ele já perdeu em um tribunal ? (ACD-O)
180. (...) devia a Fazenda Nacional << **pagar** ao Banco o que se liquidasse na execução, sobre as mesmas bases que serviram para a liquidação operada entre o Governo e os Bancos emissores da Bahia, S. Paulo e Norte; etc. (ACD-O)
181. (...) no momento da votação do Orçamento da Fazenda, me levantei para encaminhar a votação da emenda que autorizava o Governo a **pagar** à viúva de Manoel Soares Lisboa a importância das pedras por seu marido fornecidas ao Estado quando empreiteiro da Estrada de Ferro de Porto Alegre e Uruguaiana. (ACD-O)
182. (...) autoriza o Governo a mandar **pagar** ao Capitão de fragata honorário e 1º tenente reformado Collatino Marques de Souza a quantia de 1:837\$680, diferença de soldo que deixou de receber desde 1870, data de sua reforma, até 1897 (...). (ACD-O)
183. Nos jornais de sábado li que o Sr. Ministro da Fazenda mandará **pagar** aos seus auxiliares de gabinete a gratificação correspondente a esta função, que se acumularia com as vantagens dos cargos que eles exercem no Tesouro. (ACD-O)
184. (...) pode-se dizer, quando se trata de pobres operários qe mal tem às vezes um teto velho, que moram em casa impossíveis de se habitar e que não tem coisa alguma que o fisco municipal possa apreender para **pagar**-se das multas ! (ACD-O)

185. (...) Manoel de Oliveira e Sá e autorizando a Comissão de Polícia a continuar a **pagar**-lhe os vencimentos que atualmente percebe. (ACD-O)
186. Não se deixou os soldados **pagarem** despesa alguma. (LOC-R)
187. (...) que se enviavam para Lisboa e eram vendidas afim de se **pagarem** os direitos da alfandega e as dividas contrahidas no Porto! (PAU-CR)
188. Da floresta parece –vir o eco da voz de Pórcia enlouquecida, clamando por sangue que **pague** o sangue do seu filho. (ABC-R)
189. E agora, Miss, **pague**-me a interpretação, a oneirocrícia, como diziam os mestres, com um pouco de música. (IF-R)
190. Deus lhe **pague**, minha Madrinha, Deus lhe **pague**! (QUI-R)
191. Agora, quando Caroba cobra o ordenado, ele diz que ela primeiro **pague** o jantar. (OSP-D)
192. A dedução, portanto, deverá ser maior, e nunca inferior a 50 To, não sendo justo que o comércio do Alto-Amazonas **pague** mais de metade das taxas que se cobram nos portos do litoral (...). (VAL-T)
193. Quem quiser mandar cartas anônimas, políticas, particulares ou de qualquer natureza, que ao menos **pague** o selo. (ACD-O)
194. Receio às vezes que cheguem da Europa as contas da despesa dele, e que, não estando eu aí, não haja quem as **pague**. (PAU-CR)
195. **Paguemos** bem aos que distribuem justiça, temos dele muita necessidade (...). (ACD-O)
196. (...)”todos os Navios e embarcações, que entrarem nos portos dos Reinos, em cada vez, que neles entrarem, **paguem** por cada uma das respectivas toneladas, que constituem a sua lotação, duzentos réis”. (BR-T)
197. Procure um lugar para residir, nós ficamos **pagando** os seus ordenados. (AGM-R)
198. Fui uma boba, e agora estou **pagando**. Mas eu já estava ficando velha, sem tempo dê começar de novo. (HR-R)
199. No mais tardar dentro de dois ou três dias já o Cotovia, que de tão longe vem, estará **pagando** os direitos de entrada na rada de Tessalônica. (PRO-R)



200. Chegou a época dos exames para os quais se inscrevera com bastante antecedência **pagando** as taxas. (THU-R)
201. Passara 10 anos ali na várzea, sozinho, sem peitica de fornecedores reclamando, **pagando** o que queria pagar. (US-R)
202. (...) sob a vigilância fiscal da autoridade nacional, com o direito ou de entrar no país, e então **pagando** o imposto, ou de sair, em retorno paga o país de onde provieram, ou para um outro Estado estrangeiro, com o qual nós nada temos. (DC-T)
203. (...) quando as nações mais prosperas estão **pagando** sete, e o Brasil e a Municipalidade do Rio de Janeiro já contrariam empréstimos externos até oito por cento, tipo de noventa e oitenta e cinco. (ETP-T)
204. mandarão baixar do sertão à sua custa para lhes fabricarem farinhas e mais mantimentos para os negros que houverem de meter naquele Estado, **pagando-lhes** o seu trabalho na forma das ordens regias. (PPH-T)
205. Assim, **pagando** tão somente insignificante contribuição, ficam com o direito de vender o cartão, que será recebido nas repartições dos correios, sem maior taxa. (ACD-O)
206. Sem querer insistir sobre esta questão de auxílios impensados, não será caso de perguntar se não é também nossa aprendizagem que estivemos **pagando** por tal preço? (ACD-O)
207. Na casa grande está o Virgílio na parte que foi de papai e na outra disse-me há dias o Virgílio que entrou um inquilino ocupando só meia casa e portanto **pagando** só meio aluguel isto é 10\$000. (PAU-CR)

## VERBO IR

1. Não possuo nenhum talento verbal, e sei que a exposição da matéria demanda colorido, para que logre despertar o interesse de auditório, como o que **vou** ter, pouco familiarizado com o assunto. (ABD-R)

2. Valeu? Dá cá um beijo. –Venha lavar os pratos, Marina. -Já **vou**. E escapuliu-se correndo. (AN-R)
3. Eu **vou** invadir uma cachanga lá e tu pam, valeu? (CDE-R)
4. (...) quando Bené avisou: -Aí, **vou** dar um pinote em casa, morou? (CDE-R)
5. Não **vou** dizer que eu não conheço... -Pela cara de vocês... (CDE-R)
6. Amanhã eu **vou-me** embora, Hei de ir, se Deus quiser; Quem de mim tiver saudades Guarde p'ra quando eu vier. (CGU-R)
7. Couto olha para a mulher com o rabo dos olhos: -Mas donde é que eu **vou** tirar dinheiro, mulher? (CLA-R)
8. Não era mêdo, mas por quê que a gente havia de ficar encurralado assim! É! é pra êles depois poderem cair em cima da gente, (palavrão) ! Quer dizer: **vou** sim! desafôro! (CN-R)
9. Pode ser um bom remédio. -É o único, Bentinho, é o único! **Vou** já hoje conversar com D. Glória, exponho-lhe tudo, e podemos partir daqui a dous meses, ou antes... (DC-R)
10. Que irias fazer lá? Em vez um, seriam dois em perigo. Não, não, eu **vou** sozinho. (FEP-R)
11. Mataram o homem e um companheiro dele. **Vou** dar notícia ao Major Ambrósio do assucedido. (FM-R)
12. -Não **vou** com esta história de cochichos. **Vou-me** embora. (FM-R)
13. Pó de parar se quiser. Mas não **vou** ler correndo. (HR-R)
14. Mas, ainda que vos pareça atrevimento, não tomeis por tal o que vos **vou** dizer. (IM-R)
15. Eu **vou** sair com ele. (LOC-R)
16. **Vou** escrever amanhã pro velho. (LSO-R)
17. -Agora que te agarro mesmo porque **vou** buscar a jararaca Elitê! (MCU-R)
18. -**Vou** almoçar com o Castro. (NP-R)
19. -E agora, que é que eu **vou** fazer com a menina em casa, nesse estado? (OL-R)
20. Ah! quem me dera que Vosmecê o achasse! Eu **vou** na certeza de topar com o pai de seu Pedro. (OSP-R)

21. **Vou** tocar uma coisa mais alegre... (PC-R)
22. -Bem, basta de filosofar-observa Lúcio Sílvio:-**vou** procurar Soêmio. (PRO-R)
23. -**Vou**-me daqui, pensou ele, entrando em casa. (RCV-R)
24. E que é que eu **vou** fazer com Eusébio? (REN-R)
25. Agora, antes de tudo, veja se pode levantar e bamos embora p'r'a sua morada de casa: eu **vou** junto. (SF-R)
26. A voz de Jucundina a procura: -Marta! Marta! –Já **vou**, mãe... É só o tempo de espiar mais uma vez as luzes na água (...). (SV-R)
27. - Amanhã **vou** no dentista. (TC-R)
28. -Há “baruio” na Côrte e dizem que vão “arrecrutá”. **Vou** pro mato... (TF-R)
29. Não **vou** para a fazenda, preciso tomar choques elétricos! (THU-R)
30. -**Vou** entroncar o nosso Direito administrativo no antigo Direito administrativo português. (VM-R)
31. E essa trapalhada de entrevista... Não **vou**, Caroba, não **vou** de jeito nenhum. Afinal de contas, quem marcou a entrevista? (OSP-D)
32. Não sei mais para onde **vou**, não sei mais onde estou, não sei mais quem sou! (OSP-D)
33. Também **vou** cantar a minha Nas débeis cordas da lira Hei de fazê-la rainha. (HD-T)
34. Continuando no mesmo tom, **vou** fazer um discurso rápido. (ACD-O)
35. **Vou** mostrar ao meu nobre amigo, o Sr. Veiga, que, no tempo em que a queima parecia dar frutos (...). (ACD-O)
36. (...) não quero desde já assumir a responsabilidade daquilo que **vou** ler porque não quero levar a questão para terreno verdadeiramente pessoal. (ACD-O)
37. O Sr. Bueno de Andrada - Na biografia encontrou o contrário; **vou** passá-la a V. Ex. para ler. (ACD-O)
38. **Vou** submeter à votos o projeto n. 127, salvo as emendas. (ACD-O)
39. Deputados. Feitas estas observações **vou** consultar o Senado sobre o requerimento do nobre Senador pela Paraíba (...). (DPA-O)

40. Particular, quer dizer, chauffeur familiar. Entre tantas coisas que lhe podem interessar, **vou** contar-lhe uma grossa canalhice que há no seio de uma certa família (...). (PAU-CR)
41. Deu-me uma canastra que o Chico levou à Europa. **Vou** ao Getúlio e de lá verei um cômodo. (PAU-CR)
42. **Vou** finalmente conhecer a Fábrica Ford. (PAU-CR)
43. **Vou-me** para não ver a chuva que vai desabar, e que molhará muitos amigos meus Lima Barreto! (PAU-CR)
44. **Vou** domingo para Águas da Prata, até o fim do mês. (PAU-CR)
45. Mas onde **vou** eu agora buscar mais um jornal? (PAU-CR)
46. é que ela lhe pedia: “onde **vais**, belo môço? (ABC-R)
47. Não **vais** à missa? (CCR-R)
48. -**Vais** ao baile do Clube? (PRI-R)
49. Ou **vais** com eles para a Bahia, e lá irei juntar-me contigo. (PAU-CR)
50. **Vai** ser duro conseguir a atenção da turma para os primeiros pontos, que melhor ficariam no programa de filologia românica. (ABD-R)
51. É em Castro Alves que São Paulo **vai** encontrar a política, o vibrar por causas mais próximas, se afastar dos devaneios que conduziam ao reino da imaginação delirante. (ABC-R)
52. Muita coisa **vai** acontecer. (AGM-R)
53. Aonde que você **vai** Fraulein! (AMV-R)
54. Você **vai** ter de comer o pato sozinha! (ANP-R)
55. -Como **vai**, Silva? (AN-R)
56. Quem não **vai** sempre a esses lugares onde não pôde, não quer realmente ir? (CAV-R)
57. Noel **vai** até o seu gramofone, escolhe um disco, pô-lo no prato, fá-lo girar, ajusta o diafragma e senta-se de novo na poltrona. (CCR-R)
58. **Vai** até a janela, com a cabeça erguida, a água a borbulhar-lhe na boca ., e assim fica por alguns segundos. (CCR-R)

59. Quem **vai** ao motel não **vai** duro, ainda mais no sábado, dia de gastar dinheiro. (CDE-R)
60. -Tu acha que minha mãe **vai** deixar eu sair essa hora? (CDE-R)
61. Trocavam idéias sobre o que poderia acontecer a elas caso aceitassem a conversa dos bandidos, pois para a bandidagem mulher que **vai em** boca-de-fumo é puta. (CDE-R)
62. -Meu irmão, daqui a dez anos ninguém **vai** segurar a gente, não. (CDE-R)
63. **Vai** ver de perto a illusão, que é uma triste realidade. (CFE-R)
64. Eu, não sei senão amar-te! **Vai**-se um suspiro, vem outro (...). (CGU-R)
65. D. Eufrasina **vai** até a janela que dá para o pátio. (CLA-R)
66. -Ó Couto-diz, com ar irônico-quando eu quiser mandar buscar a morte, quem **vai** me fazer o obséquio és tu, sabes? (CLA-R)
67. -Esse moço **vai** longe! (CLS-R)
68. Será que o patrão **vai**-se embora? (CMC-R)
69. Foi assim que sempre governaram, e assim **vai** bem. (C-R)
70. Quando ele **vai** comigo, mamãe não lhe faz as mesmas graças. (DC-R)
71. Nem sempre, explicou D. Cláudia; Batista é muito acanhado, **vai** de longe em longe a S. Cristóvão, para não parecer que se faz lembrado, como se isto fôsse crime. (EJ-R)
72. -Mas ninguém toma banho aí, todos dizem que quem entra aí não sai. -Só quem **vai no** fundo. (FEP-R)
73. Ninguém **vai** abrir esse portão, vamo sair daqui e fechar tudo! (FEP-R)
74. (...) podendo-se viajar da terra à lua, ao sol ou a Júpiter como se **vai** hoje a Paris ou a Londres. (FF-R)
75. -Então, Seu Torquato, como **vai** a vida? (FM-R)
76. -Para onde **vai**? (FM-R)
77. **Vai** lá - disse Nazaré, empurrando -o de leve. (HR-R)
78. Tens vida longa, meu velho, digo-te eu. Quem escapou daquela **vai** ao centenário. (IF-R)

79. Umaz vêzes vem rico que nem um príncipe e **vai** aparecer adiante em forma de mulher (...). (IM-R)
80. Emanuela **vai-se** embora. Pediu que você fosse vê-Ia. (JUB-R)
81. Pois então o Djalma esteve com a rapariga, e não casa, não **vai** preso, não lhe acontece nada?... (LOC-R)
82. -Epa, moço. Aonde **vai**? (LSO-R)
83. -**Vai** dar uma volta por ai, Vasco, e dentro de dez minutos, por amor de Deus, me tira daqui desta maldita mesa, mas me tira nem que seja a sopapos! (LSO-R)
84. (...) não **vai** a teatros, nem a festas públicas. (MA-R)
85. -Caterina, me larga minha mão e **vai-te** embora que te dou mais tapa, Caterina! (MCU-R)
86. Domingo **vai** haver um jogo com o “Cruzeiro” e a partida é importante, muito importante mesmo. (NFE-R)
87. Você **vai hoje na** Sociedade? (NP-R)
88. (...) ela veio pra festa, e mecê também **vai**... (NT-R)
89. Você **vai** acabar logrando ela. (OL-R)
90. O Brasil **vai** todo pelo mesmo caminho (...). (OES-R)
91. E pra que minha senhora **vai** por esta mata, a estas horas? (OSP-R)
92. **Vai** espichar-se, acomodar melhor a cabeça. . . (PAP-R)
93. **Vai** fumar seu cigarro na rua, tomando um café. (PAP-R)
94. **Vai** ocupar êsses vinte minutos que ainda lhe faltam, num giro, mais vagaroso ainda, pelas quatro faces da praça. (PAP-R)
95. A bondade **vai** longe, menino. (PB-R)
96. Bento, **vai** à igreja e dá o caixão. (PB-R)
97. Palavra vem, palavra **vai**, e foram às vias de fato. (PR)
98. -Quem é que diz que Evandro **vai** casar? Ele te falou a respeito? (PRO-R)
99. Como **vai** tudo pela Capital? (QUI-R)
100. Não **vai** voltar pra casa. (RA-R)
101. O indivíduo **vai-se** arrastando no estribo, agarrado aos balaústres (é um bondezinho dos

102. antigos), à procura dum lugar certamente. (RA-R)
103. **Vai** até a cadeira donde dependurou o casaco com o colete. (RA-R)
104. (...) não entrei assim à toa, como um preto fugido, ou pedreiro sem obra, que não sabe aonde **vai**. (RCV-R)
105. Ele **vai** querer saber, **vai** espionar... (REN-R)
106. Aqui **vai**, resumido, o caso do Jaqueira. (SB-R)
107. (...) e **vai** até ao vale de um ribeirão efêmero, ao qual deu o nome um dos cabecilhas sertanejos que ali tinha a vivenda, “Macambira”. (SER-R)
108. O cacau **vai** aos vinte bagarotes êsse ano? (SJ-R) – PREÇO
109. Houve um tempo - **vai** muito distante - em que dona Augusta fôra uma rapariga bonita e elegante. (SJ-R)
110. O compadre não **vai** dividir suas roças... (SJ-R)
111. Atenção! **Vai** começar! (SV-R)
112. Nós hoje **vai** dançar é com as moças e as dona da cidade. (SV-R)
113. É caro! **Vai** ao “Bonheur des Dames”... Dizem que tem cousas boas e é pechincheiro. (TF-R)
114. E o quadro **vai** se chamar: “A Secretária”. (THU-R)
115. A gente de sociedade **vai** invadindo este ou aquele teatro, **vai** a gente alegre mudando para essa ou aquela outra casa de diversões... (UMO-R)
116. Se existisse, porém, seria desprezado, pois quem **vai** morar na casa é o proprietário-e não há razão para submetê-la ao gosto de pessoas estranhas. (VIA-R)
117. Quem **vai** se regalar é o tal Cristiano de Bensaúde... o escritor... você sabe. (RVE-D)
118. Eu não convidei ninguém, você **vai** para o hotel de Dadá! (OSP-D)
119. Santo Antônio, o senhor **vai** me desculpar, mas foi um imprevisto! (OSP-D)
120. Somente depois de consolidado no poder é que o fascismo **vai** perdendo a sua fisionomia de simples esforço empírico (...). (BCA-T)
121. Da serra do Mar desprende-se a da Mantiqueira, que mais pelo interior **vai** desde o Estado do Paraná até Minas Gerais. (CH-T)

122. (...) e principiando da dita Vila na distância já mencionada **vai** acabar em o sítio chamado Pinheiros mais de légua distante da Vila Aldeia de Índios de Sua Majestade (...). (EHB-T)
123. Ou muito me engano, ou isto **vai** tão longe de uma profissão de fé como o comentário do passante que se achou de repente (...). (ELM-T)
124. E como resultante deste recato, um tal ou qual desistimento de saber o que **vai** por lá. (EP-T)
125. Não se sabe como e Para que se instituiu, e **vai** vivendo como pode, fará da orbita de qualquer sistema inspirado (...). (ESP-T)
126. (...) a qual, absorvida e levada ao pâncreas por via sanguínea, **vai** agir como poderoso estimulante desta glândula. (GAC-T)
127. Aqui onde a opinião é terra sáfara e o mormaço da corrupção **vai** crestando todos os estímulos nobres, aqui a alma envelhece depressa. (HD-T)
128. Ele manda... a gente faz. **Vai** na frente, mas apressa os passos, porque ele tá sambando, olhando para chão, entretido na musica do assobio dele. (MAB-T)
129. (...) limpa de uma folha de papel e dando às mãos um movimento de **vai-vem** amassa-se a amostra até formar vários rôlos finos (diâmetro de cerca de 3 mm) (PM-T)
130. O curto trecho de cinco léguas, que **vai** das margens de Brumado, a oeste, até às do rio de Contas, a leste, é todo ele um panorama dos mais encantadores que temos percorrido (...). (RSF-T)
131. (...) do “ínglês que **vai** ao Oriente deixa a consciência no Cabo da Boa Esperança e a retoma na volta” (...). (SPS-T)
132. Dizem que ela murcha, fana-se, **vai** emagrecendo aos poucos, lentamente fenecendo... e morre. (TES-T)
133. O pior é que este gênero de pesquisa, feita assim à ligeira e à solta, se por um lado **vai** atraindo a atenção pública para as coisas da nossa terra (...). (TP-T)
134. Pela manhã, **vai** acordar a velha e pede-lhe as botijas. (TP-T)
135. (...) o seu modo de ser, sentindo como se fosse ela própria, vivendo à proporção que **vai** compreendendo e escrevendo. (VOM-T)



136. Antes de entrar nas considerações que **vai** fazer sobre o projeto de que se ocupa, precisa fazer sentir à Câmara (...). (ACD-O)
137. (...) porque quando não iam às feiras estavam isentas dos impostos, que hoje são os seguintes que a Câmara **vai** ver. (ACD-O)
138. Mas não sei, Sr. Presidente, a razão porque a Comissão **vai** eliminar a superfectação. (ACD-O)
139. O sistema é perigoso, pois que **vai** dando lugar secundário ao direito escrito. (ACD-O)
140. O Sr. Valois de Castro - Sr. Presidente, chamo a atenção da Câmara para o projeto que se **vai** votar e sobre o qual emitiu meu parecer, que figura na ordem do dia, erradamente, como voto em separado. (ACD-O)
141. No discurso, diz apenas que **vai** substituir, mas não diz o modo como **vai** substituir. (ACD-O)
142. O Congresso tem sido testemunha do modo como **vai** correndo esta questão nas fronteiras do norte e dos ecos que ela suscita no seio das nações vizinhas. (DPA-O)
143. **Vai** já por mais de cinco meses que, na capital da Bahia, a fôlha que lhe usa dignamente o nome, levantou à eminência do supremo lugar no govêrno da república a minha candidatura. (DPA-O) – TEMPO
144. Boa tarde! meu bem, como **vai**? (CRE-CR)
145. Antão você **vai** dá de mostrá pr'us ôtro que tu é uma desgraçada, quano num é!... (FCA-CR)
146. Porque, sem contar que, segundo a tradição ameríndia, qualquer desgosto que brasileiro tenha, pronto, **vai** pro céu e vira estrelinha. (FCA-CR)
147. **Vai** sair daqui com os seus próprios pés! Este “Elixir” é infalível!. (PAU-CR)
148. A casa aluga-se por 35\$ e ele **vai** ai para tratar da sua mudança. (PAU-CR)
149. **Vai** por este correio uma gramática chinesa que comprei em Chinatown. (PAU-CR)
150. Como **vai** aproveitar a mim, faço votos que também aproveite a vocês a dura lição. (PAU-CR)

151. Corno lá não **vai** aparecer esse trecho (que só a nós interessa), mando-o como recordação duma passagenzinha dele que já anda esquecida . (PAU-CR)
152. O meu Rio é essencialmente carnavalesco e, ao que parece, **vai** pegando a moléstia em todo o Brasil. (PAU-CR)
153. Mas estou com medo que o desenhista não faça você parecido- e mamãe **vai** ficar danada. (PAU-CR)
154. Não sei como **vai** você de finanças -se melhor ou pior que o Brasil. (PAU-CR)
155. Cota **vai** dar a Chiquinha notícias dela e da gatinha miúda de casa. (PAU-CR)
156. **Vamos** ao relato do que houve em casa de Gabriela e que foi omitido, com a digressão de ontem. (ABD-R)
157. -Meu filho, **vamos** embora! (AMV-R)
158. **Vamos** para dentro. (AN-R)
159. -Então, doutor, **vamos** nadar? (CCR-R)
160. -**Vamos**, menina, ligeiro com esse café-grita ela. (CLA-R)
161. Então, **vamos**? indaguei. - Para onde? - Para a tua casa. (CMC-R)
162. -Vão ao jantar? perguntaram -**Vamos** ao jantar. (C-R)
163. -Não, agora não, já nos **vamos** embora, mamãe e papai estão fazendo as despedidas. (EJ-R)
164. **Vamos** desgovernados como Fatonte no plaustro de Apolo, comparou Anselmo. (FF-R)
165. **Vamos** vê-la, meu filho. (IF-R)
166. **Vamos** dar uma volta, meu velho? (IF-R)
167. Nós já **vamos** para a mesa do jantar. (LRU-R)
168. **Vamos** andar!?! (LUS-R)
169. -**Vamos** para outra sala que aqui está calor demais. (NP-R)
170. Tentarei. Mas **vamos** de torrinha. É mais barato. (OES-R)
171. Mas **vamos** a um cafezinho! (OES-R)
172. **Vamos** até o mar? - informou Norberto. (PAP-R)
173. **Vamos** batiza-la. (PRA-R)
174. Você já sabe, sinhá Aninha, que nós **vamos** todos pro S. Paulo? (QUI-R)

175. -**Vamos** à igreja? (RCV-R)
176. **Vamos** ao resto, Padre Silvestre. (SB-R)
177. Agora - disse Carlos Zude - **vamos** ouvir uma música de macumba.. . (SJ-R)
178. **Vamos** à Rua Clapp, varrer, espanar. (THU-R)
179. **Vamos** embora. (UMO-R)
180. Então **vamos** ajeitar tudo, porque o noivo chega já. (OSP-D)
181. Não foi a resposta clássica do “**vamos** ver, **vamos** pensar” e outras capadoçagens assim. (EPT-T)
182. “Remexe, mocinha, **vamos** para o samba”. (MAB-T)
183. A descrição que **vamos** dar é a de uma forma de mediana gravidade, a que se encontra geralmente na clínica. (TPM-T)
184. **Vamos** discutir a questão de fato. (ACD-O)
185. **Vamos** ver uma coisa. (EPA-CR)
186. Mais fracos que ele, **vamos** acameiradamente para a Sombra. (PAU-CR)
187. **Vamos** desembarcar daqui a pouco em Plata. (PAU-CR)
188. Perguntado si alguma hora dissera a certas pessoas que iam ouvir missa: onde ides? não ides a ver Deus senão ao Diabo, disse que nunca tal disse. (CAB-T)
189. Entramos numa era socializante, em que **vão** caducando as distinções de castas e certas palavras discriminativas caem em desuso ou são cautelosamente evitadas. (ABD-R)
190. Sou fraca como devo ser : se a minha boca não conseguir domá-lo, meus olhos, que **vão** cansados de chorar, ainda ,darão lagrimas por vós. (ACC-R)
191. Sim, meu filho, menos julgamento dos fatos que **vão** sucedendo ante seus olhos e mais confiança no resultado final. (ANP-R)
192. Durante o jantar, Branco tentou em **vão** prestar atenção à conversa. (CAV-R)
193. Eu sei como tudo isto acaba: **vão** ambas para a rua ! (CFE-R)
194. E eles **vão** agüentar angu e bacalhau no lombo? (CLS-R)
195. **Vão** ver que é o gato que apanhou algum rato. (DC-R)
196. Se estão escondendo alguma coisa, então não **vão** também se abrir com Amâncio. (HR-R)

197. **Vão** pra casa do diabo, canalha, sem-vergonha! (JMI-R)
198. É meio esquisito mas acho que vocês **vão** se entender. (LSO-R)
199. As geadas, por exemplo, **vão-se** acabando. (NEG-R)
200. Amanhã **vão** identificar a última prova, A de estatística. (OES-R)
201. São os mesmos que, por exemplo, só **vão** enxergar escabrosidade no grande filme que é A Mulher do Padeiro. (POL-R)
202. Lá **vão** os seus pés, num martelar ligeiro e miudinho. (RA-R)
203. Ou até que possa falar de cabeça erguida - se é que seus dias **vão** durar até lá... (REN-R)
204. Estas meninas **vão** para as suas casas e precisam ser despachadas... (SIN-R)
205. Vocês come o doce, **vão** tomar conta das porta, manda Arueira e Rubem vim comer.. (SV-R)
206. As mundanas **vão** pouco a pouco invadindo os lugares do hábito das damas de sociedade, em pouco só há mundanas... (UMO-R)
207. (...) os quais abrangem as temperaturas médias anuais, que **vão** desde 150 até 50 centígrados, ao passo que (...). (AHC-T)
208. (...) como as minas estão muito pelo sertão os que **vão** levam de carroto o mantimento necessário (...). (CH-T)
209. (...) vários processos segundo os quais se realiza a sedimentação das ideas feitas, **vão** sendo repetidos numerosamente, **vão-se** perpetuando e amontoando, e tendem a fixar uma imagem tôda convencional, incompleta e falsa do extinto. (ELM-T)
210. Tais cálculos **vão** até 1801. (FHB-T)
211. (...) são as que, dirigidas a um que de qualquer modo mereceu a injúria, **vão** ofender outros, e muitos, que nada têm com o dissídio e a zanga que as fez subir do fígado à boca. (LM-T)
212. (...) e por esta causa se **vão** mudando todos para roças e chácaras muito longe desta cidade (...). (PPH-T)
213. Estes atravessam as paredes intestinais, e se **vão** fixar no tecido conjuntivo dos músculos ou nas vísceras, aí formando os cisticercos. (SM-T)

214. (...) examinar cuidadosamente a boca dos doentes que **vão** fazer uso do mercúrio; tratar convenientemente as cáries dentárias (...). (TPM-T)
215. Não, não é digno de legisladores que **vão** apresentar à Nação um código que vale tanto como a Constituição. (ACD-O)
216. Todos os dias oficiais do exército **vão** para o Amazonas. (ACD-O)
217. **Vão** as emendas à Comissão de Saúde Pública, cujo parecer é lido em sessão de 19. (DPA-O)
218. Os basbaques não respeitam nada, **vão** apertando o círculo que ninguém não pode mais nem dançar nem tocar. (FCA-CR)
219. A “Barca” saiu sem querer um romance em que vários personagens aparecem a relanças e **vão** indo até o fim. (PAU-CR)
220. Êles aí **vão**, pela vida a dentro, a reacender luzes que se apagam (...). (PAU-CR)
221. Glória morava com os pais em Diamantina, mas sempre **ia** passar as férias com os avós. (ABD-R)
222. Tobias não **ia** além dos quadros da burguesia progressista, nada mais queria senão chegar até ela, ser um dos seus condutores. (ABC-R)
223. NA CASA do Cabo Candinho, a vitória de Joca **ia** repercutindo sobre todos. (AGM-R)
224. E Glicério se permite brincadeiras que eu próprio não ousou: chegou a dizer à mana que **ia** promover lhe o casamento com o sacristão da capela de S. Sebastião. (AMB-R)
225. Roberto Dutra **ia** entrar no quarto quando, deparando com padre Luís, tivera um movimento de recuo e, percebendo provavelmente que não tinha sido visto, afastara-se precipitadamente. (ANP-R)
226. Eu **ia** jogar pião, sozinho, ou empinar papagaio. (AN-R)
227. Onde **ia**, assim tão depressa? (CAV-R)
228. Mas o capitão Moreira, delegado de polícia, não **ia** nunca ao cinema e não compreendia os romances. (CCR-R)
229. Lembra-se das manhãs em que **ia** buscar Noel para o levar à escola, pela mão. (CCR-R)

230. (...) quando caiu da bicicleta no Barro Vermelho, e como eram belos os domingos em que **ia** à missa e ficava até mais tarde na igreja participando das atividades do grupo jovem, depois o cinema, o parque de diversões... (CDE-R)
231. (...) por várias vezes parara o carro nas imediações do ponto à fim de observar aquela a quem amava de verdade e **ia** para casa se degenerar no sexo que se obrigara a fazer com a esposa. (CDE-R)
232. **Ia** enfim vêr o mundo. (CFE-R)
233. (...) á proporção que a voz se **ia** tornando cava e profunda com um rumor longisquo de trovões de estio. (CFE-R)
234. Quando fui, é que **ia** ver-te, Quando vim, não mais te via! (CGU-R)
235. Êle **ia** às nuvens, porém eu brincava! (CGU-R)
236. Quanto mais ele se aproximava na luz, mais **ia** se tornando impossível olhá-lo. (CI-R)
237. A noite **ia** chegando, afogando em sombras os cabelos da serra. (CLS-R)
238. O velho já **ia** deitar-se. (CLS-R)
239. Não **ia** à cidade passear, as suas compras eram em regra feitas pelo marido, precisava que a fita fosse muito falada para ela se abalar até ao cinema do bairro, onde cochilava a bom cochilar. (CMC-R)
240. **Ia** voltar para a ponte superior, de lá teria a visão completa do cais. (CPT-R)
241. **Ia** neste ponto, esfregava as mãos e procurava meio de escapar-me, quando Luísa chegou à porta, em companhia de D. Engrácia, D. Priscila e Vitorino. (C-R)
242. Respondi-lhe que **ia** pensar, e faríamos o que eu pensasse. (DC-R)
243. Os mesmos sapatos de um irmão das almas, que **ia** a dobrar a esquina da rua da Misericórdia para a de S. José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansaço. (EJ-R)
244. Tudo o que ela não quisera **ia** acontecer; lá **ia** o pai a uma presidência, e ela com êle, e a recente inclinação ao jovem Pedro vinha parar a meio caminho. (EJ-R)
245. Não **ia** aceitar ver ninguém perder sua liberdade em troca da minha, muito menos uma mulher de quem eu gostasse e que gostasse de mim. (FEP-R)

246. Pobre Marta, que já lhe **ia** enchendo a vida de alegria com as melhoras, com a saúde que lhe voltava. (FM-R)
247. Com que cara **ia** voltar e dizer que Apolinário refugara o convite? (HR-R)
248. E ali ficavam distraídos até que o copeiro **ia** chamá-los para o almoço. (IF-R)
249. **Ia** à fonte por água, trazia ramos secos para prevenir-se no inverno (...). (IM-R)
250. (...) era menos o receio de ser preso que a convicção da própria insuficiência, a certeza de que **ia** falhar. (IN-R)
251. Todo o mal-estar que sentia, toda aquela angústia que **ia** crescendo na sua alma, rompeu de repente (...). (JUB-R)
252. Ele **ia** falar; mas ela adiantou-se: - Eu vou aí. (LOC-R)
253. Ele **ia** pela manhã a caminho da casa da tia, depois da missa. (LSO-R)
254. Quando queria com muita força **ia** pela estrada até o rio. (LUS-R)
255. **Ia** desconversar, quando a voz de Isabel os chamou, de longe, para a janta. (MB-R)
256. Não **ia** às missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um se Deus quiser ou tenho fé em Nossa Senhora. (ME-R)
257. O Nogueira disse-me que **ia** ver... (NN-R)
258. Abalara, pois, uma hora antes e quando **ia** chegando à fazenda, reconheceu o seu amo que descia, rumo da gameleira. (NT-R)
259. **Ia** à cidade todas as quartas-feiras para um eterno tratamento dentário, compras e pequenas obrigações caseiras, como a de pagar a conta do gás. (OES-R)
260. Um dia ou outro ela **ia** ver. (PB-R)
261. Agora **ia** trabalhar. (PC-R)
262. Tinha um bordo voltado para ali, o gurupés lançado na presa arrufada **ia** descrevendo uma curva de oeste a norte. (PRA-R)
263. A recepção que lhe fizeram, foi mais cerimoniosa que as outras era a primeira vez que ali **ia**. (RCV-R)
264. A diferença é que esta lhe pareceu mais perto, e ele cuidou que, realmente, **ia** ver a pessoa. (RCV-R)

265. Geralmente o rapaz **ia** à casa da tia, entre as duas e três horas raras vezes à noite. (RCV-R)
266. Mas não era preciso tanto, porque o outro não pensava em coisa diferente **ia** aos teatros, a ver se a achava, à rua do ouvidor, a alguns saraus, fez-se sócio do Cassino. (RCV-R)
267. (...) ainda lhe pedia a vaidade a ilusão de passar por “homem de pena” nas “partidas” de clubes dançantes e em outras festividades, onde **ia** sempre representar o jornal e exercer a eloquência, respondendo aos brindes feitos à fôlha, assessorado pelo Orador Popular; e, além dêstes, quantos mais! (REI-R)
268. A mata **ia** enegrecendo. (SB-R)
269. A campanha incipiente **ia** agravar o seu aspecto. (SER-R)
270. A interpretação sempre dócil ao desejo **ia** percorrê-las, essas perspectivas, triunfalmente. (SIN-R)
271. Quando **ia** a qualquer casa de mulheres públicas, avisava aos que estavam com êle: - Eu vou à Associação Comercial ... (SJ-R)
272. Se não **ia** faltar para a primeira classe e só na cidade próxima o navio se reabasteceria de leite. (SV-R)
273. Daí a pouco **ia** para o centro da cidade. (THU-R)
274. **ia** replicar, metendo as balas no governo, mas o meu amigo cortou-me a palavra, segredando-me rapidamente: - Cala-te! (TN-R)
275. (...) mudava a camisa, jantava, cochilava e, com a maleta de viagem aliviada, **ia** arrumar-se no trem da Great Western, saltar em outra cidade, levar à clientela o escasso fornecimento de sonho. (VIA-R)
276. **ia** perdendo a porca, por causa da mulher! (OSP-D)
277. (...) um dos fazendeiros ou qualquer pessoa capaz do interior em seu nome **ia** pelos vizinhos recolher os bezerros dizimados (...). (CH-T)
278. A Câmara que se **ia** reunir, produto, por um lado, da reação conservadora e por outro da abstenção liberal, era uma Câmara unânime (...). (EIN-T)
279. Dera na empresa alagoana um golpe irmão do que **ia** dar na empresa paulista. (EPT-T)



280. A efervescência do sentimento local **ia** intensa, em 1849, e ainda se exacerbou nos meses seguintes. (FHB-T)
281. Em 229é a ascite desapareceu, e tudo **ia** bem. (GAC-T)
282. Também do próprio meio em que se **ia** daquela formando lhe não proveio então qualquer influxo mental que pudesse contribuir para distingui-la. (HD-T)
283. O catolicismo nos oferece exemplos admiráveis da **ia** do Totem a Tabú e, como ele, o Feiticismo Afro-negro e a Mitologia Ameríndia. (MAB)
284. Andei “solo verde pino”: parecia-me que **ia** sob a mesma cheirosa sombra das florestas da minha terra. (OPO-T)
285. Pela primeira vez **ia** atravessar o Atlântico uma esquadra sarda. (RF-T)
286. Foi, papai, aquele cachorro branco do Joaquim Teodoro que **ia** carregando as suas alpargatas da beira do forno, lá na casa de farinha. (TES-T)
287. (...) desde o simples convite para jantar feito a quem lho tivesse sido simplesmente apresentado, **ia** até à promessa .de nomear herdeira da sua fortuna (não tinha filhos), cada criança que lho era dado conhecer. (VE-T)
288. (...) e assim **ia** permanecendo até que os acontecimentos o convenceram do caminho errado em que estava. (ACD-O)
289. Disse em começo quanto de constrangimento me **ia** na alma, ao ter de quebrar os laços do maior respeito pelo vulto eminente que elevou no estrangeiro o nome do Brasil (...). (DPA-O)
290. (...) disfarçou tudo com um sorriso alvar, dizendo-me que não era nada, que **ia** simplesmente tomar um banho de sol. (PAU-CR)
291. Nunca imaginei que fôsse da prisão que te **ia** mandar pêsames pela morte do nosso grande Valdomiro (...). (PAU-CR)
292. (...) tu talvez ficasses com igual expressão, simplesmente por saber que **ias** dançar sábado. (EJ-R)
293. Eu e a Clotilde **íamos** para o fundo, para o sofá. (CMC-R)
294. Muitas vezes não **íamos**, muitas vezes - ternas e benfazejas noites! (OES-R)
295. O carteiro, certo de que **íamos** de passeio a Niterói, só em meio caminho teve notícia de que pretendêssemos tocar no Madalena (...). (PAU-CR)

296. Ora, como é freqüente nas pequenas localidades, o incidente foi rendendo e, cada dia, conversas **iam** e vinham. (ABD-R)
297. Zé Maria queixava-se de que os negócios **iam** mal. (CCR-R)
298. Grupos dispostos **iam de fazenda em fazenda** e arrancavam escravos das senzalas e até dos troncos onde sofriam castigos e todos caminhavam (...). (CLS-R)
299. Os estudos **iam** bem; como é que não iriam bem os estudos? (EJ-R)
300. (...) com os produtos enfezados do século ou **iam** para o bilhar, onde Cesário experimentava efeitos admiráveis, procurando aplicar às tacadas princípios infalíveis de matemáticas. (IF-R)
301. As paredes do quarto desmoronavam-se lentamente, selvagens nus **iam** dançar e fazer caretas em tórno da sua cama. (IN-R)
302. Lembrome da viagem de trem e de uns homens que **iam** conosco no mesmo carro. (ME-R)
303. Ainda bem que **iam** em direção oposta à da zona onde se combatia... (OL-R)
304. De todos os que lá **iam** era o que tinha maior intimidade. (RCV-R)
305. As tropas **iam** escalar pelo sul a antemural que circunscreve Canudos. (SER-R)
306. Processionais e pretos - fraques e sobrecasacas -lá **iam** uns, os da gente da terra, com o padre à frente (...). (TC-R)
307. Com o jornal debaixo do braço, **iam** ruminando grandes combinações de tostões (...). (VM-R)
308. No meu tempo, as meninas eram recatadas. **Iam** às novenas. (RVE-D)
309. Logo sucediam os moradores que se **iam** retirando, e levavam duzentos carros. (CH-T)
310. Desde a barra do São Lourenço começaram os Paiaguás e Guaicurus a perseguir as pessoas que **iam** para Cuiabá ou de lá tornavam. (CH-T)
311. Então todos os alunos foram à Biblioteca Publica para saber porque os integrantes, **iam** aos Estados Unidos; e leram “O imigrante e a comunidade” por Abbott, “A terra prometida” por Mary Antin, “A formação de um americano” por Jacob Mis. (ESP-T)

312. (...) embora diferissem nos termos e nas medidas, proporcionadas ao gênio e à mentalidade dos países e das cortes perante os quais **iam** os diplomatas acreditados. (FHB-T)
313. Os outros eram levantados do chão como poeira e **iam** entrando para a boca das costas sem saberem como. (MAB-T)
314. Frequentemente declarava ele, “não tinha o que requerer”, e lá se **iam** os oficiais desapontados da longa e improficua caminhada, a que os obrigara a convocação. (SPP-T)
315. **Iam** eles num bote quando notaram a sereia. (EPA-CR)
316. (...) um para coleccionar os louvores e os aplausos que **iam** marulhar através da imprensa nacional, outro para guardar os sedimentos impressos da incompreensão, do despeito e da calúnia. (PAU-CR)
317. De um ou de outro modo, a conseqüência foi termos ajustado que uma noite destas eu **irei** à sua casa. (ABD-R)
318. O Sr. Antônio Bastos - Não se impaciente V. Ex., **irei** lá. (ACD-O)
319. O seu mestre, o Maneco Borges, não lhe predissera o futuro: “**Trás** longe, Ricardo. (TF-R)
320. É diferente, é precisamente o seguinte: hoje à noite, em determinado momento, Reni **irá** até a porta do meu quarto, experimentará para ver se eu a deixei aberta... (ANP-R)
321. Mas que **irá** fazer de toda que já tem? (OES-R)
322. Absorve, meu amor! Porque assim a cocaína **irá** até o infinito do teu cérebro! (PAU-CR)
323. Além disso, onde **iremos** ficar? (EP-T)
324. Magistrados ou juristas **irão** para a agricultura ou as finanças (...). (UMO-R)
325. É desnecessário acrescentar que, mesmo sem estas judiciosas considerações, eu **iria** à casa de Gabriela. (ABD-R)
326. E até mesmo para penetrar no quarto do agonizante, pois, segundo assegurava Eulália, o Dr. Graça a isso certamente **iria** se opor... (ANP-R)
327. Que **iria** fazer entre eles? (CAV-R)

328. Berenice **iria** gostar, mas no fundo, no fundo, o tiraria como medroso. (CDE-R)
329. Saiu de casa sem responder à mulher que lhe perguntara se não **iria** tomar café, e foi à procura de Pequeno. (CDE-R)
330. Ele **iria** para a vila, a cavalo. (CLS-R)
331. Também falavam de músicas e teatros, das festas próximas de Petrópolis, da gente que ia naquele ano, e da que só **iria** em janeiro. (EJ-R)
332. Não **iria** até o hotel almoçar. (LOC-R)
333. Antes de executar algum ato ela “sabia” que “algo” **iria** contra ou que uma leve onda lhe permitiria; tinha tanta vontade de viver que se tornara supersticiosa. (LUS-R)
334. Por Isso, não sé, esta, como Leonel, estavam admirados de ver a mocinha naquela boa disposição para o passeio, a falar dele sempre, a fazer preparativos, a castelar o encanto que ele **iria** ter. (NT-R)
335. No dia que saísse dali? chegando ao Recife, **iria** com todos os filhos à igreja de S. Severino dos Ramos. (PB-R)
336. Quando se lembrou de dizer que “**iria** até à morte” era tarde. (RCV-R)
337. À noite do tal dia, estouraria de revolta contra o que **iria** chamar, de então em diante, de “mecanismo. do mundo”. (REN-R)
338. Sabia quando ele **iria** sublinhar a frase com um descair de lábios cansado e doloroso, contando os dias de fome, na Europa. (THU-R)
339. Grande tempestade dali **iria** nascer. (BR-T)
340. (...) como portanto **iria** a ré confiar-se a uma criança de nove anos, idade que teria Branca no tempo a que se refere a declaração? (NO-T)
341. Sendo assim eu **iria** para Londres por minha conta e risco procurar a vida. (PAU-CR)
342. -Mas pois claro que não! Que **irias** fazer lá? (FEP-R)
343. Mudando de assunto, perguntou-me, em seguida, quando **iríamos** começar o inquérito do centro. (ABD-R)

344. **Iriam** engordar nos ares de Cajueiros, fazenda das melhores da região, e voltariam depois para as festas de fim de ano, os namoros com os moços da cidade, os possíveis casamentos. (ABC-R)
345. Somente ele, Iô Pepeu e dois homens de Capitão Cavallo **iriam** para o boqueirão. (FEP-R)
346. **Iriam** até o mar, voltariam no mesmo dia. (PAP-R)
347. A 27, convencionou-se a suspensão das hostilidades até fim de Dezembro de 615; nem os franceses **iriam** ao continente, nem os portugueses à ilha, e evitariam ambos entrar em contato com os índios de uma e outra jurisdição (...). (CH-T)
348. (...) então os etimologistas **iriam** colhendo, através das várias grafias de um vocábulo na sucessão das épocas, a verdadeira e completa evolução oral de cada um, e chegaria sem pena ao étimo procurado. (PAU-CR)
349. Receio que o incidente **vá** criar na jovem Gabriela pouco favorável disposição de espírito a meu respeito. (ABD-R)
350. Não **vá** lá, Sr. Zorrilho, Para não ser caçado! (CGU-R)
351. -Papai naturalmente há de querer ir também, mas é melhor que ele **vá** à casa do padre; é mais bonito. (DC-R)
352. -Me compreende uma coisa disse Balduino , o que eu peço é que, agora de tarde, tu **vá** na Cambra e me desparrame umas tasquinhas dessa calda em cada porrão, cada pote, cada moringa e cada vaso com água de beber que tenha lá. (FEP-R)
353. Vasco, **vá** comprar uma bolsa na farmácia, passe pelo café e traga gelo. (LSO-R)
354. **Vá** brincar lá fora. (ME-R)
355. Cintra encolheu os ombros. -Não digo que **vá** agora... Mas amanhã. (OL-R)
356. **Vá** brincar com os outros. (PB-R)
357. -**Vá** para o inferno, Gondim. (SB-R)
358. **Vá** retirar os invólucros prateados lá fora. (THU-R)
359. **Vá** passar alguns dias comigo. (VIA-R)
360. Nós precisamos de administradores ; onde a coroa os achar, os **vá** chamar, quer sejam ou não membros da representação nacional (...). (EIN-T)

361. (...) para compensar o trabalho extraordinário do substituto e o nobre Deputado diz que **vá** reclamar da congregação ! (ACD-O)
362. E' provável, porém., que eu não aceite, e **vá** para uma pensão. (PAU-CR)
363. Não me fujas assim; não te **vás**, sem me deixares ao menos uma palavra de arrependimento!... (TN-R)
364. **Ide**-vos; que em tão mísera loucura Todo o passado bem tenho por sonho; Só é certa a presente desventura. (HD-T)
365. Quanto à Espanha, achava natural que a Inglaterra e a França hesitassem em **ir** acudi-la. (ABD-R)
366. Por enquanto, bastava estabelecer que, fosse como fosse, tinha de **ir** até ele e pregar-lhe o Crucificado como a esperança que não podia abandonar. (ANP-R)
367. Aliás, Cândido confirmara: padre Luís não pudera **ir** ao famoso jogo de domingo porque passara o dia de cama, com febre. (ANP-R)
368. Ao cinema, não deviam **ir**. (CAV-R)
369. Resignava-se em seu silêncio com o fato do rico **ir** para Miami tirar onda, enquanto o pobre vai pra vala, pra cadeia, pra puta que o pariu. (CDE-R)
370. Israel mandou Bé **ir** embora e apontou a arma na direção do irmão, Dadinho fez a mesma coisa. (CDE-R)
371. Faz tempos que recebi Um bilhete do Bento Pelo qual me convidava Para **ir** a um casamento. (CGU-R)
372. Volta e meia tinha de **ir** a Barretos, a recados do pai, quando o não mandavam longe, com outros, para trazer boiadas. (CMA-R)
373. Criou juízo e decidiu **ir** só. (CN-R)
374. (...) estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo **ir** à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera. (DC-R)
375. Escobar sorriu e disse-me que estava para **ir** ao meu escritório contar-me tudo. (DC-R)
376. O pai abraçou-a com amor, e perguntou-lhe se queria **ir** para alguma província, sendo êle presidente. (EJ-R)

377. -Mas tu não podes deixar de **ir** ao Sossego Manso! (FEP-R)
378. Então posso **ir** buscar-te amanhã, não é assim? (IF-R)
379. Nem todas as manhãs saíamos a cavalo. No entanto, era rara aquela em que deixávamos de **ir** ao poço. (LRU-R)
380. As duas horas da tarde sentiu-se faminta e fraca; não gostava de **ir** a restaurantes, ainda tinha um pouco de vergonha de comer na frente dos outros. (LUS-R)
381. Antes de **ir** para a mesa, escrevo a confirmação do que conjecturei de manhã; Fidélia efetivamente acordou os ecos da casa e da rua. (MA-R)
382. Quando Suzi se vestia pra **ir** na feira, assobiava o fox-trote da moda pro namorado **ir** também. (MCU-R)
383. Maria José falou: -Nós ainda queríamos **ir** no baile do Primor, papai... Será possível? (NP-R)
384. Ninguém te obrigas a **ir** onde não queres. (OL-R)
385. Mas não pode ser: se até Custódio ainda lhe renovou o convite pra **ir** em sua companhia a um restaurante do Braz... (PAP-R)
386. E a gente da Pedra Bonita preferia andar mais duas léguas até Dores a **ir** ao Açú fazer compras ou ouvir missa. (PB-R)
387. A princípio sonhava com carneiros, com **ir** à escola, com gatos tomando leite. (PC-R)
388. Bem que lhe sorrira a idéia de **ir** dormir num hotel mas . . e dinheiro? (PRI-R)
389. Foram até aos animais: as duas selas eram para homem. - Você tem mesmo coragem de **ir** assim? (QUI-R)
390. Nem por isso deixei de **ir** lá jantar no dia seguinte. (RCV-R)
391. Não teve remédio senão **ir** lá uma noite. (RCV-R)
392. Mas ele já está de **ir** jantar com vocês sem prevenir? ... (REN-R)
393. O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue há de **ir** até a junta grossa. . . (SER-R)
394. Quando o dr. Antônio Pôrto teve que vender suas roças para **ir** para o Sul, ante o escândalo pavoroso que dera sua mulher, saindo de casa atrás do amante (...). (SJ-R)

395. Pecúlio é que está caindo a noite, a noite está fria e são horas do senhor **ir** para a cama. (TC-R)
396. E José saiu do quarto, a pretexto de **ir** fumar lá fora, transpôs o corredor, atravessou o jardim e se viu numa rua sem calçamento nem casas, por onde andava às cegas, quase cambaleando, como a pedir socorro. (THU-R)
397. O melhor é **ir** a Laranjeiras. (UMO-R)
398. Pode **ir** buscá-lo quando quiser. (VIA-R)
399. Como era muito subjetivo queria **ir** de novo para a guerra contra o Reino do lado, para no fim se fazer uma paz em que não haveriam de o ludibriar. (BR-T)
400. E com a sua habitual resolução de jurisconsulto, sempre pronto a **ir** até o extremo limite do direito (...). (EIN-T)
401. Nomeou o conhecido diplomata Sir Charles Stuart, antigo embaixador em Paris, para missão especial de **ir** a Lisboa explicar ao antigo aliado que a Grã-Bretanha se via foiçada por seus interesses próprios a aceitar a Independência (...). (FHB-T)
402. (...) com o Prof. Baceili, conta tê-lo conhecido, há já muitos anos, quase no princípio da sua carreira, quando costumava **ir** aos Abruzos tratar de certos negócios seus “Na estação estival (...). (MA-T)
403. E todos os cristãos desejariam **ir** ali viver se lhes dessem licença. (SPS-T)
404. Arbitra em oito dias o tempo necessário para **ir** a vapor do Pará à primeira cachoeira (Santo Antonio). (VAL-T)
405. (...) assuntos a ele deu seu voto favrável e a Câmara há de sustentá-lo, mesmo para não **ir** ao encontro do que tem feito os Presidente da República e Prefeito (...). (ACD-O)
406. (...) para no seu âmago **ir** descobrir o elemento rudimentar do cancro: (...). (DPA-O)
407. Pedia eu, já que tínhamos de **ir** mesmo embora, que nos mandassem de navio e não de trem. (EPA-CR)
408. Diz cousas de N. S. de Lourdes, Lino, que é da gente se **ir** confessar no convento imediatamente. (PAU-CR)



409. Quis **ir** a Santos despedir-me de vocês, mas refleti que afinal o Rio não é Hong-Kong ou outra capital do fim do mundo. (PAU-CR)
410. Amanhã sábado é a vez de **irmos** a Gaiety. (PAU-CR)
411. Os negros de suas terras, que já antes eram tratados de forma bem melhor do que no resto da ilha, foram declarados livres e receberam permissão para **irem** embora, se quisessem. (FEP-R)
412. (...) largavam a terra para **irem** viver onde tivessem remédio de vida, porquanto não se podiam sustentar sem escravaria. (SPS-T)
413. Há cinco anos, apenas, deixaram seu casarão do Cruzeiro, **indo** instalar-se no outeiro que domina o vale onde o velho Gutiérrez tinha sua cerâmica. (ABD-R)
414. **Indo** depois guardar o pano de pratos, parando agora um momento diante da alcova de Ana, fechada a chave. (CI-R)
415. A velha não vai **indo** bem, não. Anda numa ciumeira danada. (FM-R)
416. **Indo** a sair, lembrou-me falar do cão ali sepultado. (MA-R)
417. Já vestira a boneca, já a despira, imaginara-a **indo** a uma festa onde brilhava entre todas as outras filhas. (PC-R)
418. Por isto o infeliz, destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, **indo** para a história como poderia ter ido para o hospício. (SER-R)
419. Tomou-me o braço e íamos **indo** à varanda, quando Dona Veridiana, que vinha entrando, nos disse: -Agora é tarde, para conversinhas. (UMO-R)
420. E foi assim que um dia, pela tarde, viu-se que vinha pelo rio uma anta morta, do tamanho de urna mula, mandando o Capitão que alguns companheiros a trouxessem, **indo** buscá-la em uma canoa. (DRA-T)
421. Aconteceu que ele, **indo** fazer uma viagem, voltou do caminho e contou à mulher o motivo porque não a faria mais. (MAB-T)
422. Não se sabe até onde irá esta conduta das oposições dos Estados da Bahia e São Paulo, congregados, se perturbará definitivamente a vida nacional **indo** até o extremo de negar ao Poder Executivo as leis de meios (...). (ACD-O)

423. A “Barca” saiu sem querer um romance em que vários personagens aparecem a relanços e vão **indo** até o fim. (PAU-CR)
424. Foram morar em Caxambu, creio, Ouvi a meu pai, certa vez, que o velho Ataíde de Várzea dos Buritis sempre lastimava que tivessem **ido** plantar tão longe aquele galho do antigo tronco. (ABD-R)
425. Mocotozinho e Pinha acreditavam terem subido no conceito do chefe, por terem **ido** dar o ataque no São Carlos. (CDE-R)
426. Tinham **ido** para os estudos, eram doutores. (FM-R)
427. A bôca da fomalha parecia um açude j com mais um palmo a casa de purgar teria **ido** embora. (ME-R)
428. Pelo jeito dêle, conheceu logo que o negócio tinha **ido** mal. (QUI-R)
429. Talvez não tivesse **ido** esperá-lo devido a algum doente grave, talvez uma operação. (SV-R)
430. A nação é realmente representada, porque se supõe que os que não concordaram com essa representação teriam **ido** votar em sentido contrário (...). (DC-T)
431. Tendo **ido** à Comissão de Finanças, apresentou esta, em sessão de 25 de novembro, o seguinte parecer nº 273 : (...). (DPA-O)

## VERBO CHEGAR

1. E **chego** à conclusão de que, quando não fôsse um poeta de grande envergadura, ainda seria Pedro Luis um grande poeta só porque influenciou Castro Alves. (ABC-R)
2. Quando **chegou** à ilha do Pavão, Afonso Jorge Nzomba era o mais importante negreiro ali jamais visto, vendendo dezenas de peças da Índia por mês, recebendo em casa os bem-nascidos e ostentando luxo e riqueza raras vezes presenciados. (FEP-R)

3. Em dous minutos **chego** ali à Confeitaria da Estrada, e antes das nove estamos no Recreio... (REI-R)
4. **Chego**-me a um grupo de sete ou oito desses que estacionam nas imediações da prostituição; todos querem falar ao mesmo tempo. (PAU-CR)
5. Há muitos para quem o feijão com angu, diariamente, **chega** a ser um mito... (ABD-R)
6. Um sujeito **chega**, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. (AN-R)
7. A mesa já estava posta; **Chega, chega**, minha gente, A galinha é p'ra quem gosta! (CGU-R)
8. Todo homem **chega** a um ponto de sua existência em que deve escolher A MELHOR PARTE, QUE -LHE NÃO SERÁ TIRADA. (DIE-R)
9. (...) precisa deixar na terra o pêso do corpo e então, de degrau em degrau, **chega**-se lá em cima. (IM-R)
10. **Chega** de chá. Mande virar um cafezinho. (OES-R)
11. Erisipela só dá com febre assim. Antônio, quando tem os ataques dêle **chega** a ficar dizendo besteira. (P-R)
12. O ordenado é pequeno, não **chega** para os livros. (SB-R)
13. Por hoje **chega**. Vamos à Rua Clapp, varrer, espanar. (THU-R)
14. Então vamos ajeitar tudo, porque o noivo **chega** já. (OSP-D)
15. (...) logo se fizeram estalagens e logo começaram os mercadores a mandar às minas o melhor que **chega** nos navios do Reino e de outras partes, assim de mantimentos como de regalo e de pomposo para se vestirem (...). (CH-T)
16. **Chega** a infantilidades de revolta, como nesta disposição de redondilhas, da admirável “Nênia dos Penates” (...). (EP-T)
17. (...) produz imediatamente uma coloração vermelho-violácea que **chega** ao máximo de intensidade entre 10 e 30 segundos. (FIG-T)
18. E, por isso que a gente, para enganar o dono dos matos, **chega** em casa e canta (...). (MAB-T)

19. A anúria reflexa dura poucas horas, excepcionalmente **chega** ou passa de 24 horas. (SEM-T)
20. O fogo **chega** ali, queima ferozmente os últimos hervanços secos, enrodilha-se nos últimos arbustos (...). (TES-T)
21. Quem nasceu para dez réis não **chega** a tostão. (TP-T)
22. Começamos pelos monumentos, de modo que, quando um destes merecimentos, extraordinários **chega**, com efeito, ao apogeu de seu valor, fica faltando inteiramente à critica o meio de exprimir a verdade e de render ao progresso por êle realizado a devida homenagem. (DPA-O)
23. A coisa vai nesses termos por aí além e a tantas **chega** do Rio um telegrama como o que o “Times” publicou ontem (...). (PAU-CR)
24. Em 1879 **chega** realmente ao Rio o novo deputado e toma parte imediatamente nos trabalhos preparatórios da câmara. (PAU-CR)
25. Ali pelo oitavo chope, **chegamos** à conclusão de que todos os problemas eram insolúveis. (AMB-R)
26. **Chegamos** juntos ao escritório e Jurandir, na entrada, piscou o olho malicioso. (OES-R)
27. A hora de vésperas **chegamos** a uma aldeia que estava sobre uma barranca e, por lhe parecer pequena e tão bem situada que se diria um recreio de algum senhor de terra a dentro; mandou o Capitão que a tomássemos. (DRA-T)
28. Ainda assim **chegamos** a Sento Sé a 28 de outubro, ao Remanso a 31, vila próspera, construída sobre uma barranca alta, à margem esquerda (...). (RSF-T)
29. Parece que **chegamos** a um tempo, em que só uma espécie de literatura é possível: a dos grandes profetas de Israel anunciando as desgraças da pátria, a literatura das Lamentações. (CI-CR)
30. **Chegam** afinal. É um rancho pobre no fechado da mata. (ABC-R)
31. Mas **chegam** bem, sim. (LOC-R)
32. Não há dinheiro no Tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando **chegam** visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água. (TF-R)

33. (...) nunca já mais serão pagos, porque as mulheres, corno eu, nem **chegam** a agradecer, sem que lhe fiquem escrúpulos no decoro (...). (EHB-T)
34. E para isto, como para tudo, há modas que **chegam**, frescas, e modas que passam, cansadas. (LM-T)
35. Em alguns casos, como ensina Strümpell, o estado de inflamação crônica das amígdalas passa inadvertido, porque estas não **chegam** a hipertrofiar-se (...). (TPM-T)
36. É curiosa a puerilidade a que certas críticas **chegam** em dado momento. (DPA-O)
37. Minha mulher percebera isso e prevenira-me, quando **cheguei** a casa para jantar: (...). (ABD-R)
38. Atravessei o jardim, subi a escada, **cheguei** à sala, aturdido. (C-R)
39. (...) e tive-a, há horas apenas, quando **cheguei** a êste lugar que, por tudo que nêlê vejo, por milagre do Céu (...). (IM-R)
40. **Cheguei** a ouvir o rumor do corpo caindo n'água. (P-R)
41. Logo que **cheguei** ao ginásio, com o atraso de quase uma semana, o aluno Victor Graeff-que viria a ser no futuro deputado pela União Democrática Nacional (...). (SC-R)
42. (...) devo informar à câmara que quando **cheguei** a Montevidéu no ultimo dia do mês de Outubro de 1851 já estava feito o acordo entre o general Urquiza, Oribe e suas tropas (...). (EIN-T)
43. Quando **cheguei** em casa, estava desfogado e pude esperar. . . até agora. (FCA-CR)
44. Deu-me grande satisfação a tua amável cartinha de 8 do passado, pela qual fiquei sabendo que **chegaste** bom de regresso à nossa querida terra (...). (TN-R)
45. Anteontem, **chegou**-me também aos ouvidos que Mère Blandine investigava as mesmas coisas, inquirindo velhos conhecidos meus. (ABD-R)
46. Martinha **chegou** chorando. (AGM-R)
47. **Chegou** o momento de ensinar o ciúme da mulher. (AMV-R)
48. Carlinho Pretinho **chegou** dizendo que tinha um presunto nos Apês, fresquinho. (CDE-R)

49. Calmo **chegou** à favela cabreiro diante da possibilidade de alguém saber sobre o que se dera na cadeia (...). (CDE-R)
50. O médico **chegou** mesmo a comprar-lhe um saquinho de bombons, Lucrecia olhava inquieta o céu escuro. (CI-R)
51. Logo pelas 20 horas o sono **chegou**. (CMC-R)
52. Depois **chegou** à porta: -O Dr. Liberato já veio, D. Maria? (C-R)
53. Nem no primeiro dia de aula, quando apanhei, nem naquela surra da velha Sinhazinha, o pranto me **chegou** com tal desespero, que me tapava a garganta. (DOI-R)
54. **Chegou** às sete horas e meia, entrou, subiu ao terraço e olhou para o mar. (EJ-R)
55. Vitorino saltou da égua, amarrou o cabresto na cerca e **chegou-se** para perto da tenda. (FM-R)
56. O meu pai **chegou** agorinha de Itabaiana. (FM-R)
57. Apareceu o negro Floripes na porta, **chegou** o boleeiro Pedro, e Seu Lula a gritar com o capitão (...). (FM-R)
58. Quando êle aqui **chegou**, tal como ainda hoje está, éramos nós crianças que brincávamos vigiadas poraios. (IM-R)
59. O maluco **chegou-se** mais para perto dele, encolhido. (LOC-R)
60. **Chegou** a casa às três horas. (LSO-R)
61. 17 de Agosto Fidélia **chegou**, Tristão e a madrinha chegaram, tudo **chegou**. (MA-R)
62. Agora ela está chorando. Jiguê agarrou o herói e **chegou** o porrete com vontade nele. (MCU-R)
63. No canto direito parou. Veio vindo. **Chegou**. Enfim **chegou**. (NP-R)
64. **Chegou** e telefonou. (OES-R)
65. Então D. Eufrásia **chegou** na porta da cozinha e gritou para o quintal (...). (PB-R)
66. O dinheiro **chegou**. (PB-R)
67. Seguido pelos rogos da Silvina, que lhe suplicava deixasse a porca em paz agarrou da espingarda, desceu ao quintal, **chegou-se** para a porca. (PRI-R)
68. **Chegou** a desconfiar que era já sonho. (RCV-R)

69. **Chegou** a obter, por dinheiro, que um dos melhores latinistas da península (...). (RCV-R)
70. **Chegou** e eu esperei ainda. Afinal, fui levado à sua presença. (REI-R)
71. Meu pai **chegou** à casa mais cedo que de costume e já bastante alcoolizado. (SC-R)
72. (...) a trovoadas abalou as serras, **chegou** rija ainda aos costados do morro, foi vibrando por árvores e córregos. (SF-R)
73. Ninguém sabe cuma **chegou**, apareceu num dia, só ela é que entende tudo que o beato diz... (SV-R)
74. A um que **chegou** metido num terno de linho mas de camisa de peito engomado e sobraçando um guarda-chuva, Heitor rosnou lá do cadeirão lavrado de couro (...). (THU-R)
75. A nova de tais sucessos **chegou** á Porungada. (URU-R)
76. **Chegou** primeiro um delegado de polícia, magro, fúnebre, de fala doce, óculos pretos e modos de pastor protestante. (VIA-R)
77. Ela me disse que desde que **chegou** aqui ainda não recebeu um tostão! (OSP-D)
78. **Chegou** munido duma porção de recomendações de primeira ordem, entre as quais uma carta, trazida de Áustria, duma cunhada do Ditador. (BR-T)
79. Depois de receber as ordens do vice-rei do Peru, regressou e **chegou** ao Pará em 12 de Dezembro do ano seguinte. (CH-T)
80. Nabuco **chegou** a dizer ao chefe do Gabinete que, se tal fizesse, ele se veria forçado a afirmar o contra-rio. (EIN-T)
81. Quando a notícia do movimento cartista **chegou** ao Rio, explodiu a satisfação geral experimentada pelo povo (...). (FHB-T)
82. **Chegou-se** assim à construção de casas gigantescas, que, num espaço restrito, acumulam massas de indivíduos demasiado consideráveis. (HD-T)
83. Enquanto estava nesse vexame, ela nadou, nadou, **chegou** em casa, contou aos parentes o que acontecera, mas sem falar em Zambi-a-pongo. (MAB-T)
84. **Chegou-se** a discutir gravemente se o silvícola era um ente racional. (PPH-T)
85. (...) ainda hoje, não se **chegou** a uma solução inteiramente satisfactoria. (RIM-T)

86. Uma manhã, estava sentado à porta quando **chegou** um vaqueiro perguntando notícias de um animal sumido. (TES-T)
87. Porquanto não **chegou** o Banco a constituir-se regularmente nem tornou efetivas as prescrições de sua lei orgânica (...). (ACD-O)
88. (...) será difícil encontrar exemplo nos anais diplomáticos de qualquer parte do mundo; **chegou** a dissipá-las, dizendo ao Govêrno da Bolívia que eram infundadas as suas dúvidas sôbre a propriedade boliviana naquele território. (DPA-O)
89. Mudou tanto que a mãe **chegou** a estranhá-la porque em casa ela já não era a mesma menina humilde (...). (PAU-CR)
90. **Chegou** hoje o dia de examinar a tradução de resolver sobre o prefácio. (PAU-CR)
91. RUY **chegou** mesmo a ir assistir aulas do Colégio Progresso e, de uma feita, levou consigo o amigo Rodolfo Dantas, então Ministro. (PAU-CR)
92. Vós viestes, sem duvida, porque, como rico senhor que sois, andais a caça e foi seguindo o rastro ligeiro dalguma lebre arisca que **chegastes** a este ermo. (ACC-R)
93. (...) a princípio, **chegaram** a cogitar de expulsão (...). (ABD-R)
94. Porém, no mesmo dia em que **chegaram**, colocaram uma boca-de-fumo no Bloco Sete dos apartamentos novos. (CDE-R)
95. Quando lá **chegaram**, falavam de bôca. (EJ-R)
96. **Chegaram-se** para o caminhão, mesmo antes deste parar. (LOC-R)
97. Fique sossegado que nós chegaremos a tempo. E **chegaram**. (NP-R)
98. As últimas cargas de algodão **chegaram** ao descaroador. (SB-R)
99. E quando **chegaram** ao que eu sabia, as ave-marias do fim, tive vergonha de juntar minha voz à das outras, embora Maria José me desse com o cotovelo e me fizesse sinais de cabeça. (THU-R)
100. Em 1824, as coisas estiveram tão affeitas ao absolutismo que jornaes governamentaes **chegaram** a pedir ostensivamente, em campanha evidentemente encommendada (...). (BRA-T)



101. Muitas vezes houve o desejo e a inquietude de descobri-lo, tanto pelo mar como pelos reinos de Quito e ruína **chegaram** a navegá-lo todo. (DRA-T)
102. (...) retiradas por operação, **chegaram** à conclusão de que a mesma flora (...). (GAC-T)
103. Pessoas interessadas no depósito, abriram. um poço no local e **chegaram** a extrafir algumas toneladas de minério. (RIM-T)
104. Lembre-se V. da Mme Bovary e do Imortal, para não falar de vários cidadãos gregos e romanos que só até nós **chegaram** graças ao amor ou ao ódio dos escritores... (CRE-CR)
105. Antônio não **chegava** a perceber muito bem por que o tio não era um homem às direitas. (ABC-R)
106. Parou perto da fonte que cantava; aquele rumor de água **chegava** aos seus ouvidos como doce carícia. (AGM-R)
107. Quando o aguaceiro **chegava**, o couro cru da cama do velho Trajano virava mingau, tanta goteira havia (...). (AN-R)
108. (...) **chegava** até a ser, às vezes, careteiro e risonho como Red Skelton. (CMC-R)
109. **Chegava-me** para perto do Zé Ludovina, como se estivesse com medo de não chegar até lá. (DOI-R)
110. (...) aquilo já fazia parte do cenário natural da noite, não **chegava** a perturbar o sossego. (HR-R)
111. Em tempo de seca e fome **chegava-se** aos antigos senhores (...). (INF-R)
112. E agora que **chegava** o momento oportuno, eis que se calava, eis que se apegava a todos os pretextos para não falar. (LRU-R)
113. A névoa dos altos **chegava** até os cajueiros. (ME-R)
114. E quando **chegava** para passar uns dias no Açú, tudo que era de Amâncio estava no estado em que estava. (PB-R)
115. E a noite **chegava** de repente, rápida, como se alguém houvesse torcido um comutador. (P-R)
116. Durante alguns dias andei aterrado e só muito tarde **chegava** a conciliar o sono; tudo eram medos. (RCV-R)

117. Pensando bem mesmo, **chegava** a achar aquilo natural. (REN-R)
118. (...) gente que ninguém conhecia, que **chegava** diariamente, atraída pelo ouro dos cacauzeiros. (SJ-R)
119. Em outras tardes, logo que Polidoro **chegava**, saía a pé, pelas ruas dos arredores, pelas praias até ao Campo de São Cristóvão. (TF-R)
120. Nas noites de reza **chegava** em casa que era uma lástima. (US-R)
121. O que surpreendia e **chegava** a causar assombro aos europeus (...). (BCA-T)
122. (...) a situação não havia melhorado, tanto que a população de colonos não **chegava** a 3 000! (PPH-T)
123. (...) confundindo o teu sangue rubro com o rubro sangue dos soldados, **chegavas** heróico, quase a morrer, aos acampamentos agitados ou silenciosos, pela vitória ou pela derrota. (TA-R)
124. Pouco depois **chegávamos** ao colégio de minha irmã Felícia. (RCV-R)
125. Em cada fazenda que **chegavam** era uma festa. (ABC-R)
126. (...) o alto grau a que **chegavam** as coisas sobre a prateleira (...). (CI-R)
127. (...) mas conseguiu girá-las na direção dos índios, no momento em que eles já **chegavam** ao largo da Intendência. (FEP-R)
128. (...) a cabeça descreveu uma série de movimentos parciais, incompletos, que nem **chegavam** a inteirar um quarto de círculo. (LOC-R)
129. Afinal **chegavam** os dous retardatários, anunciando que nenhuma patrulha viera mais a terra depois dos tiros. (OSP-R)
130. **Chegavam**, estropiados da jornada longa, mas felizes.(SER-R)
131. Em todos os vapores onde iam imigrantes era sempre a mesma coisa: **chegavam** esfomeados, enterravam-se no peixe, morriam uns quantos de disenteria. (SV-R)
132. (...) os problemas económicos e sociais, cada vez mais agudamente focalizados, **chegavam** à conclusão de que a maquinaria do regimen representativo não poderia ser utilizada satisfatoriamente (...). (BCA-T)
133. Basta dizer que **chegavam** a incitar os silvícolas à antropofagia. (SPS-T)
134. Realmente, houvera a carta, mas a comunicação do editor não me **chegara** a causar desgosto (...). (ABD-R)

135. De onde surgira, como **chegara** até tão perto sem que o notasse, não sabia explicar. (ANP-R)
136. Sérgio porém **chegara** quase a ter um sobressalto e indagara logo a que horas despertara. (ANP-R)
137. Naquele momento, eu não tive consciência de que **chegara** a um limite em minha relação com o mundo (...). (CPT-R)
138. O Amaro antigo **chegara** no Santa Fé, com carta de parentes do capitão, de Goiana. (FM-R)
139. **Chegara** a fazer pilhéria com Cleonice, aludindo ao seu noivado de mais de doze anos. (LSO-R)
140. O tenente Percival, que, de tão entusiasmado com o seu “estudo”, contagiara os outros e **chegara** a reunir em torno a si quase toda a turma dos militares (...). (PAP-R)
141. Conhecia aquele menino desde que **chegara** em Pureza com o pai. (P-R)
142. Lourdes reagira, discutira, Lourdes **chegara** a brigar. (REN-R)
143. O telegrama do Dr. Aureliano **chegara** por um portador, avisava que a carta tratava de assunto importante. (SV-R)
144. Lembrava-se bem daquele dia em que Iaiá Soares **chegara** em sua casa para contar histórias do marido com mulheres. (US-R)
145. **Chegara** a contar nove engenhos (...). (PPH-T)
146. **Chegáramos** à sobremesa daquele meu primeiro almoço no engenho e embora eu não tivesse a menor intimidade com ninguém (...). (PRI-R)
147. Era de esperar que estivesse mais próximo e, se ainda não estou, nem a milésimo do caminho, nunca mais lá **chegarei**... (VM-R)
148. E de observação em observação **chegarás** a convencer-te de que a linguagem é o espelho do carácter. (ELM-T)
149. As suas vistas estavam talvez desde então voltadas para a presidência do senado, à qual **chegarás** em 1861 para fazer dela durante treze anos uma espécie de presidência da câmara dos lords. (EIN-T)

150. (...) o verdadeiro órgão linfopoiético do baço, **chegaremos** à conclusão definitiva de que ele sofre um ciclo evolutivo semelhante ao dos demais órgãos mielolinfopoiéticos. (HA-T)
151. Se bem andardes, sem um instante de descanso, lá **chegareis** com o dia. (IM-R)
152. Por fim **chegarão** ao cano de despejos de um convento de freiras que havia no quintal (...). (BR-T)
153. Um dia qualquer êle **chegaria** em casa cheio de presentes e tôda a casa ficaria alegre, feliz com a sua presença. (AGM-R)
154. (...) sempre a pensar na morte: “que não **chegaria** a ver o filho formado.” (IF-R)
155. Voltou cedo, às cinco horas da tarde, ficando satisfeito com a notícia de que provavelmente o Heitor **chegaria** no dia 17. (THU-R)
156. (...) e forçoso é confessar que **chegaríamos**, assim, a triste e desanimadora conclusão de que o número dos ingratos é maior do que se pensa. (ACD-O)
157. Se não, **chegariam** sem um tostão a Pirapora e Jerônimo já soubera que muitas vezes levavam mais de mês esperando condução (...). (SV-R)
158. Pórcia fica com o filho, guardada pelos cabras e brinca com a criança, ensi na-lho as primeiras palavras querendo fazer uma surprêsa a Leolino quando êle **chegasse**. (ABC-R)
159. Augusto ficava pane da noite no Calipso, sozinho, esperando que alguma coisa parecida com Sônia **chegasse** ou passasse, seria um consolo. (CPT-R)
160. (...) como não desabou até que **chegasse** mais aliviada, acreditando que tenha respondido para passar, passar na tangente (...). (OES-R)
161. Trepado na ribanceira, o coração aos baques. o menino mais novo esperava que o bode **chegasse** ao bebedouro. (VS-R)
162. Respondia-lhes: nestes dias, e nestes permitia Deus que **chegássemos** e tudo se achava certo. (CH-T)
163. E se naquele momento, **chegassem** os outros? (CAV-R)
164. Quatro anos depois insistia a Mesa. de Inspeção pela regularidade e propunha **chegassem** ao Brasil os navios em Agosto e tornassem em janeiro . (NO-T)

165. Violante que, por esse tempo, teria pouco mais de trinta anos, seguiu de perto, morrendo sem **chegar** a ver de novo os seus. (ABD-R)
166. Voz paulista, certa de **chegar** no fim da frase. (AMV-R)
167. Oito e meia. Preciso vestir-me depressa, **chegar** à repartição às nove horas. (AN-R)
168. Dadinho conseguiu enganar a mãe por bastante tempo, dizendo que da casa do amigo era mais rápido se **chegar** ao centro da cidade, e que, se fosse para casa todo dia com aquela cadeira, iria ficar muito cansado. (CDE-R)
169. Inexplicavelmente com mais esperança, tentava agora excitar sua ira até **chegar** à própria força, trotando atenta, experimentando tocar nos objetos (...). (CI-R)
170. Tamanho foi o seu enlevo que não viu **chegar** a patroa, já de volta. (CMC-R)
171. Diogo Antonio Feijo, visto haver certeza de que se acha em Pernambuco e proximo a **chegar** a essa Côrte. (DÓI-R)
172. Quisera **chegar** a casa, por mêdo da rua, mas quisera também ficar na rua, por não saber que palavras nem que conselhos daria aos seus. (EJ-R)
173. Tenho ainda que parar no Santa Rosa e preciso **chegar** cedo em S. Miguel. (FM-R)
174. (...) tornaram-na defesa ao homem que não mais ousava **chegar-lhe** à orla para lenhar, como dantes faziam tranqüilamente vilões e servos. (IM-R)
175. (...) a **chegar** até nós, cada palavra perfeitamente distinta. (LRU-R)
176. (...) e ela olhava pela janela do trem calculando quanto demoraria a **chegar** à próxima estação, desejando enfim erguer-se e agitar um pouco as pernas cansadas pela imobilidade. (LUS-R)
177. (...) aí José Lucas arranchara na véspera, afim de **chegar** ao Rio Manso no dia imediato, como acabava de **chegar**. (NT-R)
178. Você sabe, senhor meu primo, que seu filho mais velho todos os dias, depois das aulas, se mete na Exposição e só aparece minutos antes de você **chegar**? (OES-R)
179. Manivela resolve **chegar-se** mais pra junto do povo, calçar também o passeio de lajes, molhado e luzidio. (PAP-R)

180. No seu entusiasmo de **chegar** à casa, como a um porto franco, Evandro minimiza tempo e espaço. (PRO-R)
181. Compreenderam que ia **chegar** ao desenlace, e não quiseram perder uma sílaba daquela parte da narração, em que iam saber da morte do imortal. (RCV-R)
182. Naquele instante mesmo, o que mais o espantava era que tivesse tido interesse para escrever durante dias e dias, semanas e semanas, e **chegar** ao fim daquela história fantástica, quase inverossímil. (REN-R)
183. Quando, transposta a capoeira e ao **chegar** a casa, o Celestrino se via livre daqueles terrores, vinha-lhe uma fome desesperada (...). (SF-R)
184. **Chegar** fatalmente depois. O único jeito que lhe resta , arriscar, andar depressa por aqui mesmo, passar em frente ao tira e, ao entrar nas primeiras ruas do bairro, ganhar velocidade. (SJ-R)
185. Ao **chegar** ao último degrau olhou para cima e em minha direção. (UMO-R)
186. Para **chegar** aos venezianos, as madeiras de tinturaria do Oriente, sobretudo as que davam a púrpura, eram trazidas a Bássora ou Alexandria pelos árabes. (BL-T)
187. O subsídio não vai **chegar** a um advogado, a um engenheiro, a um médico que exerce a sua profissão, que tem um trabalho lucrativo e altamente remunerado. (DC-T)
188. Ao **chegar** o cortejo a uma praça grande, em cujo centro tinham afincado uma árvore armoriada com o brasão de Portugal, aí se deu a representação do combate (...). (ESM-T)
189. Se existir oclusão do colédoco, a bile segregada pelo fígado impedida de **chegar** ao intestino nem por isso deixa de ser segregada (...). (FIG-T)
190. (...) bastaria para destruir a peça folclórica, pois, de simples delegados de tribos em confabulações para uma “aliança”, **chegar-se-ia** a uma guerra inconcebível. (MAB-T)
191. Soubemos pouco depois que o Neco já os havia reclamado por meio de emissários que acabavam de **chegar**. (RSF-T)
192. Chamemos x a quantidade em centímetros cúbicos da solução de sulfocianeto empregada para **chegar-se** ao fim da reação. (SM-T)

193. Em seguida surge a gengivite, sobretudo junto dos grandes molares; esta cede, se houver o cuidado de suprimir as aplicações de bismuto; em caso contrário, pode **chegar** à estomatite ulcerosa, localizada ou generalizada. (TPM-T)
194. (...) as quais, porém, têm um limite determinado, provavelmente, pelo gênero do mester, para **chegar** até aos variados e vastos hábitos de exibição e de ostentação, acompanhados por fatos cada vez mais expressivos da degenerescência psíquica, como se pode observar em algumas formas de vaidade criminal. (VE-T)
195. (...) encontrei os ofícios nefelibatas da Escola Correccional, que me obrigaram a uma leitura apurada, sem **chegar** a compreendê-los. (ACD-O)
196. (...) para a hipótese de ser irremissivelmente condenada a solução jurídica, e, “mediante acordo geral da Conferência”, havermos de **chegar** a uma transação. (DPA-O)
197. Ao **chegar** em Taubaté o R. disse a ela que tinha avisado o Lobato e era provável que ele estivesse na estação para dizer-lhe adeus. (PAU-CR)
198. Ela não precisa da ortografia para **chegar** aos seus fins. (PAU-CR)
199. Antes de lá **chegarmos**, antes de legitimamente pensarmos em taci “requintes” (...). (ESP-T)
200. E Leolino e Exupério não estão, quando **chegarem** será tarde. (ABC-R)
201. (...) lendo os nomes das estações, escondendo-se dentro de trens de cargas, **chegarem** até onde viviam a Rosa e o Manuel. (THU-R)
202. Mas espere, então, que eu **chegue** lá, para avisar preto Roque e preto Benedito que previnam os outros. (CLS-R)
203. (...) como foi a crise econômica do Brasil de 1760, **chegue** até hoje sem que se lhe haja estudado a repercussão que teve em nossa história. (BR-T)
204. A nossa temos esperança que ao fim deste mês **chegue** aos 400. (PAU-CR)
205. Pois não é lamentável que **cheguemos** a isto, que hesitemos nesse direito a ter physionomia, e que nos illudamos quanto á necessidade de afirmação nacional? (BRA-T)
206. Onde **cheguem** os germes e tentem alojar se, o organismo reage por inflamação aguda. (TPM-T)

207. Mas a fisionomia de novo se lhe abriu, sorridente, por ter **chegado**, talvez, à conclusão de que se enganara na interpretação de minhas palavras. (ABD-R)
208. Outro problema, no entanto, era afirmar até que limites a desgraça tinha **chegado**. (ANP-R)
209. Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha **chegado** aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. (CMC-R)
210. Não me havendo **chegado** notícia das viagens de Gulliver, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas. (INF-R)
211. Tinham **chegado** no Parque Antártica. (NP-R)
212. Margarida teria **chegado**, a mãe e a irmã se acordariam com a sua entrada. (P-R)
213. Não era muito dinheiro, mas os homens fariam falta nas roças, agora que as chuvas tinham **chegado**. (SJ-R)
214. Quando os brasileiros sensatos ainda hesitavam, os governantes portugueses, todos, já haviam **chegado** á convicção - de que o Brasil estava independente. (BRA-T)
215. Havia, pois, **chegado** o momento de encarar e solver a interrogação abolicionista. (FHB-T)
216. Quando a depressão da parede abdominal tiver **chegado** ao ponto desejado, procura apalpar-se o rim em sua descida inspiratória. (SM-T)
217. A faculdade para autorizá-la está regulada no art. 2º, não se pode exercê-la senão quando o cesso tem **chegado** à fase definida (...). (DPA-O)
218. (...) havendo-se a velha casa especializado ultimamente em livros espiritistas e não **chegando** a causar perturbação a entrada de um ou outro esquivo freguês (...). (ABD-R)
219. Tanto mais quanto já estão **chegando** colegas meus... (ANP-R)
220. Sinhana vinha **chegando** do quintal e esbarrou com a filha na cozinha. (CLS-R)
221. A maternidade, **chegando** ao meio-dia, era como uma aurora nova e fresca. (EJ-R)



222. Pelo resto do dia a casa esteve cheia de gente, uns se cansavam e iam embora, outros iam **chegando** de fresco, todo mundo se apertando na varanda pequena (...). (HR-R)
223. Depois da cena, sempre que a encontrava, ameaçava-a das piores coisas possíveis, **chegando** em casa irritado, sombrio (...). (JUB-R)
224. Sua esperança estava na varredeira da Limpeza Pública que vinha **chegando**. (NP-R)
225. Foram se **chegando** para lá. (PB-R)
226. (...) o céu fazia economia de estrelas apagando-as, à medida que o sol ia **chegando** para o seu ofício. (RCV-R)
227. Isso é peitica do diabo! Mas aos poucos Edna foi se **chegando**. (RD-R)
228. Acabou **chegando** à conclusão de que a mãe, por mero respeito humano (...). (THU-R)
229. (...) as células fotoelétricas **chegando** a um percurso igual das curvas fornecidas por esses aparelhos. (AHC-T)
230. Ele também é dos maiores peixes do Amazonas, **chegando** a ter 8, e mais pés de comprimento, com quatro metros e mais de grossura. (ENS-T)
231. (...) sofriam a ação assoberbante do início e muita vez não resistiam, **chegando** a assimilação no ponto de, é ainda Capistrano quem o afirma, “deixar o colono furar os lábios e orelhas, matar os prisioneiros segundo os ritos e cevar-se em sua carne.” (PPH-T)
232. (...) o procurador Álvaro Netto, **chegando** ao edifício do Concelho e ao notar a ausência dos colegas, chamou à sua presença o escrivão da Câmara e tabelião, e fez que registasse o seu protesto. (SPP-T)
233. Aqui **chegando**, Sr. Presidente, procurei apresentar um projeto de lei (...) (ACD-O)
234. **Chegando** a Bahia, vi que a recentíssima reforma do ensino q. aliás não presta para nada, acrescentara as escolas normais um curso de lições de coisas. (PAU-CR)

## VERBO ASSISTIR

1. **Assisto** a uma discussão do barbeiro André Laerte com o negociante Filipe Benigno. (AN-R)
2. Inhor” não, **assisto** aqui, vai fazer um ano, em novembro. (FMA-R)
3. Que fabricas tu? Não fabrico. **Assisto** às fabricações. (BT-R)
4. (...) e reflexos dos desdobramentos, e **assistes**, do alto do destino feito de orgulhos transfundidos em valores, à sinfonia desse íntimo entusiasmo que repercute numa toada permanente (...). (PAU-CR)
5. Está acostumada a permanecer horas e horas sem dizer palavra, quando **assiste** às nossas reuniões, nos dias em que Jandira nos convoca. (AMB-R)
6. Ora, pois, a que se **assiste** agora, no quarto acabrunhado de Iô Pepeu? (FEP-R)
7. É engraçado mas êle quase que **assiste**, consigo, a êsse formar-se dum “sentido de família”... (PAP-R)
8. Quem considera as povoações do S. Francisco, das nascentes à foz, **assiste** à sucessão dos três casos apontados. (SER-R)
9. (...) e a cada um de nós que preza a boa fama de sua Pátria, **assiste** o direito de censurar o escritor que tão mal corresponde ao apreço de seus compatriotas (...). (TN-R)
10. (...) e que, sendo um desmembramento da administração estadual, ao Estado **assiste** não só o direito, mas o dever de controlar essa administração local (...). (AR-T)
11. (...) desde as liberdades com que moços e moças desenvolvem seus namoricos até a quase indiferença com que se **assiste** a um escândalo conjugal (...). (CC-T)
12. (...) Pedro Jansen “por uma gradinha do quarto em que **assiste** por onde dera a ela mesma testemunha “procuração para se receber com o dito Pedro Jansen. (EHB-T)

13. (...) o ministro de Relações Exteriores, **assiste**, como representante do Brasil, o barão d'Aguiar d'Andrada; o resultado, desta vez, é completo, e fica firmado em 3 de Fevereiro (1876). (EIN-T)
14. Assim, se **assiste** à formação de dois aparelhos circulatórios, um proveniente da área extra-embrionária e outro da área embrionária. (HA-T)
15. Verseja também por espetáculos de comédias a que **assiste**, por festas a que vai, por sucessos sem nenhuma importância, por beldades diversas, e por fim verseja devotamente como um libertino arrependido ou antes medroso do inferno. (HD-T)
16. **Assiste** e dirige, engrandecendo e castigando, todas as épocas e todos os, seres. (MAB-T)
17. O mundo **assiste** a uma porfia sublime, em que a preocupação dos povos superiores dir-se-ia consistir em exibirem (...). (REP-T)
18. (...) o programa da instrução que ao povo **assiste** o direito de reclamar dos que trazem a seu cargo velar pelos interesses dele, mínimo de conhecimentos que o Estado tem, por sua parte, o direito de exigir legitimamente de todos os cidadãos. (REP-T)
19. Quando a uremia chega ao seu período terminal **assiste-se**, nos urêmicos a uma verdadeira fusão muscular. (SM-T)
20. Outro doente **assiste** a um serviço de comemoração, por ocasião do aniversário da morte de Eduardo V11 (...). (THV-T)
21. (...) mas se o organismo reagir e vencer o ataque, **assiste-se**, neste caso, à volta do organismo ao estado de alergia terciária. (TPM-T)
22. **Assiste-se**, na maioria dos casos, à transformação cancerosa de uma leucoplasia bucal: torna-se mais larga a placa, fende-se aqui e ali, torna-se irregular, cresce e afinal se ulcera. (TPM-T)
23. O diagnóstico pode ser feito pelo primeiro indivíduo parasitado, que **assiste** à saída. do verme (...). (TPM-T)

24. As figuras e os clementes debatem-se em dramas humanos ou cósmicos, mas o escritor **assiste** imperturbável a esses cataclismos da alma e do universo (...). (VOM-T)
25. Nada tem a dizer sobre a liberdade que lhes **assiste**. (ACD-O)
26. (...) cujo parecer aguardo para apresentar, na discussão, os documentos em que se estriba o direito que **assiste** ao cidadão Antônio de Castro Gandra, que a oito anos aguardo o pagamento dessa quantia. (ACD-O)
27. (...) e o legislador, o fator da lei, o criador do direito, **assiste** a isso acabrunhado e impotente, vendo a sua própria obra abalada pelos alarmas saídos do seu próprio seio ! (ACD-O)
28. (...) com assento no Congresso Nacional, **assiste** o direito de, a exemplo do que se dá com os magistrados em disponibilidade e os lentes jubilados (...). (ACD-O)
29. (...) do disposto deste Regimento, ressalvando, no entretanto, o direito de crítica que **assiste** ao Deputado. (ACD-O)
30. A população de Macaé, com efeito, **assiste** quase diariamente a passeatas marciais, que a cidade nunca viu e que não parecem ter justificativa na necessidade de exercícios e instrução das forças que ali se acham e que para ali foram para se entregarem à construção da respectiva fortaleza. (ACD-O)
31. (...) no De natura rerum se **assiste** à representação de todas as lutas, de todas as paixões, de todas as moléstias intelectuais e morais que afligiram a alma do povo romano (...). (DA-O)
32. Agora, se no exame das medidas que aqui se nos submetem, nos não **assiste** o direito de lhes apreciar as razões com a independência mais completa (...). (DPA-O)
33. Que autoridade nos **assiste**, então. na esfera política, para fechar a questão e reduzir, a golpes de penalidade, os dissidentes? (DPA-O)
34. Sob esse ponto de vista, que é o do projeto, nos **assiste** direito, com títulos duas vezes maiores que os da Bélgica, Portugal e Rumania (...). (DPA-O)

35. Ainda contarei aqui o que me disse, outro dia, uma inteligente e dedicada educadora sanitária sobre os quadros de miséria a que **assiste** diariamente. (EPA-CR)
36. Às feias não lhes **assiste** o direito da curiosidade; basta-lhes, para viverem em paz, a comodidade da feiúra. (PAU-CR)
37. Desses picos donde a critica, volvida para a cordilheira dos seculos, **assiste** ao succeder das migrações, das guerras, das conquistas (...). (PAU-CR)
38. Adeus, querido e sábio Adour, que tão cedo compreendeu os homens e aprendeu a viver na paz de quem, em seu cantinho na platéia, **assiste** à agitação dos atores no palco da vida. (PAU-CR)
39. **Assistimos** impassíveis á hegira vimos sair dos altares os santos venerados pelas nossas mães e sorrimos. (CFE-R)
40. Quererá você supor que o dia seguinte da guerra continue o panorama de apodrecimento a que **assistimos**? (POL-R)
41. Atualmente **assistimos** a um retrocesso diplomático caracterizado pelo isolamento dos Estados (...). (BCA-T)
42. Morrendo o esqueci, um carneiro era levado, - pelo menos até 1905, quando **assistimos** a uma cerimonia dessas, - a acompanhar o préstito alegre do enterro até o cemitério (...). (MAB-T)
43. **Assistimos** a vosso lado todos os precedentes do tremendo passo, pela viva e quente narrativa que dele fazeis (...). (DA-O)
44. Mas, de outra parte, e por isso mesmo, senhores, quando **assistimos** a dias, como os das nossas datas memoráveis /na Conferência de Haia, a dias como o de hoje de confraternização entre todos os brasileiros (...). (DPA-O)
45. Havia também uma pobre senhora que me disseram ser Lady M. ..., e então **assistimos** a cena mais extraordinária que tenho visto num salão. (PAU-CR)
46. Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa **assistem** ao “pega” com o leiteiro. (RA-R)
47. Aí chegados **assistem** descalços à missa, terminada a qual o sacerdote benze a bandeira, e o ramo, e entrega ao novo chefe. (ENS-T)

48. **Assistem**, num vasto salão, à projeção de fitas cinematográficas. (PAU-CR)
49. **Assisti** à inauguração e às sessões preparatórias. (CMC-R)
50. Lembro-me disso porque **assisti** ao casamento a convite dos pais da moça. (NEG-R)
51. E **assisti** então a esta cousa inédita - o povo inteiro saltou das arquibancadas e das gerais e entupiu a arena, até aparecer carregado do hotel, o grande farpeador. (POL-R)
52. Recordando deste angulo do tempo e do espaço as cenas a que **assisti** naquele pátio, não posso deixar de concluir que elas tinham muito dos quadros de Bosch, Bruegel e do Goya dos Caprichos (...). (SC-R)
53. Não **assisti**. Adoecei e vim para o Brasil nas vésperas. (TF-R)
54. Recordo-me que uma vez, por acaso, entrei numa pretoria e **assisti** um casamento de duas pessoas pobres... (VM-R)
55. (...) ali eu **assisti**, ha dias, a um dos espetáculos que mais são capazes de dignificar e revigorar o teatro corrupto e “gaga”: ,a representação de alguns “autos” de Gil Vicente. (OPO-T)
56. O Sr. Moreira da Silva (para uma explicação pessoal) - Sr. Presidente, **assisti** ao debate travado neste recinto, tendo por objeto principal a personalidade política do Sr. Dr. Campos Salles. (ACD-O)
57. **Assistiu** ao processo (3) ao qual responderam os soldados, seus soldados!, e se não aprovou o crime (...). (ABC-R)
58. Emília **assistiu** à missa das cinco da manhã, para não ser vista. (AMB-R)
59. Quando criança, não teve o trabalho de freqüentar a escola, nunca **assistiu** a uma missa, não dava bom-dia a ninguém (...). (CDE-R)
60. A moça **assistiu-o** acenar aliviado ao entrar pela primeira rua. (CI-R)
61. Quem já **assistiu** aos exemplos edificantes de incompreensão, de desacordo, de falta absoluta de sinceridade que eu presenciei, tem direito de desconfiar. (LRU-R)
62. Mas, enfim, o desembargador **assistiu** à ultima das moléstias do menino, que foi em casa da madrinha (...). (MA-R)

63. No dia seguinte, cedo, foi com verdadeiro entusiasmo que José Lucas **assistiu** à partida de sua tropa, de pé, na esplanada do rancho, dizendo ao João Macota que fosse tocando devagar. (NT-R)
64. Rui de Leão **assistiu** às alegrias da vitória, e passou-se ao reino, onde casou com uma senhora nobre de Lisboa. (RCV-R)
65. Recorda-se de coisas aprendidas na prisão, das cenas violentas a que **assistiu**. (SJ-R)
66. O general **assistiu** a batalha? (TF-R)
67. De manhã, **assistiu** à missa; voltou com as freiras ao refeitório. (THU-R)
68. Quem já não **assistiu** a uma dessas subitâneas desgraças que de golpe se abatem (...). (LRU-R)
69. **Assistiu** ao reconhecimento em Ascurra, tomando ainda porte rio reconhecimento e tiroteio do alto do cordilheira e combate na mata de Guarataí. (AAR-T)
70. Este, impossibilitado de comparecer, fez-se representar por um procurador, que **assistiu** a algumas audiências. (CAB-T)
71. Pedro I **assistiu** a elas, primeiro pelas confabulações maçônicas, depois pela ação do clero e popular, cedendo à opinião que solicitava a sua permanência (...). (DC-T)
72. D. Manuel não só **assistiu** à batalha, mas até em Peterwerden tornou parte nela, e em Outubro de 1716 saía ferido, coberto de glória, do ataque à Praça de Temeswar. (EHB-T)
73. (...) Memórias das vitórias alcançadas pelos Itaparicanos por Bernardino Ferreira Nobrega, que a eles **assistiu**, o resumidamente por Ignacio Accioli de quem transcrevemos a seguinte descrição (...). (ENS-T)
74. Agradece ao nobre relator, que a seu lado **assistiu** com a maior atenção e benevolência o seu longo discurso (...). (ACD-O)
75. (...) e desde Zacarias a escravidão até forçar a mão a Rio Branco: quem **assistiu** a essa ressurreição não tem medo que o escravagismo possa conseguir do Imperador que ele se lhe entregue como refém da monarquia. (CI-CR)

76. Albino **assistiu** a algumas das provas e observa em que João José não tirou o lugar “não suas Memórias por falta de talento”. (PAU-CR)
77. Declamado nos teatros, nos salões, nas praças públicas, o ouviam, que a maior parte dêles chegou até nós guardada pelos que o **assistiram** dizer. (ABC-R)
78. A voz pública no Jacarandá e nas fazendas vizinhas murmurou: muitos **assistiram** às zumbaias e exageraram as solicitações do bacharel à filha do André (...). (MB-R)
79. A solenidade **assistiram** o Exmo. Sr. Dr. Presidente da Província, o Dr. Miranda Azevedo (Engenheiro Fiscal), Exmo. Sr. Visconde do Pinhal e Cel. Estanislau de Oliveira (...). (AAR-T)
80. Num destino Bimetálico, foram os três irmãos iguais: sacudidos na infância pelo terremoto de 7 de Abril, **assistiram** de novo à queda de um trono, e comeriam em silencio o pão do exílio, molhado de lágrimas. (RF-T)
81. (...) se celebrizou como dono da mais certa pontaria de tôdas aquelas terras, quando o sertão **assistia** às mais espantosas cenas de crueldade e de coragem (...). (ABC-R)
82. Pouco a pouco eu **assistia**, também, à sua modificação. (CMC-R)
83. Pedro, que **assistia** desde alguns instantes ao debate, interveio docemente para dizer que os receios da mãe não tinham base (...). (EJ-R)
84. (...) mandava amarrar um dêles à escada e **assistia** à surra, impassível como um inquisidor, surdo aos gritos, às preces. (IF-R)
85. O pai renascia nesses dias e Virgínia **assistia**-o assustada, com um desgosto inquieto. (LUS-R)
86. O fim do ano aproximava-se, as aulas chegavam a seu termo e Virgínia **assistia** às lições sentada entre as vadias. (LUS-R)
87. **Assistia** a suas palavras com curiosidade mas depois não podia fundir suas descobertas consigo própria (...). (LUS-R)
88. Essas razões criaram um arraial de mais de uma centena de casas, umas de morada, outras de negócios, onde **assistia** uma população mesclada, de vendeiros (...). (MB-R)



89. A irmã continuava a lavar no tanque e Lúcio, o filho de Barba-de-Bode, **assistia** encolhido a um canto a discussão entre os pais. (NN-R)
90. Terrível como navalha voadora, o meu invento foi cortar a testa de Emanuel, que da varanda, com ar de julgamento, **assistia** às minhas experiências aerostática. (OES-R)
91. E Evandro, vencida a prudência pelo direito que Ihe **assistia** de ter idéias e as tentar divulgar, foi visitar Ascalon. (PRO-R)
92. Vicente afastou-se e chamou o João Marreca, que de longe, a cavalo na cêrca do curral, **assistia** à cena (...). (QUI-R)
93. **Assistia**-as também o Conselheiro, ao lado do altar, atento e impassível como um fiscal severo (...). (SER-R)
94. A doente **assistia** tudo aquilo sem compreender e se interessar por aqueles trejeitos e passes de tão poderosos homens que se comunicavam (...). (TF-R)
95. Margaridona, em pé no corredor, encostada no portal, **assistia** de mãos cruzadas, rodando os polegares. (THU-R)
96. Um dia entrava no Odeon, **assistia** a um filme de lindar ou de Rigadin. (THU-R)
97. Na próxima semana se veria livre de todas as desgraças a que **assistia**, de todas as recordações que lhe atormentavam a vida. (US-R)
98. (...) únicos habitantes de Portugal que o não temiam, porque estavam a coberto dos seus arbítrios pelo juiz privativo que lhes **assistia**. (BR-T)
99. (...) que a mesma correspondência continuou pelo decurso de dois anos, escrevendo a justificante da cidade do Porto em que **assistia**. (EHB-T)
100. (...) Acdos os circunstantes com mil vivas e júbilos em o dito altar que estava preparado em o qual **assistia** o reverendo padre vigário, revestido com a sobrepeliz e estola em um livro (...).(EHB-T)
101. Era freqüentador habitual de S. Domingos, onde **assistia** à missa e repetidas vezes se confessava. (NO-T)
102. (...) parecia-me que me **assistia**, pelo menos, algum motivo razoável e forte para apresentá-la no Orçamento da Fazenda. (ACD-O)

103. Saci **assistia** a esse espetáculo, um pouco dominado pela idéia passageira de ser homem naquele momento. (PAU-CR)
104. Nas missas de festa que **assistíamos** na vila, pouco víamos o padre no altar. (ME-R)
105. Os outros **assistiam** sem olhar. (CI-R)
106. Alguém real incomodava-o e sozinho ficava solto, nervoso. “Todos” pois **assistiam-no**. (PC-R)
107. (...) vi duas moças afastarem-se um pouco para o interior do escritório da Gazeta de Noticias, donde **assistiam** à passagem de cordões (...). (REI-R)
108. Sobre os sinais da enfermidade, referidos na correspondência do doente e das pessoas que lhe **assistiam**, têm-se pronunciado alguns médicos, como Afrânio Peixoto, Alberto MacBride e Augusto da Silva Carvalho. (BR-T)
109. (...) a favor do Conde de Oeiras, que podemos avaliar as fortes razões que **assistiam** àqueles para inculcar este negócio das Chamadas Casas das janelas Verdes lesão enormíssima. (EHB-T)
110. (...) os chamados sobrados, em que **assistiam** os vaqueiros das fazendas de gado que ali se abriam: a população, vasqueira embora, ia-se espraiando. (FHB-T)
111. (...) porque de outro modo não conseguiria a conclusão das obras, **assistiam** também ao construtor motivos de sobra para se mostrar descontente com a impontualidade da sua cliente. (SPP-T)
112. (...) ou espectadores nesse drama da nossa política, a impressão de que **assistiam** ao desenlace de uma crise nacional. (CI-CR)
113. **Assistira** ao casamento de Mário Soares, que vira nascer, com Leonor Cunha Soares. (ANP-R)
114. (...) a festinha das Siqueira teria sido para Branco a mais de agradável, a mais odiosa de quantas **assistira** naquele verão. (CAV-R)
115. Nem **assistira** à criação do município. (CLS-R)
116. **Assistira** lá à passagem do século. (DOI-R)
117. Um dia **assistira** a uma discussão da mulher com o vendedor de frutas, a propósito de laranjas. (LSO-R)

118. (...) só se lembrou que estava ali o mar da escravidão moderna, o mar dos negreiros; que **assistira** durante três séculos o drama de sangue, de opressão e de morte, o sinistro drama do aproveitamento das terras da América pelas gentes da Europa. (NN-R)
119. O Açú inteiro o que valia junto de Dioclécio, que tocava viola, que vira os cangaceiros, que dormira em rêde com mulheres lindas, que **assistira** a milagres, que cantava, que fazia versos? (PB-R)
120. **Assistira** a uma partida de futebol, tomara um copo de leite com sonho (ó tardes de chuva da infância!) e pagara a passagem de ida e volta no bonde. (SC-R)
121. Durante ela, ao lado do marido, passeara, visitara, fôra a festas, e a teatros; mas **assistira** tôdas essas cousas, sem muito se interessar por elas, sem receber grandes ou profundas emoções de surprêsa (...). (VM-R)
122. **Assistira**, impassível, às mutações, que, noutro clima, provocariam medidas preventivas, represálias prontas. (RF-T)
123. Floriano não só fizera a campanha do Paraguay, como **assistira** ao seu desenlace em Cerro Corá, às margens do Aquidaban. (PAU-CR)
124. Eu sou o Ciro, extrema direita do primeiro tem, não **assistirei** às aulas do Octacílio porque lá na fazenda em Barra Mansa lugar de preto ainda é no eito o na senzala. (THU-R)
125. O orador dá parabéns ao Estado do Rio, porque não **assistirá** a mais este ato de inqualificável desrespeito às leis. (ACD-O)
126. Se o estudo da involução do baço for feita histologicamente **assistiremos** a uma atrofia do tecido linfopoiético (...). (HA-T)
127. (...) não **assistiria** ao casamento, não queria saber dela. (MA-R)
128. **Assistiria** em São Paulo, dizia a provisão que o nomeava juiz, devendo incumbir-se do despacho das apelações e mais papéis forenses não só deste lugar como das demais vilas da Capitania. (SPP-T)
129. (...) cujos elementos estão esparsos no seio desta Câmara e no Senado, **assistiria** quieto à situação que na Bahia se implantou? (DPA-O)

130. E se pudéssemos acompanhar a sua vida **assistiríamos** ao desdobramento contínuo do mal (...). (SER-R)
131. Mesmo que os urubus viessem depois e cavassem o lugar, eles já estariam distante, não **assistiriam**. (SV-R)
132. Seria melhor que Deus a matasse, a fazer com que **assistisse** a semelhantes loucuras com a sua gente. (AGM-R)
133. (...) “em que ' lhe dava conta que w servir ao Imperador seu primo na guerra da Hungria onde pedia” que lhe **assistisse** “com o que cá lhe dava e com o mais que esperava da sua Real grandeza. (EHB-T)
134. Pediram-lhe as vítimas que lhes **assistisse** ao suplício; pôde então o Padre Nóbrega encomendá-los, conforme a sua vontade. (SPS-T)
135. Se ele **assistisse** à sessão de ontem da Câmara dos Deputados reconheceria o caminho que a idéia de emancipação tem feito nestes últimos anos. (CI-CR)
136. Se eles **assistissem** àquela inauguração, bem que haviam de sentir orgulho do menino abandonado na Capela de Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra! (CLS-R)
137. (...) aplicassem os diretores toda a eficácia do seu zelo em persuadir todas as pessoas brancas que **assistissem** nas suas povoações (...). (DB-T)
138. Para não perder de todo a caminhada, acedi a um convite que me fez esse colega e fui **assistir** à sua aula de filologia românica. (ABD-R)
139. Ainda agora estamos a **assistir** a um bravo movimento de grande parte dos nossos intelectuais pela “neutralidade na arte”. (ABC-R)
140. Uma vez viera ao Cabo Frio um team do Flamengo eêle fôra **assistir** ao jôgo. (AGM-R)
141. Comi às pressas e sem vontade, voltando logo para a rua e tentando **assistir** a uma sessão de cinema. (AMB-R)
142. E tornara a **assistir**, quase trinta anos depois, ao enlace de Carlos Soares com Ângela do Amaral. (ANP-R)

143. Sempre abafando os passos, dirigi-me novamente ao fundo do quintal, com medo daquela gente que nem me havia mandado buscar à escola para **assistir** à morte de meu pai. (AN-R)
144. Sentia fissura de dar dois para se entocar e **assistir** a um filme debaixo das cobertas numa lombra maneira. (CDE-R)
145. Mas como não tencionamos **assistir**, qualquer coisa serve. (CFE-R)
146. Toda a dor de cabeça da irmã era por causa de Lula, que veio a Santana **assistir** às corridas de cavalos. (CLS-R)
147. Com a violência da cena, Segredo começou a latir, não estava habituado a **assistir** a cenas assim, a gestos bruscos, palavras gritadas. (CPT-R)
148. A vizinhança veio para a rua **assistir** ao trabalho e parecia rir de mim. (EJ-R)
149. Morreu quando ela compreendeu o motivo de tanta visita fora de hora: aquela gente esperava uma reação dos homens, e estava ali para **assistir**. (HR-R)
150. (...) sua intimidade mesmo violada parecia não ser possuída, inútil aspirar o seu perfume, ver suas frescas roupas internas, **assistir** seu banho. (LUS-R)
151. Sim, ficar, **assistir** ao fim daquelas vidas com as quais ela nascera, reconstruir a infância esquecida com a ajuda da memória do lugar, morar na Granja onde tivera os seus maiores instantes, reconquistar, reconquistar. (LUS-R)
152. Invariavelmente, aos domingos, Leonel, Sinhaninha e Maria Preta iam **assistir** à missa em Rio Preto, regressando à tardinha, quando não pernoitavam em casa de Fulgêncio. (NT-R)
153. Mariquinhas descera de Magé para **assistir** mamãe e vigilar pelos quarenta dias de resguardo sem feijão. (OES-R)
154. Um oficial entendeu-se com Barros Galvão, que veio, até à praia **assistir** à montagem da peça. (OSP-R)
155. Tínhamos acabado de **assistir** num cinema a Noite Sem Lua de John Steinbeck. (POL-R)
156. Era escrúpulo de calouro. 18 mais poético não **assistir** à operação dos queixos quando se ama a uma mulher, mas,-ai triste!-nem por isso fica suprimida a operação. (RCV-R)

157. (...) contudo, o porteiro disse-me que era melhor procurar o doutor Castro na sua residência, que me ensinou; e eu fui **assistir** à sessão para encher o tempo e para travar conhecimento com o misterioso trabalho de fazer leis para um país. (REI-R)
158. Quando rapazote, sempre que me sentava na platéia dum teatro para **assistir** a um espetáculo de magia, nunca me sentia tranqüilo (...). (SC-R)
159. O rapaz veio de dentro de casa para a porta de frente, a fumar um cigarro e **assistir** ao delíquio da morena tarde sertaneja, quando Tomé, serviçal, aproximou-se para dizer que não se ocupasse da janta, pois da casa grande lhe viriam servi-la. (SIN-R)
160. Também os outros estavam misturados com os demais imigrantes na curiosidade de **assistir** ao trabalho do mágico. (SV-R)
161. Era o médico do lugar, morava, porém, fora, na sua fazenda, e viera de “aranha” com a sua filha, Nair, **assistir** o ofício religioso. (TF-R)
162. À saída esclareceu que Antero Correia demoraria mais uma semana em Belo Horizonte para **assistir** à inauguração do Banco da Lavoura. (THU-R)
163. Em segundo lugar o matuto se sacrifica para **assistir** à festa (...). (VIA-R)
164. Se quiserem **assistir** a uma agonia alinhada esperem! (RVE-D)
165. Albuquerque Maranhão, mas em 1595 já elle apparece ao lado de Manoel Mascarenhas, e depois será a figura principal na conquista do Rio Grande do Norte, para dirigir e **assistir**, dalli, a acção de Soares Moreno no Ceará. (BRA-T)
166. (...) o olho da objetiva substitui, de uma vez, previamente, as vistas de todos os espectadores do mundo que hão de **assistir** 6 fita.(CC-T)
167. Ao teatro e ao cinema, a humanidade vai para **assistir** à vida alheia, para viver a vida dos outros. (CC-T)
168. Pode dar-se, por exemplo, o caso de um tratado a ser realizado na Capital da República, para o qual seja escolhido um deputado ou senador, que pode preencher as suas funções e ao mesmo tempo **assistir** às reuniões, para colaborar no tratado (...). (DC-T)

169. Arnesto, Príncipe de Delos, que pela ocasião dos jogos públicos, a que devia **assistir**, os esperava na mesma Ilha com prevenidos festejos, para celebrarem as bodas (...). (EHB-T)
170. (...) se dançava até às sete da manhã o que o deixava “meio morto de lhe **assistir**”. (EHB-T)
171. Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação eficaz da família e da escola: a) convidando os pais, a **assistir** às aulas e a interessar-se “pela vida normal e não apenas nos “incidentes” dá escola; (...). (ESP-T)
172. Acabo de **assistir** em França, ao trabalho de formidável resistência que o grande espírito de Ribot tem sabido opor ao déficit das importações sobre as exportações. (ETP-T)
173. (...) razão pela qual, não raro, podemos **assistir**, em exame cuidadoso, a grande variação numérica de cada um deles. (HA-T)
174. É relativamente fácil acompanhar o que sucede com a parte que contem Fe. e **assistir** ao seu armazenamento; o mesmo não se dá com a segunda, que, como veremos está diretamente correlata com a biligenese. (HA-T)
175. (...) dizendo que ele lutara com a fera brava e que era um valente, dançaram em roda do defunto que, em pé, parecia **assistir** tudo aquilo. (MAB-T)
176. Nos candomblés de caboclo, o ritual é mais ou menos semelhante ao ritual gêge-nagô, sendo mesmo possível, como tive oportunidade de **assistir** no candomblé da Goméa, em São Caetanpi a coexistência das duas formas. (REL-T)
177. (...) delegado seu, vem dar, na escola, a lição de religião a todos os meninos que desejem **assistir**. (REP-T)
178. Em 1877 - voltas que o mundo dá! - poderia D. Pedro II **assistir** nesse teatro magnifico, a alegoria das Walkyrias. (RF-T)
179. Assim, em janeiro de 1555, foram-se, aos magotes , e em segredo, os índios de São Paulo **assistir** a um festim canibalesco em Jeribatiba. (SPS-T)
180. Mas, que a pobre mãe não se dê o capricho de **assistir** ao batizado do pequeno (...). (TP-T)

181. O mundo atormentado de crises não pois manter a tensão de nervos para **assistir** à acumulação cada vez mais impressionante dos seus elementos de conflito. (VOM-T)
182. Por trabalho com que me achava ocupado não pude **assistir** a última sessão da Comissão, onde definitivamente se assinaram os diversos pareceres sobre as emendas apresentadas. (ACD-O)
183. Os alunos matriculados deverão **assistir** a todas as aulas e exercícios práticos, responder às arguições dos lentes e dos professores, as quais se farão pelo menos três vezes mensalmente, etc. (ACD-O)
184. (...) sempre a poesia que nos faz penetrar nas profundezas da alma humana, como os vulcões nos; fazem **assistir** às revoluções internas do globo. (DA-O)
185. Fui casualmente **assistir** em tal rua à extração das loterias, e tive ensejo de verificar que a máquina se acha materialmente viciada. (DPA-O)
186. O Senado acabava de **assistir** a um longo inventário das faltas (...). (DPA-O)
187. Quanto aos liberais, se não estão preparados para **assistir** à vitória dos conservadores, a uma reação esclavagista profunda (...). (CI-CR)
188. Eu ainda não tinha tido a sorte de **assistir** a um grande incêndio, embora corresse atrás dos bombeiros sempre que os via passar. (EPA-CR)
189. Não pretendo porém **assistir** regularmente as sessões da Câmara antes de acabado o verão. (PAU-CR)
190. Hoje em comemoração do meu plena vamos ao S. José **assistir** o “Fan-Fan” e o Champinhon à força. (PAU-CR)
191. Eu não podia morrer antes de **assistir** à queda do barrigudinho. (PAU-CR)
192. Vamos **assistir** ao soçôbro da Europa-e de DÓS se o rodamoinho das coisas que afundam nos atrair! (PAU-CR)
193. E então a nossa República Judiciária está no fim e vamos breve **assistir** a um segundo govêrno Hermes? (PAU-CR)
194. Eu tive a sorte de **assistir** desde o comêço a essa obra de polipeiro, e é com grande prazer que hoje assisto ao encontro pessoal de Helmuth com Amaral (...). (PAU-CR)



195. RUY chegou mesmo a ir **assistir** aulas do Colégio Progresso e, de uma feita, levou consigo o amigo Rodolfo Dantas, então Ministro. (PAU-CR)
196. E nela vejo um aviso, convidando os amigos e parentes do saudoso Dr. Aurélio Miranda para **assistirem** à missa de trigésimo dia, celebrada em intenção de sua alma. (AMB-R)
197. Vi em uma Missão construir mais 10 canoas menores para varies serviços da mesma Missão; e não obstante **assistirem-lhes** bons Mestres, e um Branco vigilante, uma rachou de todo, e e perdeu, e nenhuma das nove saio sê grandes buracos, e defeitos. (ENS-T)
198. Acolha-o o Apóstolo São Pedro, a que m Deus confiou as chaves do reino celestial; **assista-lhe** o Apóstolo São Paulo, a quem o Senhor tornou um vaso de eleição (...). (ANP-R)
199. (...) e se não quereis tirar-me a vda, nem livrar-me da sua crueldade, a vossa grandeza me **assista**. (EHB-T)
200. Está bem, vocês querem **assistir** à minha morte, a meu assassinato! Pois assistam! (OSP-D)
201. Nervoso, violento, mal -podia ser reonhecido como um zero por quem não tivesse **assistido** à cena. (ANP-R)
202. Poucas vezes terei **assistido** a debate tão brilhante. (RCV-R)
203. Lembro-me de ter **assistido**, na meninice, a umas “carreiras” de cavalos (...). (TP-T)
204. (...) realçar de modo extraordinário o brilho de uma carreira pública das mais prometedoras, em todos os sentidos, a que o país tem **assistido** ultimamente. (CI-CR)
205. Gostara da partida. Depois foi chamado pelo Doutor Lourival, que estava **assistindo** ao jôgo (...). (AGM-R)
206. Uma galeria de seres petrificados: Carlos **assistindo** calado, dona Leonor **assistindo** calada, Pedro, Camilo, Tomás **assistindo** calados, todos complacentes, inexistentes. (ANP-R)

207. Quando dobrou a esquina, viu um grupo de pessoas **assistindo** a duas mulheres trocando palavrões. (CDE-R)
208. **Assistindo** à chegada de homens e máquinas, os cavalos mudavam pacientes a posição das patas. (CI-R)
209. (...) uma especie de “defunto” **assistindo** á missa de corpo presente. (DOI-R)
210. (...) mas o que não se vê de olhos fechados tem uma existência e uma força, como o escuro, como o escuro, como a ausência, compreendia-se ela **assistindo**, feroz e muda com a cabeça. (LUS-R)
211. (...) e que se concretizava na visão dela própria **assistindo** ao gosto sério de Vicente em andar pelo aposento sabendo que ela estava presente (...). (LUS-R)
212. Sua jovem mulher empregava o ócio matrimonial fazendo visitas, correndo casas de modas, **assistindo** a sessões cinematográficas. (NN-R)
213. Está **assistindo** à toda aquêle passar e repassar de povo. (PAP-R)
214. Mesmo naquele momento, percebendo a noite e seus próprios pensamentos indistintos, ela ainda restava separada deles, sempre um pequeno bloco fechado, **assistindo, assistindo**. (PC-R)
215. (...) naquela espantosa vigília, espreitando a decomposição, **assistindo** o afastamento piorar, vendo aquele que nos foi tudo-amor, filho, pai, mãe, irmão-ir-se tornando a cada instante mais indiferente e longínquo, mais desconhecido, mais intruso e terrível? (THU-R)
216. A cozinheira, que ainda estava na sala, de pé, **assistindo** os preparativos de tão grande ousadia doméstica, acudiu com pressa: (...). (VM-R)
217. Henequin (informa ainda o Mss.) foi queimado pela Inquisição **assistindo** o Rei, em 1741, ao auto da fé”. (EHB-T)
218. **Assistindo-lhe** à capitulação, D. Pedro II levava aos povos do sul a certeza de que o trono não abandonara o país à sorte da guerra (...). (RF-T)
219. (...) é possível que estejamos **assistindo** indiferentemente ao desenrolar de todo esse aviltamento (...). (DPA-O)

## VERBO OBEDECER

1. Aqui devem se trocar naturalmente umas primeiras frases de explicação-se êle der espaço para tanto entre os dois! - porém **obedeço** a várias razões que obrigam-me a não contar a cena do quarto. (AMV-R)
2. O Sr. Carlos Cavalcanti - **Obedeço** a V. Ex. pois que sou escravo da lei. Interromperei mais uma vez as considerações que venho fazendo em defesa do Estado que tenho a honra de representar, tendo estudado o assunto que debatemos (...). (ACD-O)
3. Sérgio acompanha de longe seus gestos de mulher experiente e sensível, **obedece** cegamente ao que lhe ordena. (ANP-R)
4. Isso é autoridade. Eu mando, êle me **obedece**. (OL-R)
5. (...) ela perdeu a sua glória e **obedece** a Satanás.(SER-R)
6. (...) - definição restrita que **obedece** exclusivamente ao - conceito geoclimático e não à noção antro-po-climática (...). (AHC-T)
7. O Cod. Penal, anterior à constituição, seguindo a tradição da Constituição monárquica, **obedece** em sua disciplina ao principio da personalidade da pena, não admite punição de estranhos ao crime ou à contravenção, não conhece penas infamantes. (DES-T)
8. Mas, o ensino profissional, entre nós, sem coerência e sem finalidade, não somente não **obedece** a nenhum “sistema especial de organização”, como se encontra inteiramente isolado no “sistema geral do ensino”. (ESP-T)
9. Esta diminuição, do número de elitrócitos **obedece** a duplo mecanismo: (...). (FIG-T)
10. Sabe-se que a transformação de uma célula estaminal em urna célula adulta **obedece**, de maneira geral, ao seguinte mecanismo. (HA-T)
11. Tod este processo de produção, de um lado, e de destruição, de outro., **obedece** a um determinado ritmo e freqüência na unidade de tempo. (HA-T)
12. (...) quase nada ou mesmo nada fica ao arbítrio do crítico, mas tudo **obedece** lógica e naturalmente a um justo critério bem estabelecido. (HD-T)

13. Dizendo gomitá, **obedece** o nosso povo à mesma fatalidade psíquica revelada na resposta enérgica do miúdo Raminhos. (LM-T)
14. Recebendo-as, **obedece** à mímica dos assistentes, que entoam cânticos guturais: (...). (MAB-T)
15. Gaitas, pandeiros e tambores em cena, o Boi dança **obedece** ao “vaqueiro” montado ou não que anima o folguedo: (...). (MAB-T)
16. Nesta disposição, dolorosa, porque fere só aos de menos recursos, **obedece** o nosso substitutivo a uma necessidade faal em relação a esses (...). (REP-T)
17. (...) como se reconhecesse que tudo **obedece** a leis irredutíveis e lia uma relação ininterrupta de causa a efeito. (VOM-T)
18. (...) porque só reconhece como pessoas jurídicas a União e os Estados; um código em tais condições não **obedece** às exigências do nosso meio jurídico. (ACD-O)
19. Os números vão mostrar que o câmbio entre nós não **obedece**, nunca obedeceu ao meio circulante. (ACD-O)
20. Não **obedece** ao mesmo processo intelectual a aquisição de um conhecimento, num homem e numa criança. (ACD-O)
21. É sabido que a taxa cambial **obedece** à lei geral da oferta e da procura. (ACD-O)
22. (...) Considerando que a investidura nos cargos cujos vencimentos acabam de ser equiparados **obedece** em geral às mesmas exigências de habilitação que nas demais repartições localizadas na Capital Federal (...). (ACD-O)
23. (...) entretanto que a um gesto inerte do polícia inglês **obedece**, como ao aceno mágico de um talismã, no oceano rumoroso de Londres, a população mais livre do globo. (DPA-O)
24. A morte não te **obedece** nem a teu amor de dono. (BT-CR)
25. Todos de olhos fechados! - Mandava Madalena no alto da caramboleira. - Bem fechados! **Obedecemos** - eu, Pinga-Fogo e Emanuel. (OES-R)
26. (...) adestrando os homens no uso igual das duas mãos nas várias funções, **obedecemos** a sábio critério, de prudência e previdência em face à possível inutilização do membro superior direito (...). (THV-T)

27. Qualquer coisa nos impele um para o outro e nunca **obedecemos** o impulso. (PAU-CR)
28. E de súbito o menino imagina que ela é a princesa encantada, aquela a quem os pássaros e os peixes **obedecem**, a que viaja num raio de luar e distribui a primavera sôbre a terra. (ABC-R)
29. **Obedecem** todos a um imperador. (MCU-R)
30. Desceu, insistiu com a mulher para que levasse as filhas para o parque ao lado. - Não **obedecem**. Fazem questão de ver o professor de piano. (THU-R)
31. Não podemos e os Tribunais nos não **obedecem**. (EIN-T)
32. (...) além de certos limites mínimos de concentração nos quais as relações do tempo de coagulação **obedecem** à lei inversa. (HA-T)
33. Essas alterações são freqüentes em determinado processo mórbido, porém, não patogônicas, e **obedecem** a um determinado ritmo que pode ser esquematizado como segue: (...). (HA-T)
34. Todos esses fatos **obedecem** a uma lei histórica e social, pela qual o sentimento de pátria se converte em ação ao impulso de crises (...). (PPH-T)
35. O nobre Deputado está no direito de apresentar requerimentos, mas não tem o direito de apresentá-los e depois negar número para a sua votação, porque estão os seus requerimentos não **obedecem** ao desejo de servir à causa pública. (ACD-O)
36. Não **obedeci**; cheguei-me a ela. (DC-R)
37. Então vamos para diante. Isto me pareceu desarrazoado: exigiam de mim trabalho inútil. Mas **obedeci**. (INF-R)
38. -E depois? -Tire de lá uma caixinha. **Obedeci**. (RCV-R)
39. **Obedeci**, dando a cada letra o som que ela tem na nossa língua. (SC-R)
40. Defronte, quando **obedeci** à francesa, e levantei os olhos, achei parados em mim os de Helena Vaz, a Bageense. (UMO-R)
41. A segunda observação é que, cada vez estou mais convencido de que acertei, isto é, **obedeci** à lei, recusando a emenda do nobre Deputado (...). (ACD-O)

42. Vai saindo com as mão pro alto bem devagarinho!- disse Carlinho Pretinho, apontando o três oitão para o casal, que **obedeceu** sem hesitar. (CDE-R)
43. Tônico **obedeceu**, depressa, aumentando o numero de vasilhas na mesa. (CLS-R)
44. Pádua **obedeceu**; confessou que acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe. (DC-R)
45. O homem **obedeceu** humilhado, foi lá dentro e voltou com um bolo de trapos; e para não fazer outra burrada, primeiro quis saber se aqueles panos podiam ser usados. (HR-R)
46. Me dê a bengala, eu disse! Vasco **obedeceu**. (LSO-R)
47. Cícero **obedeceu** correndo. (NP-R)
48. Menino, vem cá: vai-me procurar Calixto, já, sem demora. O rapaz **obedeceu**. (OSP-R)
49. A convocação do rapaz, a bem dizer um indiferente, seu chamado para participar de empresa tão delicada **obedeceu** a uma razão de coerência: tomara parte na primeira busca, anárquica, mas já com seu sentido. (PRO-R)
50. Traga um mocho. O caixeiro **obedeceu**. (RCV-R)
51. Ver as vacas! O guri **obedeceu** logo, tímido. (TA-R)
52. Heitor desvencilhhou-se do abraço, não **obedeceu** e dirigisse para o corredor. (THU-R)
53. Raul **obedeceu** sem uma palavra, desceu do automóvel fazendo-me uma cortesia. (THU-R)
54. Entre a paz de Westfalia e o encerramento das lutas napoleonicas no Congresso de Viena, a olítica da Europa **obedeceu** a um sistema de combinações dinásticas (...). (BCA-T)
55. A este regime já **obedeceu**, talvez, a nau Bretoa (...). (CH-T)
56. O figurino a que **obedeceu** o seu gênio era da escola francesa. (EHB-T)
57. D. Manuel II, seu sucessor imediato, ainda lhes **obedeceu** aos ditames até a sua morte em 1521. (FHB-T)
58. (...) o general, então, exautorando a própria palavra, **obedeceu** à intimação do ditador. (FHB-T)

59. A formação de seus Termos **obedeceu**, no geral, as regras etimológicas, na maioria possíveis de exame (...). (MAB-T)
60. Em Portugal, com os descobrimentos marítimos, quando **obedeceu** ao que Antônio Sardinha chamou “a atração da lei dos litorais”, evidenciou-se uma terceira causa determinante do desapego à lavoura. (PPH-T)
61. (...) mas a Comissão tem a pretensão de dizer que este projeto é o resultado de um estudo acurado, quotidiano, afanoso, patriótico e que na sua elaboração não teve ela outro intuito, nem **obedeceu** a outros sentimentos que não aos de seu senso jurídico e seu patriotismo. (ACD-O)
62. Os números vão mostrar que o câmbio entre nós não obedece, nunca **obedeceu** ao meio circulante. (ACD-O)
63. Este critério **obedeceu** a altos princípios de sabedoria. (ACD-O)
64. (...) no Brasil, encarou a questão por outra face, e que, pronunciando-se diversamente dos nossos vizinhos, não **obedeceu** a sentimentos menos respeitáveis, nem, ainda, menos americanos. (DPA-O)
65. Os três homens que bebiam cerveja não **obedeceram** de imediato. (CDE-R)
66. As meninas **obedeceram** maquinalmente, sem vontade nenhuma de ir, preocupadas. (CN-R)
67. **Obedeceram**. Então ele fechou a portinhola com um estalido forte, recuou para a calçada acenando adeus e se infiltrou na multidão aglutinada ali. (THU-R)
68. Quanto ao outro grupo de fontes, as captações **obedeceram** o mesmo critério da S. Roque. (AHC-T)
69. Todas as relações diplomáticas com a Bolívia, e o Paraguai, **obedeceram** ao mesmo conceito, assim traduzidas nos acordos de 1867 e de 1872. (FHB-T)
70. Todas as disposições adotadas **obedeceram** a esta intenção e a ela continuaremos a obedecer até o fim. (DPA-O)
71. Era Antônio que não **obedecia** aos mandos da mãe para que fôsse dormir e que ouvia embevecido e febril o tio contar a façanha tremenda (...). (ABC-R)
72. Senhora Sousa Costa ali, ordenava ao inimigo tal serviço, o tigre japonês **obedecia** servilmente. (AVM-R)

73. O pessoal **obedecia**. Dez grãos em cada cova. (CLS-R)
74. Caprichava, esforçava-me, mobilizava toda a minha paciência, e no fim a pena **obedecia** aos meus pobres nervos, e a tinta marcava-me a condenação ao bolo. (DOI-R)
75. E Ana Teresa **obedecia**. (NP-R)
76. A política de coronel não existe nos livros de Montesquieu nem Maquiavel; tinha outros códigos; a outras leis **obedecia**. (RCV-R)
77. Esperava o delegado, procurando devanear, sonhar, analisar-me, mas era em vão: a inteligência não me **obedecia**. (REI-R)
78. E aqui? Vire um Pouquinho. **Obedecia**. (TC-R)
79. Constatamos depois que esse nível **obedecia** a um determinismo natural, de pleno acordo com as leis das pressões hidrostáticas recíprocas. (AHC-T)
80. Completaram harmônicamente a administração, pois tanto como Tomé de Sousa ou Pero Borges, o padre Manuel da Nóbrega **obedecia** ao sentimento coletivo, trabalhava pela unidade da colônia (...). (CH-T)
81. **Obedecia** à necessidade de que as- administrações todas sentiam. (EIN-T)
82. Nesse discurso tem-se também o \* código da moral, a que Nabuco **obedecia** como advogado. (EIN-T)
83. Mesmo em Montevideú, o exército de ocupação ficara partido a meio: metade, portuguesa, **obedecia** a D. Álvaro da Costa e às ordens das Cortes (...). (FHB-T)
84. A ambas essas preocupações **obedecia** o enviar duas missões especiais ao estrangeiro (...). (FHB-T)
85. Apavorado pelos liberais, **obedecia** a seus menores gestos, quanto mais a suas exigências (...). (FHB-T)
86. Em realidade, **obedecia** a dois dos três sentimentos dominantes, ou antes preconceitos. causadores dos piores reveses da diplomacia argentina por aqueles tempos. (FHB-T)
87. Como êle tenha depois facultado a todos a reimpressão das suas obras, devemos crer que esta



88. rara generosidade **obedecia** a um pensamento de interesse pela doutrinação moral dos seus patrícios. (HD-T)
89. Além das diferenças econômicas e das diferenças de cor, o negro falava outra língua, adorava outros deuses, observava outros costumes, **obedecia** a outra organização de família ... (REL-T)
90. S. Ex. disse que a decisão da Mesa não **obedecia** nem à letra do Regimento, nem ao seu espírito. (ACD-O)
91. Esse repórter não tem necessidade, nem interesse, de lançar sobre o humilde deputado o labéu infamante de ser um homem interesseiro, de ser um homem que aqui **obedecia** antes a seus interesses individuais do que aos interesses públicos nacionais. (ACD-O)
92. Como é que o Senado poderá desdizer-se, declarando à Câmara agora que seu voto de então, não era sério, que o seu voto fôra um movimento de ocasião, que o seu voto não **obedecia** a princípios, de moralidade, como se supõe? (DPA-O)
93. Ferido, seguias de longo e tremular dos estandartes, **obedecias** à marcha das retiradas, amavam-te os toques de avançar (...). (TA-R)
94. Papai é quem mandava. **Obedecíamos** e uma única vez, no correr de um jantar, uma voz desrespeitara-o (...). (TC-R)
95. Mas se mandava nos homens e todos **obedeciam**, se viu obrigado a obedecer às abelhas que não se educaram um isto. (CN-R)
96. Ninguém vigiava essa entrada, porque todos **obedeciam** à prática. (FEP-R)
97. Quando queria carnear um boi, carneava. Tinha peões: e os peões lhe **obedeciam**. (LSO-R)
98. Os júris, as eleições, os padres, os juizes **obedeciam** às vontades do usineiro. (US-R)
99. Durante todo o ministério Paraná a Republica Argentina esteve dividida em dois governos : ao da Confederação, com sede em Paraná, sob a presidência de Urquiza, **obedeciam** as treze províncias (...). (EIN-T)

100. As embarcações menores eram de manejo mais fácil, e **obedeciam** melhor ao velame e ao leme (...). (FHB-T)
101. Ao todo, na Inglaterra e País e Gales, em 1878, dois terços da população **obedeciam** ao ensino obrigatório. (REP-T)
102. (...) direção financeira da nossa pátria, emitidas pelo Sr. Dr. Manoel Victoriano, **obedeciam** a outro sentimento que não somente os interesses do seu crédito, do seu presente e do seu futuro financeiro. (ACD-O)
103. Não, não **obedecerei** nunca! (RCV-R)
104. A determinação do montante **obedecerá** às regras gerais da avaliação das causas, despesas feitas (...). (DES-T)
105. (...) em se achando empenhadas na lide as minhas convicções liberais ou os altos interesses do Estado, a minha atitude não **obedecerá** jamais a prevenções de ambição ou comodidade, a prevenções de simpatia ou malquerença, a prevenções de hostilidade ou timidez. (DPA-O)
106. Leal súdito de Sua Majestade, **Obedecerão** todos a sua vontade! (FEP-R)
107. Certamente **obedeceria**, sabendo que aquilo passaria a pertencer à história do mundo que eu criava para ela. (CPT-R)
108. As tropas estavam a uma com o elemento civil. D. Pedro enviou uma mensagem prometendo que **obedeceria** às leis. Foi rasgada pela população enfurecida. (FHB-T)
109. Declarou-se formalmente: não **obedeceriam** a Câmara e o povo de São Paulo a semelhante ordem, considerada ilegal. (SPP-T)
110. Moleza é o que queria dizer, que me deixasse de moleza, que me fizesse homem e **obedecesse** ao que cumpria, em benefício dela e para bem da minha alma. (DC-R)
111. Havia uma ambigüidade estranha no rosto onde o olho amortecido sonhava sempre, uma determinação nos lábios como se ela **obedecesse** à fatalidade de uma alucinação. (LUS-R)
112. (...) quem não **obedecesse** imediatamente à ordem, sofria castigo pronto, a relhadas ou mesmo a 'pranchadas de espada. (FHB-T)

113. (...) história daquele tratado, se poderia admitir que ele **obedecesse** ao intento de engrandecer a Bolívia à nossa custa, consignando a essa nação o território septentrional ao paralelo 100 20 (...). (DPA-O)
114. O fantasma esteve um longo minuto esperando que nos levantássemos e **obedecêssemos**. (INF-R)
115. Sabia que os próprios parceiros lhe tinham medo e era bom que sempre tivessem, para que nunca se metessem a engraçadinhos e sempre lhe **obedecessem**. (CDE-R)
116. Que de futuro todos **obedecessem** com a mais dócil subserviência às ordens do Ministro. (BR-T)
117. Mandava Collaço que, “na dita guerra, se a houvesse, lhe **obedecessem** em tudo o que necessário fosse à guerra, sob pena de vinte cruzados de multa e um ano de degredo no forte de Bertioga”. (SPS-T)
118. Quer a sua independência absoluta, não sabe **obedecer**. (ABP-R)
119. Falava de cabeça baixa, os olhos no chão, os músculos da cara imóveis, a boca entreaberta, a voz branda, provavelmente pelo hábito de **obedecer**. (AN-R)
120. Mas se mandava nos homens e todos obedeciam, se viu obrigado a **obedecer** às abelhas que não se educaram um isto. (CN-R)
121. Sou servo, devo obediência ao meu senhor e aqui estou para **obedecer**. (IM-R)
122. Em vez de pensar ... ou de pensar que pensam, vocês devem é **obedecer**! (LRU-R)
123. Agora você tem de me **obedecer** porque quem lhe mata a fome sou eu! (LSO-R)
124. Precisa fazer como ela quer, **obedecer** em tudo, ser bem boazinha pra ela. (NP-R)
125. E tolamente ele agia, falava, confuso e apressado em **obedecer**-lhe. (PC-R)
126. Obedecia quando era justo **obedecer**, desobedecia se não. (PRI-R)
127. Apesar das circunstancias em que ela se acha nas minhas mãos, refleti, e entendi que devo **obedecer** ao desejo de Carlota. (RCV-R)
128. Posso casar. -Sem vontade, sem gosto, 60 por **obedecer** ? . . . (RCV-R)
129. Sem **obedecer** mais a imposição alguma, os lábios pressionavam a pele de Maura (...). (REN-R)

130. Silveirinha dera-lhe uma ordem qualquer e como o velho se recusasse a **obedecer**, meteu-lhe o braço, derrubando o aleijado. (SJ-R)
131. Tem que **obedecer**, que é que está pensando? (THU-R)
132. (...) a cujo critério se devem subordinar os critérios de natureza política e a cujas exigências deve **obedecer** a estrutura e organização do governo local (...). (AR-T)
133. Dum lado ordens terminantes, às quais tinha que **obedecer** como um cadáver. (BR-T)
134. Os homens reduzidos, então, pelo hábito de obediência ao poder de fato à condição mais perfeita de seres capazes de **obedecer** à força abstrata da regra, deslocam a força das mãos do poder (...). (DC-T)
135. (...) ela fosse determinada por nenhum motivo injurioso, sua determinação parecia **obedecer** mais a ausência de afeição ao marido e a indiferença absolutamente inexplicável para com a filha. (DES-T)
136. Chegou aquele assento a Vila de S. Paul o, e instaram em não **obedecer**, e assim o fizeram os eclesiásticos tudo movido pelo dito Vigário (...). (EHB-T)
137. (...) pronto para mandar à via, e tanto mais ele atende ao casco, e ao fogo tanto mais os circunstantes atendem para ele prontos a **obedecer**-lhe a qualquer voz, nutro ou aceno (...). (ENS-T)
138. Contra essa sua vontade expressa, contra as normais que entendia dever **obedecer**, contra essas suas manifestações decisivas, repelindo a política (...). (ETP-T)
139. Que fazer, senão **obedecer** aos avisos dos que lhe diziam que sua ausência poderia trazer catástrofes sobre o reino? (FHB-T)
140. Eram-lhe atribuídos os termos enérgicos da resposta de São Paulo à consulta do Rio sobre se se deviam **obedecer** às ordens antibrasileiras das Cortes. (FHB-T)
141. Seu primeiro cuidado foi **obedecer** às regras do governo parlamentar, e organizar gabinete com Bernardo, de Vasconcelos como chefe. (FHB-T)
142. (...) existia insuperável impossibilidade para o governo de se fazer **obedecer** pelos fazendeiros, unanimemente hostis a tais medidas. (FHB-T)

143. Na orientação do Império, entretanto, tais decisões tinham de **obedecer** n duas considerações convergentes (...). (FHB-T)
144. A própria paz, em seguida à capitulação incondicional do Recife, teria de **obedecer** aos ditames da colônia muito mais do que às diretivas de Lisboa. (FHB-T)
145. Ainda assim, demorou em adotar tal linha de conduta, e tornou pública sua intenção de **obedecer** às Cortes que lhe exigiam a volta a Portugal. (FHB-T)
146. (...) proibir e refrear as violências de seus sequazes, e **obedecer** à Constituição, e às leis, ou ser deposto. (FHB-T)
147. Desde o início, Executivo e Legislativo entraram em conflito no modo de **obedecer** à Lei Fundamental. (FHB-T)
148. Tudo em ordem a só **obedecer** a palavras oficiais proferidas pelo Rosas, através de uma associação de bandidos, a Sociedad Popular Restauradora, vulgarmente denominada a mazorca. (FHB-T)
149. **Obedecer**, observar ou ceder à política agressiva dos ingleses era trair a Pátria. (FHB-T-)
150. Precisam, da ajuda de todo o corpo para **obedecer** ao cérebro. (HD-T)
151. Depois, atropeladas as massas, já não são os chefes que as arrastam, elas é que levam à frente, obrigando-os a **obedecer**, os seus antigos chefes. (PPH-T)
152. (...) tivera razões líquidas para não servir de porteiro, mas como a Câmara agora o forçava, a isto vinha **obedecer**. (SPP-T)
153. (...) acompanhariam o êxito ou a perda dos esforços praticados para **obedecer** às ordeás de uma vontade clara, de unia ambição definida, de um instinto imperioso. (THV-T)
154. Não pode **obedecer** a um plano nem ser traçado num schema. (VOM-T)
155. (...) sobre estas duas oficinas, que abrem exceção à regra geral, é que se ventilaram dúvidas, conseqüentemente, para **obedecer** ao vencido (...). (ACD-O)
156. É evidente que o requerimento do Sr. Barbosa Lima só pode **obedecer** a dois fins. (ACD-O)

157. A ela também me submeto, senhores, porque sou dócil de temperamento e disciplinado pelo hábito de **obedecer** à lei e de distribuir justiça. (DA-O)
158. Senhores, as convenções nacionais não falam, deliberam atuando, mandam, imperam, fazem-se **obedecer** absolutamente. (DPA-O)
159. (...) não desfalquei a autoridade do princípio por mim estabelecido, admitindo, nesses casos, o arbítrio ao Governo de não **obedecer** aos atos da Justiça. (DPA-O)
160. Se for pela inconstitucionalidade, o Governo terá que **obedecer**, abrindo mão da medida. (DPA-O)
161. Devia o Supremo Tribunal Militar **Obedecer-lhe**? Podia fazê-lo ? Não. (DPA-O)
162. (...) corte internacional de arbitramento são dois problemas de natureza inteiramente diversas, que evidentemente devem **obedecer**, na sua solução, a princípios distintos. (DPA-O)
163. E **obedecer** sem perguntar, e acreditar sem raciocínio. (EPA-CR)
164. E o senhor crê que basta um francês querer para as brasileiras **obedecerem**? (PRI-R)
165. Farei com que compreenda a situação e me **obedeça**. (ANP-R)
166. Terá cânones privativos a que **obedeça**. (PRO-R)
167. (...) já talvez não contraste tanto com o ambiente, se harmonize com outras fisionomias, **obedeça** a uma tonalidade geral e ache a sua atmosfera própria. (PAU-CR)
168. Vá um programa, disse ele; **obedeçamos** ao conselho do mestre. (RCV-R)
169. Se pela constitucionalidade, **obedeçam** os cidadãos, submetendo-se à lei, pelos tribunais declarada constitucional. (DPA-O)
170. (...) chefe sertanejo acostumado a ser **obedecido** pelos homens da sua fazenda e depois comandante acostumado a ser **obedecido** pelos seus soldados, o impedia de aprovar o assassinato de um superior (...). (ABC-R)
171. Pois si você tivesse me **obedecido** casava com uma das minhas filhas e havia de ser sempre moço e bonito. (MCU-R)
172. Essa situação, para um homem habituado a ser sempre aceito, querido, admirado, **obedecido** devia ser insuportável. (SC-R)

173. Precisava, para me considerar nobre, que meus avós tivessem **obedecido** a tôdas as regras da nobreza. (VM-R)
174. (...) o ato do Tribunal criando um emprego, estabelecendo os vencimentos para um empregado, não tem força para ser **obedecido** pelas repartições pagadoras. (DC-T)
175. Minha direção está traçada pela independência dos princípios a que tenho **obedecido**, seguindo a linha indefectível do meu proceder de sempre. (ETP-T)
176. A guerra de Rosas havia **obedecido** ao sentimento, geral e íntimo, de que as agitações platinas tinham de terminar: o Uruguai estava arruinado (...). (FHB-T)
177. Chefes do tempo de Artigas, que haviam **obedecido**, sem se conforma. (FHB-T)
178. Habituar-se principalmente a insistir, **obedecido**, e prevalecer, convencendo. (RF-T)
179. Disse-se, Sr. Presidente, que o voto do Senado tinha **obedecido** a uma coligação entre frações divergentes e discordes no seio desta Casa. (DPA-O)
180. Dirigiu-se para lá com as pernas não **obedecendo** de pronto aos comandos do cérebro. (CDE-R)
181. Foram todos **obedecendo**, se aproximando das escadarias, mas o maior número longe da vista dos três homens, torcia caminho, iam se espalhar pelas outras alamêdas do parque, mais longe. (CN-R)
182. Mas uma tarde, já ao escurecer, como **obedecendo** um comando secreto, todos os cachorros cessaram o que estavam fazendo, farejaram o ar, limpavam os pés e dispararam no rumo da tapera, atropelando gente e se atropelando. (HR-R)
183. E o filho **obedecendo** ao pai. (PB-R)
184. Guiados pelas mesmas leis, **obedecendo** quase a um único critério, todos êles se parecem; e, lido um, estão lidos todos. (REI-R)
185. É perfeitamente justo que as ,empresas de águas fixem especificações para os aparelhos menores de 30 m<sup>3</sup>, **obedecendo** uma das normas, americana ou alemã (...). (AA-T)

186. Não é fácil muitas vezes a localização da estação meteorológica nas estâncias **obedecendo** as indicações constantes das instruções meteorológicas acima referidas. (AHC-T)
187. (...) outras vezes é elaborada pelo próprio poder legislativo ordinário, **obedecendo** a regras especiais, como é o caso, da Constituição Brasileira (...). (DC-T)
188. (...) até nos/casos em que dista muito de considerar-se roto completamente o vínculo, **obedecendo** mais que tudo ao desejo de rompe-lo por outros motivos. (DES-T)
189. (...) o progresso precipitado, não pode haver uma, conservação, que, **obedecendo** ao espírito do tempo e da civilização, admita o progresso justificado pela experiência ? (EIN-T)
190. Do mesmo modo, e **obedecendo** ao mesmo sentimento, revelado em seus trabalhos legislativos, de romper todos os liames com a antiga metrópole (...). (FHB-T)
191. Pena é confessar, para nós brasileiros, que tal situação durou até 1909, quando um novo acordo foi assinado, **obedecendo** ao espírito culto e liberal do professor do Brasil, Nilo Peçanha, e à visão superior e política do Barão do Rio Branco, como secretário de Estado. (FHB-T)
192. Mas Oribe agia como general argentino, **obedecendo** ao ditador da Confederação, e com este. sim, reconhecido pelo governo do Rio legítimo detentor da autoridade no Prata, era normal e lógico entrarmos em negociações. (FHB-T)
193. A anainnese dêstes pacientes, embora **obedecendo** às regras gerais da semiologia (...). (GAC-T)
194. (...) é esta a significação que se deve dar à variação volumétrica dos neutrófilos, **obedecendo** à uniformidade de terminologia. (HA-T)
195. Este índice é estabelecido, segundo estes autores, **obedecendo** às seguintes fórmulas: (...). (HA-T)
196. **Obedecendo** ao que, além do sistema político seguido, de firmar o absolutismo, era a feição própria do seu temperamento dominador (...). (NO-T)



197. Se o homem é doido, então se esclarece que o mundo continua ajuizado, **obedecendo** às suas leis irmanáveis. (VOM-T)
198. (...) gera em meu espírito o mecanismo pelo qual funciona entre nós, **obedecendo** aos preceitos regulamentares, o nosso atual sistema de ensino secundário. (ACD-O)
199. (...) preocupação de manter a integridade do país, a sua unidade ética e política, **obedecendo-se** à uma vista de conjunto que só o Governo da União pode dar-lhe. (ACD-O)
200. Devemos procurar todos os meios de afastar o governo do mercado de câmbio, **obedecendo** à lei básica da Economia Política, da oferta e da procura. (ACD-O)
201. E se o Congresso é bem inspirado, se o Govêrno é bem inspirado, se se trata de um ato do Poder Executivo, **obedecendo** ao alcance dessa declaração (...). (DPA-O)
202. Declaramo-nos até, abertamente, pelo princípio da classificação dos Estados, **obedecendo** à consideração de que, em matéria de presas (...). (DPA-O)
203. **Obedecendo** à m<sup>a</sup>. consciência, sinto desgosta-lo tratando daquilo que talvez não devera. (PAU-CR)

#### VERBO ESQUECER(-SE)

1. Distraio-me, **esqueço** Marina, que algumas ruas apenas separam de mim. (AN-R)
2. Eu é porque não ligo, mas um dia perco a paciência, azedo-me, esqueço família, nome, conveniências o dou ai um estouro. (FF-R)
3. O que me vale é a ausência, com que a **esqueço**. (UMO-R)
4. Não me esqueço da Tese por alguns sustentada, de que as questões constitucionais devem ser decididas pelo Supremo Tribunal Federal ? (ACD-O)
5. Com os olhos fitos nas grandes questões, com o espirito, preocupado, **esqueço-me** da vida ingloria que arrastam esses desprezíveis officiaes-maiores, esses insolentes creados de casa nobre. (PAU-CR)

6. Tu **te esqueces** decerto de que eu também sou uma criatura de carne e nervos. (OL-R)
7. Mas o senhor **se esquece** de que há compensações. (ABD-R)
8. Só p'ra mandar saudades Para quem de mim **s'esquece**. (CGU-R)
9. Você indo, disse ela, **esquece-me** inteiramente. (DC-R)
10. Ele fica olhando para você, olhando, olhando... e **esquece** tudo mais, **esquece** que os outros estão vendo, compreendendo perfeitamente... (LRU-R)
11. (...) vai ver como em pouco tempo engorda esse rosto, **esquece** as maluquices e fica uma boa menina. (PC-R)
12. (...) se vai dizer qualquer cousa da égua “Maracanã”, não **se esquece** nunca de escrever como refôrço ao nome da alimária: “a vitoriosa pensionista do stud São Francisco”. (REI-R)
13. (...) e sua mulher quando fala nêle, não **se esquece** de dizer: “Como Rui Barbosa, o Chico...” ou “Como Machado de Assis, meu marido só bebe água.” (VM-R)
14. Há pequenos factos que ninguém **se esquece** de repetir, atribuindo-lhes mais ou menos francamente um valor de “pièces à conviction”. (ELM-T)
15. Contudo ela não **esquece** o mundo real (...). (TP-T)
16. (...) ultrajada pelo chefe da Nação no epílogo desse drama vergonhoso, **esquece** a Constituição, estraçalha as suas páginas, e ele que deificou a justiça, ele que criou o grande cenário para o Supremo Tribunal Federal (...). (DPA-O)
17. E que todos nos preocupamos com o vulto da escravidão e **esquecemos** os próprios “mestres”, geralmente filhos de Angola ou da Nigéria vindos antes ou depois do 13 de Maio de 1888. (MAB-T)
18. Enquanto adoram o Infante **esquecem** os tormentos e pensam na redenção futura, no premio magnífico que lhes está reservado no céu e, retomando o cajado, lá vão contentes, ao longo da estrada luminosa. (ABP-R)
19. Têm-nos, os cronistas, sempre prontos na memória e não **se esquecem** de colocá-los logo que venham a referir-se a dado e certo cavalo. (REI-R)
20. Sujeito, como está, a amnésias, facilmente lhe **esquecem** os pormenores com que adornou uma sua anterior narração (...). (MA-T)

21. Veja que nem mesmo hoje **esquecem** o nosso amigo Fenelon. (PAU-CR)
22. **Esqueci-me** desta triste figura e sonhei um temo idílio. (AMB-R)
23. Li, na escola primária, uns carapetões interessantes no Gonçalves Dias e no Alencar, mas já **esqueci** quase tudo. (C-R)
24. Perdi-as de vista, **esqueci-as** logo, sacudido pela andadura que me desarrumava as
25. entranhas (...). (INF-R)
26. “Não dou confiança ao azar” - é pedaço duma letra de samba de que **me esqueci** o resto. (OES-R)
27. Aos POUCOS **esqueci-me** dos dias de fome passados a deambular pelas ruas da cidade. (REI-R)
28. Passou o tempo e um dia, já com doze anos, **esqueci** esse espírito cristão e, provocado pelo meu irmão, reagi atracando-me com ele. (SC-R)
29. Não a **esqueci** na firma; não a carreguei dependurada pela alça, por causa das dúvidas. (THU-R)
30. **Esqueci** de enumerar entre os presentes às reuniões o Almirante Wandenkolck, de saudosa memória, que a elas assistia em nome da marinha nacional. (DC-T)
31. E' possível que vos queixeis porque eu insisti, principalmente, no vosso perfil como poeta e **esqueci** um pouco o publicista, o historiador. (DA-O)
32. A valsa bonita que acaba fininho, **esqueceste?** (TC-R)
33. Com o comentário feito, ontem, à margem das extravagâncias de minha inventiva, **esqueceu-me** relatar o fim de Violante, que acaso interessará a alguma romântica leitora. (ABD-R)
34. Castro Alves **esqueceu** todas as suas divergências com o Império para dar à Pátria o melhor de si mesmo. (AMS-R)
35. Um olhar que Branco jamais **esqueceu**. (CAV-R)
36. Armaram a barraca no quintal da casa de Thiago, que **se esqueceu** completamente da namorada. (CDE-R)
37. E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha **esqueceu** o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. (CMC-R)

38. Não, leitor, não **me esqueceu** a idade da nossa amiga, lembra-me como se fôsse hoje. (EJ-R)
39. **Esqueceu** um ... (FMA-R)
40. Ela **esqueceu** os seus mortos. (LSO-R)
41. **Esqueceu** aquele sujeito horrível que vinha todas as semanas com a conta do armazém; **esqueceu** o sofrimento de Fernanda. (LSO-R)
42. E Vasco, avistando o camarada, **esqueceu-se** de que tinha vindo para jogar. (LSO-R)
43. **Esqueceu-me** trazer um elemento para a viuvez definitiva da moça, a própria lembrança do marido. (MA-R)
44. O papai **s'esqueceu**... (OL-R)
45. Temo por Sílvio, que ele não **esqueceu**. (PRO-R)
46. Ele avisou mamãe, que **esqueceu** de me dizer. - Tem graça! (REN-R)
47. Quaresma ficou um instante pensativo, deixando de remover os galhos cortados; em breve, porém, **esqueceu-se** e a preocupação dissipou-se. (TF-R)
48. Não foi casado, **esqueceu-se** disso. (VM-R)
49. (...) o Governo **esqueceu** as tradições de,111e (...) (EIN-T)
50. **Esqueceu-lhe** que o Uruguai precedera o Caramuru de doze anos e que mais do que estes se mostrava estreme de preocupações européias bebidas nas escolas. (HD-T)
51. Parece que o honrado Senador **se esqueceu** mui depressa das suas próprias palavras. (DPA-O)
52. Eduardo Prado **esqueceu** os Factos da Dictadura para ser um dos seus intimos. (PAU-CR)
53. Irás de novo aprendendo o que **esqueceste**, verás. (PRI-R)
54. Mas logo o **esqueceram**, apenas os íntimos e as mulheres às quais dedica sonetos, sabem que êle é alguém. (ABC-R)
55. Eram estradas de ferro, bancos, fábricas, minas, estaleiros, navegação, edificação, exportação, importação, ensaques, empréstimos, tôdas as uniões, todas as regiões, tudo o que êsses nomes comportam e mais o que; **esqueceram**. (EJ-R)

56. Oh! vocês por aqui! Então não **se esqueceram** da velha? (QUI-R)
57. Os representantes das outras tribos, surpresos, debandaram, mas, perseguindo-os, os da tribo do Lobo **esqueceram-se** dos da tribo da Lebre que já haviam prendido e estes fugiram. (MAB-T)
58. Um, escrevia-o, às claras e **esquecia-o** de propósito por todos os compartimentos da casa, para que a família nele saciasse a curiosidade. (ABD-R)
59. E não **esquecia** o desastre que tinham sido esses ambientes sem fé, mesmo olhando-os do ponto de vista dos interesses humanos. (ANP-R)
60. Mãe, que policiava muito seu modo de conversar, já **se esquecia** de que ele era um estranho. (CMC-R)
61. Às vezes **esquecia** a vigilância, autorizava os passeios ao cercado, onde o moleque José e os garotos vadiavam. (INF-R)
62. Chegava a esquecer a expectativa ansiosa em que se encontrava; **esquecia** a transferência; **esquecia** o Secretário. (LSO-R)
63. Notava um arranhão no dedo e atenta à vida tudo **esquecia** assim como pelo sono é esquecido o que se pensou um instante antes de adormecer. (LUS-R)
64. Instantes depois de acabado o exame Pompílio **esquecia** a disciplina. (NN-R)
65. Quando êle vinha, de tudo ela **se esquecia**. (P-R)
66. Entretanto, havia, verificava-o cem vezes ao dia, havia uma providência solícita que velava sobre ele, não **lhe esquecia** os hábitos e até de suas intimidades aprendera o segredo. (SIN-R)
67. O gostinho delas todas: “não tem religião, não tem fé, tinha que tomar um mau caminho!”), afastava logo esses pensamentos, **esquecia-os**, absorvida no meu enlevo. (THU-R)
68. Se se oferecia portador, mandava-os buscar; e, quando, aqui chegavam e ela preparava uma boa moqueca, **esquecia-se** de tudo, até que estava muito longe da sua querida cidade de Tomé de Sousa. (VM-R)
69. Em meio a todo aquele caos, não **se esquecia** o governo da metrópole de medidas que, cedo ou tarde, acabariam por imprimir um impulso decisivo ao país. (PPH-T)

70. Improvisavam-se bailes, folguedos e jogos e durante êles as môças **esqueciam** a seca de que vinham fugindo (...). (ABC-R)
71. Os filhos e noras jamais **esqueciam** a boa mamãe, ora com flores, ora com os doces de que ela mais gostava. (NEG-R)
72. Seus amigos e êmulos não **esqueciam** que ele era filho de outra província (...). (EIN-T)
73. (...) ou vociferavam contra o enganador que as manchara e **esquecera**. (ABP-R)
74. Zé Luís capitulara, **esquecera**, deixando a execução do compromisso assumido para o dia seguinte e para o dia seguinte do dia seguinte. (CAV-R)
75. Ali estava o mesmo rapagão forte da festa, com sorriso indefinido nos lábios, tal como naquela noite e com sua voz mansa e pausada de que não **se esquecera**. (CLS-R)
76. Creu que o marido **esquecera** a data e ficou triste. (EJ-R)
77. Começava a reconhecer aquele perfume, a razão por que lhe trazia a imagem de um Pedro tão antigo, que a sua memória já quase **esquecera**. (JUB-R)
78. (...) torceu o comutador, a luz jorrou com intensidade sobre os olhos amortecidos pela escuridão, ela se surpreendia porque **esquecera** a mudança da lâmpada. (LUS-R)
79. Nunca **se esquecera** dêle, amara-o sem egoísmo, fôra fiel até o fim. (OL-R)
80. A mulher, que **esquecera** a saboeira na mão, vendo-o pentear-se, coloca igualmente em cima da mesa a saboeira com o sabão, e vai em direção ao pequeno fogão de ferro. (RA-R)
81. **Esquecera-me** de avisar que ia para São José dos Campos. (THU-R)
82. Essa, que não **esquecera** o famoso banquete, nem a cena da iniciação, agora, perto dos Inquisidores e à vista dos autos da fé, vivia no permanente susto de qualquer revelação. (NO-T)
83. Jamais **esquecerei**: uma branca e fina mão. (AMB-R)
84. O espetáculo que se me revelou então, nunca, oh ! nunca mais o **esquecerei!** (RCV-R)
85. Se porém o negócio sair, não **me esquecerei** de remeter os cobres. (PAU-CR)

86. Mas terás a tua profissão, a tua arte, e **esquecerás**. (AMS-R)
87. Certas frases amargas dos tios, o olhar fixo de Vera, ferino e desesperado, os dentes cerrados e as duas mãos nervosamente crispadas de Leopoldo Vilar, o tremor de sua avó, Sérgio jamais os **esquecerá**. (ANP-R)
88. Sim, mas quando um do grupo dos amigos de'' escuta falar na estátua ou mais raramente no morto, jamais não **se esquecerá** de sentir (e às vezes proclamar) que foi êle, Êle, quem ajudou a erguer... a memória do morto? (FCA-CR)
89. Os estudantes não **esquecerão** mais êsse jovem de cabeleira negra e poderosa voz. (ABC-R)
90. Quis responder, quis dizer à comadre que Joca tinha coração, que não **se esqueceria** de sua gente. (AGM-R)
91. Tinha a esperança de que com o passar do tempo o policial militar **se esqueceria** dele. (CDE-R)
92. Certa serenidade indiferente e opaca deixava-lhe fáceis os movimentos e o resto do dia simples - ela **esqueceria**, Virgínia, ela **esqueceria**. (LUS-R)
93. O que jamais **se esqueceria** pois nem principiou a ser lembrado. (BT-CR)
94. Ao mesmo tempo, descuraríamos e **nos esqueceríamos** do movimento, que é da essência do Cinema. (CC-T)
95. Mas estes não realizariam a encomenda razoavelmente diriam coisas do ofício deles **esqueceriam** outras (...). (VIA-R)
96. Que a não **esquecesse** nas suas orações, para que a sua alma não chegasse a penar como penavam as da tela sinistra. (ABP-R)
97. E Sarita recorrendoulhe: “Não **se esquecesse** de mandar Inocência, muito cedo, levar-lhe os vestidos, porque não havia de passear com aquela roupa.” (IF-R)
98. Eu tinha má memória, nem me lembrava por que a chamara debruta. Mas não tão má que a **esquecesse**. (PC-R)
99. Era como se **esquecêssemos** que, dentro delas, havia muita angústia, muito tormento, muita paixão e ódio. (NN-R)
100. Se ao menos eles **esquecessem** a sua presença... (CLA-R)

101. O discurso do nobre Deputado por Minas, defendendo o projeto, esqueceu-o e fez, com o encanto da sua palavra, que os seus colegas também **esquecessem** o assunto do debate. (ACD-O)
102. E é preciso não **esquecer** que nesse mesmo poema Castro Alves Se refere exatamente a. estas vinganças nos chamados casos de honra. (ABC-R)
103. É admirável esse otimismo que a faz **esquecer** se da longa série de crises e melhoras, experimentadas pela pobre irmã (...). (AMB-R)
104. (...) não convém **esquecer** que, nos últimos tempos, um outro fator veio agir poderosamente, não cessando de aumentar em importância desde então. (ANP-R)
105. Ainda havia uma 'coisa essencial ~e padre Luís não a podia **esquecer** nem por um momento: aquilo representava o fracasso das suas últimas esperanças, mais um daqueles recentes insucessos que tanto o vinham desnorteando... (ANP-R)
106. Que significava, para ele, “**esquecer**? (CAV-R)
107. O sono faz a gente **esquecer**... (CCR-R)
108. Aparecem então as ambições políticas-é outro jogo, porque Balduino, apesar de retirado, não póde **esquecer**, por gratidão, o seu início. (CFE-R)
109. Ela pensava que o velho Pombo ia **esquecer**... (CLA-R)
110. Eles procurariam o território neutro e comum do passado-e Segredo, de muitas maneiras, podia ser a coisa mais neutra e comum do passado que cada um, a seu modo, tentava **esquecer**. (CPT-R)
111. Desejava **esquecer**, não podia **esquecer**. (C-R)
112. Tudo isto me fazia **esquecer** a dura realidade do colégio do Seu Maciel. (DOI-R)
113. Tu só vai ter é que entrar lá, ficar por ali e ir aproveitando pra ir despejando cadinho ali, cadinho aqui, sem **esquecer** vasilhame nenhum de água de beber. (FEP-R)
114. O maravilhamento em que ficou fêz-lhe **esquecer** a dor imensa que o excruciava. (IM-R)
115. Por momentos, parecia **esquecer-se** de tudo. (JUB-R)
116. Procurara **esquecer**, fixar o espirito em outra coisa. (LRU-R)
117. Esforçava-se por dormir, por **esquecer**. (LSO-R)



118. E os dois não falaram mais nisso, procuraram **esquecer** e esqueceram para sempre sem sinal. (LUS-R)
119. Mas nunca poderia **esquecer** essa mulher encontrada num ônibus - uma verdadeira senhora, Esmeralda - quase a coisa mais forte da cidade. (LUS-R)
120. Isso mesmo, Dona Carmo disse que, se não foi uma noite cheia, foi só por Ihe faltarmos o doutor Tristão e eu, mas que, ainda assim, o senhor teve o dom de nos fazer **esquecer**. (MA-R)
121. A curiosidade me fez **esquecer** o negocio do João Coruja. (NEG-R)
122. Ela avançou a cabeça, olhou-o bem nos olhos e Ihe disse com uma expressão que êle nunca mais havia de **esquecer**. (OL-R)
123. Tem muitas coisas a **esquecer** - dentro do sono... (PAP-R)
124. Seria melhor **se esquecer** porque êle vinha sofrendo com as recordações. (PB-R)
125. Não **esquecer** de copiar as charadas que D. Antônia me pediu. (RCV-R)
126. De ordinário, o o estudo é também um recurso para os que têm alguma coisa que **esquecer** na vida. (RCV-R)
127. Todos os recursos de que a Religião dispunha para fazer **esquecer** ou para anular, ele os utilizara. (REN-R)
128. Essa piedade pelos brutos fazia mesmo **esquecer**, momentaneamente, o ódio aos homens. (SIN-R)
129. Lucas chegou a **esquecer** os cabelos de oiro da jovem ao seu lado. (SV-R)
130. Mas, Deus do céu, ela não via, papai não via, ninguém via, que o único desejo do meu coração era derrancar hábitos, **esquecer** a escravidão do sino, das rezas, da cama feita? (THU-R)
131. Era melhor **esquecer** o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira Seu Tomás tinha uma cama de verdade (...). (VS-R)
132. Não **esquecer** que no Rio Grande do Sul, ligado desde muito a S. Paulo pela estrada de Lages, a palavra baiano tem ainda hoje significação semelhante à de emboaba. (CAB-T)
133. Quer o governo um partido, mas um partido moralizado, que mantenha as idéias conservadoras e de progresso ... quer o governo **esquecer** os ódios e

- animosidades; políticas, estender, ampliar e regenerar o partido conservador, mas não substitui]-o. (EIN-T)
134. É preciso não **esquecer** que quando este chegou da Europa, em 1921, falando em “subjetivismo dinâmico” (...). (EP-T)
135. Porém é necessário não **esquecer** que este mecanismo facilita muito as trocas, principalmente devido às diferenças de pressão de 02 entre o sangue e os tecidos. (HA-T)
136. (...) especiais da náutica, da música, da gravura, da cirurgia, da artelharria, da tipografia, da técnica ferro-viária, da engenharia e dê outras mais - sem **esquecer** o calão. (LM-T)
137. (...) a atitude de uma meditação conscienciosa ou de uma trabalhosa investigação, para não **esquecer** nada da verdade ou para não acrescentar nada à realidade (...). (MA-T)
138. Não se deve **esquecer** que muitas vezes um estreitamento do campo visual tem uma origem traumática. (SI-T)
139. Em verdade convém não **esquecer** que, segundo o texto original de Chauffard, o rechaço hepático só se obtém com figados aumentados de, volume ou deslocados (...). (SM-T)
140. Credo, meu Deus, que homem pru mode **se esquecer** das cousas que se passou ! (TES-T)
141. Mas é preciso não **esquecer** que, em alguns casos, trata-se de corticopleurite de natureza bacilar (bacilo de Koch). (TPM-T)
142. É preciso não **esquecer** que as gastrites crônicas precedem, com muita freqüência, o aparecimento da úlcera gástrica ou duodenal (...). (TPM-T)
143. Por outra: podem e devem ser encaradas assim, mas sob a condição de não **se esquecer** o caráter incompleta e provisório da aquisição. (TP-T)
144. (...) o poeta moderno quer **esquecer** \* fazer **esquecer** nos seus versos a vida que ele e \* humanidade. estão vivendo hoje. (VOM-T)
145. Foi ao meu lado que V. Exmo. fez as suas primeiras armas na melhor solidariedade, e não posso **esquecer** a consideração que lhe devo. (ACD-O)

146. Entretanto, Sr. Presidente, eu não me furtarei a discutir o trabalho do ilustre professor, que tem para mim uma grande qualidade: a de ser urbano, a de não **esquecer** a cortesia, a de sentir que a primeira condição para que um trabalho intelectual possa ser objeto de debate (...). (DPA-O)
147. Porque não devemos **esquecer** a Bíblia e aquela grave definição que decretou às gerações por todos os séculos ser a mulher um: vas odorum... (CRE-CR)
148. A Província do Ceará não o há de **esquecer** quando for chamada a eleger nova deputação. (PAU-CR)
149. Arranjas dez mil desculpas P'ra **te esqueceres** de mim... (CGU-R)
150. Se **vos esquecerdes** que sois gregos e latinos, tereis conseguido abalar a própria estrutura do vosso ser. (DIE-R)
151. Angariando a boa vontade do vice-rei de então, Marquês do Lavradio, fundou, com outros doutos que aqui encontrou, uma sociedade científica, cujo objeto principal “era não **esquecerem** os seus sócios as matérias que em outros países haviam aprendido, antes pelo contrário adiantar os seus conhecimentos”. (HD-T)
152. Faz com que êle **esqueça** a morte do pai, o boicote de que era vítima nos meios literários da cidade, a inveja dos poetas conterrâneos, a tristeza de viver sózinho, sem um amor (...). (ABC-R)
153. Nao **se esqueça** de que eu sou louco por peru com farofa. (CLA-R)
154. Não **esqueça** o seu velho Pádua, e, se tem algum trapinho que me deixe em lembrança, um caderno latino, qualquer cousa, um botão de colete, cousa que já lhe não preste para nada. (DC-R)
155. Não me **esqueça** o conselho, “seu” Lulu. (MB-R) = NÃO ESQUEÇA
156. Não **se esqueça** disto, e fale com meu pai André para que fiquem todos juntos. (OSP-R)
157. Tomé... não **se esqueça**. de pôr mercúrio na bicheira da “Caraúna”. (SIN-R)
158. Não **esqueça** no rol, uma, mais modesta, mas cuja história é a do sentimento feminino, heróico e fraco a um tempo. (UMO-R)

159. (...) é curioso que **se esqueça** a própria determinação regimental que proíbe que o Deputado não possa votar todas as vezes que se tratar de assunto de interesse pessoal (...). (ACD-O)
160. Compreenda e **esqueça** . (PAU-CR)
161. Não **te esqueças** que Eugênia Câmara te es- ra... (AMS-R)
162. Não **te esqueças** de enviar ao José Gonçalves a carta, q. para ele te remeti. (PAU-CR)
163. Não **esqueçamos** também o perdigueiro. (AMV-R)
164. E' preciso que não **nos esqueçamos** de que as zonas sensíveis à pressão na parede abdominal aparecem e desaparecem (...). (GAC-T)
165. Não **nos esqueçamos**, pois, que num antigo sífilítico toda dispepsia rebelde aos regimes e aos tratamentos habituais, toda dispepsia tenaz, deve lembrar a hipótese da forma dispéptica da sífilis do estômago. (TPM-T)
166. Não **vos esqueçais** que estava sentada, de costas para mim. (DC-R)
167. Não **se esqueçam** do Buraco Vão no Buraco ficando ! (CGU-R)
168. Mas não **se esqueçam** que clinicamente muito varia de doente para doente. (SM-T)
169. Havia-me **esquecido** de contar o que o Dr. Carlos de Azevedo me disse, em sua casa, esclarecendo um ponto para mim obscuro na história da velha família. (ABD-R)
170. Teria **esquecido**? (ANP-R)
171. Diante dele. agora, **esquecido** de tudo mais que não fosse o seu caráter de sacerdote, sentia-se contrafeito, culpado, merecendo a censura de todos. (ANP-R)
172. Tudo fica **esquecido**, o jardim, o jardineiro, a rapariga feia que foi levar migalhas aos coelhos, os telhados da Floresta, o rio, as montanhas, o céu, tudo, até mesmo Katie. (CCR-R)
173. Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente **esquecido** que vivia em Portugal. (CMC-R)
174. Poderiam ter-se **esquecido**. (DOI-R)
175. Porque Jorge havia **esquecido** a sua casa - as pequenas, trêfegas, saíram. (IF-R)

176. Nada que continuasse, de leve ou de longe que fosse, o céu aberto da fazenda, essa atmosfera de sonho maravilhoso em que queria pode ficar mergulhado, **esquecido**, o resto dos meus dias. (LRU-R)
177. (...) tudo desde o início longínquo e desaparecido, um **esquecido** que não se podia precisar e que se repetia subitamente, de novo se perdendo. (LUS-R)
178. Contudo, esperava firmar-se e não havia **esquecido** de sua promessa a Bogóloff. (NN-R)
179. Não era bom ter sido **esquecido**. (PAP-R)
180. Ora - procurou ele rir depois de um instante - , afinal eu quase tinha **esquecido** de que falava com uma menininha... (PC-R)
181. Sofrerão muito se te mostrares **esquecido**. (PRI-R)
182. Venha cá, venha cá, disse ele; cuidei que já nos tinha **esquecido**. (RCV-R)
183. Cheia de prudência, não se tendo **esquecido** das lições anteriores, Maura deteve os excessos do seu ardor para perguntar: (...). (REN-R)
184. Sim, andei às voltas também com um excelente ficcionista, hoje injustamente **esquecido**, Maurice Baring, autor, entre outros romances, de Daphne Adeane. (SC-R)
185. Comido o sal, troteou para o córrego, bebeu tempo **esquecido**, saiu da água e deitou-se a uma sombra de ipê. (SF-R)
186. Ricardo apreciava pouco aquelas formas inferiores de vida, mas Quaresma ficava minutos **esquecido** a contemplá-las numa demorada interrogação muda. (TF-R)
187. Raul preparou a pose, fez-me sentar na cadeira alta, gastou um tempo **esquecido** me estudando o rosto, de frente, de perfil, de três quartos. (THU-R)
188. É capaz de Fabiano ter-se **esquecido** da vaca laranja. (VS-R)
189. (...) volume historiamos não encontramos escritor tão ricamente dotado do poder de intuspecção e do de expressão como este **esquecido** paulista, que é decerto das mais valiosas contribuições do Brasil Colonial para o cabedal literário da Metrópole. (EHB-T)

190. Da classe, 75 % se ofereceram para o trabalho executivo; cada grupo de dois, o mapa da cidade, foi inspecionar um bairro e, de tal modo, que nem um curral ou campo foi **esquecido**, mesmo o parque da cidade. (ESP-T)
191. Nos princípios do mundo havia uma velha muito velha que até parecia haver a, morte **se esquecido** dela. (MAB-T)
192. Estou certo de que o Caxias não lia de ter **esquecido** Lopes. . . (RF-T)
193. V. Ex. sabe, Sr. Presidente, que após a descoberta do Brasil permaneceu este, durante alguns anos, **esquecido** de seus descobridores, até que em 1532 D. João III resolveu colonizá-lo (...). (ACD-O)
194. Hoje tudo está, não **esquecido**, mas perdoado, e a antiga Dissidência faz um só todo com a antiga fração áulica do partido. (CI-CR)
195. Tudo isso vai ser **esquecido** - mas guarde na tua consciência que foi assim. (PAU-CR)
196. **Esquecendo-me** das inclinações filológicas de Carlota, achei bom o pretexto e falei-lhe ao jantar: (...). (ABD-R)
197. (...) (pude notar que, se está abalado em sua sensibilidade, se exprime na língua natal, **esquecendo-se** da nossa, que fala mal, mas sempre fala para ser entendido). (AMB-R)
198. Heitor entrou então no campo e se entregou ao jogo com afinco, **esquecendo** qualquer outra preocupação. (ANP-R)
199. Correram pelos labirintos do casarão, passaram por diversas salas numa corrida normal, **esquecendo-se** de que poderiam atravessar paredes e voar. (CDE-R)
200. (...) o exemplo do comandante é tudo na guerra e mestre Borges Lustosa, **esquecendo** penico e chanfallo, foi à cozinha, deserta mas com lenha queimando no fogão, apanhou uma acha flamejante e marchou para os falconetes com os dentes rangendo e os bigodes eriçados. (FEP-R)
201. Vestindo-se lenta, **esquecendo** peças de roupa, temendo qualquer rumor, padecia muito. (IN-R)
202. (...) ele morreria mesmo ignorando o que sucedera mas talvez não **esquecendo**... (LUS-R)

203. Com ele distraiu-se um instante, **esquecendo** a raiva. (PC-R)
204. E, cheio de raiva, defendia o Vigário, exaltando-lhe as virtudes e **esquecendo** o resto de propósito. (SB-R)
205. (...) poderá V. Maj. dar os últimos Remédios, mas nunca **esquecendo** os já pedidos incontinentemente. (BR-T)
206. (...) um Castro Alves, tomando todas as liberdades, preferindo violentamente umas tantas obras, **esquecendo** outras, traindo, fazendo as pazes. (EP-T)
207. Não **esquecendo** que isto é apenas uma anedota sugestiva, o que o general deveria ter feito era verificar a freqüência dos vários tamanhos e sobretudo a freqüência Máxima ou a “moda”. (THV-T)
208. O Sr. Barbosa Lima - V. Ex. está **esquecendo** os 30 e tanto mil contos da Avenida. (ACD-O)
209. Claro que o mal aconselhado, se tivesse saído bem sucedido, não diria nada, **esquecendo** completamente o autor do conselho. (CRE-CR)

#### VERBO LEMBRAR(-SE)

1. **Lembro** me de que, certa vez, corrigiu um dos nossos empregados. (AMB-R)
2. Ainda agora **me lembro** Do tempo em que eu namorava. (CGU-R)
3. E aqui para nós: eu **me lembro** da minha última encarnação. (C-R)
4. **Lembro-me**, já te disse, - afirmou enfezado. (IF-R)
5. E **me lembro** ainda muito bem da força irresistível com que a tristeza caia então na sala (...). (LRU-R)
6. **Lembro-me** de uma vâca malhada que morreu por uma malvadeza do meu primo Silvino. (ME-R)
7. **Lembro-me** que o portão era de ferro (...). (OES-R)
8. Eu **me lembro** de mim sozinho (Aqui fazia esforços de rugas para lembrar). (PRI-R)

9. **Lembro-me** que em um dos últimos carnavais a que assisti, às oito e meia da noite, vi duas moças afastarem-se um pouco (...). (REI-R)
10. **Lembro-me** duma “carga de baionetas” que, meio a contragosto, tive de comandar, de espada de pau em punho, um vago frio na boca do estômago. (SC-R)
11. Hoje em dia, sempre que vejo no cinema a cara do ator Richard Baseheart, **lembro-me** da do “alemão” Kruei. (SC-R)
12. **Lembro-me** de que naquela hora de despedida procurei não julgar meu pai, mas simplesmente
13. amá-lo, tentar compreendê-lo (...). (SC-R)
14. Em geral, os leigos são simplistas - e incrédulos. **Lembro-me**, por isso, oferecer-lhes aqui uma explicação mais simples (...). (AAR-T)
15. (...) e **lembro-me** de ter admirado na Galleria degli Uffizi, em Florença, um quadro de Salvator Rosa - A mentira (...). (MA-T)
16. A este respeito, **lembro-me** de um caso histórico, :que chegou ao meu conhecimento por ocasião do primeiro centenário do nascimento de M.” de Sevigné, quando foi publicada a sua célebre correspondência. (VE-T)
17. **Lembro** ao nobre Deputado que a hora está dada. (ACD-O)
18. **Lembro-me** a única vez que a vi, numa livraria com o conde Proso e Graça Aranha. (CRE-CR)
19. Não **me lembro** de nada. (PAU-CR)
20. Mas não te **lembras** das palavras do gênio e do documento terrível que assinaste ? (ACC-R)
21. Choraste naquela noite do concêrto como uma criança com mêdo do bicho-papão, **lembras-te?** (RD-R)
22. **Lembra-me**, agora, a vaga história de um médico do sul de Minas, que a conheceu em Belo Horizonte, quando ela concluía o curso no Colégio Cassão, e a seguiu até Diamantina, para pedi-la em casamento. (ABD-R)
23. **Lembra** me que, informado da morte de um compadre, não encontrou outras palavras, senão estas, para exprimir à viúva sua grande dor (...). (AMB-R)



24. Clarimundo não **se lembra** muito bem. (CCR-R)
25. **Lembra** daquele motel que tu deu pra gente? (CDE-R)
26. **Lembra-se** dum cartaz que viu certa vez na rua: uma preta vestida de vermelho que anunciava uma marca de chocolate. (CLA-R)
27. **Lembra-me**; disse que o teatro era uma escola de costumes. (DC-R)
28. Não **se lembra** que o senhor foi lá vê-la? (DC-R)
29. Esta cidade, em dias de festa, **lembra-me** a casa do Vicira em noites de víspera, com a lâmpada belga, a caixa de musica o aqueles infamérrimos biscoitos do padaria que tresandam à barata. (FF-R)
30. Não sei se **se lembra**... No caminho que vem para cá... Logo na saída... Uma enfiada de cidadezinhas ... (LOC-R)
31. Diz muitas coisas longas, **lembra** os tempos de infância e de estudo, e no fim insinua-lhe que venha contar-lhe as viagens. (MA-R)
32. **Lembra-se?** - Ah! o dia em que o senhor passou pela fazenda? (NT-R)
33. **Lembra** para o caso os jardins de Mecenas, situados em plena área da investigação, como de propósito. (PRO-R)
34. Naziazeno não **se lembra** de ter visto aquela cara. -Rábula-você disse? (RA-R)
35. Naquele dia, você **se lembra**, no Liceu todos soube do que houve. (REN-R)
36. Você **se lembra**, Fernando? (TC-R)
37. (...) e, quando lá voltamos, o homem já nem **se lembra** do que lhe dissemos a primeira vez. (TN-R)
38. Você **se lembra** da noite que passei em sua fazenda com Eurico? (OSP-D)
39. Para isso, Nabuco **lembra-se** da reunião dos senadores, formando o Centro liberal. (EIN-T)
40. Não vos **lembra** mesmo outra teria que lhe tenha desviado a atenção solicitada pelos ideais educativos, como por uni imã a cuja força de atração não lhe fosse possível escapar. (ESP-T)
41. **Lembra** o efeito excessivo e estúpido da dinamite política ou social, quando, a pretexto de castigar o tirano, se trucidam afinal pobres mulheres que passam lia

rua com os filhos ao colo e pobres crianças inocentes das culpas dos homens.  
(LM-T)

42. A mistura desprenderá cheiro de éter butírico, que **lembra** o ananás. (SM-T)
43. Este catarro, de uma cor que **lembra** a cor das pérolas, apresenta-se sob a forma de glóbulos não muito volumosos. (TPM-T)
44. Não são de hoje as apreensões do orador, que **lembra** ter apresentado em 1896 um projeto reorganizando o exército. (ACD-O)
45. Já, ninguém **se lembra** mais da mensagem inaugural de Abraham Lincoln, a 4 de março de 1861, em que o malgrado presidente assim se expressava. (ACD-O)
46. Ao ouvir o grilo de olhos fechados, a gente **lembra** os campos sob o luar, as moitas molhadas de lágrimas de gozo da noite, a curva das estradas desertas. (CRE-CR)
47. São falsas como pratas de chumbo, e só entram na circulação porque metade dos indivíduos não **se lembra** de lhes fazer o exame comparativo dos cunhos (...). (PAU-CR)
48. **Lembramos** neste congresso a necessidade de se reforçar a sugestão referida pelo preclaro hidrologista, que representa, indubitavelmente, o pivot do problema hidro-mineral brasileiro (...). (AHC-T)
49. Há episódios que evidentemente **lembram** outros episódios de amor infeliz de Pórcia. (ABC-R)
50. **Lembram-se** de que deixei a mesa aborrecido com D. Glória. (SB-R)
51. (...) que instruem a criança sobre as suas relações com o meio ambiente, eis o que **lembram** as letras “b” e “c” do quesito. formulado. (ESP-T)
52. Outros, alourados, fortes, de olhos azuis, **lembram** os holandeses. (TES-T)
53. São acusações que **lembram** aquela leviandade, à que Anatole France, avec laquelle les gens sérieux parlent des choses graves. (PAU-CR)
54. Por que não **me lembrei** de Carlota, que seria mais eficiente? (ABD-R)
55. **Lembrei-me** do meu despeito, de palavras duras jogadas a D. Adélia meses antes (...). (AN-R)

56. **Lembrei-me** dos serões ali decorridos, recentes, mas que, em virtude das perturbações que eu experimentava desde a véspera, se tornavam remotos e me davam saudade. (C-R)
57. E eu **lembrei-me** da morta, evoquei-a e senti-a comigo, senti-a e, alucinado ... (IF-R)
58. **Me lembrei** duma coisa-diz Duque depois: -O Alcides tem um penhor, um anel. . (RA-R)
59. **Lembrei-me** de que os homens diante dele ficavam sempre numa atitude de respeito. (SC-R)
60. **Lembrei-me** que êles tinham vindo do Brasil todo, de todos os seus pontos, a brigar, a roubar os seus parentes, as suas mulheres e os governos (...). (VM-R)
61. A respeito do sr. general que protestou por Menotti del Picchia ter abusado do nome dêle num romance, **lembrei** de tirar dos meus guardados esta carta que encontrei numa revista alemã (...). (FCA-CR)
62. **Lembraste** das anquinhas? (NEG-R)
63. Supôs que a reunião da noite, que seria mais ruidosa, pudesse não me agradar - explicou - e por isso **lembrou-se** do chá. (ABD-R)
64. **Lembrou-se** dos seus tempos de praça. (AGM-R)
65. (...) como se Armando o estivesse entendendo e seguindo, todas as invocações de que **se lembrou** no momento. (ANP-R)
66. Mais tarde arrependeu-se, como disse a Teotoninho Sabiá, **lembrou-se** de que o velho nunca havia importunado ninguém. (AN-R)
67. **Lembrou-se**, ainda, daquela vez que fora apanhar bambu para a festa junina do seu prédio e tivera que sair voado porque o caseiro do sítio soltara os cachorros em cima da meninada. (CDE-R)
68. **Lembrou**, antes de matar o irmão de seu agressor, ter jurado vingança na hora em que apanhara. (CDE-R)
69. -Agora chegou a vez da porteira... não e, capitão? **lembrou** Miguel, que não se esquecera da velha rusga e ainda tinha o desafio atravessado na garganta. (CLS-R)

70. Ela **lembrou-se** da família Cerqueira Costa, da qual vovó sempre fala. (CLS-R)
71. Então o vigia **lembrou** que o japonês da outra margem tinha cachaça a venda. (CN-R)
72. A causa foi uma carta de Paulo, escrita ao irmão, e que êste **se lembrou** de mostrar a Flora, dizendo-lhe que também a mostrara a mãe, e a mãe se zangara muito. (EJ-R)
73. Então D. Joaquina, a quem recorri, e **me lembrou** isso tudo, ofereceu-**me** para lhe dar a sua jandaia... (FMA-R)
74. **Lembrou-se** do conselho de Alípio, mas uma coisa dizia que aquele negro podia prestar um serviço àquela hora. (FM-R)
75. Cesário **lembrou** a carrocinha da chácara para o grosso do fardel: as garrafas iriam acamadas em barça de folhagem, os pratos em angarilhas de capim. (IF-R)
76. **Lembrou-se** de correr pelo mato no encalço do mateiro, intimá-lo de arma ao peito a dizer-lhe tudo que sabia, mas perdera-o de vista no intricado do arvoredado. (IM-R)
77. **Lembrou-se**, de súbito, da manhã em que o encontrara pela primeira vez. (JUB-R)
78. Subitamente porem, **lembrou-se**: o Torre, ia com seu pai. (LRU-R)
79. Mas eu não estou acusando ninguém! - **lembrou** Elsa com aborrecimento. (LRU-R)
80. **Lembrou-se** do dia em que chegara a casa molhado e bebera cachaça com medo de apanhar uma pneumonia.... (LSO-R)
81. **Lembrou-se** duma longínqua tarde de primavera e duma menina de quatorze anos que brincava descalça debaixo dos pessegueiros floridos. (LSO-R)
82. **Lembrou-se** da sua noite de pavor em Jacarecanga e sentiu-**se** outra vez sufocado. (LSO-R)
83. Antes de sair, com a mão no trinco da porta, aquela empertigada e cuidadosa sensação do pó-de-arroz e da fragilidade de sua aparência, **lembrou-se** e com lenta frieza pegou numa tesoura, cortou o talo de três flores, das flores duras e

- opacas, prendeu-as ao decote do vestido, lá onde viviam seus seios grandes e seu coração, velados. (LUS-R)
84. Então **lembrou-se**: costumava atravessar o corredor em trevas sentindo o tapete nos pés descalços, o pescoço endurecido de medo... (LUS-R)
85. Cada um **se lembrou** do que havia gasto, e sem proveito. (MB-R)
86. Precisamos mudar isto, **lembrou** o moço, de volta dum passeio a S. Paulo. (NEG-R)
87. Voltando de novo ao Largo, **lembrou-se** de visitar mestre Flores, lá no alto, ao lado da igreja. (NT-R)
88. E **lembrou-se** dum filme de Charlie Chaplin. (OL-R)
89. Nossa Padroeira... quem foi que já **se lembrou** este mês de ir se emendar a Ela?! (OSP-R)
90. **Lembrou-se**: sou a onda leve que não tem outro campo senão o mar, me debato, deslizo, vôo, rindo, dando, dormindo, mas ai de mim, sempre em mim, sempre em mim. (PC-R)
91. Depois, lentamente, **lembrou**: - E o Tauape, comadre? (QUI-R)
92. Estava tão contente com o jantar que levava e o espanto da mulher, que nem **se lembrou** de presentear Joaquina com alguma jóia. (RCV-R)
93. **Lembrou-se** então de que na beira do rio havia um refúgio digno dela. (RD-R)
94. Maura deu um muxoxo e logo **lembrou**: Nós já conversamos sobre isso, ontem. (REN-R)
95. Foi então que Artur **lembrou-se** do moleque que mandara ao correio, no arraial, buscar correspondência. (SV-R)
96. Discutia sem nexos, querendo mostrar conhecimentos; ao jantar **lembrou** a sua condição de vegetariano. (THU-R)
97. O Dr. Juca **lembrou-se** de Clarinda. (US-R)
98. **Lembrou-se** da marcha penosa que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. (VS-R)

99. Não teria sido esta voz náutica, vinda da mesma raiz de “chegança”, dança pura, que, por etimologia popular **lembrou** chamar de “chegança” às danças dramáticas do mar? (ESMPT)
100. **Lembrou-se** Anchieta de abrir as pústulas variólicas; com a ponta de uma tesoura, lavando-as depois com água muito quente, expediente que deu ótimos resultados. (SPS-T)
101. O nosso amigo senador Azeredo **lembrou** há dias ao Presidente da República que os Estados Unidos da América pagaram à Espanha quatro milhões de libras pelas Filipinas (...). (DPA-O)
102. É um samba carioca da gema, que um dos portugueses dançarinos **se lembrou** de humanizar mais, com o canto. Intromete na melodia da gaila, quadrinhas do mais puro e antidiluviano Portugal. (FCA-CR)
103. **Lembraram-lhe** o tipo de gente com quem sua mãe sempre recomendava não se misturar. (CDE-R)
104. **Lembraram-me** as duas irmãs, de beleza diversa. (UMO-R)
105. (...) e ainda membros do Supremo Tribunal até agora não **se lembraram** de que a minha qualidade de Senador da República me inibisse de advogar. (DPA-O)
106. Bem **me lembrava** de ter lido Gabriela e não Florisbela, mas ao mestre confuso convinha revidar em tom de menoscabo (...). (ABD-R)
107. Muitas vêzes **se lembrava** de Deus, e o identificava com os devotos. (AGM-R)
108. **Lembrava-se** bem: devia a Heitor o que poucos seres humanos já deveram a outro ser humano. (ANP-R)
109. **Lembrava-me** disso e apalpava com desgosto os meus muques reduzidos. (AN-R)
110. Calaram-se, porém Alicate **lebrava** das balas que já haviam passado zunindo em seus ouvidos, das vezes em que quase dançara durante as fugas. (CDE-R)
111. **Lembrava-se** bem da antiga questão entre José Gomes e Joaquim Costa. (CLS-R)
112. E **lebrava-se** das ruias de uma igreja que vira afogada em mato, com arvores enormes dentro a nave, rompendo o telhado com as frondes (...). (CMA-R)

113. **Lembrava-se** agora do restaurante, La Bersagliera, perto do porto, cinco minutos de táxi, bom de peixes e frutos do mar. (CPT-R)
114. Mas hás de crer que, quando corri aos papéis velhos, naquela noite da Glória, também me não **lembrava** já da toada nem do texto? (DC-R)
115. Nos momentos mais difíceis de sua agitada carreira, quando a onda crespa dos inimigos ameaçava envolvê-lo, Feijó ainda **lembrava** os tempos felizes vividos na каза da rua da Freira (...). (DOI-R)
116. **Lembrava-se** da fúria que se apoderara dele quando o procurou para condenar as ações de Deodato. (FM-R)
117. Nunca se prende a amor algum, não **se lembrava** de haver, jamais, detido os olhos em rosto de mulher mais que o tempo de a ver para escolha do seu capricho efêmero (...). (IM-R)
118. Era uma modinha antiga - Madalena **se lembrava** do tempo em que estivera em moda, quase no limiar da sua adolescência. (JUB-R)
119. Emanuela **lembrava** ainda a sua vida. (JUB-R)
120. Só **se lembrava** de que chegara a casa junto com o morto, que ia numa maca carregado por quatro homens. (LSO-R)
121. **Lembrava-se** de repente da morte do pai de Clarissa. (LSO-R)
122. **Lembrava-se** de “Luzes da Cidade”. (LSO-R)
123. (...) é claro, veio como amigo de Irene e não como diretor de jornal; não era um grande jornalista, **lembrava-se** agora, era diretor de jornal. (LUS-R)
124. **Lembrava-se** de como pouco tempo antes de ir morar na cidade com Daniel aceitara passar um mês numa fazenda longe da Granja (...). (LUS-R)
125. Depois que vim a saber as histórias de rainhas cruéis, as intrigas perversas das Anas Bolenas, acreditava em tudo, porque **me lembrava** da Tia Sinhazinha. (ME-R)
126. Ela **se lembrava** de ter ouvido um tiro no momento em que desmaiara. (NT-R)
127. **Lembrava-me** e ria do seu aforismo plástico: Quem ama a arte não frequenta museus (...). (OES-R)

128. **Lembrava-se** do ar distante do pai, no dia que estivera na casa do padre falando para que êle voltasse para junto dêles. (PB-R)
129. **Lembrava-se** que nunca tivera namôro no Açú. (PB-R)
130. **Lembrava-se** delas e sabia que haveriam de achar Otávio feio naquele instante. (PC-R)
131. Não a achou apenas - um farmacêutico da rua da Ajuda **se lembrava** de ter vendido uma onça de qualquer droga, três dias antes, à pessoa que tinha os sinais indicados. (RCV-R)
132. **Lembrava-se** da visita do Pastor Schmidt a seu pai. (RD-R)
133. De uma coisa **se lembrava** perfeitamente bem: em determinado momento (...). (REN-R)
134. Apenas **se lembrava** dos olhos, do olhar, que eram bem dela, ou, tanto, que absorvera toda a sua atenção para não olhar mais nada, nem mesmo dela... (SIN-R)
135. Para a maior parte era uma apaixonante questão de fôro, que **lembrava** aquêles processos antigos do tempo da conquista da terra. (SJ-R)
136. O major apertava o manuscrito na mão e **lembrava-se** da sua casa, lá longe, no canto daquela planície feia, olhando, no poente (...). (TF-R)
137. Um corpo que, devido às condecorações, **lembrava** descomunal bagre que houvesse fuçado batéis de garimpeiros. (THU-R)
138. Lá ficara, há dois anos atrás, Pai Lucas dando com os braços para eles. Nem **se lembrava**. (US-R)
139. **Lembrava-se** de ter visto o usineiro no tempo em que ia para a escola. (US-R)
140. Vira tanta coisa, fizera tanta coisa, e era só do que **se lembrava**, de coisas velhas, de muito longe. (US-R)
141. Por isto, com insistência e franqueza apostólicas **lembrava** a el-rei a conveniência de mandar um bispo, único meio de trazer ao aprisco as ovelhas e conter os lobos. (CH-T)



142. Com isso a vida social se requintara, o teatro lírico resplandecia, o comercio **lembrava** os empórios da Europa, a rua do Ouvidor era um trecho de Paris entalado na modéstia portuguesa do velho Rio (...). (RF-T)
143. **Lembrávamos** fatos sucedidos vários dias antes e que, no entanto, pareciam data da véspera. (LRU-R)
144. Vivia ali com eles desde que existia, desde que ele e ela **se lembravam** de qualquer coisa - e sempre tratada como filha, como irmã... (ANP-R)
145. As músicas **lembravam** nitidamente as melodias em voga, mas as letras eram personalíssimas. (OES-R)
146. Era toda retorcida, como se um vendaval a tivesse feito ficar assim. As **lembravam** aqueles telhadinhos revirados para cima. (THU-R)
147. Repeti-lhe que, de fato, o trabalho não se realizaria antes dos exames, mas que eu **me lembrara** de lhe telefonar porque acabara de estar com o Roberto Mendonça. (ABD-R)
148. **Lembrara-se** daquela briga por causa de Neném, e sentia-se culpada. (FM-R)
149. Era só para mostrar que **se lembrara** de mim. (P-R)
150. Fiz, como verão, tôdas as hipóteses, mas nunca nenhuma me satisfez; entretanto, para não cansar o leitor, eu **lembrarei** como Poe (creio eu) que a verdade está sempre na hipótese mais simples, ao que Comte ajunta: a mais simpática. (VM-R)
151. **Lembrarei** apenas, e de fugida, que eu já cultivava uma espécie de vago “simbolismo” ainda no tempo em que vários inimigos actuais do Parnaso (...). (PAU-CR)
152. Em todo caso, se mais tarde ela não nos fizer lembrados aos que a virem, **lembrará** ao menos o homem, em cuja honra a fizemos erguer aqui, bem perto de nós (...). (AR-T)
153. Há uma grande variedade de elementos que caracterizam a feição afro-negra em nosso Folclore, dos quais **lembraremos** mais alguns por ser um tal assunto muito apresentado paginas adiante. (MAB-T)

154. Dona Tereza, por certo, **lembraria** que bem ela avisara da dificuldade de um encontro marcado sem terem combinado um local fixo, a uma hora determinada. (CAV-R)
155. Acaso nenhum deles **se lembraria** então da festa, nem da mocinha convidada, nem do episódio da conversão. (NO-T)
156. As nomeações dos lugares políticos ou que possam influir na política recaíram em homens do partido podendo eu rejeitarias ou **lembrarias...** (RF-T)
157. Nem D. Francisquinha, nem a irmã, nem o pai **se lembrariam** da outra. (P-R)
158. D. Ignez, ao despedir-se do filho, encheu-lhe os bolsos de rezas e amuletos, pedindo-lhe que **se lembrasse** sempre do quadro que havia na capela domestica, representando as almas do Purgatório, sofrendo nas chamas. espicaçadas por demônios negros, entre monstros esvoaçastes. (ABP-R)
159. Embora não **se lembrasse** com nitidez daquele tempo - vivia-se tanto cada dia - parecia-lhe estar agora sendo impaciente consigo mesma. (LUS-R)
160. Talvez não **se lembrasse** mais de Leolino... (SIN-R)
161. Numa ocasião em que a literatura médica trazia frequentes referências à estase duodenal. isto é, quando o assunto estava em voga, era natural que nos **lembrássemos** de tal condição patológica quando encontrávamos indivíduos apresentando síndromes de tal feição. (GAC-T)
162. Que **se lembrassem** des dezesete... e quando Portugal não tivesse forças, a Inglaterra o ampararia... (BRA-T)
163. A surpresa, misturada de confrangimento, que li nos seus olhos, fez-me **lembrar** uma lenda hindu, segundo a qual Buda, criado até à adolescência nos jardins do seu palácio (...). (ABD-R)
164. E agora não podia fazer mais nada para retirar aquelas expressões infelizes que só faziam **lembrar** sua fuga, a te do velho Soares, enfim todo o “drama” que ela própria desencadeara. (ANP-R)
165. Tentou **se lembrar** das alegrias pueris que morreram, uma a uma, a cada topada que dera na realidade, em cada dia de fome que ficara para trás. (CDE-R)

166. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para **lembrar** o primeiro ofício do namorado, - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. (CMC-R)
167. Hás de **lembrar-te** delas; se não, relê o capítulo, cujo número não ponho aqui, por não **me lembrar** já qual seja, mas não fica longe. (DC-R)
168. Foi uma dificuldade **lembrar-me** dela, porque a façanha do garoto me envergonhava talvez e precisei extingui-la. (INF-R)
169. Eulalia sacudiu a cabeça em sinal de repreensão ao mau modo de Elsa e tornou a **lembrar** a Silvinha que já era tarde. (LRU-R)
170. A velha esteve encantadora, a moça também e a conversação evitou tudo o que pudesse **lembrar** a ambas a respectiva perda, uma do esposo, outra do filho postiço. (MA-R)
171. **Lembrar-me**-ei de ti eternamente. (NT-R)
172. E José, não, Alberto, Alberto ou José? queria **lembrar** sofria. (PRI-R)
173. Quando hoje tento **lembrar-me** de certos episódios e pessoas de meu mundo de criança, não me é nada fácil situá-los no território do passado. (SC-R)
174. Morreu agoniado e em silêncio, sem **se lembrar** de nada, senão talvez de se defender desesperadamente, entre soluços e arquejos roucos, contra o veneno que lhe queimava o corpo e lhe cegava os olhos. (THU-R)
175. Antes de tudo, precisamos **lembrar** que as Companhias ou as Municipalidades exploradoras do comércio das águas minerais no Brasil (...). (AHC-T)
176. (...) ou quando não se tenha apresentado candidato por algum distrito, eleitoral, ou este não o tenha naturalmente, e aquele cuja eleição **lembrar** o governo for bem aceito. (EIN-T)
177. Diante de uma sintomatologia qual a apresentada linhas acima, o médico deve **lembrar-se** da possibilidade de existir um processo ulceroso, em primeiro lugar. (GAC-T)
178. Nesse apólogo se exalta o habito de muitas tribos afro-negras fazerem o defunto participar, em pé ou sentado, da cerimônia fúnebre em sua honra. (MAB-T)

179. Se alguma coisa me coubesse dizer, capaz de atenuar as carregadas cores deste quadro, seria para vos **lembrar** que provavelmente nenhum país do mundo, nos últimos dez anos, se aproxima deste na magnitude dos esforços empregados em favor da educação. (REP-T)
180. (...) e para bem explicar os caracteres particulares que esta síndrome pôde apresentar conforme os casos, convém **lembrar** a composição da bile. (SM-T)
181. Convém **lembrar** que as ulcerações tuberculosas da garganta, na imensa maioria dos casos, só aparecem em doentes de tuberculose pulmonar ou de tuberculose intestinal. (TPM-T)
182. Não deixarei a propósito de **lembrar** a curiosíssima arvore de leite, de que falam certos viajantes (...). (VAL-T)
183. Não entrando embora na indagação das razões de S. Ex., no que diz respeito às acusações feitas a outras Comissões, tomo a liberdade de **lembrar** a V. Ex. que a natureza dos trabalhos da Câmara (...). (ACD-O)
184. Deve **lembrar** que os remadores da Capitania de Mato Grosso, que fazem um serviço fluvial muito menos pesado do que o do porto da Bahia, ganham, entretanto, 60\$000. (ACD-O)
185. V. Excia. deve **se lembrar** que ainda estamos no regímen do funding-loan. (DPA-O)
186. Convém **lembrar** que àquela altura o Braga já era conhecido nacionalmente. (EPA-CR)
187. (...) vale a pena **lembrar** fatos que sirvam para se lhe fazer no estrangeiro alguma justiça.(PAU-CR)
188. E adeus, de teu amigo Lobato Areias, 15,8,1909 Heitor Recebi a tua carta de 12, realização de um “projeto velho” e fico-te grato pelo te **lembrares** do exilado das Areias. (PAU-CR)
189. Eram os grandes na ilha, estes que tinham mulheres e filhos para **se lembrarem** deles. (US-R)
190. Seu Manuel, quando o senhor estiver no aperto, **lembre-se** de que eu avisei como amigo. (HR-R)

191. **Lembre-se** que se aprendeu a ler com sua mãe, eu lhe, ensinei as letras e os números. (THU-R)
192. **Lembre-se** de que Deus o fez homem como os outros. (LM-T)
193. **Lembre-se** porém o govêrno de que com a maior solenidade ele acaba de fazer uma promessa a uma classe numerosa de desgraçados (...). (CI-CR)
194. **Lembre-se** que minha condição foi, “se a tradução me satisfizer.” (PAU-CR)
195. Só quero que tu **te lembres** Da hora em que te servi. Triste vida a de quem ama, Tem tormentos que passar. (CGU-R)
196. **Lembremos**, apenas, que, após três anos de duro e sangrento sacrificio, a 5 de janeiro de 1869, Assunção foi ocupada. (FHB-T)
197. **Lembrem-se** as palavras de Armitage, e que se completam assim, nas mesmas paginas: “o que perdeu D. Pedro foi... (BRA-T)
198. Ok- responde ela, contente por se ter **lembrado** de dizer oquêi, como nas fitas americanas. (CCR-R)
199. Das três far-**se-ia** urna só mulher (mais de uma vez me têm **lembrado** as “Vergini delle rocce” de D'Annunzio, transpostas do aristocrático para o burguês...) (...). (UMO-R)
200. Outro fato da circulação que deve ser **lembrado**, pois tem conseqüências na patologia, é que o sangue entra no lóbulo por um sem-número de capilares originados (...). (FIG-T)
201. (...) nem que a mesma linha continue depois pelo Ipané, rio que da mesma forma não é **lembrado** em todo o Tratado. (LB-T)
202. (...) teve a fortuna de lograr as suas relações esse nosso comum amigo, tão delicadamente **lembrado** por V. Ex. nas primeiras linhas da sua carta. (DPA-O)
203. Maria Clara neste momento salvou-**me**, **lembrando** à mãe o compromisso que assumíramos de levá-la à primeira sessão do cinema do bairro, onde passam um desenho animado. (ABD-R)
204. De repente, **lembrando-se** que precisava interromper tudo aquilo para falar com o avo, sentiu-se perdido e numa rápida carreira foi para o quarto, atirou-se na cama e pôs-se a chorar. (ANP-R)

205. Estendeu-lhe a mão com intimidade, **lembrando**-lhe o passeio à Cachoeira. (CMA-R)
206. E ele **lembrando**, sem vanglória, o heroísmo que praticou, a vê chorar. . . (HGS-T)
207. Que paixão, que nada! - assegurou Sé Luís, **Lembrando-se** das inúmeras vezes em que vira Armando em companhias variadas, sempre novas e impossíveis de se levar a sério... (LRU-R)
208. Ale caminha para as ruas centrais, **lembrando-se** de outras noites em que andava por aqueles mesmos lugares em companhia de Olívia. (OL-R)
209. De tempos em tempos reuníamo-nos, Lotário e eu, em conselho e, vendo o cofre vazio, lendo os avisos de bancos e **lembrando-nos** da data de vencimento de duplicatas, tomávamos decisões drásticas... verbalmente. (SC-R)
210. Ela era a nossa Vênis Loura. - Sim, estou **me lembrando**; mas não a reconheceria porque já se vão diversos anos. - Pois as duas parecem gêmeas. (THU-R)
211. As suas fezes são volumosas, de menor consistência e esbranquiçadas, **lembrando** massa de vidraceiro. (DPF-T)
212. Não lhe seriam inferiores A Lástima, composta “na masmorra da Ilha das Cobras, **lembrando-se** da família”, nem o feito à Rainha D. Maria I (...). (HD-T)
213. As parótidas não raro aumentam de volume e ficam meio dolorosas, **lembrando** o aspecto das cachumbas. (TPM-T)
214. (...) estadista procurando resolvê-la por partes, começando pelo princípio, e **lembrando-se** treze anos depois de 1871 desta célebre frase do sr. Saraiva sobre a lei de 28 de Setembro: (...). (CI-CR)